



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde



**PAIS E FILHOS EM ARRANJOS FAMILIARES HOMOAFETIVOS:
A PERSPECTIVA DE HOMENS HOMOSSEXUAIS E DE SEUS/SUAS FILHOS(AS)**

Yurín Garcêz de Souza Santos

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

RIBEIRÃO PRETO-SP

2016



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde



**PAIS E FILHOS EM ARRANJOS FAMILIARES HOMOAFETIVOS:
A PERSPECTIVA DE HOMENS HOMOSSEXUAIS E DE SEUS/SUAS FILHOS(AS)**

Yurín Garcêz de Souza Santos

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

RIBEIRÃO PRETO-SP

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Santos, Yurín Garcêz de Souza

Pais e filhos em arranjos familiares homoafetivos: a perspectiva de homens homossexuais e de seus/suas filhos(as). Ribeirão Preto, 2016.

211 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Santos, Manoel Antônio dos.

1. Homoparentalidade. 2. Homossexualidade. 3. Família.
4. Pesquisa Qualitativa. 5. Teoria *Queer*.

Este estudo foi desenvolvido junto ao



Apoio financeiro:

Esta Dissertação de Mestrado foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da concessão de bolsa de Mestrado, processo número 133619/2014-1, de abril a julho de 2014. A partir de agosto de 2014, o estudo passou a contar com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), mediante concessão de bolsa de Mestrado, processo número 2014/02927-7.



Santos, Yurín Garcêz de Souza

Pais e filhos em arranjos familiares homoafetivos: a perspectiva de homens homossexuais e de seus/suas filhos(as)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia em Saúde e

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Às minhas famílias.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, por me apresentar caminhos possíveis no universo acadêmico e na profissão. Por me incentivar, ensinar e orientar desde os meus primeiros passos na Psicologia e no universo da pesquisa. Por estar próximo e disponível, e por compartilhar comigo momentos marcantes de minha trajetória de formação. Por acreditar no meu trabalho e me instigar a buscar sempre o melhor.

Aos colegas do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-FFCLRP-USP-CNPq) pelos intercâmbios profícuos, apontamentos críticos e ricas oportunidades de partilha – não apenas de conhecimento científico, mas também de curiosidades, emoções, angústias e conquistas inerentes ao percurso da vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho e à Profa. Dra. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen, pelas provocações instigantes durante o Exame de Qualificação desta Dissertação. Pelo incentivo, pelas críticas e elogios. Por me estimularem a seguir em frente e me ajudarem a enriquecer enormemente este trabalho.

À Paula, a Parça, por me tirar do meu lugar de conforto a cada conversa, a cada cerveja, a cada risada. Por me fazer entender que a vida precisa ser crítica, ainda que deva ser leve. Por me ajudar, a cada dia, a refletir sobre os nossos privilégios, nossas posições no mundo, nosso lugar de fala. Por me ensinar que somos muito maiores do que as censuras que a vida – e as pessoas – nos impõem a todo momento.

Ao amigo-irmão Pedro, por compartilhar comigo não apenas uma casa, mas um lar. Por me ensinar a ser transparente sempre e, antes de tudo, comigo mesmo. Por me ensinar não apenas Política, Economia ou mesmo Psicologia, mas, principalmente, sobre mim.

À Taiunara, eterna Gafe, e à Raíssa, para sempre Mono, por serem escuta, partilha, incentivo. Por estarem ao meu lado nos momentos de alegria, mas, especialmente, quando a vida mostra que crescemos e que as coisas não serão exatamente como imaginávamos. Por sermos, juntos, muito mais do que nós mesmos. Por não sabermos para onde a vida vai nos levar, mas por permanecermos unidos, a despeito de nossas diferenças.

Aos amigos Jorge (Xoxó), Marília (Má), Ana Cristina (Pantera), Juliana (Ju), Livia (Federupa) e Flávia (Flavinha), por serem, desde 2009, muito mais do que o meu “*Paradise*

Forever”. Por permanecerem, apesar da distância. Por estarmos seguindo nossos caminhos, mas por conservarmo-nos juntos, à luz de tudo o que fomos, somos e seremos.

À minha irmã, Cawana, por ser, desde sempre, a mais amável e carinhosa provocação. Por me ensinar a crescer sendo mais forte, mais íntegro, mais verdadeiro. Por ser um presente da vida enquanto irmã, e por ter me dado o presente de ser, também, seu compadre. Por torcer por mim, me incentivar, acreditar e por estar sempre por perto.

Aos meus pais, Antônio Sérgio e Nádia, por me permitirem ser. Por me amarem, por terem me ensinado as coisas da vida, por terem feito “das-tripas-coração” para que eu pudesse chegar cada vez mais longe. Serei eternamente grato por nos colocarem sempre em primeiro lugar. Por me ensinarem a ser humilde e a ter respeito por toda e qualquer pessoa. Por me ensinarem a amar. Por terem nos feito permanecer unidos, mesmo quando a vida teimava em nos provocar. Palavra alguma jamais dará conta de demonstrar a gratidão que sinto por sermos o que somos.

Ao André, companheiro de vida há quatro prazerosos e proveitosos anos. Pelo carinho, pelo respeito, pela partilha, pela constante e reafirmada escolha. Pelo amor e pela generosidade. Por me ensinar sobre o amor, apesar das nossas diferenças. Por me acalmar. Por compartilhar comigo não apenas uma cama, um jantar, um cinema ou uma série, mas uma caminhada.

Às famílias participantes desta pesquisa que, gentilmente, se dispuseram a me contar suas histórias, trajetórias e intimidades. Que me abriram as portas de suas casas e me proporcionaram crescimento, antes de tudo, enquanto ser humano. Sem vocês esse trabalho seria impossível.

Ao apoio financeiro concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do seu programa de Bolsas de Mestrado por Demanda Social (processo número 133619/2014-1), entre abril e julho de 2014, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na forma de Bolsa de Mestrado (processo número 2014/02927-7) entre agosto de 2014 e março de 2016, nesta pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos.

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos

Surpreenderá a todos não por ser exótico

Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto

Quando terá sido o óbvio

(Caetano Veloso, Um Índio)

RESUMO

Santos, Y. G. S. (2016). Pais e filhos em arranjos familiares homoafetivos: a perspectiva de pais homossexuais e de seus/suas filhos(as). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

As relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram na história da humanidade. Entretanto, os entendimentos sobre essas relações sofreram alterações a partir de contextos e momentos históricos específicos. Essas transformações ocasionaram repercussões na noção de família ao ponto que, hoje em dia, diversas são as possibilidades de definição do termo. Dentre as múltiplas possibilidades do ser família, destaca-se a família homoparental, formada pelo casal homossexual e seus filhos, estrutura familiar que desafia a concepção heteronormativa presente no senso comum sobre o que é ser família. Os estudos acadêmicos, em geral, se dedicam a comparações entre as estruturas familiares ditas tradicionais e aquelas que destoam do padrão socialmente estabelecido, evidenciando uma carência de trabalhos empíricos que agreguem a perspectiva dos filhos inseridos nesses contextos. O objetivo do presente estudo foi compreender o processo de formação e organização de famílias homoparentais constituídas por casais masculinos com filhos, na perspectiva de pais e filhos. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, amparado na abordagem qualitativa de pesquisa, no qual se utilizou o estudo de caso como estratégia metodológica. Os participantes deste estudo foram os membros de quatro famílias homoparentais masculinas, duas tendo a paternidade efetivada por relações heterossexuais anteriores de um dos cônjuges e duas tendo efetivado a paternidade por meio da adoção conjunta. Os instrumentos utilizados foram o Formulário de Dados Sociodemográficos, Roteiro de Entrevista Semiestruturada realizada com o casal homoparental em conjunto, Roteiro de Entrevista Semiestruturada realizada com cada membro do casal individualmente, Roteiro de Entrevista Semiestruturada realizada com os filhos maiores de idade, o Genograma realizado com os pais e o Desenho da Família realizado tanto com os pais quanto com os filhos. A análise dos dados pautou-se na Teoria *Queer* e na literatura disponível sobre a parentalidade homoafetiva. A partir da análise do material coletado, pôde-se elaborar, no permanente diálogo com a literatura, cinco categorias temáticas: “Demandas do Armário”, “Conjugalidade Homossexual”, “Construção da Família”, “Ser Pai” e “O que é a família?”. Os resultados evidenciaram a forma pela qual a heteronorma atravessou as construções das singularidades dos sujeitos, apresentando

repercussões em suas formas de aceitação e de assunção da própria sexualidade. Ademais, a construção das famílias atuais mostrou ser sempre referida às relações que os participantes estabeleceram com suas famílias de origem. A família homoparental parece ser constituída a partir dos mesmos valores idealmente formadores das famílias heteroparentais e é significada por todos os seus membros como espaço de segurança emocional, soma e aceitação das diferenças e para além dos vínculos de consanguinidade. Os dados sugerem que as famílias homoparentais se mostram distintas de outros modelos familiares sobretudo nas formas de construção e organização, não sendo possível, contudo, atribuir outras diferenças à sexualidade dos pais. Novos questionamentos emergem como possibilidades para estudos futuros.

Palavras-chave: homoparentalidade, homossexualidade, família, teoria *queer*.

ABSTRACT

Santos, Y. G. S. (2016). Fathers and children in homosexual family arrangements: the perspective of gay men and their children. Dissertation (Master's Degree), Faculty of Philosophy, Sciences and Letters at Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Affective-sexual relations between persons of the same sex have always existed in human history. However, the understandings of these relationships have changed in specific contexts and historical moments. These changes entailed repercussions for the notion of family to the extent that, today, many are the possibilities to define the term. Among the multiple possibilities of the family, there is the homoparental family, constituted by the homosexual couple and their children, family structure that challenges the heteronormative conception present in the common sense of what is to be family. Academic studies generally focus on comparisons between the so-called traditional family structures and those that diverge from the socially established standard, showing a lack of empirical studies that add the perspective of children inserted in those contexts. The aim of this study was to understand the formation and organization process of gay families constituted by male couples with children, from the perspective of parents and children. This is a descriptive and exploratory qualitative study, using the case study as a methodological strategy. In two, the paternity derived from one of the spouses' previous heterosexual relationships and, in the other two, from joint adoption. The tools were a Socio-Demographic Data Form, a Semistructured Interview held with the homoparental couple together, a Semistructured Interview held with each spouse individually, a Semistructured Interview held with children over age, Genogram carried out with the parents and the Family Drawing done with both the parents and the children. The Queer Theory and the available literature on homosexual parenting guided the data analysis. Based on the analysis of the collected material, it was possible to elaborate, in ongoing dialogue with the literature, five thematic categories: "Closet Demands", "Homosexual Conjugality", "Building the Family", "Being a Father" and "What is the family?". The results showed how the heteronorm crossed the constructions of the subjects' singularities, with repercussions for their forms of acceptance and of assuming their own sexuality. Moreover, the construction of the families has always been confronted with the relationship the participants established with their families of origin. The homoparental family seems to be constituted based on the same values that ideally constitute heteroparental families and all family members signify it as a

place of emotional security, the sum and acceptance of differences and beyond blood bonds links. The data suggest that the homoparental families are distinct from other family models, mainly in the forms of construction and organization. On the other hand, other differences cannot be attributed to the parents' sexuality. New questions emerge as possibilities for future studies.

Keywords: homoparenting, homosexuality, family, queer theory.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Artigos selecionados para a revisão, de acordo com os títulos, periódicos em que foram publicados, nome dos autores, país de origem do primeiro autor e ano de publicação.....	43/190
Tabela 2. Caracterização das famílias com relação aos cônjuges, filhos e suas idades.....	80
Tabela 3. Temas e subtemas elaborados a partir do material coletado, e dos autores utilizados para discutir cada um dos temas.....	88
Tabela 4. Descrição da família Moraes com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.....	89
Tabela 5. Descrição da família Rodrigues com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.....	95
Tabela 6. Descrição da família Lima com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.....	100
Tabela 7. Descrição da família Klein com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.....	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição da quantidade de artigos selecionados, segundo o ano de publicação.....	43
Figura 2. Distribuição em números absolutos e em percentual dos artigos recuperados de acordo com a base de dados.....	44
Figura 3. Distribuição dos artigos revisados de acordo com os descritores utilizados em função da base de dados na qual os estudos foram recuperados.....	45
Figura 4. Distribuição dos artigos revisados de acordo com o tipo de estudo e o país de publicação.....	46
Figura 5. Distribuição em termos absoluto e percentual dos estudos selecionados, segundo o país de origem dos autores.....	52
Figura 6. Distribuição percentual dos artigos selecionados segundo o idioma de publicação.....	53
Figura 7. Genograma da família Moraes.....	94
Figura 8. Genograma da família Rodrigues.....	99
Figura 9. Genograma da família Lima.....	105
Figura 10. Genograma da família Klein.....	111
Figura 11. DF produzido por César.....	151
Figura 12. DF produzido por Bruna.....	153
Figura 13. DF produzido por Tiago.....	155
Figura 14. DF produzido por Wagner.....	156
Figura 15. DF produzido por Lívia.....	158
Figura 16. DF produzido por Orlando.....	160
Figura 17. DF produzido por Antônio.....	162
Figura 18. DF produzido por Fabio.....	163
Figura 19. DF produzido por Rodrigo.....	165
Figura 20. DF produzido por Willian.....	167

LISTA DE SIGLAS

APA	<i>American Psychological Association</i>
APGL	Associação dos Pais e Futuros Pais <i>Guys</i> e Lésbicas
CFM	Conselho Federal de Medicina
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPA	Centro de Psicologia Aplicada
DF	Desenho da Família
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FFCLRP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
LEPPS	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde
LGBTT	Lésbicas, <i>guys</i> , bissexuais, travestis e transexuais
OMS	Organização Mundial de Saúde
STJ	Superior Tribunal de Justiça
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. PREÂMBULO.....	28
1.1. Revisitando o ponto de origem deste estudo.....	28
1.2. Para começo de conversa.....	30
2. INTRODUÇÃO.....	33
2.1. Das práticas sexuais não procriativas à homoparentalidade.....	33
2.2. Como a família homoparental vem sendo investigada?.....	41
2.2.1. Categorização, avaliação e descrição dos resultados.....	43
2.2.2. Síntese do conhecimento e resumo das evidências disponíveis.....	55
2.3. Um olhar <i>Queer</i> : possibilidade de historicização no âmbito da ciência psicológica.....	59
2.4. Gênero e Masculinidade: dois conceitos, múltiplos significados.....	66
3. JUSTIFICATIVA.....	69
4. OBJETIVOS.....	73
4.1. Objetivo geral.....	73
4.2. Objetivos específicos.....	73
5. MÉTODO.....	74
5.1. Delineamento de pesquisa.....	74
5.2. Participantes.....	78
5.3. Instrumentos.....	80
5.3.1. Formulário de Dados Sociodemográficos.....	80
5.3.2. Entrevistas.....	80
5.3.3. Genograma.....	82
5.3.4. Desenho da Família (DF)	84
5.4. Procedimentos.....	84
5.4.1. A narrativa dos encontros.....	84
5.4.2. O olhar proposto sobre os diálogos.....	86
5.5. Cuidados éticos.....	86
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	87
PARTE I – EIXO DESCRITIVO.....	89

Estudo de caso 1: Família Moraes – “Essas pessoas queridas e felizes que aparecem aqui!”	89
Estudo de caso 2: Família Rodrigues – “Tendo amor, tem família!”	95
Estudo de caso 3: Família Lima – “Se você nunca viu o diferente, quando aparece, você tenta afastar, você agride.....	100
Estudo de caso 4: Família Klein – “Vamos cuidar!”	107
PARTE II – EIXOS TEMÁTICOS.....	112
Tema 1 – Demandas do “armário”	112
Tema 2 – Conjugalidade homossexual.....	120
Tema 3 – Construção da família.....	129
Tema 4 – Ser pai.....	137
Tema 5 – O que é a família?.....	149
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS.....	174
APÊNDICES.....	189
ANEXOS.....	206

1. PREÂMBULO

1.1. Revisitando o ponto de origem deste estudo

Considerando que esta Dissertação diz respeito não apenas a uma pesquisa sobre famílias formadas por casais de homens, mas, também, ao ponto mais recente de minha trajetória como pesquisador iniciada há alguns anos, é preciso que eu apresente os conteúdos formais exigidos para um trabalho acadêmico em nível de Mestrado. Para além dos aspectos formais, e considerando que se trata de um estudo amparado por um paradigma qualitativo de pesquisa realizado por um psicólogo que se aproxima do movimento *Queer*, é preciso, ademais, que eu explicito o percurso que me fez chegar até aqui, que eu me posicione nesse percurso, que eu esclareça o meu papel na construção da pesquisa, seja como pesquisador, como psicólogo, ou como sujeito.

Para tanto, optei por escrever todo o conteúdo desta Dissertação de Mestrado em linguagem pessoal, por considerar que essa estratégia me ajuda a me implicar no processo da pesquisa. Entendo que o simples fato de utilizar determinados tempos verbais durante a escrita não representa, necessariamente, um reflexo de uma implicação devotada em todo o processo de fazer pesquisa. Entendo, também, que esse posicionamento é passível de críticas contundentes, sobretudo em uma cultura acadêmica tradicionalmente marcada pela impessoalidade e pela objetividade. Entretanto, penso que o fazer pesquisa, para além de construir e debater ideias, argumentos e contra-argumentos, é um ato político. E política, em última instância, é feita por pessoas homossexuais que se casam, que optam por constituir uma família, que optam por ter filhos, mas também por pessoas que escolhem trabalhar academicamente com uma temática tão carente de estudos no contexto nacional e que ainda é tão marcada pela falta de conhecimento e por preconceitos, sobretudo na protegida e impessoal torre de marfim acadêmica.

Meu interesse por exercitar minha escuta e meu olhar para questões relativas à diversidade sexual é anterior ao meu ingresso na Universidade e tem a ver, especialmente, com a minha própria sexualidade. A partir da minha entrada no Ensino Superior, entretanto, esse interesse se intensificou em virtude do contato com novos sujeitos, novas formas de expressão e entendimento, novas experiências configuradoras de novas subjetividades. Essas descobertas tiveram repercussões, sobretudo, na minha própria experiência de sexualidade, na medida em que, nesse novo contexto, pude experimentar novas possibilidades de ser que me abriram caminhos para novos entendimentos. Para além de uma questão pessoal, o fato de a

temática das diversidades sexuais ser tratada durante o meu curso de graduação em Psicologia apenas tangencialmente, restringindo-se a um estágio oferecido no quarto ano de graduação, ainda que represente um avanço se analisado em uma perspectiva histórica, também foi fator crucial para o desenvolvimento do meu interesse pela pesquisa nessa temática. Perceber que a sexualidade humana, um assunto tão caro à Psicologia, não encontrava espaço para ser trabalhado com a devida atenção durante a formação profissional, me fez vislumbrar uma lacuna que precisava ser preenchida. Ademais, me fez perceber que a pesquisa poderia ser, também, um espaço que me possibilitaria reflexões sobre a minha própria experiência e que, no sentido inverso, as minhas próprias experiências poderiam facilitar os diálogos com as diversidades.

Com esses anseios em mente, entrei em contato com o Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos no meu segundo ano de graduação. Ele prontamente me abriu as portas para o universo da pesquisa. Ingressei no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS-FFCLRP-USP-CNPq, coordenado pelo prof. Manoel. Desenvolvemos, juntos, um projeto de Iniciação Científica (IC) no qual investiguei os significados atribuídos por homens homossexuais à experiência da parentalidade. Este estudo contou com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo número 2012/11082-5). Durante o percurso de investigação tive a oportunidade, ainda na graduação, de realizar o estágio curricular vinculado ao Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual - VIDEVERSO, criado em 2006 junto ao LEPPS. Nesse estágio, que cursei nos anos de 2012 e 2013, realizei, na Clínica Psicológica do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA), atendimentos psicoterapêuticos semanais a pessoas inseridas no contexto de diversidade sexual. Além dos atendimentos semanais, participei do chamado Grupo da Diversidade, um grupo de discussão que acontecia na comunidade com frequência quinzenal, para tratar de aspectos relativos à diversidade sexual e de gênero.

Não apenas o estágio do VIDEVERSO, mas outros por mim realizados, como “Terapia de Família em Casal em uma Perspectiva Construcionista Social”, supervisionado pela Profa. Dra. Carla Guanaes Lorenzi, e “Suporte Psicológico a Pais e Filhos Adotivos no Contexto de um Grupo de Apoio e Incentivo à Adoção: Abordagem Winnicottiana”, supervisionado também pelo prof. Manoel, me trouxeram novas reflexões sobre a sexualidade, mas também sobre a família e como esta poderia se estruturar e se desenvolver em um contexto diverso ao tradicionalmente imposto. Assim, a conjuntura de término da

minha IC, de finalização de estágios tão mobilizadores quanto instigantes, de iminente encerramento da própria graduação e de apaziguamentos das angústias internas que me acompanharam no início do curso, sobretudo com relação à minha sexualidade, me permitiram ampliar meu olhar para o desenvolvimento de uma investigação de Mestrado sobre as famílias constituídas por casais de homens. O resultado dessa nova empreitada a que me lancei constitui o cerne do que está apresentado na presente Dissertação.

1.2. Para começo de conversa...

Antes de introduzir as questões abordadas por esta Dissertação de Mestrado, é necessário que eu esclareça alguns pontos, na tentativa de evitar confusões que possam surgir durante a leitura do texto que se segue. Em primeiro lugar, ainda que esse estudo esteja baseado em discussões fundamentadas por uma perspectiva *Queer*, reconheço que esse não é um estudo propriamente *Queer*. Isto é, o que se pretende com esta aproximação com o referido olhar é a demonstração de uma possibilidade de mirada para questões relevantes nos campos da família, da paternidade e da sexualidade no âmbito da Psicologia. Entende-se que esses são campos densos, de extrema complexidade e que admitem múltiplos vértices de investigação. Ademais, *Queer* é uma postura com a qual eu mantenho diálogo há apenas dois anos, o que seguramente me permite algumas construções e considerações com base em uma posição *Queer*, mas que, certamente, não me permite, ainda, a construção de um trabalho que seja, desde a sua concepção até seu alinhamento final, de fato, *Queer*. Nesse sentido é importante também levar em consideração que a própria construção do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho não foi uma construção *Queer*, estando ainda fortemente inspirado em aspectos formais e rígidos que são tradicionalmente exigidos por um estudo acadêmico.

Para além disso, alguns termos utilizados nesta Dissertação podem ser questionados pelo leitor, tendo em vista posicionamentos políticos e/ou acadêmicos. Um desses conceitos é o de “homoafetividade” já presente desde o título deste trabalho. Considerações sobre este termo serão apresentadas no decorrer do texto, mas, de antemão, é preciso justificar a escolha da manutenção dessa palavra no curso dessa Dissertação. Durante o processo de busca por participantes, deparei-me com uma organização de defesa das famílias formadas por casais do mesmo sexo que considera o termo “homoafetivo” em seu próprio nome. Ou seja, ainda que essa concepção que parece atrelar a homossexualidade unicamente à afetividade seja

contundente e imprescindivelmente questionável – o que será problematizado ainda na parte introdutória desta Dissertação – esse é um termo utilizado pelo próprio movimento social, podendo ser considerado como uma “categoria nativa” (Geertz, 1997), o que, no meu entendimento, permite a manutenção do conceito na medida em que ele é empregado pelos próprios atores engajados na luta pelo reconhecimento de seus direitos de cidadania, assim como pelos próprios participantes desta pesquisa.

Outra expressão, também incluída no título desta Dissertação, mas que aparecerá em outros momentos deste texto, é “arranjos familiares”. Habitualmente, não se utiliza essa expressão para designar famílias formadas por casais heterossexuais. Entretanto, acredito ser necessária a manutenção dessa expressão na medida em que estamos falando de famílias que escapam de uma norma social e historicamente determinada. Em um mundo ideal – que, não desconsidero, deve ser a nossa pretensão utópica – espero que possamos chegar em um nível de diálogo que nos permita trabalhar simplesmente com famílias, independentemente das formas pelas quais elas se constituem. Entretanto, talvez ainda seja estrategicamente importante a manutenção deste marcador na medida em que estamos sempre frente a uma norma. Entendo que manter esta construção discursiva seja tentar evidenciar uma diferença que, na realidade, parece se fazer presente mais em termos de *forma* do que de *conteúdo*. Assim, o que espero com a manutenção desta expressão – e nisso, acredito, o presente estudo pode ser de valioso auxílio – é que, a partir do evidenciamento de uma diferença basicamente na *forma*, um dia, essa expressão – *arranjos familiares* – possivelmente não faça mais sentido, deixando de lado diferenças ilusórias e entendidas, geralmente, a partir de valores morais.

Isso posto, esta Dissertação de Mestrado está estruturada da seguinte maneira:

INTRODUÇÃO – Neste tópico apresento um breve histórico sobre a construção do conceito de homossexualidade, passando pela construção da noção moderna de família, que tem como base o imperativo da procriação, até o surgimento do termo homoparentalidade. A seguir, com o intuito de contextualizar cientificamente o trabalho, apresento uma revisão da literatura sobre famílias homoparentais na qual, além de uma parte descritiva dos estudos encontrados e recuperados, discuto criticamente o conhecimento já produzido na área. Na sequência, apresento aspectos relativos ao movimento *Queer*, sendo este o olhar proposto para fundamentar teoricamente as discussões geradas por este estudo, considerando também os

conceitos de gênero e masculinidade. Por fim, apresento as justificativas e os objetivos gerais e específicos que nortearam o desenvolvimento da investigação.

MÉTODO – Neste tópico abordo os aspectos relativos à metodologia utilizada, explicitando o delineamento de pesquisa, os participantes, os instrumentos, os procedimentos e os cuidados éticos envolvidos no desenvolvimento do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – Neste tópico apresento, inicial e individualmente, os estudos de caso referentes a cada uma das famílias participantes deste trabalho, descrevendo as contextualizações detalhadas de cada encontro com as famílias e os aspectos mais marcantes da história de cada núcleo familiar. Na sequência, e em formato temático, apresento uma discussão articulada no encontro entre os relatos dos membros de cada família e a perspectiva teórica adotada, de modo a compor o formato de estudos de casos múltiplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Neste tópico apresento as elaborações finais desta Dissertação de Mestrado, levando em consideração os aspectos relativos aos resultados obtidos por essa investigação que permitiram, além de algumas problematizações, a elaboração de novas questões que podem servir de base para o desenvolvimento de estudos futuros.

Por fim, apresento as referências, os apêndices e os anexos do estudo.

2. INTRODUÇÃO

2.1. Das práticas sexuais não procriativas à homoparentalidade

Como descrito por Foucault (1999), ainda na primeira parte de sua *História da Sexualidade*, o final do século XIX foi responsável pela consolidação do apagamento da sexualidade humana tal como era vivenciada até então. Se antes a sexualidade era, aparentemente, encarada de forma franca, aberta e direta, por meio de corpos ostentadores de suas possibilidades e não reticentes frente a sua própria anatomia, seus desejos e sua visibilidade, é com o surgimento da burguesia, da família conjugal procriadora e considerada, a partir de então, única possibilidade legítima, que passam a se moldar as relações sociais, morais e, sobretudo, subjetivas no seio da coletividade. Isto é, com a sexualidade ficando restrita ao quarto do casal conjugal, formado a partir das leis do matrimônio e da moral religiosa, qualquer manifestação fora do contexto heterossexual, adulto, procriador e cristão, passa a ser vista como anormal, aberração, e passível de sanções sociais e legais. Dentre as práticas sexuais distintas do imperativo heterossexual descrito por Foucault (1999), destaco a homossexualidade, especificamente a masculina, para as discussões que se seguem, tendo em vista os objetivos definidos para este estudo que apresentarei após esta etapa introdutória do trabalho.

Antes das transformações ocorridas no referido período, contudo, é importante considerarmos que a história do conceito de homossexualidade, ao menos no Ocidente, pode ser lida a partir de diversos prismas, estando marcada por características próprias de cada momento histórico-cultural. Como nos mostra o livro intitulado *Homossexualidade: Uma história*, de Colin Spencer (1999), há indícios que sugerem que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo existem desde a pré-história. Em sociedades nas quais os registros desse período puderam ser encontrados, sobretudo na Oceania, as tribos habitantes dessas regiões praticavam rituais entre homens mais velhos e mais novos com um claro intuito de iniciação à vida adulta. Tomando como exemplo a tribo Marind, o homem jovem, ao primeiro sinal da puberdade, era penetrado pelo seu tio materno para que, por meio do esperma do tio, esse novo homem ganhasse força e virilidade.

Avançando na História, mas ainda com um caráter de iniciação à vida adulta, na ilha de Creta, na Grécia, havia um rito de passagem masculino que, além de um sentido introdutório a um novo reconhecimento social, apresentava uma dimensão econômica.

Os meninos considerados desejáveis nessa sociedade, que eram os mais valentes e inteligentes, não os mais bonitos, eram cortejados por homens mais velhos. Caso a posição social e econômica desse homem fosse boa, a família e os amigos do menino simulavam uma oposição a essa corte e dissimulavam uma perseguição ao sedutor. O sedutor, então, raptava o menino por um período de dois meses e, além de oferecer presentes, ensinava-o a caçar e a viver em um ambiente inóspito. De acordo com os relatos históricos, era clara, também, a ocorrência de relações de penetração entre o homem e o menino, sendo estas vistas como o primeiro passo para que o menino se tornasse homem adulto. É importante ressaltar, contudo, que nas sociedades gregas da época, em geral, não era bem aceito que um homem mantivesse relações apenas com rapazes e, ao mesmo tempo, era motivo de vergonha para uma família não ter seus jovens cortejados por homens mais velhos.

Já em Roma, sociedade, em geral, fortemente marcada pela virilidade, pela agressividade e pela subjugação dos considerados inferiores, era comum a relação entre homens. Havia, entretanto, uma especificidade em comparação às sociedades gregas: em Roma, os atos sexuais entre homens não tinham um caráter iniciativo, mas luxurioso e relativo a uma demonstração de poder. Dessa forma, relações entre homens livres eram taxadas com multas. A relação entre um homem livre e um escravo, todavia, era bem vista e até mesmo incentivada na sociedade romana. Com a ascensão do Cristianismo influenciado, sobretudo, pela cultura dominante na Antiga Israel, o sexo passou a ser considerado aceito apenas dentro do casamento, sendo este exclusivo a uma relação estabelecida entre pessoas de sexos opostos. Se levarmos em consideração que, nesse momento histórico, houve também uma forte subjugação das mulheres que, nas sociedades cristãs, eram interpretadas como a representação do pecado, a pederastia, ainda que recriminada moral e socialmente, não era impedida, mas levada para a esfera de clandestinidade.

Sem a pretensão de um histórico pormenorizado dos diferentes entendimentos que as relações entre pessoas do mesmo sexo tiveram ao longo da história da cultura Ocidental, o que nos importa, a esse ponto, é o entendimento de que, sobretudo a partir apogeu do Cristianismo, as práticas sexuais humanas, em geral, passaram a ser vistas a partir de uma ótica estritamente reprodutiva. Essa nova visão acerca da sexualidade trouxe consigo reflexos nas organizações familiares, que passaram a se moldar em um modelo patriarcal e nuclear (Ariès, 1981; Costa, 1992; Foucault, 1988; Spencer, 1999).

Assim, sob uma justificativa que associa um componente biológico à uma moralidade cristã, a necessidade de procriar foi e é sistematicamente utilizada como argumento contrário às relações afetivo-sexuais estabelecidas entre pessoas do mesmo sexo.

Essa moralidade, que associa o divino e o sagrado à Natureza, recai não apenas sobre quem mantêm práticas sexuais homo-orientadas, mas também sobre aqueles que mantêm relações afetivo-sexuais com pessoas de sexo oposto e não manifestam o desejo pela procriação, por exemplo. É importante destacar que não pretendo, na discussão que aqui se apresenta, encontrar um ponto de origem para o patriarcado, nem tampouco atribuir unicamente ao Cristianismo a relação entre as práticas sexuais e a procriação. Essa atitude poderia fazer com que perdêssemos de vista a ideia, particularmente importante nesse estudo, de que os conceitos, como o patriarcado, o gênero e a homossexualidade, por exemplo, são construções histórico-sociais complexas, moldadas a partir de um jogo de poder que se expressa, sobretudo, por meio da linguagem (Butler, 2003a)

No que tange especificamente às relações sexuais entre homens, como brevemente apresentei acima, é importante a compreensão de que a relação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu na história da Humanidade. Entretanto, o que se alterou, ao longo do tempo, foram os entendimentos a respeito dessas relações. Se, em determinados períodos históricos, a relação íntima entre pessoas do mesmo sexo tinha um caráter iniciativo em contextos políticos, culturais e econômicos específicos (Costa, 1992; Moscheta, & Santos, 2006; Spencer, 1999), o conceito de homossexualidade, tal qual o conhecemos hoje, surge com uma construção médico-científica apenas no século XIX (Adelman, 2000; Costa, 1995; Foucault, 1999; Tavares, Souza, Ferreira, & Bomtempo, 2010). Na realidade, como afirmado por Katz (2006), o conceito de homossexualidade nasceu como o oposto da criação do conceito de heterossexualidade. Levando-se em consideração o aspecto performativo da linguagem, como proposto por Austin (1975), ao se criar um conceito de heterossexualidade, tida como normal, à luz da possibilidade de procriação e da moral religiosa, acaba-se criando, também, o seu oposto. Isto é, cria-se, ao mesmo tempo, a não-heterossexualidade ou a homossexualidade, restando a essa o status de anormal, desviante, diferente, patológica. Nesse sentido, nota-se a criação não apenas um conceito, mas de uma ideia de identidade que é “perversamente implantada” sobre os sujeitos (Foucault, 1999). Assim, “o homossexual do século XIX torna-se uma

personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida” (Foucault, 1999, p. 43).

A homossexualidade ou, mais precisamente, a identidade homossexual é, de acordo com Connell (2005) e García (2007), uma categoria já bem definida e passível de imposição às pessoas. Ou seja, já existe no imaginário social uma concepção bem definida, ainda que muitas vezes fantasiosa e estereotipada, do que é ser homossexual e, ao ser revelado, recai sobre o sujeito que assim se identifica um sem fim de mitos e preconceitos. Essa concepção geralmente tem como ponto de partida a ideia historicamente perpetuada e, modernamente, por vezes ainda preservada, da homossexualidade como perversão, doença, pecado ou vício (Andrade, & Ferrari, 2009; Mott, 2006).

Essas concepções sobre a categoria homossexual demonstram uma construção discursiva que, como mecanismo de poder, trata o histórico como natural, demarcando o que é permitido, o que é saudável, o que legalizado, o que é correto e, conseqüentemente, seus avessos. Tendo em vista uma tentativa de higienização social que preserve os interesses de uma organização coletiva baseada no casamento heterossexual e reprodutivo, para além de uma tentativa de manutenção de práticas sociais procriativas, a categorização da homossexualidade como patologia teve e tem, como objetivo, uma vigilância moral sobre o dito diferente (Adelman, 2000; Foucault, 1999).

Essa mentalidade higienista que criou o conceito de homossexualidade e, posteriormente, o entendeu como doença e desvio, permaneceu até meados do século passado quando instituições como a *American Psychological Association* (APA), o Conselho Federal de Medicina (CFM) brasileiro e a Organização Mundial da Saúde (OMS) deixaram de considerar, em 1970, 1985 e 1993, respectivamente, a homossexualidade como “desvio de transtorno sexual” (Mott, 2006). É importante, entretanto, a constatação de que, ainda que tenha existido a legitimação de práticas possíveis no campo da sexualidade a partir das instituições supracitadas – instituições tradicionalmente conectadas com as prescrições normativas – os movimentos sociais foram de fundamental importância na transformação do paradigma higienista que vigorava até então.

Exemplo notório foi a chamada Revolução de *Stonewall* que teve origem em uma batida policial em um bar *gay* de Nova York, em 28 de junho de 1969 (Andrade, &

Ferrari, 2009). Na ocasião, a opressão policial incitou a revolta de pessoas não heterossexuais frente à condição marginal que até então lhes era atribuída. Movimentos semelhantes de revolta frente a repressão ao livre exercício da sexualidade puderam ser observados, nesse período, também em cidades como São Francisco, Londres e Buenos Aires. Assim como em outros contextos, no Brasil surgiram grupos em defesa da homossexualidade. Entretanto, é importante lembrar que, à essa época, nosso país se encontrava sob comando do Regime Militar (1964-1985), período no qual houve uma perpetuação da ideia de homossexualidade como manifestação marginal e perigosa da sexualidade humana (Cowan, 2014).

O primeiro grupo organizado de defesa dos homossexuais no Brasil foi o SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual. Criado em 1978 e batizado em homenagem a uma publicação do movimento homossexual argentino que circulou entre 1971 e 1976 (Green, 2000), o SOMOS surgiu inicialmente em São Paulo e, em pouco tempo, nasceu também uma representação no Rio de Janeiro. O grupo tinha o objetivo de reunir homossexuais que tivessem interesse em assumir sua orientação sexual, além de encontrar pares e afirmar racionalmente a sua homossexualidade (Uziel et al., 2006). Uma parte do grupo era a favor do diálogo com outros setores da esquerda política da época, enquanto outra parcela do coletivo era radicalmente contra. Por motivos ideológicos, então, o grupo acabou se dividindo (Rodrigues, 2014).

Pode-se notar, dessa forma, como um desdobramento dos movimentos sociais que buscaram a legitimidade de seus afetos e relações, e dos posicionamentos das instituições que legitimaram essas práticas como possibilidades reais de expressão da sexualidade humana, uma flexibilização do modelo familiar patriarcal, fazendo com que, a partir da aceitação das sexualidades ditas dissidentes, fossem também legitimadas novas formas de ser família (Moscheta, & Santos, 2006; Roudinesco, 2003; Vilhena, Souza, Uziel, Zamora, & Novaes, 2011; Zambrano, 2006). Nesse sentido, dados do Censo realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE evidenciaram 19 laços de parentesco, além do dito tradicional. A título de comparação, no Censo realizado pela mesma instituição no ano 2000, eram 11 as definições de laços que definiam a família. Esse fato, por si só, já demonstra a flexibilização do conceito de família e a multiplicação de configurações que ultrapassam o modelo tradicional patriarcal.

Mais que isso, dados do mesmo Censo revelaram que o modelo da família nuclear, formado por pai, mãe e filhos, correspondia a 49,9% dos lares recenseados, ao passo que as famílias com configurações diversas estavam presentes em 50,1% dos lares. Esses fatos evidenciados pelo Censo 2010 ilustram e materializam o fato de a família nuclear, modelo inspirador da sociedade ocidental, estar se tornando, cada vez mais, uma experiência minoritária, à luz das transformações e redefinições que acometeram a família ao longo dos séculos (Uziel et al., 2006). É importante salientar que, embora esses dados comentados acima sejam animadores e reveladores de transformações importantes nos paradigmas tradicionalmente impostos, os modelos distintos do modelo familiar nuclear e patriarcal, assim como a relação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo, sempre existiram. Apenas recentemente, entretanto, essas formas de ser família, a chamada família no plural (Simas, 2009, Vilhena, et al, 2011), puderam ter seus direitos reconhecidos e amparados legalmente.

Mesmo que o Código Civil brasileiro afirme a entidade familiar como a união estável ou em matrimônio entre um homem e uma mulher, ou como uma comunidade que tenha qualquer um dos pais e seus descendentes (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002), essa definição se apresenta enquanto enumeração exemplificativa, não permitindo a exclusão de qualquer arranjo familiar que se configure tendo como base os laços de afetividade, estabilidade e ostensividade (Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013). Ainda no que se refere à legislação, é importante lembrar que, no Brasil, no início de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu, por unanimidade de votos, a união estável entre pessoas do mesmo sexo (Rosa, Boris, Melo, & Santos, 2016). Mais que isso, a Resolução nº 175 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), de 14 de maio de 2013, veda a recusa de qualquer cartório em território nacional de celebração de casamentos civis de casais do mesmo sexo, assim como a conversão da união civil em casamento.

É importante destacar, a esse ponto, que o reconhecimento das uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil, pode e deve ser entendido como uma conquista inegável e sem precedentes do movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em nosso país. Entretanto, é igualmente importante uma crítica a esse processo que, de maneira peculiar, baseou-se em uma justificativa calcada unicamente no afeto e no amor. Reflexo disso é a constatação de que o termo homoafetividade é utilizado apenas no Brasil, podendo ser interpretado como uma

tentativa de dissolução do preconceito existente contra homossexuais. Isto é, por meio da justificativa afetiva como base das relações, tenta-se dissolver a relação social e historicamente estabelecida entre homossexualidade e promiscuidade (Costa, & Nardi, 2015). Essa justificativa, contudo, parece perniciosa, uma vez que qualifica os afetos e, em certo limite, pode significar uma moralização das relações entre pessoas do mesmo sexo, o que não é função do Estado.

Além disso, mostra-se como uma atitude antidemocrática tendo em vista que, para casais heterossexuais, não se mostra necessário o afeto como justificativa para a consolidação de uma relação perante o Estado. Ou seja, o Estado se utiliza de justificativas diferentes para conceder os mesmos direitos às pessoas, deixando clara a concepção de que aqueles que vivenciam sua sexualidade de maneira distinta à imposta pela norma precisam justificar afetivamente suas relações para poderem exercer um direito que, em uma democracia, deveria ser garantido a todos os cidadãos, independentemente de sua orientação afetivo-sexual (Costa, & Nardi, 2015; Lopes, 2014).

A despeito da crítica acima apresentada, ainda que em contexto brasileiro sejam reconhecidos alguns direitos de pessoas homossexuais que demonstram o desejo em constituir família, o fato de reconhecer-se não heterossexual se torna, ainda, muitas vezes, motivo de rejeição e desaprovação. De acordo com o Grupo *Gay* da Bahia, no ano de 2010 foram documentados 260 assassinatos de *gays*, travestis e lésbicas no Brasil, o que, de acordo com a referida instituição, coloca o país no primeiro lugar em relação aos crimes de ódio cometidos contra pessoas que tem uma expressão de desejo diferente do padrão socialmente imposto. O desejo pela inserção em um modelo de família que seja o mesmo proposto pelos moldes tradicionais, por meio da conjugalidade homoafetiva, por vezes é vista como paródia das relações heterossexuais (Roudinesco, 2003). Para além dessa característica, as resistências engendradas pelo preconceito, motivo de uma quantidade alarmante de crimes, tornam a questão ainda mais complicada quando está envolvido, nesses processos, o desejo pela constituição de uma família com filhos (Perroni, & Costa, 2008).

A denominada *homoparentalidade*, neologismo criado na França pela Associação dos Pais e Futuros Pais *Gays* e *Lésbicas* – APGL no ano de 1996 (Roudinesco, 2003; Vilhena et al, 2011), diz respeito ao fato de um adulto que se reconhece homossexual ser ou pretender ser pai ou mãe de uma criança (Zambrano,

2006). São notórias, nos dias de hoje, as reivindicações feitas por pessoas homossexuais no sentido de conquistarem direitos natos garantidos aos heterossexuais, como casar, procriar e filiar (Ferrari, & Andrade, 2011). Nos Estados Unidos e no Canadá, por exemplo, estima-se que 10% dos homossexuais, tanto homens quanto mulheres, sejam pais e mães. Isso, de acordo com Roudinesco (2003), corresponderia a algo entre um e cinco milhões de mães lésbicas e um e três milhões de pais *gays*, seja a filiação estabelecida por meio da adoção ou pela união entre pessoas que tinham filhos biológicos de relacionamentos heterossexuais anteriores. Dessa forma, existe a estimativa de que sejam, apenas nesses dois países, entre 6 e 14 milhões o número de crianças criadas por pais ou mães homossexuais.

Não foram encontrados dados correspondentes no Brasil, o que pode representar a falta de interesse do poder público sobre temas relativos à diversidade sexual. Mais que isso, em um país onde se propõe e se aprova, na Câmara dos Deputados, um projeto que tenta instaurar o chamado Estatuto da Família, garantindo o direito de reconhecimento como entidade familiar apenas àquelas famílias formadas por um casal heterossexual, não surpreende que não existam dados específicos e detalhados sobre configurações familiares diversas em contexto nacional. Entretanto, diante das reivindicações existentes no movimento social e do crescimento notório do número de famílias formadas por pessoas que vivenciam uma sexualidade distinta da heterossexual, exemplificado pelos únicos dados encontrados – os dados do Censo de 2010 – torna-se particularmente relevante a investigação científica sobre essa temática.

Além de um fato social, esse movimento de questionamento dos padrões socialmente estabelecidos que coloca em evidência distintas formas de ser família se apresenta, também, como um fato sócio-antropológico, convidando antropólogos, sociólogos, médicos, psicólogos e pedagogos a reverem suas convicções tradicionais (González, 2002; Pichardo, 2011; Zambrano, 2006). Mais que isso, as transformações sociais pelas quais, especificamente, a sociedade brasileira vem passando nos últimos tempos tornam proeminente a revisão não apenas de práticas profissionais, mas também acadêmicas, jurídicas e políticas de toda a sociedade, seja em nível coletivo ou individual de modo que o acesso a cidadania e aos direitos individuais sejam garantidos a todos os cidadãos, independentemente de sua orientação afetivo-sexual ou de qualquer outro aspecto que os distancie de uma norma socialmente imposta.

2.2. Como a família homoparental vem sendo investigada?

Diante dos fatos apresentados e, levando-se em consideração que este estudo está inserido em um contexto acadêmico, torna-se relevante a indagação sobre como as famílias homoparentais vêm sendo investigadas na literatura científica. Roudinesco (2003) já aponta para o caminho de que, sobretudo na década de 1980, as pesquisas sobre essa temática, no contexto estadunidense, tinham um caráter político-social mais do que acadêmico-científico, no sentido de que as famílias homoparentais estavam sempre colocadas em comparação com as famílias ditas tradicionais. Em outras palavras, existia, àquele momento, a preocupação de “provar” que pais *gays* e mães lésbicas eram tão bons pais quanto os pais e mães heterossexuais. Mais que isso, as pesquisas estavam interessadas em demonstrar que os filhos criados em famílias homoparentais não sofriam prejuízos de qualquer ordem devido a orientação sexual de seus pais.

Com o intuito de que o presente estudo fosse cientificamente fundamentado, então, realizei uma revisão integrativa da literatura sobre a homoparentalidade. A revisão da literatura, tanto nacional quanto internacional, favorece o estabelecimento de um diálogo com outras pesquisas sobre a mesma temática (Minayo, 2008) e, a partir da síntese dos estudos encontrados, as questões pertinentes à própria temática de pesquisa podem ser aprofundadas (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008). Pode parecer contraditória a utilização de uma metodologia rígida e formatada em um estudo que se propõe a dialogar com um referencial *Queer*. Entretanto, entendo que esse movimento é importante, nesse momento, por se tratar de uma pesquisa inserida em um contexto científico que, passível de diversas críticas, ainda prima pelo rigor e pelo método. Ademais, mesmo que fortemente marcada pela rigidez metodológica, a revisão da literatura pode, até certo ponto, ser entendida como uma “genealogia” dos estudos da área, permitindo a problematização do próprio fazer ciência na medida em que vai buscar, em determinado período histórico, as afirmações da ciência sobre uma temática específica.

É importante salientar que esta Dissertação de Mestrado trata exclusivamente de famílias homoparentais masculinas, isto é, famílias formadas por um casal de homens e pelos filhos dessa relação. Para a revisão integrativa da literatura, entretanto, optei por investigar como as famílias homoparentais, de um modo geral, vêm sendo estudadas na literatura científica tendo em vista a crescente, mas ainda pouca quantidade de estudos

sobre essa temática (Santos, & Bruns, 2006; Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013). Foram incluídos, ademais, estudos que versavam sobre a homoparentalidade de um modo mais amplo, ou seja, estudos que se propunham a discutir as repercussões teóricas, sociais ou políticas de pessoas homossexuais terem o desejo por ou, de fato, concretizarem seu desejo pela parentalidade.

Para a busca dos artigos, foram utilizados os seguintes termos: família (*family*), homossexualidade (*homosexuality*) e homoparentalidade (*homosexual parenting*), além de suas combinações a partir do operador booleano *AND*. No que se refere às bases indexadoras, foram consultadas: SciELO (Biblioteca científica eletrônica online que abrange publicações brasileiras, da América Latina e Caribe e algumas publicações de Portugal e Espanha); PsycINFO (Banco de dados com resumos da literatura do campo da Psicologia produzido pela *American Psychological Association* - APA); MedLine (sigla em inglês para Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica, sendo esta a base de dados bibliográficos da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos); e MUSE (projeto que fornece conteúdos digitais publicados sobre Ciências Humanas e Sociais). Selecionei essas bases com o intuito de que, ainda que circunscrevendo os trabalhos encontrados aos periódicos por elas indexados, fosse possível localizar uma variedade importante de perfis de estudos, abarcando trabalhos da Psicologia, da área médica, das Ciências Humanas e Sociais, além de estudos tanto nacionais quanto internacionais.

Os critérios de inclusão, definidos à priori, almejavam, sobretudo, a qualidade dos resultados encontrados. Nesse sentido, foram recuperados: (1) artigos científicos indexados; (2) redigidos em português, inglês, espanhol ou francês; (3) publicados no período de abril de 2001 a dezembro de 2015; e (4) com temática pertinente ao objetivo da revisão. Os idiomas selecionados refletem a minha condição de trabalhar apenas com esses idiomas. Já o período de início de possibilidade de inclusão de artigos diz respeito a primeira lei em nível mundial que autorizou a adoção de crianças por pais homossexuais, que passou a vigorar em abril de 2001 na Holanda (Calvo, 2010). A data final de possibilidade de inclusão de artigos, dezembro de 2015, diz respeito a data em que a revisão da literatura foi por mim conduzida. Como critérios de exclusão utilizados e almejando a localização limitada a estudos revisados por pares e publicados em periódicos científicos indexados, optei por descartar outros tipos de publicações, tais como: (1) livros, capítulos de livros, resenhas, cartas, resenhas, dissertações, teses ou

entrevistas; (2) estudos com temática distante da problemática de interesse desta revisão; e (3) artigos publicados no período anterior a abril de 2001.

Seguindo esses procedimentos, selecionei e recuperei 36 artigos na íntegra, que serão apresentados e discutidos nesta Dissertação. A Tabela 1 (Apêndice A) apresenta as informações detalhadas sobre os estudos, em termos de título, periódico no qual foi publicado, nome dos autores, país de origem do primeiro autor e ano de publicação.

2.2.1. Categorização, avaliação e descrição dos resultados

De modo a facilitar a apresentação dos resultados e, assim, favorecer a construção da discussão a respeito do material selecionado na presente revisão, elaborei, a partir da tabela confeccionada com os dados extraídos dos artigos recuperados, alguns gráficos, que serão apresentados a seguir.

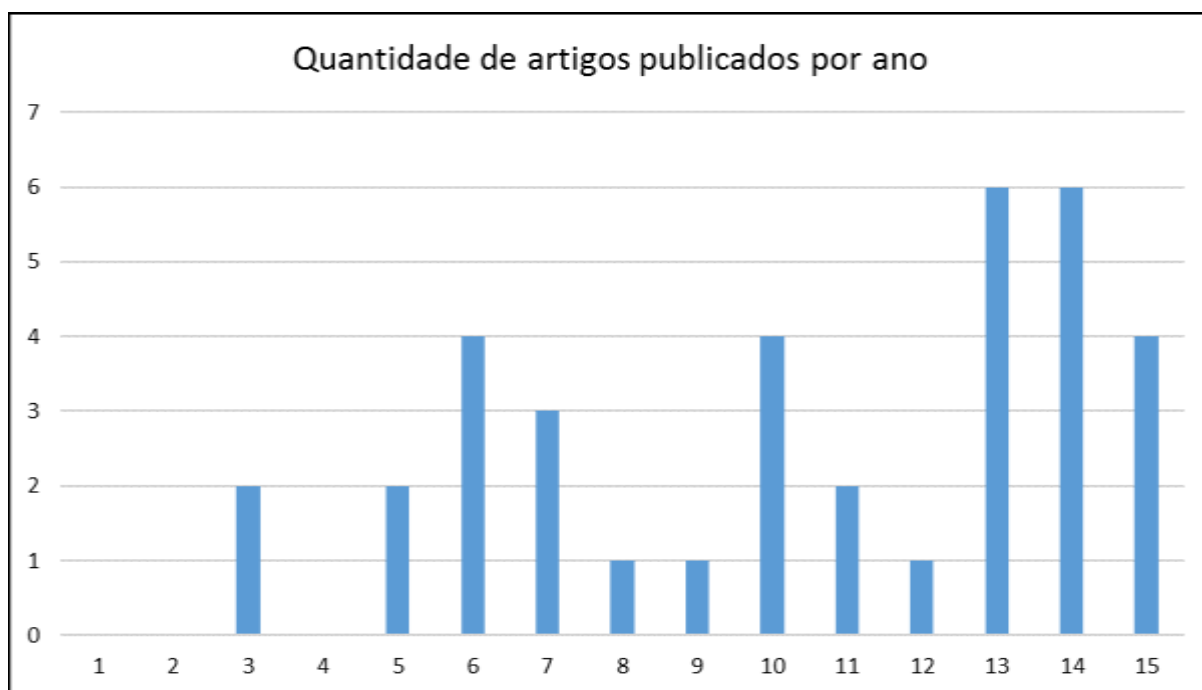


Figura 1: *Distribuição da quantidade de artigos selecionados, segundo o ano de publicação.*

De acordo com a Figura 1, verifica-se o perfil do número de artigos publicados em cada ano no período selecionado para a realização da presente revisão da literatura. Nota-se que nos anos de 2013 e 2014 houve um aumento expressivo no número de artigos publicados sobre o tema, sendo que, nos referidos anos, houve concentração de publicação de um terço dos artigos selecionados. Dessa forma, foi possível a recuperação de 12 publicações dos anos de 2013 e 2014 (Breshears, & Lubbe- De Beer,

2014; Costa et al, 2013; Goldberg, Kinkler, Moyer, & Weber, 2014; Goldberg, & Smith, 2013; Goldberg, & Smith, 2014; Herbstrith, Tobin, Hesson-McInnis, & Schneider, 2013; L'Archevêque, & Julien, 2013; Lavner, Waterman, & Peplau, 2014; Riskind, Patterson, & Nosek, 2013; Tarnovski, 2013; Vespucci, 2014; Vyncke, Julien, Jouvin, & Jodoin, 2014) que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos para essa revisão, o que pode indicar, tendo em vista o salto de publicações em 2013, um crescimento do interesse dos pesquisadores com relação à homoparentalidade. Não atenderam aos critérios de elegibilidade desta revisão nenhum artigo publicado nos anos de 2001, 2002 e 2004.

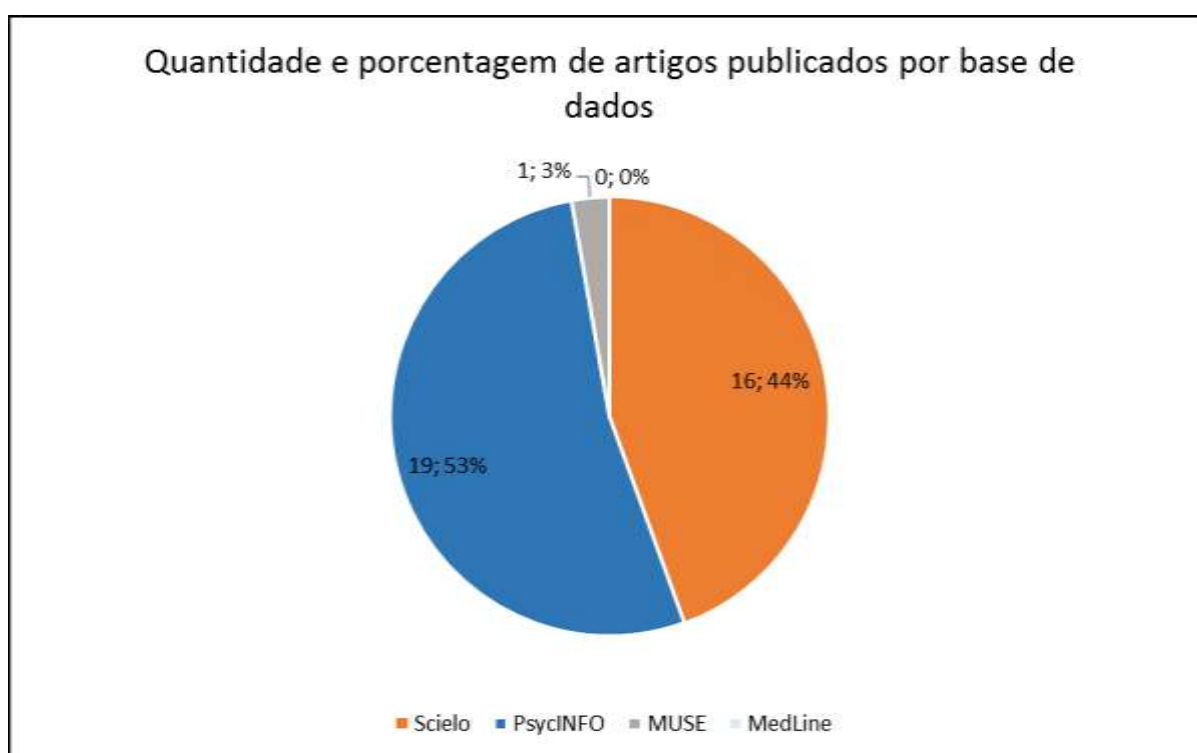


Figura 2: Distribuição em números absolutos e em percentual dos artigos recuperados de acordo com a base de dados.

A Figura 2 apresenta o número absoluto e a porcentagem de artigos selecionados para esta revisão da literatura, de acordo com as bases de dados das quais os estudos foram recuperados. Mais da metade dos artigos revisados foram indexados na PsycINFO, que é a base de dados da Psicologia produzida pela *American Psychology Association* (APA), perfazendo um total de 19 artigos (53%). A SciELO também forneceu uma quantidade significativa de resultados (44% ou 16 artigos), enquanto o MUSE contribuiu com esta revisão com apenas um artigo (3%) recuperado (Rosenfeld, 2010). A MedLine não forneceu artigos que atendessem a essa revisão, o que pode

indicar que a área da saúde não tem demonstrado um interesse especial por investigações acerca da homoparentalidade, evidenciando uma lacuna importante nessa área.

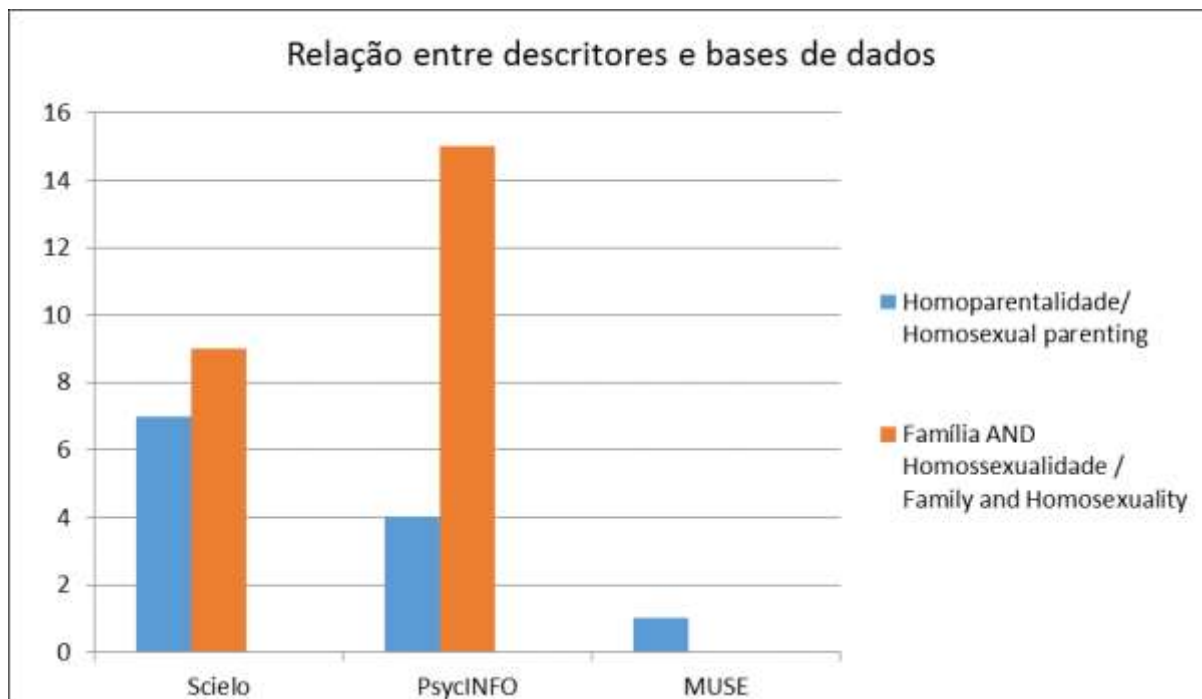


Figura 3: Distribuição dos artigos revisados de acordo com os descritores utilizados em função da base de dados na qual os estudos foram recuperados.

A Figura 3 mostra a quantidade de artigos recuperada em cada uma das bases de dados, de acordo com os termos controlados utilizados para a busca. A maioria dos artigos recuperados foi encontrada a partir do cruzamento realizado entre os termos *family AND homosexuality* na base PsycINFO. O mesmo ocorreu na SciELO, na qual a maior quantidade de artigos recuperados foi encontrada a partir do cruzamento entre os termos Família AND Homossexualidade. A partir da base MUSE foi recuperado apenas um trabalho advindo da busca com o termo *Homosexual parenting* – correspondente, em inglês, mais próximo do termo homoparentalidade –, o que pode demonstrar uma lacuna existente nas Ciências Humanas e Sociais, ao menos nos periódicos indexados nessa base de dados, indicando haver poucas publicações e/ou interesse pela pesquisa sobre homoparentalidade nessa área, pelo menos tendo em vista os termos selecionados para esta revisão.

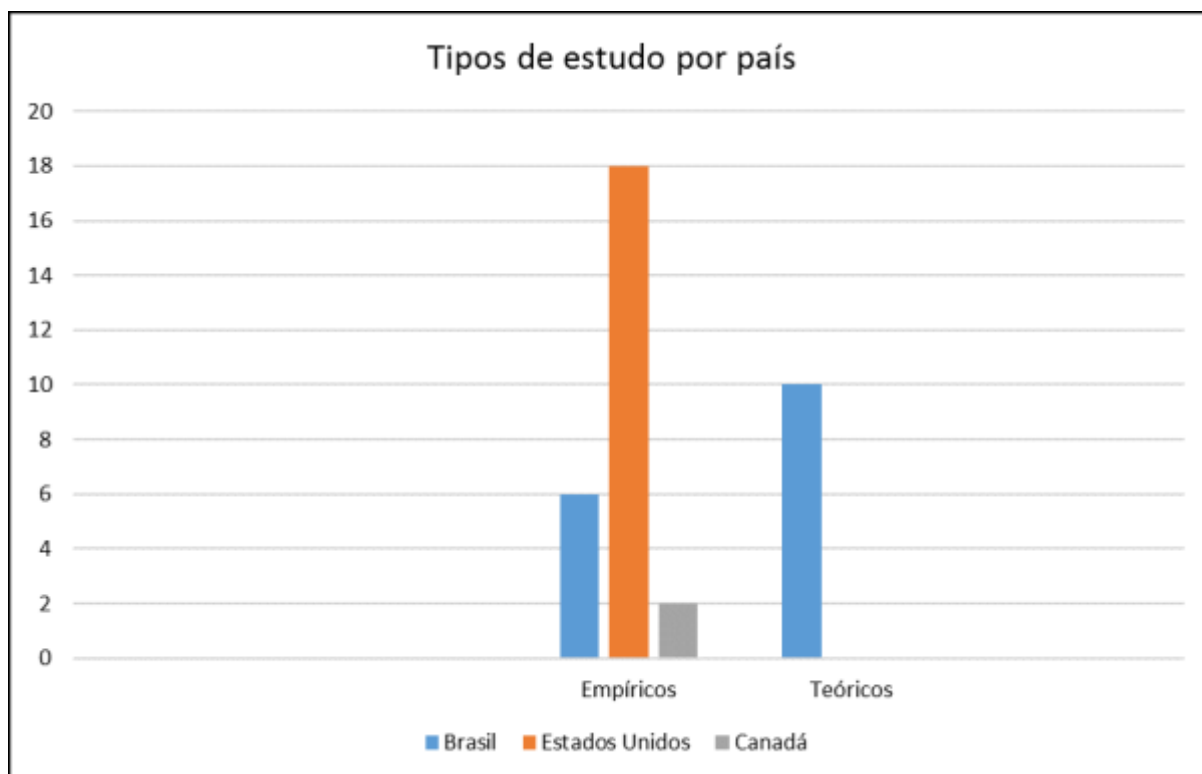


Figura 4: *Distribuição dos artigos revisados de acordo com o tipo de estudo e o país de publicação.*

De acordo com a Figura 4, foram identificadas publicações oriundas de pesquisas empíricas nos Estados Unidos, Brasil e Canadá. A maior parte das pesquisas empíricas internacionais são estudos comparativos entre famílias homoparentais, sejam elas formadas por pais *gays* ou mães lésbicas, e famílias ditas tradicionais, constituídas em torno de um casal heterossexual.

Nesse sentido, Rosenfeld (2010), por meio dos dados do Censo dos Estados Unidos realizado no ano de 2000, buscou verificar o progresso escolar de crianças que vivem em arranjos familiares diferentes do dito tradicional. De acordo com o autor, os resultados mostram que os filhos inseridos em contextos homoparentais têm a mesma probabilidade de apresentar progresso escolar considerado esperado quanto os filhos inseridos em estruturas familiares tradicionais. O autor observou que os filhos de casais heterossexuais apresentam menores taxas de repetência escolar, mas, para ele, isso se deve ao fato dessas famílias apresentarem, em geral, um status socioeconômico mais elevado. Apesar das comparações entre famílias formadas por casais homo ou heterossexuais, foram encontradas diferenças significativas entre o progresso escolar

observado em crianças que crescem em núcleos familiares e crianças que vivem em grupos como orfanatos ou abrigos.

Bos, Balen e Boom (2007) buscaram comparar o ajustamento das crianças, as características parentais e a educação dos filhos em casais hetero e homossexuais. De acordo com os resultados encontrados por esses autores, o ajustamento infantil não foi associado ao tipo de configuração familiar. Entretanto, os dados da pesquisa sugerem que esse conceito – o ajustamento infantil – estava relacionado com a demonstração de preocupação dos pais para com os filhos e com a satisfação que cada um dos membros dos casais demonstrava diante da parentalidade exercida por seu companheiro.

Em outro estudo de comparação, Goldberg e Smith (2009) examinaram as práticas educativas (técnicas autopercebidas de educação dos filhos) utilizadas por pais heterossexuais ou homossexuais que adotaram seu primeiro filho. Em média, todos os novos pais se perceberam como cada vez mais qualificados em serem pais, ainda que os homens *gays* tenham essa percepção mais aumentada. Ao mesmo tempo, os participantes do sexo feminino informaram menos sintomas depressivos e relataram maior autonomia no trabalho, sendo vistas como as mais qualificadas no processo de pré-adoção. No que diz respeito à mudança, os pais que relataram conflito relacional e os pais que esperavam ser mais cuidadosos com seus filhos experimentaram menor aumento de habilidade percebida após o processo adoção.

Em estudo aparentemente complementar ao último referido, Goldberg, Smith e Kashy (2010), examinaram fatores pré-adotivos como preditores de qualidade do relacionamento durante o primeiro ano de paternidade adotiva, efetivada por casais lésbicos, *gays* e heterossexuais. Como resultado, as autoras afirmam que todos os novos pais apresentaram, em média, declínios em relação a sua qualidade parental durante o primeiro ano após a adoção, independentemente da sua orientação afetivo-sexual. Já Riskind e Patterson (2010), em estudo pioneiro nos Estados Unidos, exploraram a manifestação de desejo e as intenções de se tornar pais em homens *gays*, mulheres lésbicas e pessoas heterossexuais. De acordo com os autores, ainda que o desejo pela paternidade seja menor em pais *gays* do que em pessoas heterossexuais, isso não se confirma com relação às mulheres lésbicas, sobretudo no que diz respeito à demonstração desse desejo pela parentalidade. Os autores afirmam, contudo, que os motivos dessas diferenças observadas precisam ser investigados, isto é, os autores não problematizam esses desejos.

Estudo realizado por Goldberg e Smith (2013) analisou os aspectos dos contextos pré e pós-adoptivos com relação à adaptação das crianças em famílias formadas por casais heterossexuais ou homossexuais. E outro estudo das mesmas autoras examinou os níveis de estresse em pais adotivos (Goldberg, & Smith, 2014). Em ambos os estudos as autoras não encontraram correlação entre a orientação afetivo-sexual dos pais e os aspectos avaliados.

Ainda no que diz respeito aos estudos de comparação entre as diferentes configurações familiares, Lavner, Waterman e Peplau (2014) compararam os níveis de satisfação com relação à adoção, os sintomas depressivos e o apoio social percebidos em pais (heterossexuais, *gays* e lésbicas) após 2, 12 e 24 meses decorridos da adoção. De acordo com os autores deste estudo prospectivo, foram encontradas poucas diferenças entre mães lésbicas, pais *gays* e heterossexuais em qualquer uma das avaliações empreendidas ao longo do tempo. Em média, os pais de todos os grupos familiares investigados apresentaram aumentos significativos em sua satisfação com a adoção e mantiveram seus sintomas depressivos em níveis clinicamente baixos. Em todas as estruturas familiares investigadas no estudo, o maior nível de estresse dos pais esteve associado a sintomas depressivos mais elevados e a menor satisfação com a adoção.

Goldberg et al. (2014) buscaram investigar as mudanças percebidas na qualidade das relações íntimas 3 meses após a adoção em 42 casais, sendo 17 casais de mulheres lésbicas, 13 casais *gays* e 12 casais heterossexuais. De acordo com os resultados da pesquisa, assim como em casais heterossexuais que tem filhos biológicos, alguns pais, sejam heterossexuais, pais *gays* ou mães lésbicas que adotaram perceberam uma queda na qualidade da relação íntima do casal após adoção. Além disso, embora com resultados semelhantes entre os grupos da amostra, pais *gays* e mães lésbicas relataram fatores estressores específicos por estarem inseridos em grupos socialmente estigmatizados, como a necessidade de segurança jurídica, por exemplo.

Em estudo mais recente, Goldberg e Garcia (2015) buscaram examinar os preditores para o término do relacionamento dos pais após os primeiros cinco anos de efetivação da adoção em 190 casais compostos por pessoas heterossexuais, *gays* ou lésbicos. Os resultados indicam que as dissoluções dos relacionamentos foram significativamente maiores em casais que adotaram crianças mais velhas, para pais que afirmaram se sentir menos preparados para a adoção e para casais nos quais ambos os

membros do casal afirmaram poucos ou muitos comportamentos de manutenção da relação no período pré-adoção, independentemente da orientação afetivo-sexual desses pais.

A Figura 4 demonstra, além da exclusividade de estudos empíricos publicados nos Estados Unidos, um predomínio de estudos teóricos publicados no Brasil. Nesse sentido, em estudo publicado por Grossi (2003), por exemplo, a autora empreendeu uma reflexão sobre novas configurações familiares que têm tido maior visibilidade na contemporaneidade, abordando como a temática das famílias *gays* e lésbicas vinham, à época, aparecendo no Brasil por meio da mídia e das mobilizações do movimento LGBTT em torno da lei da parceria civil. A autora concluiu que, ainda que se tratando, naquele tempo, de um novo campo de investigação, as temáticas abordadas nos estudos sobre famílias de pessoas com sexualidade diversa com relação àquelas impostas pelas heterossexualidade compulsória expressavam um intenso diálogo entre diferentes pesquisadores do campo de parentesco, notadamente na Antropologia.

Em estudo teórico, Mello (2005) buscou refletir sobre a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo, sobretudo no que diz respeito aos aspectos relativos à família. De acordo com as análises do autor, os embates ideológicos decorrentes das disputas em torno do reconhecimento social e jurídico das uniões homossexuais como entidades familiares são perpassados, sobretudo, por discursos religiosos conservadores em conflito com as posições assumidas por representantes da população homossexual, fato marcante na sociedade brasileira e que tem se perpetuado até os dias de hoje.

No artigo elaborado por Passos (2005), a autora examinou a homoparentalidade, postulando que essa modalidade de família apresenta as mais significativas mudanças nas relações conjugais e parentais, tendo em vista que essa configuração familiar nega o paradigma do qual se origina a família: a diferenciação sexual. Para a referida autora, é imperativo que se instaure uma ética relacional que possibilite a expressão dos sujeitos em suas singularidades sócio-afetivas. Já Mello (2006) se propôs a discutir, tanto no âmbito teórico quanto político, as relações afetivo-sexuais entre homossexuais como uma expressão da diversidade da instituição social família, concluindo que as reivindicações dos relacionamentos, em termos legais, ainda partem de uma prerrogativa heterocêntrica, configurando uma opressão que atinge os homossexuais.

Outro estudo teórico, publicado no Brasil por Perelson (2006), situa a homoparentalidade no contexto das novas práticas sociais e médicas referentes à filiação e à reprodução, além de apresentar um cenário do debate francês sobre essa questão. Zambrano (2006) argumenta que o modelo tradicional da família – que denota o que é considerada uma família “normal” – tem influenciado a construção de parentalidades consideradas impensáveis, seja socialmente ou perante a lei. Nesse sentido, a autora afirma ser imprescindível uma adequação dos campos do saber que sejam coerentes com a realidade empírica dos sujeitos inseridos em contextos familiares distintos do modelo tradicional de família. A proposta de Fonseca (2008), baseada no trabalho de pesquisa de uma antropóloga norte-americana, é promover uma revisitação a diferentes elementos da noção de “família que escolhemos”, relacionando essa discussão à homoparentalidade. Para a autora, a homoparentalidade está, inicialmente, relacionada a uma escolha positiva. Contudo, em um segundo momento, passa a ser discutida em relação a aspectos que envolvem a tecnologia e seus dispositivos de controle, como as novas técnicas de reprodução humana, a lei e o dinheiro.

Tavares, Souza, Vitorino e Bomtempo (2010) fazem apontamentos sobre o reconhecimento das uniões homossexuais como entidades familiares no contexto do Estado Democrático de Direito, afirmando que as uniões homossexuais devem ser consideradas entidades familiares e que cabe ao legislador não se deixar influenciar por questões religiosas ou de juízo moral que sejam incompatíveis com os direitos garantidos a todos os cidadãos pela Constituição Federal. Ainda no que tange às produções teóricas publicadas no Brasil, Vespucci (2014), tenta oferecer algumas explicações sobre o processo de mudança social ocorrido na Argentina durante as últimas duas décadas. De acordo com o autor, a sanção da chamada Lei de Matrimônio Igualitário no país, em 2010, representa o colorário simbólico e legal de um processo no qual a família formada por casais homossexuais passou de uma condição marginal para uma possibilidade legítima de constituição familiar.

Por fim, ainda em relação ao panorama das publicações teóricas no Brasil, Xavier, Alberto e Medes (2015) buscaram analisar as convergências e discordâncias entre as disposições da Ordem Jurídica portuguesa e os princípios de investigação científica adotados pela *American Psychological Association* (APA) e pela *American Academy of Pediatrics* (AAP) no que diz respeito à homoparentalidade. Os autores afirmam que parece existir um consenso na comunidade científica a respeito do

ajustamento dos pais e mães homossexuais e de seus filhos, ainda que os estudos disponíveis, na avaliação dos referidos autores, apresentem sérias limitações no que diz respeito às comparações entre contextos familiares diversos, sobretudo se consideradas as características predominantes nas amostras investigadas.

Ainda com relação à Figura 4, é importante notar que, dos seis estudos empíricos publicados no Brasil, um tem caráter etnográfico (Medeiros, 2006), no qual a autora reflete sobre a conjugalidade, o relacionamento com as filhas, com a família extensa e com o ex-marido de uma mulher inserida em uma família homoparental feminina recomposta. Ao mesmo tempo, dois artigos empíricos foram realizados com população francesa (Tarnovski, 2011, 2013), levando o autor de ambos os estudos à conclusão de que, ainda que seja relativamente recente a aparição pública dos arranjos familiares formados por casais heterossexuais, as relações estabelecidas nesses contextos, sobretudo naquelas em que existe o modelo da coparentalidade, reproduzem assimetrias de gênero que, entretanto, não possuem o mesmo significado que é encontrado em casais heterossexuais.

Além dos estudos mencionados, realizados com população francesa, um dos estudos empíricos publicados no Brasil foi realizado com população portuguesa (Costa et al., 2013), no qual os autores, buscando avaliar as atitudes da população portuguesa com relação à homoparentalidade, concluíram que, ainda que favoráveis a esse tipo de arranjo familiar, os portugueses ainda seriam mais favoráveis às uniões heterossexuais. Já o estudo conduzido por Mesquita e Paiva (2015) buscou descrever como a televisão, por meio de séries de ficção e novelas, atua no mundo real a partir dos valores afetivo-amorosos que transmite. Para isso, as autoras buscaram uma comparação entre o tratamento dado a duas famílias homoparentais – uma presente em uma trama de ficção espanhola e outra em uma novela de grande audiência no Brasil – com o intuito de identificar diferenças nas relações entre os personagens e nos vínculos paterno-filiais apresentados. As análises das autoras mostram que, tanto no Brasil quanto na Espanha, os modelos familiares *gays* e *lésbicos* ainda são apresentados com certa tensão.

A Figura 5, apresentada a seguir, apresenta os países de origem dos autores dos artigos revisados. É interessante constatar que os estudos encontrados nesta revisão da literatura foram publicados no Brasil, Estados Unidos e Canadá – como já elucidado na Figura 5, por exemplo – mas que existe uma diversidade de nacionalidade de autores expressivamente maior do que as de países de publicação. Nesse sentido, foram

encontrados estudos produzidos por autores de países como Portugal, Espanha, Argentina, Holanda, Israel, Bélgica e África do Sul, além de estudos de pesquisadores da temática brasileiros, estadonidenses e canadenses.

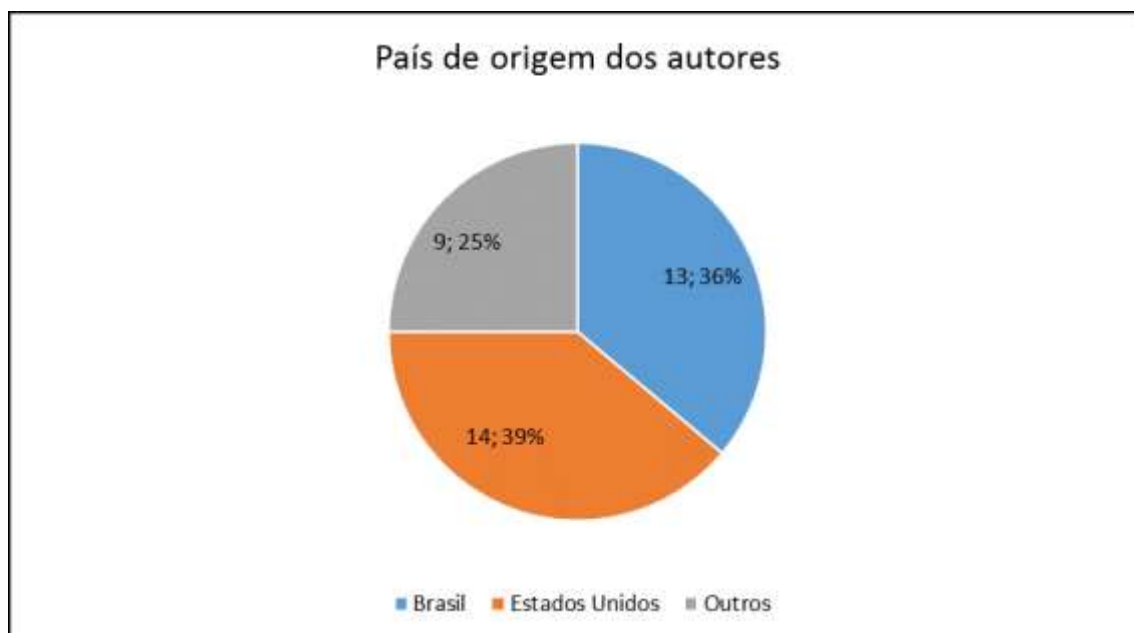


Figura 5: *Distribuição em termos absoluto e percentual dos estudos selecionados, segundo o país de origem dos autores.*

Assim, além dos estudos já mencionados, que foram publicados em países diferentes dos países de origem de pelo menos um de seus autores (Bos, Balen, & Boom, 2007; Costa et al, 2013; Mesquita, & Pavia, 2015; Vespucchi, 2014; Xavier, Alberto, & Mendes, 2015), Vanfraussen, Ponjaert-Kristoffersen e Brewaeys (2003) publicaram, nos Estados Unidos, estudo com população belga que almejava investigar o funcionamento de famílias formadas por mães lésbicas a partir da inseminação artificial. As autoras afirmam que, de acordo com seus resultados, a qualidade do relacionamento entre as crianças e suas mães sociais são comparáveis com a qualidade do relacionamento entre crianças e suas mães biológicas. Contudo, quando comparadas às mães de famílias heterossexuais, as mães sociais são mais envolvidas nas atividades de cuidado das crianças do que as mães biológicas.

Ao mesmo tempo, Shenkman (2012), examinou as freqüências dos desejos e as estimativas de probabilidade de homens *gays* israelenses sobre paternidade e conjugalidade. Seus resultados, publicados também nos Estados Unidos, afirmam existir diferenças entre os desejos pela paternidade e a probabilidade de ela seja concretizada

em homens homossexuais de Israel. Da mesma forma, foram encontradas diferenças entre os desejos de engajamento em um relacionamento amoroso e as estimativas de probabilidade para tal ocorrência. Nos dois casos, os homens homossexuais foram mais propensos a demonstrarem o desejo do que concretizarem a paternidade ou se engajarem em um relacionamento conjugal. Já Breshears e Lubbe-De Beer (2014), partindo do pressuposto de que homens *gays* e mulheres lésbicas têm poucos recursos para lidar com a sua orientação sexual perante os filhos, estavam interessados nas reflexões que os 20 adultos participantes da pesquisa tiveram a partir do momento da assunção da homossexualidade de seu pai ou sua mãe. Mais que isso, os autores do referido estudo tinham a intenção de que os participantes oferecessem conselhos, baseados em suas reflexões, para pais que estavam se preparando para assumirem a homossexualidade para seus filhos. Dentre os conselhos obtidos, figurava que os pais levassem em consideração o grau de maturidade dos filhos, estar plenamente confortável com sua orientação sexual, não esperar que os filhos perguntassem sobre sua orientação sexual, ensinar os filhos a respeitarem as diferenças, entre outros. Para os autores, além de um caminho possível para os pais, o estudo pode oferecer um ponto de partida para os profissionais que lidam com pais *gays* e mães lésbicas que pretendem assumir a homossexualidade perante seus filhos.

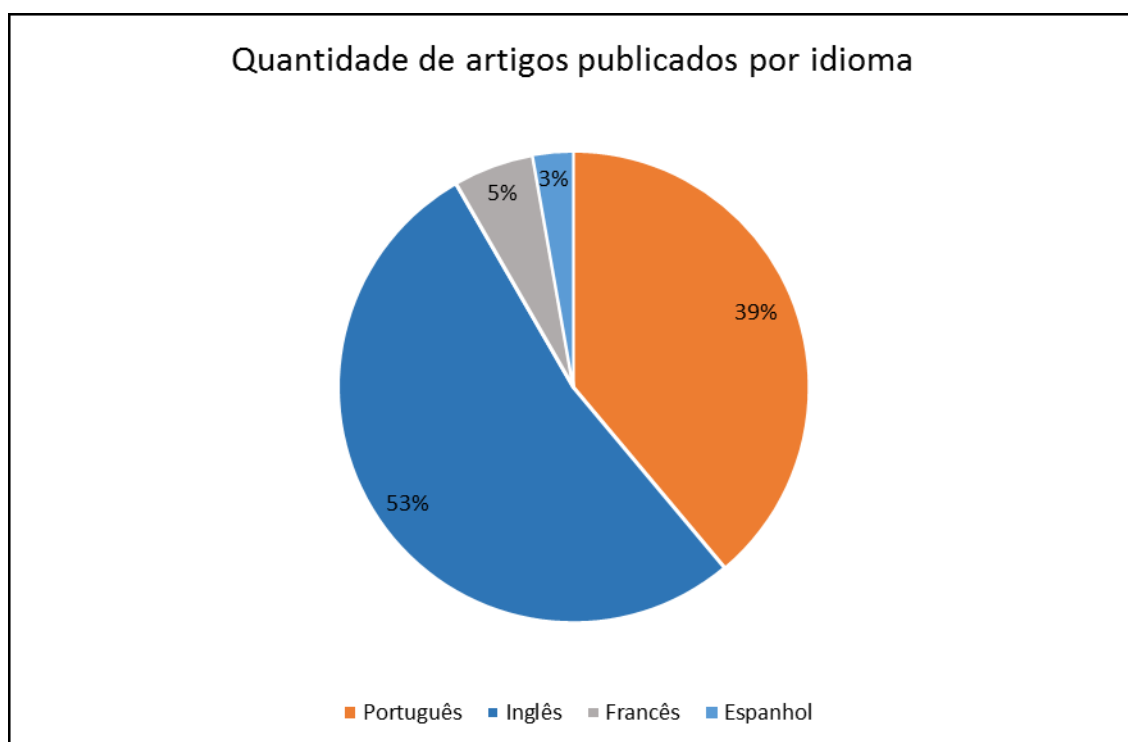


Figura 6: *Distribuição percentual dos artigos selecionados segundo o idioma de publicação.*

De acordo com os dados apresentados na Figura 6, pode-se notar que mais da metade dos artigos selecionados para esta revisão foram publicados em inglês (53%), sendo apenas dois artigos veiculados em francês (5%) e um em espanhol (3%). Cerca de 39% dos artigos, ou seja, 14 estudos, foram publicados em português. Dos artigos publicados em inglês, além dos já referidos, Goldberg (2007) buscou analisar as percepções, em adultos, de como foi crescer sendo filhos de lésbicas, *gays* ou bissexuais e como isso repercutiu em sua vida adulta. Pelos achados da autora, os filhos se perceberam como mais tolerantes e tinham idéias mais flexíveis sobre gênero e sexualidade em função de crescerem com os pais homo ou bissexuais. Apesar disso, alguns participantes lutaram com questões relativas à confiança na vida adulta, questões essas advindas da experiência de assunção inesperada da sexualidade dos pais, além de relatarem experiências de terem sido expostos a chacotas e sofrido *bullying* de colegas, sobretudo no ambiente escolar.

Em outro artigo, também publicado em inglês, DeMino, Appleby e Fisk (2007), propuseram-se a comparar a percepção do apoio social e do grau de homofobia internalizada para dois grupos: lésbicas com famílias planejadas e lésbicas que não tinham filhos. De acordo com os autores, mulheres lésbicas com famílias planejadas percebem menos apoio social de amigos em geral e mais de suas famílias de origem do que lésbicas que não tinham filhos. Por outro lado, mulheres lésbicas com famílias planejadas também relataram homofobia internalizada significativamente maior do que mulheres lésbicas sem filhos.

Com o objetivo de examinar o estresse parental em pais *gays* que adotaram filhos, Tornello, Farr e Patterson (2011) demonstraram que os pais com menos apoio social, com filhos mais velhos e com crianças que foram adotadas em idades mais avançadas relataram maior nível de estresse parental. Além disso, pais *gays* que viam sua identidade de forma positiva relataram maior estresse parental. Já Herbstrith, Tobin, Hesson-McInnis e Schneider (2013), com o intuito de avaliarem as atitudes de professores para com pais *gays* e mães lésbicas, afirmam, em seu estudo, que os participantes classificaram pais homossexuais de forma mais negativa do que pais heterossexuais e, além disso, homens *gays* mais negativamente do que mulheres lésbicas.

Riskind, Patterson e Nosek (2013), a partir de uma amostra geograficamente diversa dos Estados Unidos e formada por *gays* e lésbicas sem filhos, buscaram explorar a autoeficácia a respeito de como se tornar pai ou mãe. Como resultado, os autores afirmam que, em média, os participantes relataram estar incertos se eles poderiam superar barreiras financeiras à paternidade ou tornarem-se pais biológicos sem a assistência da saúde reprodutiva. Entretanto, foram otimistas sobre a superação de barreiras à paternidade adotiva e estavam otimistas de que poderiam, de alguma forma, alcançar a paternidade se assim o desejassem.

Ainda no que diz respeito aos artigos encontrados publicados em inglês, Vyncke, Julien, Jouvin e Jodoin (2014) buscaram examinar as associações diretas e indiretas entre o heterossexismo e o ajustamento de adolescentes criados por mães lésbicas. Os autores afirmam que, como já apontado por estudo prévio com uma amostra de crianças, a escola, a família e as relações sociais de jovens têm repercussões diretas na proteção e no bem-estar de adolescentes criados por mães lésbicas. Isto é, a forma como fatores externos à família – como a escola e os amigos – concebem a sexualidade de lésbicas teve repercussões no ajustamento dos adolescentes participantes.

Dos artigos publicados em francês, L'Archevêque e Danielle (2013), a partir de uma amostra de 77 pais *gays* de Québec, no Canadá, buscaram analisar os fatores envolvidos na integração da identidade homossexual e da identidade parental nesses pais. De acordo com os autores, os participantes que apresentaram menos vergonha com relação à própria homossexualidade eram mais propensos a revelar suas identidades sexuais para seus filhos, a planejarem suas famílias e a desenvolverem livremente suas identidades. Ademais, esses pais apresentaram grau mais elevado de percepção de competência na criação dos filhos e tendiam a apresentar ajustamento psicológico mais adequado. Outro artigo publicado em francês é o estudo desenvolvido por Tarnovski (2011) e o publicado em espanhol é o estudo elaborado por Vespucci (2014), ambos já descritos nessa revisão da literatura.

2.2.2. Síntese do conhecimento e resumo das evidências disponíveis

Tendo em vista os dados descritivos apresentados por essa revisão da literatura, algumas conclusões podem ser depreendidas da análise dos artigos recuperados, o que permite a apresentação de algumas problematizações. Em primeiro lugar, é notória a escassa publicação relacionada às famílias homoparentais que tenham, como ponto

central de interesse, os filhos inseridos nesses contextos familiares. Apenas cinco trabalhos recuperados, todos publicados em periódicos estadunidenses, se preocuparam majoritariamente com os filhos (Bos, Balen, & Boom, 2007; Bresehars, & Lubbe-De Beer, 2014; Goldberg, 2007; Rosenfeld, 2010; Vyncke, Julien, Jouvin, & Jodoin, 2014). Esses estudos, de maneira geral, são objetivos em afirmar que não foram encontrados prejuízos significativos no processo de desenvolvimento dos filhos criados por famílias homoparentais, seja com relação ao progresso escolar ou ao ajustamento infantil. Mais que isso, apontam para vantagens de se crescer em famílias com arranjos distintos do modelo tradicional de família, marcado pelo imperativo da heterossexualidade, no sentido de permitir que os filhos se percebam mais abertos à diversidade e mais tolerantes com as diferenças.

Entretanto, o que parece escapar às argumentações elaboradas por esses pesquisadores é a preocupação com as subjetividades singulares desses sujeitos, nesse caso, especificamente, os filhos inseridos em tais contextos familiares. É inegável a importância dos estudos referidos, sobretudo se levarmos em conta a pouca quantidade de publicações sobre o tema quando comparadas a outras temáticas trabalhadas pela Psicologia. Entretanto, faz-se necessário o olhar para as particularidades que podem surgir nos ditos espaços de desenvolvimento, na medida em que, ainda que inseridos em ambientes privados que tendem a questionar o modelo tradicionalmente imposto de família, esses atores sociais também se encontram em uma sociedade marcada pela heterossexualidade compulsória, sofrendo suas sanções e sendo interpelados, a todo momento, pela necessidade de responderem a essa norma social. Ademais, fica evidenciada a carência desses estudos no Brasil, onde existe o predomínio de publicações que se preocupam, majoritariamente, com problematizações teóricas sobre a homoparentalidade, seja em termos de parentesco (Grossi, 2003), em termos jurídicos (Tavares et al., 2010) ou sociais (Zambrano, 2006).

Outro fator notório depreendido dos resultados encontrados por esta revisão é a preocupação marcante dos pesquisadores com fatores especificamente relacionados à adoção (Goldberg, & Smith, 2009; Goldberg, & Smith, 2013; Goldberg, Smith, & Kashy, 2010; Tornello, Farr, & Patterson, 2011). Todos os estudos mencionados não encontraram diferenças significativas relativas à adoção quando colocada face às diferentes formas de organização familiar estudadas. Tornello, Farr e Patterson (2011), entretanto, afirmam que as famílias *gays* nas quais os pais adotivos se viam de maneira

menos positiva apresentavam maiores escores de estresse parental. Essa preocupação de comparar características relacionadas à parentalidade em pessoas heterossexuais e pessoas homossexuais, identificada nesta revisão, confirma uma tendência já observada por Roudinesco (2003) de tentativa de comparação entre aspectos parentais dessas duas populações, demonstrando mais uma atitude política e menos uma atitude científica.

Nesse sentido, ao invés de buscar as idiosincrasias dos sujeitos homossexuais, essas pesquisas parecem procurar as “aptidões psicológicas” dos homossexuais para serem pais, não dando voz, de fato, a essa população (Roudinesco, 2003). Essa atitude, ademais, busca a compreensão de critérios unicamente objetivos para essas compreensões, baseando-se, geralmente, em instrumentos fechados e construídos para a avaliação prática de comportamentos, como escalas e questionários. Isto é, ao que parece, esses estudos não estão, de fato, preocupados com as dimensões da subjetividade. Dessa forma, acredita-se que seja necessário maior empenho dos pesquisadores que se dedicam ao estudo da homoparentalidade no sentido de que sejam desenvolvidos novos trabalhos que deem visibilidade a outras formas de organização familiar, não desvalorizando as pesquisas que se ocuparam da adoção, mas incentivando a preocupação com a diversidade de configurações familiares existentes dentro da própria família homoparental. Nesse sentido, apenas o artigo elaborado por Vanfraussen, Ponjaert-Kristoffersen e Brewaeys (2003) se ocupou de outra forma de constituir família, que não apenas pela vida da adoção.

Chama a atenção o fato de existir predomínio dos estudos empíricos produzidos nos Estados Unidos e dos estudos teóricos produzidos no Brasil. Isso pode ser explicado pela própria tradição norte-americana de dedicação aos trabalhos empíricos, mas também por uma demora por parte da ciência brasileira em se dedicar aos aspectos vivenciais das novas configurações familiares, privilegiando discussões teóricas que, ainda que possuam sua importância, deixam de lado questões subjetivas e as demandas específicas desses sujeitos. Ademais, o que parece existir é a busca por uma verdade sobre a parentalidade exercida por sujeitos não heterossexuais, de modo a igualá-los àqueles que tem sua sexualidade não questionada pela heteronorma. Esse fato, além de desconsiderar singularidades, traz consequências negativas na medida em que apaga as diferenças, tornando o que pode ser extremamente rico, em termos de possibilidade de ação, em apenas mais um número.

Dessa forma, pode-se observar ao menos uma semelhança entre os estudos empíricos publicados em inglês e as discussões teóricas dos estudos publicados em português: em ambos os casos fica evidente a noção de que aqueles que expressam uma sexualidade fora da norma socialmente definida não têm direito à voz. Isto é, ao que parece, a academia reproduz uma condição social de exclusão na medida em que não demonstra interesse pela escuta dos sujeitos inseridos nos contextos diversos que pretende investigar. Ao invés de um espaço facilitador de transformações sociais, ao menos no que diz respeito à homoparentalidade, a produção científica mantém o *status* privilegiado da heterossexualidade, renegando a homossexualidade à subalternidade.

O predomínio de publicações em inglês e português pode ser explicado por vieses da presente revisão, sobretudo com relação às bases de dados utilizadas. Outra limitação desta revisão está nos descritores selecionados para a realização das buscas. Com o acréscimo de alguns descritores é possível que exista um aumento no número de publicações encontradas, ainda que o número de artigos recuperados para a presente revisão tenha sido surpreendente, dada a especificidade da temática em estudo. As bases de dados selecionadas para a presente revisão, ainda que apresentem o viés de possibilidade de recuperação apenas de artigos publicados em periódicos indexados nessas bases, apresentam, ao menos à primeira vista, uma limitação importante da área das ciências da saúde e das ciências humanas e sociais com relação à homoparentalidade, não sendo encontrado nenhum ou apenas poucos artigos com esse tema nas referidas áreas do saber.

Estudos advindos da Psicologia foram predominantes, sobretudo os que eram discutidos a partir da Psicanálise (Passos, 2005; Perelson, 2006; Zambrano, 2006), também dadas às bases de dados selecionadas, mas outras áreas de conhecimento como a Antropologia (Fonseca, 2008; Medeiros, 2006; Zambrano, 2006) e o Direito (Tavares et al., 2010) surgiram como agentes provocadores de discussões referentes ao tema. Seria interessante, então, a condução de novos estudos que discutissem a família homoparental a partir de outros referenciais teóricos, de forma a auxiliar a consolidação dos estudos na área e a estabelecer um diálogo com outras epistemologias e formas de saber. Uma das possibilidades de olhar para essas famílias é a partir de uma perspectiva *Queer*, lente adotada para as discussões deste trabalho.

2.3. Um olhar *Queer*: possibilidade de historicização no âmbito da ciência psicológica

A chamada perspectiva *queer* tem sua origem em uma conjunção complexa e muitas vezes não pacífica entre o movimento social, as teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que já se dedicavam e proporcionavam uma investigação que se desenvolvia sobre a categoria do sujeito antes dos anos 80. Sendo uma palavra que, em língua inglesa, pode se referir tanto a sujeitos masculinos quanto femininos, o termo *queer* também é usado para designar todas as combinações das dicotomias de gênero que podem ser articuladas a partir da prática cotidiana daqueles que são considerados marginais em relação à norma heterossexual (Garcia, 2007).

A palavra *queer* pode ser traduzida, como estranho, ridículo, excêntrico, raro, extraordinário, e constitui uma forma pejorativa de tratamento atribuída não apenas, mas especialmente, a homens e mulheres homossexuais (Louro, 2006). Há de se levar em conta que, ainda que comumente apresentada como uma teoria, a corrente *queer* surge justamente como uma crítica às classificações, não no sentido de eliminá-las, mas no intuito de evidenciar os jogos de poder que permitem a construção das mesmas. Assim, como afirmado por Sedgwick (2007), aquilo que é *queer* está relacionado com o indistinguível, o indefinível, o instável, o transitório.

O surgimento do movimento *queer* pode ser atrelado à confluência de diversas crises que permitiram uma mudança radical na política sexual, sobretudo nos Estados Unidos e em alguns países europeus (Miskolci, 2011; Sáez, 2007). Dessa forma, a crise criada pela disseminação do vírus da imunodeficiência adquirida (HIV), a crise do feminismo heterocentrado e a crise da assimilação da cultura *gay*, engendrada pelo capitalismo, permitiram que a sexualidade saísse da esfera estritamente privada e pessoal e passasse a se localizar em uma arena política e social, se transformando, mais do que um lugar de poder, em um lugar de resistência (Sáez, 2007).

Mais do que a identificação de uma nova enfermidade entendida já nos anos 1980 como uma síndrome adquirida por meio de um vírus sexualmente transmitido, o HIV/Aids passou a ser relacionado às práticas sexuais homossexuais. Assim, o que se viu a partir de então foi a maior propaganda homofóbica já empreendida, com campanhas de demonização às práticas e corpos homossexuais (Sáez, 2007) frente ao que foi então chamado de “praga *gay*” (Miskolci, 2011). Diante de um governo conservador e moralista que vigorava nos Estados Unidos àquela época, como ilustrado

de forma primorosa no filme *Dallas Buyers Club* (Estados Unidos, 2013), surgem movimentos organizados não apenas de *gays* e lésbicas, mas de soropositivos, trabalhadores sexuais, homens e mulheres negras, pessoas *trans* e de um sem fim de grupos ditos minoritários que, de acordo com Sedgwick (2007), podem ser nomeados *queer*, uma vez que esses coletivos também eram e ainda são marginalizados e vulneráveis a violência frente à norma constituída tendo como referente o homem, branco, heterossexual e cristão.

O mais expressivo grupo surgido nesse período foi o ACT UP - *Aids Coalition to Unleash Power*, representante responsável por uma mudança radical na forma de militância em contexto norte-americano. Se até então os movimentos minoritários advogavam no sentido de uma inclusão às normas vigentes a partir de uma negociação de cotas de poder, o ACT UP se organizava a partir da denúncia direta e explícita, de boicotes ou intervenções consideradas ilegais, desafiando a ordem social e política (Sáez, 2007).

No que se refere à crise do feminismo, na década de 80 também se viu um questionamento das mulheres frente a uma produção científica dedicada a elas, mas produzida, sobretudo, por mulheres brancas, heterossexuais e de classe média, desconsiderando as mulheres negras, lésbicas ou menos favorecidas economicamente. Da mesma forma, o movimento *gay*, que já tinha sua organização nos Estados Unidos desde o início do século XX, passa a se estabelecer em torno de nichos de mercado, como elucidado pelo filme *Milk* (Estados Unidos, 2008) em uma clara tentativa de integração à normalidade heterocentrada propiciada pelo capitalismo (Sáez, 2007).

Diante das crises brevemente apresentadas, então, surge o chamado movimento *queer*, movimento questionador das ações políticas, acadêmico-científicas e sociais normatizadoras engendradas a respeito dos e, muitas vezes, pelos próprios grupos ditos minoritários que tentavam se enquadrar em uma norma. O movimento teve seu marco na parada do orgulho *gay* realizada na cidade de São Francisco no ano de 1993, evento no qual propôs-se um discurso não-assimilacionista do que estava em voga na comunidade *gay* desde os anos 80, isto é, a afirmação de uma identidade homossexual que era entendida, pelos *queers*, como mais uma forma de aprisionamento subjetivo (Miskolci, 2011).

Nesse sentido, o movimento *queer* questionava, além da afirmação do orgulho por uma identidade homossexual, a legitimidade e a estabilidade da heterossexualidade

no sentido de uma tentativa de fuga da normalização ou hierarquização das sexualidades, propondo, de fato, uma verdadeira “libertação sexual” já historicamente colocada como pauta de luta pelos movimentos sociais nos anos 60 (Miskolci, 2011; Salih, 2012). Deste modo, o posicionamento *queer* parece materializar a noção de que, assim como evidenciado por Foucault (1999), o poder, perpetuado por meio das normas heterocentradas, não atua apenas a partir de uma perspectiva negativa que nega ou limita ações, mas tem, sobretudo, um caráter produtivo, na medida em que incita a ação a partir da resistência.

Dessa maneira, a norma heterossexual que rege a todos os que vivem na sociedade ocidental – homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, cisgêneros, transgêneros, agêneros ou mesmo aqueles que se identificam como gênero fluido, por exemplo – é questão fundamental para o que passou a ser denominado teoria *Queer* (Pereira, 2008) e está diretamente relacionada aos questionamentos produzidos no meio social ainda na década de 1980. Contudo, é importante a consideração de que as discussões acadêmicas que acabaram por utilizar o fenômeno *queer* como uma teoria são, na verdade, uma apropriação da realidade cotidiana pelo meio universitário (Miskolci, 2011; Vidarte, 2007).

O que hoje em dia é conhecido como teoria *Queer* é, de fato, uma tentativa do meio acadêmico-científico de dar conta, a partir dos recursos teóricos que dispõe, de fenômenos singulares presentes nas ações políticas dos sujeitos (Vidarte, 2007). Em contexto norte-americano, a teoria *Queer* adentra os debates acadêmicos por meio do encontro entre a Filosofia e os Estudos Culturais com o pós-estruturalismo francês e se propõe a problematizar e subverter as concepções tradicionais e clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação (Galli, Vieira, Giami, & Santos, 2013; Miskolci, 2011). No Brasil, por sua vez, os questionamentos *queer* têm a origem de seus debates já em contexto acadêmico com o trabalho de Guacira Lopes Louro, na área da Educação (Miskolci, 2011).

No campo da ciência psicológica, a inserção *queer* se desenvolve por um caminho mais difuso e não claramente definido, se apresentando, na atualidade, como uma proposta de mudança dos paradigmas tradicionais da Psicologia, sobretudo no que se refere ao indivíduo e suas formas de subjetivação. Isso significa dizer que, talvez, um caminho possível para uma aproximação entre a Psicologia e uma perspectiva *queer* seja abandonar a noção de indivíduo como única referência para entender a

subjetividade, permitindo, assim, uma concepção de subjetividade que ultrapasse o nível intrapsíquico, sem, contudo, deixar de lado a singularidade de cada sujeito. Ou seja, a proposta é a de que passemos a entender a subjetividade como um processo no qual estão em jogo forças externas ao sujeito, materializadas pelo *corpus* social que é múltiplo e heterogêneo (Stubs, Teixeira-Filho, & Peres, 2014). Ao mesmo tempo, que essa subjetividade seja compreendida como uma posição única e singular frente às diversas demandas e exigências do meio social que reverberam nos sujeitos.

No que diz respeito à sexualidade, de acordo com Sampaio e Germano (2014), por meio de um olhar *queer*, a suposta coerência entre o sexo, o gênero e o desejo, é desfeita a partir da emergência de argumentações que demonstram, por meio de diversos dispositivos - as instituições, as leis, a ciência e as políticas de estado – como se normatiza e se controla a sociedade, colocando os sujeitos sempre frente a uma heterossexualidade compulsória. Nesse sentido, a perspectiva *queer* evidencia como a tentativa de universalizar aspectos como a cultura, a raça, a classe e a orientação sexual, por exemplo, acaba por apagar as especificidades de cada sujeito, perdendo de vista seu aspecto singular e continuamente cambiante.

Buscando evidenciar as especificidades de cada sujeito e problematizar os jogos de poder envolvidos nas construções sociais que, ao mesmo tempo que produzem uma norma, delimitam o que é marginal (Foucault, 1999), são muitas as discussões e proposições *queer*, fazendo com que cada autor apresente uma ênfase em suas argumentações e se ocupe de determinadas posições subjetivas nas problematizações que propõem. Essas considerações não estão apenas colocadas frente a temas como os já mencionados – sexo, gênero, desejo – mas também ao estilo, à escrita e à própria argumentação, mantendo a coerência da teoria no sentido do “*queer* como movimento” proposto por Sedgwick (2007).

Talvez a proposta mais explicitamente subversiva de desconstrução do socialmente estabelecido seja feita por Preciado (2014) em seu *Manifesto Contrassexual*. A proposta do autor espanhol é a de que deixemos de entender a Natureza como fundamento legitimador de sujeição de uns corpos a outros. Por meio de uma tentativa de desconstrução das concepções de sexo e de gênero como verdades biológicas inscritas nos corpos, noção historicamente construída (Butler, 2003a), a proposta é que os sujeitos possam aceder a todas as práticas significantes recusando qualquer posição determinada como masculina, feminina ou perversa. Assim, o autor

propõe que os sujeitos renunciem “não apenas a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, mas também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes” (Preciado, 2014, pp. 18-19).

A partir dessas considerações, Preciado (2014) argumenta que a contrassexualidade é uma proposta de subversão dos corpos situando-os fora de binarismos tradicionalmente impostos como macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino ou heterossexual/homossexual. Tendo em vista que a sexualidade nada mais é do que uma tecnologia que define corpos sexuados e generizados, isto é, corpos que trazem em si as marcas do seu próprio gênero, definido socialmente, a proposta do autor é que essas marcas sejam abandonadas por meio da recusa de um sexo e de um gênero natural e impositivamente atribuídos aos corpos.

A figura mais reconhecida, entretanto, no que se refere à teoria *Queer*, talvez seja a norte-americana Judith Butler (Miskolci, & Pelúcio, 2007). Não se definindo por qualquer corrente de pensamento ou escola filosófica, o que iria contra a sua própria concepção de mundo, Butler vai trabalhar, em todas as suas obras, questões relativas a formação da identidade e da subjetividade. Nesse sentido, a autora, professora de retórica e literatura comparada na Universidade de *Berkeley*, busca a descrição dos processos pelos quais torna-se sujeito ao se assumir identidades dentro das estruturas de poder existentes (Salih, 2012).

Duas ideias-chave são de fundamental importância para a compreensão do alcance da obra de Butler e serão particularmente relevantes no desenvolvimento do presente estudo: a performatividade e a heteronormatividade. É importante evocar aqui a apreciação de Preciado (2014) de que o primeiro conceito aqui tratado – a performatividade – não é um conceito butleriano, mas sim uma apropriação que a autora norte-americana fez da obra do filósofo inglês John Langshaw Austin. Longe de ser um conceito de entendimento fácil, Austin, teórico da Filosofia da Linguagem, propõe que a fala é performativa na medida em que não representa apenas uma enunciação de fatos, mas sim conforma uma ação no mundo, transformando o mundo, o sujeito que fala e a própria linguagem. Assim, para Austin, a partir da Teoria dos Atos de Fala, todo dizer é também um fazer (Silva, 2007).

Nesse sentido, Butler (2003a) afirma que não há sexo que não seja, desde sempre, gênero. Isso significa dizer, em uma aproximação à subversão da Natureza

proposta por Preciado (2014), que não há entendimento de um corpo natural que exista anteriormente à sua inscrição cultural, ou seja, não há existência que não seja social. Assim:

Considerando que o “sexo” é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio (Butler, 2003a, p. 165).

Dessa forma, conclui-se que o gênero não é o que somos, mas sim o que fazemos, sendo, portanto, um verbo, não um substantivo, evidenciando seu caráter performativo, isto é, seu caráter de ação no mundo tal qual a linguagem. A identidade de gênero é performativa, então, na medida em que, a partir dessa concepção, são os discursos que produzem os gêneros.

Afirmar que o gênero é performativo significa dizer que, ainda que existam regras sociais relativamente fixas que ditam o que é ser homem ou mulher e o que é próprio do masculino e do feminino, ao se colocar no mundo, os sujeitos podem subverter a norma socialmente estabelecida e, dessa forma, reconstruí-la. A performatividade de gênero, então, diz respeito a uma prática de reiteração singular das normas que definem o que é ser homem e ser mulher por meio da qual o discurso produz o que se propõe a nomear (Butler, 1999).

Em uma possível aproximação entre a perspectiva *queer* e a psicanálise, a subversão e a reconstrução das normas socialmente estabelecidas se dão por meio de falhas, de lapsos, de fendas observadas na repetição do discurso social. Levando-se em consideração que a pulsão e o inconsciente atravessam os sujeitos, a repetição das normas se dá de maneira única em cada um (Porchat, 2013), criando a ilusão de pertença a determinado gênero que é, antes de tudo, um discurso. Ou seja, quando me afirmo enquanto homem, por exemplo, meu discurso vem carregado de uma ideia ilusória e já particular do que é ser homem, ideia essa produzida e perpetuada no meio social. Entretanto, levando-se em consideração aspectos inconscientes presentes no meu discurso – minha história, minhas representações, minhas fantasias, meus desejos, as próprias normas por mim internalizadas – construo, de maneira particular, o que é ser homem.

O conceito de heteronormatividade, a seu tempo, também não é próprio de Butler, ainda que seja por ela trabalhada. O termo surge, pela primeira vez, no trabalho

de Warner (1991), quando este afirma a heteronormatividade como uma norma generalizada e muitas vezes invisível nas sociedades modernas que vai, capilarmente, regulando as relações e as possibilidades de ser a partir de uma heterossexualidade compulsória.

Com base nesses conceitos, Butler trabalha na desconstrução da matriz sexo-gênero-desejo-prática, que é por ela denominada como sistema regulatório e normatizador (Butler, 2003a). De acordo com essa matriz, uma pessoa nascida com determinada genitália vai necessariamente se identificar com um gênero que é socialmente esperado e, por consequência, terá um desejo e uma prática sexual hetero-orientadas.

Ilustrando o conceito de heteronormatividade e relacionando-o à própria performatividade, Preciado (2014) afirma que nenhum de nós escapa a essa interpelação heterossexual. Exemplificando esses termos com o exame de ultrassonografia realizado por gestantes, o autor conclui que “todos passamos por essa primeira mesa de operações performativa: ‘é um menino!’ ou ‘é uma menina!’” (Preciado, 2014, p. 105). Assim, a partir dessas constatações, ficarão delimitadas as expectativas sociais sobre sujeitos que, ao menos fisicamente, ainda não nasceram. Os efeitos da heteronormatividade e das tecnologias desenvolvidas a partir dela, então, acabam por definir os órgãos e as suas funções, assim como a sua utilização normal, socialmente esperada, ou perversa, socialmente rechaçada desses corpos. É interessante notar que, trabalhada dessa maneira, a heteronorma surge como um marco regulatório que nos define e orienta nosso comportamento desde antes do próprio nascimento.

Pensando a partir de uma perspectiva psicológica, Peres (2013) afirma que as práticas em Psicologia demonstram, historicamente, um comprometimento com a manutenção e perpetuação do sistema regulatório evidenciado por Butler, contribuindo para os mecanismos de manutenção do poder e da norma prescritiva também problematizada por Foucault (1999). Assim, ao se propor trabalhar com sexualidade humana e, mais precisamente, com a diversidade sexual, é importante que se rompa com o paradigma tradicionalmente utilizado pela Psicologia de uma lógica perversa normativa, posicionando política e criticamente a profissão e as pesquisas na área (Azerêdo, 2013). Mais que isso, é imperativo que os campos psi atuem de maneira condizente com as vivências da contemporaneidade, sendo, também, um potencializador das transformações sociais em favor da livre expressão da sexualidade (Porchat, 2013).

2.4. Gênero e Masculinidade: dois conceitos, múltiplos significados

Diante do anteriormente exposto, parece ser importante uma exploração mais detalhada e problematizada dos conceitos de gênero e masculinidade, conceitos estes passíveis de distintas significações. Em se tratando de um estudo que se propõe a compreender a família homoparental masculina tendo em vista a visão dos pais e dos filhos inseridos nesses contextos familiares, entendo que as considerações feitas aqui sobre estes conceitos serão importantes para o entendimento da continuidade do trabalho e poderão dar dicas valiosas sobre como essas construções são feitas pelos sujeitos que participaram da pesquisa.

O conceito de gênero emerge tendo como ponto de partida os movimentos feministas de contestação da dominação exercida sobre as mulheres já no século XIX (Louro, 1997) e é, de acordo com Scott (1995), por meio de feministas de origem inglesa que o termo *gender* passa a ser usado de maneira distinta ao conceito de *sex*. De acordo com a autora, essa diferenciação tinha por meta a rejeição de um suposto determinismo biológico implícito no termo “sexo”. Ademais, por meio da linguagem, buscava-se acentuar um caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em diferenças anatômicas entre homens e mulheres.

A construção do termo “gênero” tinha o intuito não de abolir as diferenças entre os corpos, mas enfatizar a atribuição deliberada de uma associação *stricto sensu* entre a anatomia e as desigualdades sociais (Louro, 1997). Nesse sentido, as desigualdades socialmente observadas entre homens e mulheres deixam de ser entendidas a partir de uma perspectiva puramente biológica e passam a ser vistas a luz de uma construção ideológica que coloca as mulheres – e tudo o que é feminino – em posição subalterna diante dos homens – e tudo o que é masculino – sendo, assim, fruto da escolha intencional de hierarquização dos corpos e, porque não, das subjetividades Loyola (1999).

A partir dessa transformação paradigmática, então, é possível entender o gênero como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). É importante salientar que, com essa transformação na forma de entendimento do que é o gênero, não se pretende anular as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas sim explicitar as construções que se fizeram historicamente sobre essas diferenças. Nesse sentido, o gênero é a forma pela qual a prática social é ordenada, ou seja, é como

a prática social é constantemente referida às ações dos corpos, sem, contudo, se reduzir a eles (Connell, 2005).

Assim, “o gênero não é *fixo* em uma interação social, mas *construído* na interação social” (Connell, 2005, p. 35). Isso significa dizer que, assim como o sujeito performativo de Butler, que se constrói na medida em que age sobre o mundo, o gênero também pode ser entendido como uma ação, como um processo que não tem uma origem claramente definida nem se apresenta enquanto um fim em si mesmo. O gênero, então, é “não natural”, não havendo relação necessária entre o corpo de determinado sujeito e o gênero com o qual ele se reconhece (Butler, 2003a). Nesse sentido, o gênero não é uma construção coerente e consistente, mas interpretado e reformulado a partir de contextos históricos, raciais, étnicos, sexuais, regionais e de classe. Sendo um aspecto discursivamente construído – entendendo discurso não apenas como palavra, mas como ação no mundo – é impossível dissociar gênero e os aspectos políticos e culturais nos quais ele é construído (Butler, 1999).

Nos que se refere à masculinidade, de acordo com Connell (2005), três são os projetos principais de entendimento deste conceito pela ciência no século XX a partir de diferenciadas formas de conhecimento: o conhecimento clínico que, engendrado sobretudo pela psicanálise freudiana, vai ganhar contornos posteriores em aproximações ou distanciamentos com o conceito de complexo de Édipo; o conhecimento advindo da psicologia social que se baseará no conceito de papéis sexuais; e o conhecimento advindo do desenvolvimento da antropologia, da sociologia e da história que, de acordo com a autora, proporcionaram visões mais dinâmicas e relativas da masculinidade. É importante salientar que não se faz uma hierarquia da elaboração mais ou menos correta sobre a masculinidade a partir dessas três formas de conhecimento apresentada pela autora, mas sim uma apresentação crítica e generosa de cada uma delas.

A masculinidade é uma construção constante em um longo percurso que diz respeito a aspectos políticos e sociais da vida de um sujeito (Ceccarelli, 1997) e, ainda que exista notoriamente uma dominação masculina (Welzer-Lang, 2001) é inapropriada a afirmação de que a masculinidade se define apenas pelas diferenças entre os homens enquanto bloco e entre as mulheres enquanto bloco (Connell, 2005). Ou seja, por mais que seja evidente e clara a noção de que homens possuem privilégios sociais, sendo a sociedade estruturada por e para homens caucasianos, heterossexuais e economicamente

favorecidos, para se trabalhar com o conceito de masculinidade é imprescindível ter-se em mente as diferenças existentes entre os próprios homens.

Como afirmado por Beiras e Cantera (2012), é esperado que homens tenham certos comportamentos e demonstrem força, virilidade, valentia e outros atributos que, ao contrário do que se pode imaginar, não são necessariamente fixos, mas sim reiterados e atualizados cotidianamente tanto por homens quanto por mulheres. É nesse contexto que surge a denominada masculinidade hegemônica, ou seja, um conjunto de práticas – não apenas expectativas sociais – que possibilitam e proporcionam a perpetuação da dominação dos homens sobre as mulheres e de homens sobre outros homens (Connell, & Messerschmidt, 2013).

Amplamente utilizado e difundido, o conceito de masculinidade hegemônica se mostrou útil, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013), para o desenvolvimento de pesquisas nas mais variadas temáticas como nos estudos de educação, na criminologia, nas pesquisas sobre as representações dos homens na mídia, no entendimento da preferência de homens por esportes de agressão e de contato, nos estudos sobre a exposição dos homens a situações de risco, nos estudos organizacionais, etnográficos, militares, entre outros, sempre afirmando as características de força, virilidade e valentia já aqui mencionadas.

Contudo, é necessária a problematização de que o conceito de masculinidade hegemônica não diz respeito simplesmente a um modelo de reprodução social, mas sim a um conceito que evidencia lutas sociais nas quais podem ser observadas e devem ser reconhecidas as influências de masculinidades subordinadas à chamada masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Connell, & Messerschmidt, 2013).

Tratar, então, das masculinidades, é tratar de práticas que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo e que estão em permanente diálogo com o que é *ser*, isto é, com a constituição e o desenvolvimento do próprio sujeito. As masculinidades são, portanto, na medida em que se pode brevemente definir o conceito, lugares em que nos posicionamos nas relações de gênero, ou seja, as práticas por meio das quais homens, sejam eles cisgêneros ou transgêneros, hetero, homo ou bissexuais, se posicionam nessas relações de gênero e, ao mesmo tempo, os efeitos que essas práticas têm na experiência em nível corporal, cultural e na personalidade (Connell, 2005).

Seguindo essa linha de raciocínio, torna-se mais palpável e claro o questionamento *queer* sobre a afirmação do orgulho de uma identidade homossexual, tendo em vista o entendimento de que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, são produtos de uma organização social disciplinadora e punitiva àqueles que questionam a norma (Preciado, 2014). Isso significa dizer que, sendo a masculinidade um posicionamento nas relações de gênero, tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade masculina estarão sempre postas frente ao o que é ser homem.

3. JUSTIFICATIVA

Dada a crescente visibilidade dos sujeitos que expressam sua sexualidade de maneira distinta àquela imposta pela norma heterossexual, por meio do ativismo e das organizações sociais de defesa dos direitos LGBTTT, torna-se insustentável a negação do olhar às reivindicações desses atores sociais quanto à legitimidade das configurações familiares distintas da chamada família tradicional. O conceito de família, desse modo, parece estar em processo de reinvenção e reavaliação, fazendo com que as famílias diferentes daquelas consideradas “naturais” entrem nas pautas de discussão dessa temática (Grossi, 2003; Mello, 2005; Moris, 2008; Roudinesco, 2005; Souza, 2006).

Em contexto internacional, discussões e alterações nas legislações referentes às uniões entre pessoas do mesmo sexo e a adoção por casais homossexuais estão na pauta dos governos há mais de 20 anos. Entretanto, é importante destacar que referidos processos, isto é, a legitimação de uniões entre pessoas do mesmo sexo e a garantia de direitos às famílias homoparentais foram distintos em cada um dos países. O ponto de partida, em termos jurídicos, data de 1989, quando o parlamento dinamarquês aprovou uma lei que permitiu as uniões entre pessoas do mesmo sexo em território nacional. A partir desse momento, outros países, sobretudo do continente europeu, começaram a debater questões relativas à diversidade sexual (Calvo, 2010).

Dadas as peculiaridades histórico-culturais de cada nação e as organizações dos movimentos de luta por direitos em cada uma delas, é importante serem apontadas algumas diferenças importantes nas garantias existentes em alguns países. África do Sul, Dinamarca, Israel, Islândia, Noruega, Bélgica, Holanda, Portugal e Espanha são exemplos de países nos quais não existe diferenças de direitos entre sujeitos de acordo

com sua orientação afetivo-sexual, seja em termos de união estável ou casamento, ou em termos de adoção (Bimbi, 2010; Calvo, 2010; Vespucci, 2014).

Em outros países como na Alemanha, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é proibido, sendo possível, entretanto, a união civil. No Reino Unido, o casamento é permitido na Inglaterra, sendo possível, na Irlanda do Norte, apenas a união civil. Na França, intensos debates sobre a temática do casamento entre pessoas do mesmo sexo e do direito à adoção por casais homossexuais são travados desde o final da década de 1990 quando, em 15 de novembro de 1999 entrou em vigor o “pacto civil de solidariedade”. O chamado *PACS* permite que casais, sejam hetero ou homossexuais, legalizem suas uniões por meio de um contrato específico que se localiza, em termos de garantia de direitos, entre as uniões civis e o casamento. Não é possível, entretanto, que casais homossexuais adotem crianças ou que optem pela procriação medicamente assistida (Roudinesco, 2003). Na Itália, o Senado local aprovou, no dia 25 de fevereiro de 2016, projeto de lei que legaliza a união civil entre pessoas do mesmo sexo, sendo necessária, ainda, a aprovação da Câmara dos Deputados para que a população homossexual italiana tenha esse direito reconhecido.

No continente americano, por sua vez, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, nos Estados Unidos, foi aprovado em todo o território nacional em julho de 2015. A adoção conjunta, entretanto, fica restrita a alguns estados. Na Argentina, fortemente influenciada pelas alterações ocorridas na Espanha em 2005, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é garantido por lei desde 2010, tornando-se, assim, o primeiro país da América Latina a legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo (Bimbi, 2010). No Uruguai, a união civil entre pessoas do mesmo sexo é garantida por lei desde 2009, sendo aprovado o casamento em 2013.

No Brasil, como já comentado nesta Dissertação, as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo são garantidas desde de 2011. Em decisão histórica, o STF, em 5 de maio do referido ano, abriu precedente para a possibilidade de que o exercício da homoparentalidade pudesse ser reconhecido como legítima reivindicação de pessoas não heterossexuais, bem como ser tonificado pela expectativa de regulamentação da adoção por esses casais validando, de uma vez por todas, as configurações familiares homoafetivas (Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013). Dois anos depois, em 16 de maio de 2013, entrou em vigor a resolução nº. 175 do CNJ que impede que os cartórios brasileiros se recusem a converter as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo em

casamento civil. No que se refere diretamente à adoção, data de 2010 a primeira decisão, em território nacional, a favor de um casal homossexual ter a parentalidade reconhecida.

Assim, diante das transformações sociais observadas nos últimos anos no que se refere ao tema das famílias homoparentais, é proeminente a necessidade de melhor conhecer a chamada homoparentalidade, de forma a se construir uma problematização crítica das demandas que parecem contestar a naturalidade da família nuclear heterossexual (Souza, 2006). Os estudos científicos produzidos no Brasil, ainda que relevantes, são pouco numerosos e diversificados no que se refere às investigações sobre as peculiaridades das famílias homoafetivas (Almeida, 2012; Farias, & Maia, 2009; Grossi, 2003; Manzi-Oliveira, 2009; Mello, 2005; Moris, 2008; Salomé, Espósito, & Moraes, 2007; Santos, 2013; Souza, 2006; Tarnovski, 2002; Toledo, 2008; Uziel et al., 2006), fato este que pode ser hipotetizado como uma herança dos valores institucionais propagados pelo regime militar que tem reflexo, também, na academia (Green, & Quinalha, 2014). No contexto internacional, por sua vez, encontra-se uma literatura bastante prolífica (Goldberg, & Smith, 2009; Riskind, & Patterson, 2010; Solis-Ponton, 2002; Tasker, 2005; Vecho, & Schneider, 2005). Desse modo, a filiação de pessoas homossexuais tem sido alvo de diversas pesquisas em países de primeiro mundo (Grossi, 2003), entretanto, existe a clara necessidade de investigações empíricas em contexto nacional (Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013).

Resultados consistentes já foram obtidos em pesquisas desenvolvidas em outras realidades socioculturais, sobretudo no que se refere a não identificação de diferenças significativas no que tange o funcionamento das famílias homoparentais (Averett, Nalavany, & Ryan, 2009; Goldberg, & Smith, 2009; Riskind, & Patterson, 2010; Tasker, 2005), tanto em termos do desenvolvimento psicossocial dos filhos como da aquisição de habilidades parentais por parte dos pais. Os achados da literatura sugerem que o preconceito, geralmente manifestado fora do núcleo familiar, é o elemento deflagrador das dificuldades enfrentadas pelas famílias homoparentais, e não a formação homoparental em si (Telingator, & Patterson, 2008). Contudo, como também já sinalizado nesta Dissertação, parece não haver, em termos gerais, uma preocupação por parte dos estudos que versam sobre a homoparentalidade com as idiosincrasias e singularidades desses contextos familiares.

Assim, este estudo se justifica na medida em que poderá, por meio de um conhecimento crítico, fornecer subsídios que auxiliarão a atenuar o preconceito e a discriminação, além de enriquecer e atualizar as discussões acerca do tema das conjugualidades e parentalidades não-hegemônicas no Brasil, sobretudo no campo da Psicologia. Mais que isso, poderá permitir uma mirada aos elementos singulares presentes nas famílias com formação distinta da socialmente imposta. A desinformação se mostra como componente importante nos processos de formação de preconceito e, nessa direção, por meio de articulação do arcabouço teórico com as evidências empíricas, pretende-se apresentar exemplos de vivências legítimas que possam ser utilizadas como sustentação para debates sociais, políticos e acadêmicos que tenham como cerne as famílias homoparentais, sempre tendo como foco as experiências singulares dos agentes sociais envolvidos diretamente nessa questão, ou seja, os pais os filhos inseridos nesses contextos familiares.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer, por meio de estudos de casos múltiplos, o processo de formação e organização de famílias homoparentais constituídas por casais masculinos com filhos, na perspectiva dos pais e dos filhos.

4.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- (1) descrever os significados atribuídos à família, ao cuidado parental e à experiência da paternidade homoafetiva.
- (2) problematizar o processo de construção e manutenção da conjugalidade homoafetiva e da família homoparental.
- (3) dar voz aos filhos inseridos em um contexto homoparental a respeito dos cuidados parentais recebidos e dos significados atribuídos à família na qual estão inseridos.

5. MÉTODO

5.1. Delineamento de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, dentro de um enfoque qualitativo de pesquisa no qual elegi, como estratégia metodológica, a utilização de *estudos de casos múltiplos*. Escolhi essas opções por entender que, diante dos objetivos propostos, essa seria a alternativa metodológica mais adequada para o desenvolvimento do estudo. Nesse sentido, de acordo com Willig (2005), devemos adotar uma posição epistemológica na medida em que conhecemos nossos objetivos, ou seja, devemos buscar uma metodologia que melhor responda às nossas perguntas de pesquisa. Tendo em mente que as metodologias de pesquisa são um processo e não uma receita “passo-a-passo” que devemos seguir, a questão que emerge ao se pensar em uma epistemologia a ser adota é “como podemos melhor nos aproximar do nosso objeto de estudo?”.

Rey (2002) afirma que, ao adotarmos uma epistemologia qualitativa de pesquisa, aceitamos, de antemão, que o nosso objeto de pesquisa possui uma natureza diferente dos objetos de pesquisa em estudos que se utilizam de enfoques quantitativos. Essa consideração se mostra importante na medida em que, tradicionalmente, a pesquisa quantitativa é tida como a “ciência verdadeira”, herdeira da concepção positivista de ciência e de mundo. Afirmar que os objetos de uma ou outra abordagem são diferentes significa dizer que, ao invés da busca pela explicação de fatos que podem ser observados e descritos a partir do estabelecimento matemático de relações de causa-efeito, característico das pesquisas de cunho quantitativo, a pesquisa qualitativa traz luz a um objeto de investigação que é um sujeito interativo, motivado e intencional, ativo em adotar posições frente às situações cotidianas, almejando, assim, a compreensão em detrimento da explicação (Turato, 2005).

Dessa forma, o objeto de pesquisa, em um enfoque qualitativo, “é de idêntica natureza à do pesquisador, que produz pensamento não só a partir de sua posição diante do outro, mas também de sua posição diante de si mesmo” (Rey, 2002, p. 60). A pesquisa qualitativa prima, então, pela compreensão de relações complexas, não se baseando, para tanto, no isolamento de variáveis (Günther, 2006) e é marcada, sobretudo, por subjetividades que estão em constante diálogo. Há de se levar em conta que a escolha por uma ou outra abordagem de pesquisa tem implicações práticas, empíricas e técnicas (Günther, 2006) e deve ser realizada tendo em vista, além dos objetivos do estudo, como já citado, as visões de mundo do próprio pesquisador.

Essa implicação do pesquisador qualitativo no processo de desenvolvimento da pesquisa faz com que seja comum a ideia de que os pesquisadores qualitativos tenham um discurso uníssono e compartilhem as mesmas concepções do que é a pesquisa qualitativa. Entretanto, como afirmado por Denzin e Lincoln (1994), existem diversas definições e paradigmas que definem a própria pesquisa qualitativa, a depender do posicionamento de quem a define. Bogdan e Biklen (1997), sendo autores da área da educação, definem que a metodologia qualitativa é aquela que busca uma melhor compreensão do comportamento e da experiência humana. Nesse sentido, os pesquisadores qualitativos procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem e descrevem significados por meio da observação empírica. Já Morse e Field (1995), pesquisadores da área da saúde, afirmam ser a metodologia qualitativa todos aqueles métodos indutivos, holísticos, êmicos, subjetivos e orientados para o processo. A metodologia seria utilizada para compreender, interpretar, descrever e/ou desenvolver teorias relativas a fenômenos ou a *settings* específicos.

Tendo também sua própria definição do que seria a pesquisa qualitativa, Denzin e Lincoln (1994), autores provenientes da Sociologia, a postulam como sendo multimetodológica quanto ao foco, envolvida por uma abordagem interpretativa e naturalística. Proveniente também da Sociologia e corroborando a noção de que são diversas as definições de metodologia qualitativa mesmo dentro de determinadas áreas do saber, Minayo (1994) afirma a metodologia qualitativa como sendo aquela que busca a incorporação de significados e intencionalidade aos atos, às relações e às estruturas sociais em termos de transformação e construções humanas significativas.

É interessante notar que nas diversas possibilidades de definições de pesquisa qualitativa podem-se encontrar alguns aspectos comuns que, como sistematizado por Turato (2005), podem definir um panorama mais geral para o que é a pesquisa qualitativa. Dessa forma, o objeto de estudo nas abordagens qualitativas são os fenômenos e a busca é sempre pelos significados a eles atribuídos a partir do entendimento de determinado grupo investigado. O fato de a pesquisa ser conduzida em ambiente natural, ou seja, no lugar onde as significações são elaboradas, é de extrema importância tendo em vista a noção de impossibilidade de dissociação entre significado e contexto.

Dados os objetivos da presente investigação, entendo que a utilização de uma abordagem qualitativa responde de maneira mais satisfatória às questões suscitadas por

este estudo. Entretanto, não se trata de utilizar simplesmente uma abordagem qualitativa em linhas gerais, buscando, unicamente, os significados atribuídos aos fenômenos relacionados à homoparentalidade. A busca, aqui, é pela valorização da compreensão e do diálogo entre subjetividades, que se dá, sobretudo, a partir da história de sujeitos que são ativos no processo de pesquisa (Arán, & Peixoto-Júnior, 2007) e da disposição à interação, entendendo que tanto o pesquisador – eu – quanto os participantes, são ativos no desenvolvimento da investigação.

Levando-se em consideração a minha concepção de que a pesquisa pode – e deve? – ser um ato político e as inquietações pessoais que me motivaram a pesquisar a temática da diversidade sexual, pensar em uma epistemologia que me distanciasse das singularidades dos sujeitos se apresentaria de forma incoerente e inconsistente, também, com uma proposta *queer*. Isto é, uma proposta que pretende apontar as fraturas nos discursos, evidenciando o que há de hegemônico numa significação singular e específica de cada sujeito. Da mesma forma, pensar em uma abordagem que não levasse em consideração a minha história de vida, as questões com a minha própria sexualidade e, por fim, que tentasse, de alguma maneira, me apagar enquanto sujeito ativo no processo de produção do trabalho científico, me afastaria, do mesmo modo, da minha compreensão dos motivos que nos levam a fazer pesquisa.

Destarte, inserido em um enfoque qualitativo de pesquisa, optei pela estratégia metodológica de *estudos de casos múltiplos*. Assim como existem diversas possibilidades de caracterização da epistemologia qualitativa de pesquisa, como já apresentado, os estudos de caso apresentam, igualmente, diversas significações. De acordo com Stake (2005) e Yin (2001), os estudos de caso têm a preocupação com o caso em si, e não com os métodos de investigação empregados. Dessa forma, se preocupam com questões referentes ao “como” e ao “porquê” e são utilizados quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e o foco é dirigido para um fenômeno contemporâneo em contexto natural (Stake, 2005; Yin, 2001). De maneira geral, o estudo de caso pode ser definido como uma estratégia de investigação naturalística e flexível, que se utiliza de diversos meios para obtenção de informação afim de testar posições teóricas ou gerar proposições – hipóteses – para serem testadas em estudos futuros (Alves-Mazzotti, 2006).

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso é indicado em três situações específicas: (1) quando os pesquisadores se propõem a testar uma hipótese ou teoria

previamente explicitada e amplamente aceita, o chamado estudo de caso crítico; (2) quando os pesquisadores se propõem a estudar um fato que é extremo ou único, o chamado estudo de caso extremo; (3) quando os pesquisadores têm acesso a uma situação ou fenômeno que até então era inacessível à investigação científica, o chamado estudo de caso revelador.

De maneira semelhante, Stake (2005) também traz três classificações para os estudos de caso, dessa vez tendo em vista a sua finalidade: (1) *Intrínseco*, no qual busca-se a melhor compreensão de um caso apenas pelo interesse despertado por aquele caso em particular; (2) *Instrumental*, quando tem-se a crença de que ele poderá facilitar a compreensão sobre um determinado assunto ou quando servirá para contestar uma generalização amplamente aceita; (3) *Coletivo*, quando são estudados alguns casos em conjunto para que se chegue a uma compreensão ampliada de dado fenômeno, sendo, na realidade, um estudo de caso instrumental estendido a vários casos.

Pode-se notar que, ainda que com nomenclaturas distintas, ambas as proposições apresentam características em comum – assim como acontece com as afirmações sobre abordagens qualitativas – na medida em que emergem a partir do desejo de investigação de um fenômeno social complexo e diz respeito às características significativas dos eventos na vida real (Alves-Mazzotti, 2006). Os estudos de caso devem estar inseridos em um contexto histórico e devem relacionar-se diretamente com a produção de conhecimento. Um caso não é um caso apenas por ser o "disponível" para a realização da pesquisa, mas sim pela sua unicidade, pelo pouco conhecimento sobre seus aspectos gerais e pela curiosidade que desperta naquele que se propõe a investigá-lo. O estudo aqui apresentado pode, a partir das afirmações de Yin (2001) e Stake (2005), ser definido, então, como revelador e coletivo.

Dessa maneira, entendo que a utilização de *estudos de casos múltiplos* está em pleno acordo com uma proposta de investigação sobre a família homoparental masculina, contexto familiar ainda carente de investigações empíricas e investimentos na sociedade brasileira quando comparada a outros contextos culturais. Tal entendimento proporciona uma visão que leva em conta realidades familiares distintas, ainda que os sujeitos participantes deste estudo preservem o fato de serem formadores de núcleos familiares homoparentais. Sendo assim, os “casos” são compreendidos tanto em relação as suas peculiaridades quanto em relação aos seus elementos comuns.

5.2. Participantes

Os participantes deste estudo foram elegidos por critérios de conveniência. Foram convidados a participar todos os casais masculinos com filhos que tenho ou tive contato durante a minha trajetória enquanto pesquisador, além de outros casais que foram conhecidos durante o desenvolvimento do Mestrado, por meio da estratégia denominada *snowball* (Biernacki, & Waldorf, 1981). A partir de critérios de inclusão preestabelecidos, convidei para participar do estudo: a) casais homossexuais masculinos com filhos, sendo estes biológicos, advindos de possíveis relações heterossexuais anteriores, ou adotados, por um dos cônjuges anteriormente ao relacionamento conjugal homossexual, ou por ambos, enquanto casal. A coabitação foi critério de inclusão para o casal de forma a caracterizar o vínculo conjugal, fixando-se, como tempo mínimo, um período de 6 meses de coabitação. (b) filhos(as) de pais homossexuais.

Não houve restrições em relação ao sexo e à idade dos filhos, ao número de filhos do casal, tampouco ao tempo de relacionamento ou ao tipo de relação estabelecida pelo casal, isto é, se em união estável ou casamento. Ainda em relação aos critérios de inclusão, não houveram restrições quanto à classificação socioeconômica, grau de instrução nem cidade em que residiam. A coabitação com os filhos, ao contrário do que ocorreu em relação ao casal, não foi requerida. Dessa forma, manteve-se a caracterização do vínculo conjugal, um dos objetivos do estudo, mas ampliou-se a condição de coabitação com os filhos, entendendo que a coabitação não é necessariamente critério característico para a configuração de vínculo familiar (Carbonera, 1998; Dias, & Souza, 2001). Em termos dos critérios de exclusão, não puderam participar casais masculinos que estivessem em processo de separação conjugal, o que descaracterizaria uma condição preconizada pelos objetivos do estudo.

Anteriormente ao Exame de Qualificação (EQ), entrei em contato com possíveis participantes e, dos cinco núcleos familiares contatados nesse período, dois recusaram o convite. Um núcleo familiar não forneceu resposta das mensagens enviadas por meio de uma rede social – minha única forma de contato com a família – e outro núcleo familiar afirmou a falta de tempo por conta do trabalho e do estudo das filhas como argumento para recusa à participação. Dos três casais entrevistados até o referido momento, dois foram contatos estabelecidos já na minha IC e que participaram dessa primeira pesquisa. O terceiro casal contatado antes do EQ surgiu como indicação de um dos casais que eu

já havia tido contato. Os três casais entrevistados àquele momento tinham seus filhos concebidos em relações heterossexuais anteriores de um dos cônjuges.

Após a realização do EQ e após apontamentos tanto dos membros da comissão julgadora quanto da(o) parecerista responsável pela avaliação do meu estudo na agência financiadora, busquei novos casais que escapassem do perfil encontrado até então, em uma tentativa de garantir a diversificação das possíveis experiências vividas pelas famílias participantes deste estudo. Assim, por meio de uma rede social, consegui contato com um integrante de um grupo de defesa dos direitos de famílias homoafetivas que, muito solícitamente, se prontificou em me ajudar no contato com novas famílias. A partir desse contato chave, encontrei diversas famílias espalhadas pelo Brasil e também famílias brasileiras residentes em outros países.

Entre essas novas famílias contatadas, haviam mais famílias com filhos biológicos frutos de relacionamentos anteriores, famílias que adotaram filhos e também uma família que havia realizado inseminação artificial fora do país. Dada a impossibilidade de contato presencial com todas as famílias contatadas, tendo em vista as distâncias e o tempo restante previsto para a finalização do trabalho, optei por me deslocar até o local no qual eu pudesse entrevistar o maior número de famílias possível. Assim, entrevistei mais duas famílias, dessa vez tendo sido a paternidade concebida por meio da adoção.

Após o contato com todos os participantes, apresentei o projeto e expliquei os termos da participação, convidando-os para a pesquisa. Os participantes leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinaram o documento, mantendo uma via em seu poder. Os encontros só foram áudio gravados após a anuência dos participantes. Desafortunadamente, uma das três primeiras famílias entrevistadas optou, durante o processo de escrita desta Dissertação, por retirar seu consentimento e não serem mais participantes da pesquisa, sob a justificativa de um doloroso processo de separação dos cônjuges. Respeitando, então, as considerações éticas presentes no TCLE e, mais que isso, a solicitação de um dos membros do referido casal, retirei da pesquisa qualquer conteúdo referente à esta família.

Dessa forma, então, apresento uma tabela com os dados de identificação das quatro famílias participantes deste estudo. Uma apresentação detalhada de cada núcleo familiar será apresentada posteriormente neste trabalho, no início de cada estudo de caso.

Tabela 2.

Caracterização das famílias com relação aos cônjuges, filhos e suas idades

Família	Cônjuges (idade em anos)	Filhos (idade em anos)
Moraes	César (44) e Tiago (46)	Bruna (21)
Rodrigues	Wagner (50) e Orlando (41)	Lívia (22)
Lima	Antônio (37) e Fabio (38)	Pedro (12), Paulo (10) e Gustavo (7)
Klein	Rodrigo (52) e Willian (39)	Julia (12), Mariana (4), Lucas (3) e Amanda (2)

5.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram:

5.3.1. Formulário de Dados Sociodemográficos

Trata-se de um formulário utilizado pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS-FFCLRP-USP-CNPq (Apêndice B). É constituído pelo exame dos dados sociodemográficos e complementado pelo Critério de Classificação Econômica Brasil, disponível em <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Esse formulário foi utilizado com o objetivo de delimitar as características demográficas e o perfil socioeconômico das famílias participantes.

5.3.2. Entrevistas

As entrevistas são as mais comuns e poderosas formas de tentar entender o humano (Fontana, & Frey, 2005). De acordo com Bogdan e Biklen (1997), são utilizadas em diálogos que almejam que os participantes descrevam e interpretem, em linguagem própria, os aspectos do mundo. Assim, a entrevista torna-se o melhor meio de compreensão de vivências, permitindo que o pesquisador entre em contato com sentimentos, crenças, representações, valores e opiniões (Minayo, 2008; Rocha-Coutinho, 2006). Há de se levar em conta que, sobretudo em uma abordagem qualitativa de pesquisa, as entrevistas não são neutras, mas, ao contrário, são ações interativas negociadas entre duas ou mais pessoas, que fornecem resultados contextuais, ou seja, que dizem respeito ao momento e às pessoas que interagiram (Fontana, & Frey, 2005).

As entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou abertas, cada uma respondendo de maneira mais adequada a determinados objetivos daqueles que as utilizam. Para o presente estudo, optei pela criação de roteiros de entrevista semiestruturados de forma a permitir flexibilidade nas conversas com os participantes, sem perder de vista a possibilidade de absorção de novos temas por ele trazidos. De acordo com Minayo (2008) os roteiros semiestruturados não devem perder o caráter de uma direção na entrevista, mas, ao mesmo tempo, não devem se mostrar como obstáculo à abertura e ao aprofundamento de questões relevantes ao estudo. Assim, foram elaborados três roteiros de entrevista semiestruturados, tendo em vista os objetivos da pesquisa:

a) Entrevista semiestruturada com cada membro do casal participante (Apêndice C): trata-se de um roteiro de entrevista semiestruturado aplicado individualmente com cada membro do casal participante. Em linhas gerais, foram coletados dados referentes à idade dos participantes, escolaridade, renda familiar, religião, experiências acerca da assunção da homossexualidade, história da família de origem, concepções acerca da homoparentalidade masculina, dificuldades e possibilidades no processo de desenvolvimento da família homoparental, funções e papéis desempenhados por cada membro dentro da família homoparental.

b) Entrevista semiestruturada com os dois membros do casal participante (Apêndice D): trata-se de um roteiro de entrevista semiestruturado aplicado conjuntamente nos dois membros do casal participante. Foram coletados, em linhas gerais, dados referentes à construção do casal, a história de vida do casal, as relações do casal com suas respectivas famílias de origem, as facilidades e dificuldades, se existirem, de formação da família homoparental, à dinâmica e manutenção da rotina familiar.

c) Entrevista semiestruturada com os filhos (Apêndice E): trata-se de um roteiro de entrevista semiestruturado que foi aplicado nos filhos dos casais maiores de 12 anos. Foram coletados dados referentes ao dia a dia do filho, à sua concepção de família, história de vida, dinâmica de relacionamentos intra e extrafamiliares e rotina familiar, bem como as percepções e singularidades de crescer em um contexto familiar homoparental, assim como suas possíveis repercussões (possíveis relatos de aceitação social, tolerância ou intolerância, pertencimento versus preconceito e/ou discriminação, vulnerabilidade ao *bullying*, entre outras experiências significativas).

5.3.3. Genograma

O Genograma foi criado como um instrumento prático para a compreensão dos padrões familiares (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2008), e trata-se de uma representação que apresenta graficamente o desenho ou mapa da família. Baseado na suposição teórica de que o funcionamento de cada família é um sistema interdependente, entende-se, a partir do Genograma que, quando uma parte do sistema muda, seja referente a um aspecto físico, social ou emocional da família, todo o resto do sistema é afetado (Wendt, & Crepaldi, 2008).

Amplamente utilizado em contextos de terapia familiar, em programas de saúde da família e na coleta de dados de pesquisas de cunho qualitativo com famílias, o Genograma apresenta-se como instrumento que auxilia na expressão da família e serve de complemento às entrevistas e aos relatos orais dos membros de cada família (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2007; Wendt, & Crepaldi, 2008). Ademais, é utilizado como um instrumento facilitador no processo de engajamento da família, na revisão de dificuldades familiares, na verificação da composição familiar, além de esclarecer os padrões relacionais e identificar a família extensa.

Os Genogramas podem, ainda, dar pistas sobre como os cônjuges estão conectados às suas famílias de origem e sobre seus respectivos papéis nessas famílias, além de poderem evidenciar como os relacionamentos estabelecidos anteriormente ao vínculo conjugal podem interferir na vida do casal (Carter, & McGoldrick, 2001). Podem, outrossim, apresentar dados complementares sobre saúde, ocupação, religião, etnia, orientação sexual, entre outros, sendo uma rica fonte de dados sobre organização e estruturação familiar. Geralmente faz-se um esboço do Genograma familiar de três gerações e o pesquisador deve estar atento a o que é dito, ou seja, ao conteúdo que é transmitido durante sua elaboração e ao como é dito, percebendo como se dá o processo de construção do Genograma (Wendt, & Crepaldi, 2008; Wright, & Leahey, 2002).

De acordo com Wendt, & Crepaldi (2008), a partir de extensa consulta à literatura sobre o tema, existem dez padrões de relacionamento que são expostos a seguir:

O *relacionamento harmônico* é aquele no qual existe a experiência emocional de união entre dois ou mais membros familiares que nutrem sentimentos positivos um para com o outro, sendo expressados interesses, atitudes e valores recíprocos. Nesse tipo de

relacionamento existe a clara diferenciação dos membros entre si e com suas respectivas famílias de origem.

O *relacionamento muito estreito ou superenvolvimento* diz respeito àqueles relacionamentos nos quais existe fusão e dependência emocional entre os membros familiares, ou seja, são aqueles relacionamentos nos quais não existe diferenciação entre seus membros.

O relacionamento *fundido e conflitual* se caracteriza pela estreita dependência emocional e pela presença constante de conflitos entre os membros familiares, não havendo diferenciação entre os mesmos.

Embora o termo *aliança* possa suscitar interações positivas, trata-se de um relacionamento no qual existe uma ligação baseada nas lealdades invisíveis que interferem, também, no processo de diferenciação, porém em menor grau que o superenvolvimento.

O *relacionamento conflituoso* caracteriza-se pelas relações nas quais há constantes atritos que podem gerar ansiedade e desavenças no meio familiar, dando origem a dificuldades de comunicação como desqualificações e desconirmações do outro, podendo em níveis extremos, atingir um nível de violência física.

O *relacionamento vulnerável* diz respeito aos relacionamentos nos quais não há conflito explícito, mas que, contudo, apresentam risco de haver conflitos em condições adversas ou fases de transição.

O *relacionamento distante* é aquele observado geralmente nas famílias desligadas, com fronteiras rígidas. O relacionamento entre os membros caracteriza-se por pouco ou nenhum contato, sobretudo no que diz respeito a aspectos emocionais.

O *rompimento* é característico dos relacionamentos nos quais a ligação emocional entre os membros é mantida, ainda que não exista contato entre os membros.

A *triangulação* é a configuração emocional de três pessoas, na qual existe uma pessoa dita “triangulada” que cumpre uma função periférica de regulação da tensão existente entre as outras duas.

A *coalizão*, por sua vez, diz respeito a aliança entre duas pessoas em detrimento de uma terceira, característica específica também de tríades.

É importante destacar que, ainda que exista a mencionada classificação de padrões de relacionamento entre os membros da família, estas serão utilizadas apenas graficamente na representação dos Genogramas. Nesse sentido, a utilização desse

instrumento no presente estudo almeja evidenciar, de maneira concreta, os relacionamentos existentes na família de acordo com o relato dos participantes, complementando os dados dos demais instrumentos utilizados na investigação.

5.3.4. Desenho da Família (DF)

O Desenho da Família (DF), de acordo com a literatura, é empregado em estudos sobre a personalidade de crianças em contexto clínico desde 1931 (Ortega, 1981). Considerado um bom instrumento para a avaliação de conflitos familiares vividos por crianças, durante o desenvolvimento do instrumento, diversas foram as formas descritas de instrução e interpretação dos materiais (Wagner, & Bandeira, 1996).

É importante destacar que, ainda que sendo um instrumento que permite a investigação da relação que a criança tem com as figuras parentais e com os outros elementos da família, a utilidade tanto na pesquisa quanto em nível terapêutico deve ser ponderada. Diante das diversas formas de aplicação observadas historicamente, as interpretações dos dados obtidos devem ser feitas com cautela (Piperno et al., 2007).

Sendo um teste de personalidade de fácil administração, o DF pode ser interpretado com base nas leis da projeção (Corman, 1961). No presente estudo, entretanto, o DF foi utilizado com o propósito de elucidar as representações que os filhos e os pais têm da família, de si mesmos e das relações estabelecidas com aqueles que a constituem e com o ambiente extrafamiliar, sem interpretações psicanalíticas, como é usualmente realizado, ou fortemente sistematizadas. Há de se levar em conta, nesse sentido, que o DF não apresenta parecer favorável por parte do Conselho Federal de Psicologia – CFP, de modo que seu uso para fins avaliativos é vedado.

Assim sendo, na presente investigação, o instrumento foi aplicado por meio da instrução dada aos participantes: “Desenhe uma família”. Durante a elaboração do desenho e como indicado por Corman (1961), foi importante a observação de comportamentos verbais e não-verbais dos participantes, proporcionando uma visão global do processo, não apenas do resultado final.

5.4. Procedimentos

5.4.1. A narrativa dos encontros

Os encontros ocorreram a partir de contato prévio realizado por telefone, e-mail ou por uma rede social com cada uma das famílias participantes. De acordo com a

disponibilidade de cada família, estabelecemos, em conjunto, data e horário para realização dos encontros que tiveram duração variável, entre duas e oito horas. Estive em contato com cada membro de cada família individualmente uma vez, quando nossas conversas foram audiogravadas.

Todos os encontros audiogravados foram realizados em situação face a face. A ordem de utilização dos instrumentos com o casal foi a seguinte: entrevista individual com cada membro do casal participante e aplicação do DF individualmente; entrevista com o casal participante e elaboração do Genograma, em conjunto. A ordem de aplicação dos instrumentos com os filhos maiores de 14 anos foi a seguinte: entrevista individual e aplicação do DF, também individualmente. No início de cada encontro, novamente esclareci os objetivos da pesquisa e realcei a importância da colaboração de cada participante. Solicitei a permissão para a gravação da entrevista em áudio e, ao mesmo tempo, assegurei o sigilo absoluto em relação às informações fornecidas.

Li, junto com cada participante, o TCLE e, após assinatura deste, entreguei uma via ao participante. Todos os cuidados éticos exigidos para pesquisas envolvendo seres humanos foram respeitados, como sigilo em relação às informações fornecidas, garantia do anonimato do participante, não oferecimento de bônus pela participação e possibilidade de o participante retirar o seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa. Uma descrição detalhada de cada encontro com cada família será apresentada nos resultados dessa Dissertação.

5.4.2. O olhar proposto sobre os diálogos

Posteriormente à utilização das técnicas de coleta de dados selecionadas para a realização do presente estudo (Formulário de Dados Sociodemográficos, Entrevistas com roteiro semiestruturado, aplicadas individualmente com o casal e com os filhos, Desenhos da Família e Genogramas), me dediquei à transcrição literal e na íntegra dos registros audiogravados durante os encontros com os participantes. Assim, novos encontros ocorreram enquanto eu fazia a transcrição dos primeiros encontros. Entrei em contato com todas as famílias com as quais me propus no projeto original, entrevistando cinco núcleos familiares. Dada a desistência de participação de uma dessas famílias, o presente estudo se refere a quatro núcleos familiares formados por casais homossexuais masculinos.

A partir das transcrições do material audiogravado, do material produzido pelos participantes no DF e dos Genogramas construídos em conjunto com os participantes, dei início à organização do material a partir da triangulação dos elementos observados, ou seja, utilizando a combinação do material obtido por cada mediador dialógico utilizado.

Organizei os materiais a partir dos procedimentos de análise temática preconizados por Braun e Clarke (2006). Considerei as entrevistas em profundidade a partir de leitura exaustiva das mesmas, destacando, em um primeiro momento, uma apresentação das situações das entrevistas realizadas com as famílias, além de uma breve contextualização das histórias de cada uma, compondo um eixo descritivo dos resultados. Posteriormente, organizei os dados por meio de eixos temáticos, caracterizando os *estudos de casos coletivos*, levando em consideração os roteiros de entrevista elaborados para essa pesquisa e os materiais produzidos pelos participantes individualmente (DF) ou em conjunto (Genogramas), em consonância com os objetivos propostos pelo estudo. A construção dos eixos temáticos foi pautada na literatura disponível sobre o tema da homoparentalidade e no referencial *Queer*. Como se trata de uma literatura diversa e complexa, e de um volume relativamente grande de materiais advindos das entrevistas, dos DF e dos Genogramas, além de meu Diário de Campo, é importante a consideração de que as construções temáticas que apresentarei nos resultados não esgotam, em absoluto, as possibilidades de olhar para os dados. Ao contrário, à luz da concepção dialógica do estudo e do meu papel ativo enquanto pesquisador, os temas aqui trabalhados refletem uma construção singular minha, sendo possíveis outras construções e outros entendimentos sobre o mesmo material.

5.5. Cuidados Éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, CAAE 33872614.4.0000.5407, de 25 de setembro de 2014 (Anexo 1), de acordo com a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. As entrevistas só foram realizadas mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou do Termo de Assentimento. Em relação ao material audiogravado, os registros estão armazenados no LEPPS, laboratório do grupo de pesquisa, e só serão descartados cinco anos após a

conclusão do projeto, como forma de resguardar a privacidade do material e manter a identidade dos participantes em sigilo, em atenção às disposições éticas vigentes.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização de leituras exaustivas e repetidas do material transcrito a partir do áudio das entrevistas pude, por meio da triangulação desse material com as produções dos participantes – Genograma e DF – e com as anotações do meu Diário de Campo, elaborar temas e subtemas que favorecessem a descrição das vivências das famílias homoparentais, à luz dos objetivos propostos, de forma a facilitar a problematização das experiências dos participantes deste estudo.

Deste modo, optei por apresentar os resultados desta Dissertação de Mestrado de duas maneiras distintas. Inicialmente, apresentarei uma contextualização detalhada dos encontros com cada uma das famílias que se dispuseram a participar da minha pesquisa, bem como uma pequena descrição de cada participante, compondo, assim, um **eixo descritivo** dos resultados. Na sequência, apresentarei problematizações conjuntas de todas as famílias participantes, com a discussão dos temas e subtemas elaborados, de forma a compor **eixos temáticos** que abarquem todos os núcleos familiares participantes. Isto é, a partir das confrontações entre todos os materiais elaborados *com* e *por* cada um dos membros de cada família, apresento uma discussão que almeja responder aos objetivos propostos por esta pesquisa. Dessa forma, estará contemplada a opção metodológica de estudos de casos múltiplos elegida para a construção desta investigação.

Os **temas** elaborados estarão evidenciados em negrito e os respectivos subtemas serão sublinhados para que seja facilitada a identificação dos mesmos. A seguir, proponho uma tabela na qual estão listados os **temas** e os subtemas que emergiram da triangulação realizada bem como os respectivos autores elencados para a discussão dos mesmos.

Tabela 3.

Temas e subtemas elaborados a partir do material coletado, e dos autores utilizados para discutir cada um dos temas.

Temas	Subtemas	Autores	
1	Demandas do armário	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação da homossexualidade - Assunção da homossexualidade - Repercussões - Norma heterossexual 	Sedgwick (2007); Matias (2007); Rios (2007); Pereira, & Leal (2005); Nunan, Jablonski, & Féres-Carneiro (2010); Sanders (2004); Teixeira-Filho, & Rondini (2012); Adelman (2000); Rubin (1998); Foucault (1988); Miskolci (2009); Warner (1999)
2	Conjugalidade homossexual	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da conjugalidade - Armário - Repercussões (na família de origem, da legislação, na/da adoção) 	Miskolci (2013); Féres-Carneiro, & Neto (2010); Meletti, & Scorsolini-Comin (2015); França (2007); Scorsolini-Comin, & Santos (2012); Sedgwick (2007); Breshears, & Lubbe-De Beer (2014); Costa, & Nardi (2015); Tavares et al (2010); Meezan, & Rauch (2005); Goldberg et al (2014); Goldberg, & Garcia (2015)
3	Construção da família	<ul style="list-style-type: none"> - (Não) desejo pela paternidade - Atuação de profissionais - Padrão heterossexual como referência 	Roudinesco (2003); Zambrano (2006); Riskind, & Patterson (2010); Shenkman (2012); Jennings, Lellish, Tasker, Lamb, & Golomboc (2014); Uziel (2002); Violante (2007); Tasker (2005); Jesus (2014); Vilhena, Souza, & Uziel (2011); Araújo, Oliveira, Souza, & Castanha (2007); Rodriguez, & Paiva (2009)
4	Ser pai	<ul style="list-style-type: none"> - Significados - Funções - Papéis 	Santos (2013); Gomes, & Resende (2004); Vieira, & Nascimento (2014); Borsa, & Nunes (2011); Perroni & Costa (2008); Louro (2006); Gabriel, & Dias (2011)
5	O que é a família?	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação - Segurança emocional - Para além dos laços de sangue - Convivência - Companheirismo 	Roudinesco (2003); Stacey (2006); DeMino, Appleby, & Fisk (2007); Goldberg, & Smith (2014); L'Archevêque, & Julien (2013); Riskind, Patterson, & Nosek (2013); Tarnello, Farr, & Patterson (2011); McGoldrick, & Patry (2008); Butler (2003b); Rosa, & Krames (2014)

Parte 1 – Eixo Descritivo

Estudo de Caso 1: Família Moraes – “Essas pessoas queridas e felizes que aparecem aqui!”

Tabela 4.

Descrição da família Moraes com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.

Família	Membros		Tipo de união	Ocupação	Formação	Idade (anos)	Raça/Cor	Religião	Classificação Socioeconômica
Moraes	Pais	César	União estável há quatro anos	Professores Universitários	Administração	44	Branco	Messiânico	A
		Tiago			Filosofia	46	Branco	Espírita	
	Filha	Bruna	-	Estudante de Ensino Superior	Design Gráfico	21	Branca	-	

César, 44 anos, homem, branco, homossexual, em regime de união estável com Tiago, 46 anos, também homem, branco e homossexual são os cônjuges da família Moraes. A família Moraes pertence ao nível socioeconômico A de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, o que os coloca entre os 2,7% da população brasileira pertencente a esse nível econômico, o mais alto da escala desenvolvida pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP no ano de 2015. O casal, formado há 14 anos e em regime de união estável há 4 anos, mora em uma casa própria afastada do centro de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Ambos possuem nível superior completo, sendo César formado em Administração e Tiago formado em Filosofia. Tanto César quanto Tiago são professores. César é professor de Ensino Técnico há sete anos e Tiago professor de Ensino Superior há 17 anos. Cada cônjuge segue uma denominação religiosa diferente: César se define como Messiânico e Tiago se define como espírita. Nenhum dos dois, entretanto, é praticante de suas religiões.

O casal já havia sido convidado a participar da minha pesquisa de IC, mas apenas Tiago participou da investigação que levei à cabo naquele momento. César,

naquela ocasião, optou por não participar tendo em vista a dificuldade de encontrarmos um horário em comum para a realização da entrevista. Coincidentemente, César, além de professor, hoje é, também, aluno de um curso de mestrado, fato este que, no meu entendimento, foi decisivo para o aceite do participante em contribuir com a minha pesquisa, o que foi por ele confirmado em conversa informal após a entrevista individual realizada. Ademais, o fato de Tiago já ter participado anteriormente do estudo da minha IC favoreceu a criação de um ambiente de intimidade e de liberdade nos diálogos que tivemos quando dos encontros que mantivemos agora no Mestrado.

César e Tiago se conheceram por meio de um site de relacionamentos. Ambos fizeram um perfil pessoal no site e, após algumas trocas de e-mails, optaram por se conhecer pessoalmente. Depois de 10 meses de relacionamento, alugaram um apartamento e foram morar juntos, efetivando a união estável seis anos após terem se conhecido. César havia saído de um relacionamento heterossexual que durou sete anos e no qual teve, como fruto da relação, sua filha, Bruna, hoje com 21 anos. Tiago, por sua vez, havia saído de uma relação homossexual de quase cinco anos, após vários relacionamentos homossexuais conturbados.

Entrei em contato com a família Moraes a partir de uma amiga em comum com César, que também é estudante de Mestrado. De acordo com o casal, o fato de termos uma grande amiga em comum foi decisivo para a abertura e a confiança depositadas por eles no meu trabalho, prontificando-se a participarem da minha pesquisa. Entrevistei o casal em um sábado à tarde, na casa onde vivem com mais dois cachorros e um papagaio. Após contato prévio com César por uma rede social e por e-mail, me dirigi à residência do casal no horário combinado e, após conversas informais sobre a dificuldade de encontrar o local onde moram e sobre amenidades cotidianas, iniciamos as entrevistas. Propus a dinâmica das entrevistas de forma que cada membro do casal fosse entrevistado individualmente e depois que fosse realizada uma entrevista com os dois membros do casal, em conjunto.

A partir de uma decisão rápida do casal, primeiro entrevistei César e conversamos por 60 minutos. No início, César parecia reservado e direto, respondendo sucintamente ao que eu perguntava. Após alguns minutos, entretanto, a entrevista passou a ter um tom de conversa, o que favoreceu a exploração de conteúdos mais íntimos e com maior riqueza de detalhes. Enquanto eu entrevistava César, na sala de jantar da casa, estando César em uma ponta da mesa e eu ao seu lado direito, Tiago

ficou no quarto do casal, preservando a privacidade necessária para a realização de cada entrevista individual. Após o término da entrevista e da aplicação do DF, César foi chamar Tiago no quarto e, ao voltar à sala, me ofereceu café.

Durante o café, no intervalo entre as entrevistas individuais realizadas com o casal, César e Tiago perguntaram sobre a minha vida, tanto em sentido acadêmico e profissional quanto em sentido pessoal. Senti que, a esta altura, o casal estava tentando se aproximar de mim que era, até aquele momento, ainda que com alguns aspectos que nos aproximavam – como a amiga em comum, o fato de César também ser estudante de Mestrado e por eu já ter entrevistado Tiago em outra ocasião – um estranho, um estrangeiro adentrando a intimidade do casal. Senti-me confortável nessa situação já que, de certa maneira, essa conversa informal possibilitou que a minha própria ansiedade frente às primeiras entrevistas do meu Mestrado fosse apaziguada. Terminado esse momento informal de café e conversas, que teve duração de aproximadamente 20 minutos, iniciei a entrevista com Tiago.

A entrevista com Tiago teve duração de 120 minutos. Desde o início o participante se mostrou interessado e disposto a responder as perguntas que eram feitas, sempre oferecendo respostas ricas em detalhes, o que me fez pensar na importância do momento de interação anterior e informal que acontecera há pouco. Assim como na entrevista anterior, enquanto ocorria a entrevista com Tiago, César ficou no quarto do casal. Dessa vez, entretanto, César afirmou que ficara “entretido” com tarefas do seu Mestrado, ao passo que Tiago ficou dormindo.

Depois de realizadas as duas entrevistas individuais e da aplicação dos dois DF, Tiago foi chamar César no quarto e ambos vieram à sala de jantar da casa para a realização da entrevista com o casal em conjunto. Essa entrevista teve duração de 60 minutos e, além da aplicação do roteiro semiestruturado específico para esse momento da pesquisa, essa entrevista serviu para a confecção do Genograma da família. Durante essa entrevista, pude notar a posição que Tiago parece assumir na relação, demonstrando ser mais incisivo, cortando a fala de César em alguns momentos e tomando a iniciativa de responder as questões que eram feitas ao casal. Essa minha percepção foi confirmada em outra oportunidade de encontro que tive com a família Moraes, quando da entrevista realizada com sua filha, Bruna.

Após a realização das três entrevistas com o casal, as duas entrevistas individuais e a entrevista em conjunto, continuamos por mais alguns minutos em

conversas informais, como ocorrido anteriormente no intervalo entre as duas primeiras entrevistas. Combinei com o casal que eles me avisariam quando Bruna estivesse na cidade para que a entrevista com ela pudesse ser realizada, fato que ocorreu uma semana após esse primeiro encontro. Já era noite quando fui embora da casa da família Moraes e o que ficou marcado desse primeiro encontro foi a disponibilidade do casal e o clima de informalidade propiciado durante as entrevistas, favorecendo a exploração de pensamentos, sentimentos e percepções dos participantes, fato este que notadamente beneficiou a qualidade dos diálogos estabelecidos.

Seguindo o combinei com César e Tiago, fui avisado de que Bruna estava na cidade para que eu pudesse entrevista-la. César me avisou que sua filha estaria na cidade em um final de semana e que eles fariam um encontro em sua casa, com a presença de outros amigos, e que, nessa ocasião, eu poderia combinar com Bruna o melhor horário para a realização da entrevista. O encontro foi marcado para um sábado à noite e, dado o horário combinado, me dirigi novamente à residência da família Moraes.

Ao chegar ao local, cumprimentei os presentes que eram, além de César, Tiago e Bruna, um casal heterossexual formado pela minha amiga em comum com César e seu namorado, e um casal homossexual, formado por dois amigos de César e Tiago. A disposição dos presentes à mesa, montada do lado de fora da casa em uma área agradável junto à piscina, favorecia que eu me sentasse ao lado de Bruna. Após alguns minutos de conversas informais entre todos os presentes, sobre preferencias por determinadas marcas de cerveja ou de cigarros, por exemplo, Bruna me perguntou sobre o tema da minha pesquisa, sobre meu interesse nessa temática e, de pronto, elogiou o fato de eu estar investigando um assunto por ela definido como tabu. Aproveitando a conversa e sabendo que César já havia falado com a filha sobre a possibilidade de ela me conceder uma entrevista, perguntei quando poderíamos conversar. Bruna sugeriu que a entrevista fosse realizada naquele momento e eu, que prevendo a possibilidade de realizar a entrevista naquela noite já estava munido dos materiais necessários, aquiesci com a proposta. A fim de que fossem preservados o sigilo e a confidencialidade da entrevista, Bruna e eu nos dirigimos, então, à parte interna da casa e sentamo-nos, frente a frente, na sala de jantar onde também haviam ocorrido as entrevistas com César e Tiago.

Bruna, 21 anos, mulher, branca, heterossexual, filha biológica de César e enteada de Tiago, é estudante universitária em uma instituição pública situada em um município diferente de onde reside seu pai e o companheiro dele. Bruna nunca morou com César e com Tiago, uma vez que sua guarda, após a separação de César e de sua ex-esposa, ficou sob a responsabilidade de sua mãe. Durante a entrevista com César, ele me disse que, por volta dos 15 anos de idade, Bruna manifestou, algumas vezes, o desejo de morar com ele por conta de dificuldades de relacionamento dela com a mãe. Entretanto, dada a burocracia jurídica e a proximidade da sua maioridade, Bruna optou por aguardar seus 18 anos para sair de casa e ir estudar em uma cidade diferente da que sua mãe mora até hoje. Ainda que nunca tenham coabitado, Bruna afirma que sempre que possível, sobretudo durante suas férias, vai para a casa do pai e passa ali grande parte do seu tempo de descanso.

A entrevista com Bruna teve duração de 40 minutos, computando-se o tempo dedicado à aplicação do DF. Durante toda a entrevista Bruna pareceu confortável, mas sempre respondendo de maneira direta e sucinta às questões por mim realizadas. Ainda que esse fato pudesse denotar falta de interesse por parte da participante, quando consideradas as conversas e atitudes de Bruna no contexto informal – com os outros presentes na casa, por exemplo – pude notar que essa é uma característica de Bruna, não sendo possível, por esse único fator, atribuir desinteresse ou desmotivação à participante com relação à entrevista. À exceção fica por conta do DF, em que Bruna, mesmo cursando um curso relacionado a desenho, confeccionou um desenho pobre de detalhes e demonstrou desinteresse em contar uma história sobre sua produção. Esse fato pode ser explicado pela emoção que pareceu tomar conta da participante na parte final da entrevista, sobretudo quando começamos a conversar sobre questões que falavam da família. Em outros momentos, contudo, ficou bem marcada a importância que Bruna atribuía ao trabalho e a sua carreira profissional.

Após o término da entrevista, Bruna e eu nos dirigimos novamente à área externa da casa onde estavam os outros presentes e voltamos a nos sentar à mesa, compartilhando o resto da noite com os demais. As conversas que se seguiram nesse ambiente foram basicamente sobre um intercâmbio que Bruna realizaria dentro de poucas semanas. Nesse momento, pude observar com mais detalhes as relações estabelecidas entre os membros da família, fato enriquecedor das análises sobre a dinâmica dos Moraes. Novamente tive a percepção de que Tiago tem um papel mais

incisivo que César na relação. Nesse encontro no qual entrevistei Bruna, por exemplo, Tiago pareceu se posicionar em um papel de “organizador” das conversas, direcionando os assuntos e, até por sua posição na mesa, – Tiago estava sentado no centro – conversando com todos os presentes. César, por sua vez, permaneceu o tempo todo preocupado com os petiscos e as bebidas na mesa, recolhendo as latinhas vazias, indo, a todo momento, até a geladeira buscar novos petiscos e conversando de maneira mais individual com cada convidado.

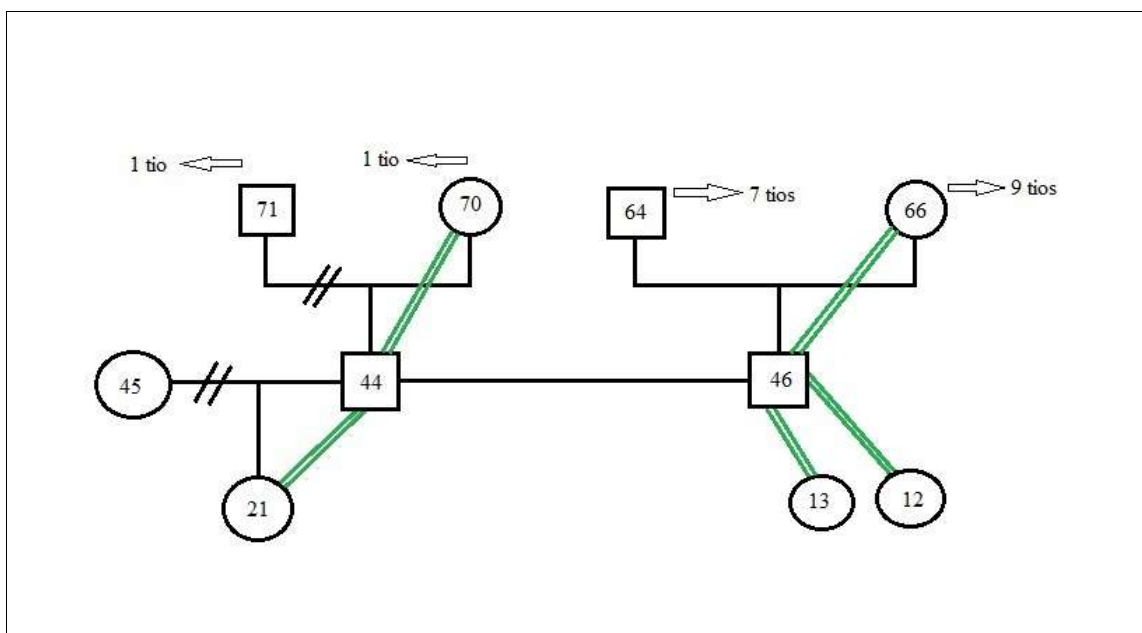


Figura 7: Genograma da família Moraes

O Genograma da família Moraes sugere que tanto César quanto Tiago possuem ligações afetivas mais fortes com as mulheres de suas famílias, o que foi confirmado pelos relatos de ambos os participantes. Em determinado momento, por exemplo, Tiago se refere a duas sobrinhas como suas filhas, equiparando-as a Bruna na relação que estabelece com cada uma. Sendo o filho mais velho de uma família numerosa de seis irmãos, Tiago afirma ter uma relação muito mais significativa, no seu entendimento, com sua mãe e uma tia, além das duas sobrinhas. César, por sua vez, tem uma irmã dos mesmos pais, que são separados, e um irmão por parte de pai, com quem afirma não ter contato. De acordo com o participante, ele se sente muito mais próximo da sua mãe e da sua filha do que de qualquer outro membro da sua família de origem.

O que ficou marcado dos dois encontros que tive com a família Moraes foi a uniformidade de seus posicionamentos diante da família, sempre um se referindo ao

outro com afeto, carinho e respeito. Bruna, inclusive, tem um apelido carinhoso para tratar Tiago e este afirma que, por vezes, Bruna liga para ele para tratar de assuntos de maior dificuldade como relacionamentos afetivos ou com amigos. Nas três entrevistas com a família Moraes um fator em comum surgiu: os três participantes se referiram, em algum momento, a uma fotografia do aniversário de 15 anos de Bruna. Na foto, Bruna está ao centro e César e Tiago estão, um de cada lado, beijando cada face de Bruna. A legenda da foto é a mesma que escolhi para representar a família Moraes: “Família é...Essas pessoas queridas e felizes que aparecem aqui!”.

Estudo de Caso 2: Família Rodrigues – “Tendo amor, tem família!”

Tabela 5.

Descrição da família Rodrigues com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.

Família	Membros		Tipo de união	Ocupação	Formação	Idade (anos)	Raça/Cor	Religião	Classificação Socioeconômica
Rodrigues	Pais	Wagner	Casados há quatro anos	Médico/Ator	Medicina	50	Branco	-	A
		Orlando		Prof. de Pilates/Ator	Ensino Superior Incompleto	41	Branco	Candomblé	
	Filha	Lívia	-	Estudante de Ensino Superior	Psicologia	22	Branca	-	

Wagner, 50 anos, homem, branco, homossexual, casado há quatro anos com Orlando, 41 anos, também homem, branco e homossexual são os cônjuges da família Rodrigues. A família Rodrigues, assim como a família Moraes, pertence ao nível socioeconômico A, o mais alto da escala desenvolvida pela ABEP no ano de 2015, o que significa dizer que a família Rodrigues figura entre os 2,7% mais favorecidos economicamente de toda a população brasileira. O casal, formado há 17 anos, optou pela efetivação do casamento há quatro anos e possui duas moradias que usufruem de

acordo com a necessidade de horários do dia a dia: um apartamento próprio de um quarto na região central de uma grande metrópole nacional e uma casa própria, em um condomínio fechado, em uma cidade menor da região metropolitana da primeira cidade. Wagner possui nível superior completo, ao passo que Orlando continuou seus estudos, após o Ensino Médio, por meio de cursos de Teatro. Wagner exerce a medicina e atua esporadicamente como ator, enquanto Orlando atua como professor de pilates e, assim como seu marido, também trabalha como ator. Wagner afirma não possuir qualquer religião, ainda que seja filho de uma família fortemente marcada pela tradição judaica e afirmar que “simpatiza” com o Candomblé. Orlando, por sua vez, faz parte do Candomblé, religião de matriz africana, não sendo, entretanto, membro praticante.

Os cônjuges da família Rodrigues já haviam participado da minha pesquisa de IC, fato este que, segundo os próprios participantes, fez com que eles se sentissem mais à vontade e mais seguros para me contarem suas histórias. Uma mudança importante entre as duas pesquisas deve ser levada em consideração, contudo: na IC, entrevistei ambos por meio do *Skype*®. Agora, no Mestrado, entrevistei os dois pessoalmente, no apartamento que família possui na região central de uma grande metrópole nacional. Por já conhecê-los em decorrência de uma pesquisa já realizada, o contato com o casal foi, na realidade, uma retomada de contato em uma rede social. Trocamos algumas mensagens e marcamos uma data para as entrevistas, em um sábado no fim da manhã. Nas mensagens, Orlando já havia me avisado que Wagner não estaria no apartamento até o começo da tarde por conta do trabalho, sendo que, assim, eu poderia entrevista-lo antes.

Wagner e Orlando se conheceram em uma boate. Ambos afirmam que, naquele dia, não estavam interessados em sair por conta do cansaço cotidiano. Entretanto, pela pressão de amigos, ambos acabaram saindo aquela noite. O casal conta que já haviam trocado olhares durante a festa, mas que foi apenas quando Orlando estava indo embora que Wagner tentou uma aproximação. Wagner foi para a casa de Orlando naquela noite e, depois disso, não se separaram mais. Wagner estava separado havia três anos de um relacionamento heterossexual no qual teve sua filha, Lívia. Antes desse relacionamento heterossexual, Wagner conta que teve um relacionamento de cinco anos com um homem, o que serviu, de acordo com o participante, para mostrar para ele que esse era mesmo o seu desejo. Orlando, por sua vez, conta que já estava cansado de se envolver

com homens casados, depois de várias relações esporádicas com homens com esse perfil.

Cheguei ao apartamento no horário combinado e Orlando abriu a porta com um pano de prato nos ombros. Cumprimentamo-nos e Orlando me levou até a sala do apartamento, onde disse que eu poderia ficar à vontade. Pedi desculpas por estar lavando a louça naquele momento, mas disse que voltaria para a sala dentro de poucos minutos. Sentei-me em uma poltrona lateral e separei os materiais necessários para a entrevista enquanto Orlando terminava de lavar a louça. Nesse momento, pude observar Orlando lavando e secando o resto da louça e indo, de vez em quando, até o fogão, abrindo o forno e controlando o fogo. Pude observar também a pouca quantidade de móveis presente no apartamento, evidenciando, como afirmado pelo próprio casal da família Rodrigues, que aquele era um lugar de passagem, sendo sua moradia oficial, a casa do condomínio fechado em uma cidade vizinha.

Orlando me ofereceu água, café e perguntou-me se eu havia encontrado dificuldades para encontrar o apartamento. Lembro-me que, naquele momento, senti-me como um visitante comum, não apenas como um pesquisador que estaria ali para um trabalho. Depois de alguns minutos, Orlando puxou uma cadeira e sentou-se na minha frente, pedindo novamente desculpas. Orlando disse que estava fazendo um teste de bolo com goiabada para, caso ficasse gostoso, ele repetir a receita e lavá-la como um afago para sua sogra.

Demos início, então, à entrevista que teve duração de 120 minutos. Durante alguns momentos na entrevista, Orlando se levantava e ia até o fogão verificar o bolo. Depois de aproximadamente 30 minutos de entrevista, Wagner, que estava trabalhando, chegou ao apartamento e me cumprimentou rapidamente para não atrapalhar o andamento da minha conversa com Orlando. Pude notar que, ao se cumprimentarem, Orlando pediu para que Wagner monitorasse o cozimento do bolo, já que ele estaria ocupado conversando comigo. Durante todo o resto da entrevista com Orlando, Wagner permaneceu no único quarto do apartamento, vindo, entretanto, até a cozinha algumas vezes para acompanhar o bolo que estava no forno. Orlando se mostrou, durante toda a entrevista, aberto e disponível em suas repostas, sempre fornecendo detalhes sobre os conteúdos que contava e não demonstrando qualquer constrangimento ou mobilização emocional maior com os temas abordados.

Ao término da primeira entrevista, Orlando foi chamar Wagner no quarto e prontamente começamos a entrevista. No início da entrevista com Wagner, que teve duração de 100 minutos, Orlando ficou na cozinha guardando o resto da louça e conferindo o bolo, até que esse ficasse pronto e, depois disso, também permaneceu no quarto até que Wagner fosse chama-lo para a entrevista com o casal em conjunto. Assim como Orlando, Wagner se mostrou à vontade durante toda a entrevista, por vezes relembando histórias que já havia me contado na minha IC.

Terminada a entrevista com Wagner, Orlando voltou para a sala e sentou-se em outra cadeira, ao lado de seu marido, ficando agora ambos de frente para mim. Durante a entrevista em conjunto, o casal demonstrou sintonia nas histórias e partilha de memórias sobretudo durante a confecção do Genograma da família, com um lembrando idades dos familiares do outro, por exemplo, ou datas marcantes da história do casal no contexto familiar estendido.

Após as entrevistas, fui ao banheiro e, quando voltei, Orlando estava arrumando a bancada da cozinha com café e o bolo que havia preparado para que pudéssemos tomar um lanche em conjunto. Nesse momento, pude presenciar Orlando dando uma bronca em Wagner já que este havia tirado o bolo do forno sem que ele estivesse totalmente assado. Durante o café, Orlando me contou que havia feito dois bolos: um com goiabada e outro sem, já que Wagner não gosta de goiabada. Assim como ocorreu com a família Moraes, nessa conversa informal o casal me perguntou sobre o andamento da pesquisa, sobre minha vida pessoal, meus relacionamentos afetivos e familiares. Já era início da noite quando saí do apartamento da família Rodrigues.

Lívia, 22 anos, mulher, branca, heterossexual, filha biológica de Wagner e enteada de Orlando, é estudante universitária em uma instituição pública situada em um município diferente de onde seu pai vive com o marido. O meu contato com a família Rodrigues se deu, na realidade, por meio de Lívia que, em uma roda informal de conversa com amigos, me revelou, ainda durante a minha IC, que seu pai era homossexual e que era casado com um homem, sendo que, segundo ela, eles aceitariam participar da minha pesquisa. Agora, no Mestrado, quando contei para Lívia que a intenção era entrevistar todo o núcleo familiar, Lívia prontamente aceitou participar da pesquisa.

Cheguei ao apartamento de Lívia em uma quarta-feira de manhã, como havíamos combinado. Ao abrir a porta, Lívia estava com seu gato no colo e pediu para

que eu entrasse e ficasse à vontade. Lívia mora sozinha em um apartamento de um quarto em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A participante se dirigiu à cozinha para passar um café enquanto eu organizava as minhas coisas na sala. Ficamos durante alguns minutos conversando sobre a vida na universidade e sobre o fato de ela estar se aproximando do término do curso, os fatores ansiogênicos desse período, mas também sobre o sentimento gratificante de conclusão de uma etapa marcante da vida de jovens de classe média em geral.

Demos início à entrevista ainda tomando café e foi evidente a sensação de intimidade e de liberdade que conseguimos manter durante toda a conversa. Lívia afirmou, algumas vezes, que se sentia à vontade para falar sobre determinados assuntos comigo por já nos conhecermos de outros contextos e há algum tempo. Conversamos durante 55 minutos e, ainda que rápida, a entrevista foi marcada pela profundidade e pela possibilidade de exploração de intimidades familiares de Lívia. Lívia nunca morou com Wagner e com Orlando. Entretanto, assim como Bruna, filha da família Moraes, Lívia passa grande parte de suas férias na casa do casal dos Rodrigues, afirmando ter uma dificuldade muito grande em se relacionar com o namorado de sua mãe. A fala que escolhi para representar a família Rodrigues veio de Lívia, quando a filha da família Rodrigues falava sobre família. Ao final da entrevista, Lívia agradeceu e afirmou a importância de eu estar desenvolvendo essa pesquisa, sentindo-se feliz em poder contribuir.

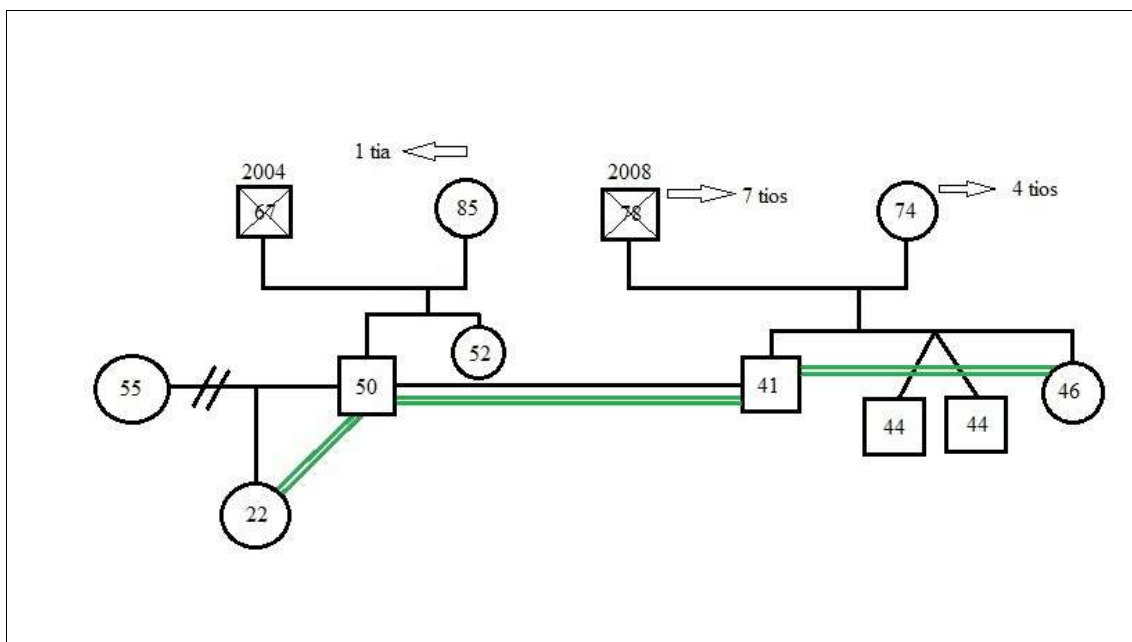


Figura 8: Genograma da família Rodrigues

O Genograma da família Rodrigues mostra que Wagner não se sente próximo e íntimo de mais nenhum membro de sua família que não a filha Lívia e seu marido, Orlando. Ainda que não pareça existir qualquer desafeto, de acordo com o participante, suas relações mais próximas são estabelecidas com seu núcleo familiar constituído após o casamento com Orlando, fato que, segundo Wagner, se deve ao conservadorismo presente em sua família de origem, sobretudo por conta de sua ascendência alemã e judaica. Orlando, por sua vez, traz a noção de que se sente muito próximo de sua irmã mais velha, sendo essa a única relação mais íntima evidenciada pelo participante com respeito a sua família de origem.

O que chama a atenção nos encontros que tive com a família Rodrigues foi o clima de cordialidade e de confiança que estabelecemos em todos os diálogos. Atribuo a isso o fato de eu ser colega de Lívia, não sendo íntimos em nosso dia a dia, mas nos encontrando com relativa frequência em outros ambientes que não o acadêmico. Esse fato também contribuiu, como relatado por Wagner e Orlando, para que eles se sentissem mais seguros em contarem suas histórias, tendo em vista que, por meio de Lívia e do trabalho que já desenvolvi durante a minha IC, no qual eles também foram participantes, eles, de certa forma, já me conheciam e sabiam que suas histórias seriam descritas de maneira respeitosa e sigilosa.

Estudo de Caso 3: Família Lima – “Se você nunca viu o diferente, quando aparece, você tenta afastar, você agride.”

Tabela 6.

Descrição da família Lima com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.

Família	Membros		Tipo de união	Ocupação	Formação	Idade (anos)	Raça/Cor	Religião	Classificação Socioeconômica
Lima	Pais	Antônio	Casados há oito anos	Desempregado		37	Branco	Agnóstico	B2
		Fabio		Projetista		38	Branco	Kardecista	
	Filhos	Pedro	-	Estudantes do Ensino Infantil	-	12	Negro	-	
		Paulo				10	Negro		

		Gustavo			7	Negro		
--	--	---------	--	--	---	-------	--	--

Antônio, 37 anos, homem, branco, homossexual, casado há oito anos com Fábio, 38 anos, também homem, branco, homossexual, são os cônjuges da família Lima. A família Lima ocupa o nível socioeconômico B2 de acordo com a escala desenvolvida pela ABEP em 2015. Isso significa que a família Lima está na terceira das seis faixas socioeconômicas estipuladas pela associação, junto com 18,1% da população brasileira. A família mora em um pequeno apartamento situado em um bairro de classe média na região central de uma grande metrópole nacional. Antônio atualmente está desempregado, enquanto Fabio trabalha como projetista. Antônio se afirma agnóstico e Fabio, por sua vez, se afirma Kardecista praticante. Os filhos do casal acompanham Fabio nos compromissos do participante com sua crença.

O casal se conheceu em uma sala de bate-papo virtual e trocaram telefones. Antônio afirma que não acreditava que Fabio o ligaria, mas não foi o que aconteceu. Fabio ligou para Antônio no dia seguinte e os dois combinaram de se encontrarem em um cinema. Antônio chegou mais cedo que Fabio e afirma que, ao vê-lo descer do taxi pensou, naquele mesmo momento, que eles se casariam. Após o encontro no cinema, Antônio foi para a casa de Fabio e os participantes afirmam que, desde então, nunca mais dormiram separados. À exceção de uma vez que Antônio precisou ficar com seu pai no hospital ou quando ele manda Fabio dormir na sala, por estar roncando.

Depois de três meses de namoro, Antônio afirma que “foi ficando” na casa de Fabio e, ao passar por um determinado local no centro da cidade que oferecia “união estável homossexual”, sugeriu a Fabio que eles concretizassem a união, atitude consentida por Fabio. Cinco anos após a união estável, o casal optou por converter sua relação conjugal em casamento, sendo que este retroagiu sobre a data da primeira união. Ou seja, o casal se conhece há oito anos e três meses e, legalmente, estão casados há oito anos. Pais de três filhos adotados, tanto Antônio quanto Fabio afirmam que sempre tiveram desejo pela paternidade.

Os cônjuges da família Lima afirmam que optaram por concretizar a adoção apenas após consolidarem o casamento, como uma forma de fornecer maior segurança para seus filhos. O fator financeiro foi profundamente ponderado, tendo repercussões, inclusive, na decisão pelo número de filhos que teriam. Tanto Antônio quanto Fabio me descreveram em detalhes o processo para adoção, desde o momento em que

participaram de uma palestra na Vara da Infância para descobrir quais os procedimentos que deveriam seguir para começar o processo, a entrega de incontáveis documentos, as entrevistas com equipes técnicas para, finalmente, obterem a habilitação.

O casal afirma que, inicialmente, a intenção era que eles adotassem apenas uma criança, tendo em vista a preocupação com o aspecto financeiro da vida em família. Morando em uma grande metrópole nacional, isto é, em uma cidade com um elevado custo de vida, o casal conta que tinham o desejo de proverem as melhores condições de vida para seus filhos. Contudo, após a jornada entre profissionais, abrigos e instituições, optaram pela adoção de seus três filhos, que são irmãos biológicos.

Entrei em contato com a família Lima por meio de um contato virtual estabelecido com Rodrigo, um dos cônjuges da família Klein que apresentarei na sequência. Após uma troca de e-mails e mensagens em uma rede social com Antônio, marcamos a data da entrevista e me dirigi à cidade onde a família vive. Combinamos de nos encontrar em uma estação do metrô, em um sábado após o almoço, e Antônio pediu que eu o avisasse por celular quando eu estivesse a duas estações antes da qual combinamos o encontro. Cheguei à estação combinada e fiquei esperando onde havíamos marcado. Durante os 10 minutos que fiquei ali esperando, pude me distrair com várias pessoas que passavam fantasiadas, já que aquele era o final de semana antes do carnaval e a cidade já estava em clima de festa. Entretanto, não pude evitar a ansiedade de encontrar uma nova família em uma cidade que, até então, eu não conhecia, e que tinha um perfil completamente diferente das famílias que eu já havia entrado em contato até aquele momento.

Antônio chegou acompanhado por seu filho do meio, Paulo. Cumprimentamos e subimos as escadas da estação de metrô para nos dirigirmos à sua casa, distante 3 quadras da estação. Durante o caminho, Antônio perguntou o que eu estava achando da cidade, onde eu estava hospedado, o que eu já havia conhecido e, frente a minha reação de encantamento com aquele contexto novo para mim, o participante começou a me contar situações cotidianas da vida da cidade que mostram uma faceta não tão encantadora, como a violência e a segregação fortemente marcada por classe social. Nesse sentido, Antônio me contou de uma situação vivenciada com seu filho, Paulo, que o acompanhava. Paulo, assim como seus irmãos, é negro, filho adotivo de pais homossexuais brancos. Essa conjunção de características foi fato desencadeador de

preconceitos vividos em contexto escolar, ainda que, de acordo com o participante, eles têm a sorte de terem conseguido matricular seus filhos em uma escola de perfil diferenciado, mais aberta com a diferença, onde estudam, inclusive, filhos de outras famílias formadas por casais homossexuais. É interessante notar que essa conversa tenha surgido em contexto informal, fora da entrevista com os membros da família Lima, e que as questões raciais não tenham aparecido em nenhum outro momento.

Chegamos ao apartamento da família Lima e Paulo se dirigiu ao seu quarto, onde se juntou aos seus dois irmãos e permaneceram ali jogando videogame enquanto eu conversava com seus pais. Fabio estava na sala do apartamento, sentado em um computador e ali permaneceu durante toda a tarde que pude passar com a família Lima, inclusive no momento em que eu estava conversando com Antônio, seu marido. Sentei-me em um sofá de frente para uma mesa com dois computadores com telas imensas, sendo um computador de cada membro do casal. Antônio desligou seu computador e virou-se de frente para mim. Fabio ficou trabalhando no computador ao lado não interferindo, entretanto, na minha conversa com Antônio.

A entrevista com Antônio teve duração de 68 minutos e, durante toda a entrevista, o participante pareceu disposto e solícito, além de muito transparente. Foi marcante o detalhamento que Antônio forneceu sobre todo o processo de adoção de seus filhos, relembando períodos, falas de profissionais com os quais eles tiveram que lidar, sensações de ansiedade frente a adoção e de preocupação com a chegada de três filhos em seu lar. No que se refere à sua família de origem, entretanto, o participante não forneceu muitos detalhes, talvez por uma mobilização emocional muito grande, tendo em vista que, de acordo com ele próprio, as relações com sua família nunca foram muito fáceis, sobretudo por conta da sua sexualidade. Após a entrevista com Antônio, Fabio desligou seu computador e se virou de frente para mim, de modo que pudéssemos conversar. Antônio então se retirou da sala e foi para a cozinha. Algumas vezes, Antônio ia até o quarto dos filhos, que dava para a sala onde estávamos, pedir para que eles fizessem menos barulho.

A entrevista com Fabio durou 100 minutos e, ao contrário de Antônio, que pareceu estar mais à vontade para falar sobre a adoção especificamente, Fabio pareceu estar mais à vontade para falar sobre sua intimidade, inclusive sobre sua vida familiar antes do casamento com Antônio e sobre a relação do casal depois de já oficialmente casados. Depois de realizadas as entrevistas, pude refletir sobre o significado dessa

diferença de discursos e, levando-se em consideração que aquele era nosso primeiro encontro e que eles não me conheciam previamente, foi compreensível a posição tomada por Antônio. Estar em contato com essa família pela primeira vez, família com uma organização e configuração muito diferentes das que eu já havia entrado em contato até então e, ademais, em um lugar completamente novo para mim, foi fator crucial, no meu entendimento, para uma nova ampliação do meu olhar sobre meu tema de pesquisa.

A proposta era a de que eu entrevistasse individualmente o filho mais velho da família Lima, Pedro, de 12 anos, e que ele também produzisse um Desenho da Família. Entretanto, dada a configuração do apartamento, a dinâmica das entrevistas, o adiantar da hora e a minha impossibilidade de voltar à casa da família Lima em outro momento, não consegui manter contato individual com Pedro, estando sempre presentes todos os membros da família, à exceção dos momentos de entrevista com os cônjuges, quando os filhos permaneceram em seu quarto jogando videogame. Dessa forma, e com o intuito de integrar todos os membros da família, solicitei que cada um dos filhos produzissem um desenho, que estão anexos neste estudo (Anexos 2, 3 e 4).

Pedro, o filho mais velho, desenhou dois super-heróis de uma legião criada por ele próprio. De acordo com Pedro, ele produziu uma legião de super-heróis diversos, estando presentes figuras femininas, masculinas, negros, brancos, homossexuais e heterossexuais. Durante a confecção do desenho, foi notória a satisfação de Antônio ao ver o desenho do filho, tendo em vista que o participante é colecionador de bonecos de super-heróis e enxerga uma forte identificação do filho para com ele. Paulo, o filho do meio, fez um desenho curioso de uma criança – que ele afirmou ser ele próprio – pilotando um helicóptero e atirando em uma outra criança que estava no chão digladiando com um terceiro menino. De acordo com Paulo, os dois garotos no chão seriam seus irmãos, Pedro e Gustavo. O desenho de Gustavo, filho mais novo da família Lima, mostra três crianças do lado de fora de uma casa. Ainda que Paulo e Gustavo não tenham desenhado seus pais explicitamente, os dois filhos mais novos da família Lima afirmaram que seus pais estavam dentro das casas desenhadas, esperando pelos três filhos.

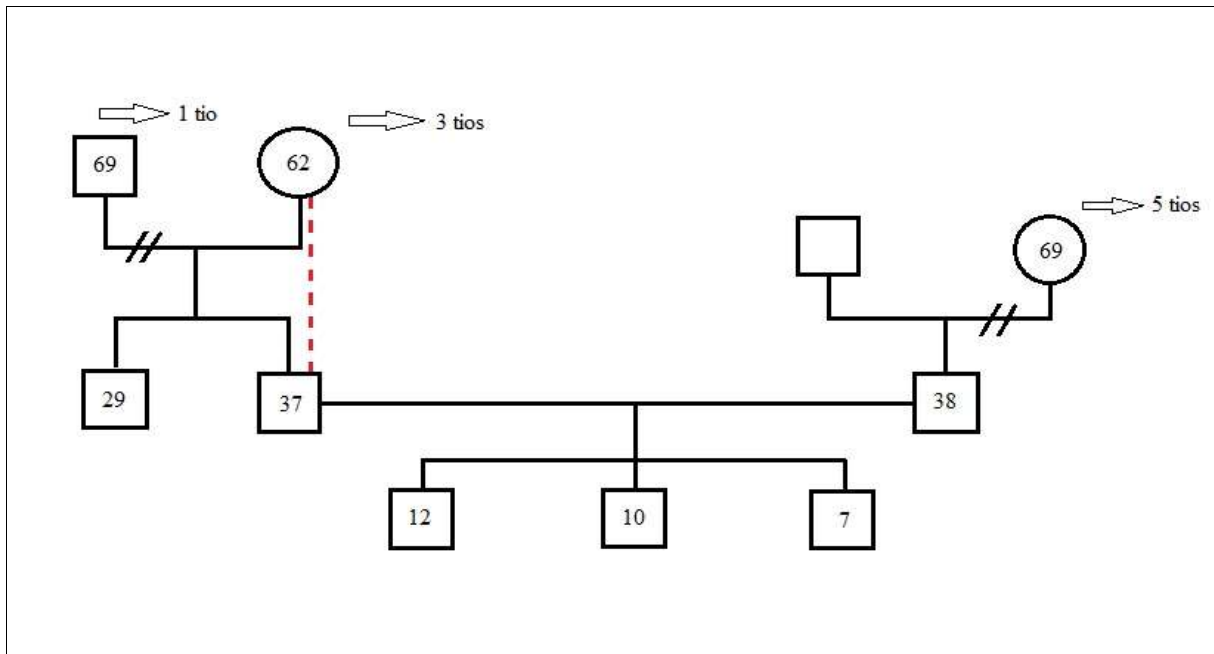


Figura 9: *Genograma família Lima*

Antônio é o filho mais velho de uma família de dois filhos homens. O participante conta que não tem qualquer contato com sua mãe desde seus 21 anos por conta de relações conturbadas, sobretudo frente à sua sexualidade. Com seu irmão, entretanto, Antônio mantém uma boa relação. O participante afirma, também, manter uma boa relação com seu pai que, depois de muitos anos de relacionamento com sua mãe, também se assumiu homossexual. Assim como com sua mãe, Antônio também não tem relação com a família de seu pai, ainda que, de acordo com o participante, eles tentem entrar em contato com ele, sobretudo em aniversários e datas comemorativas. Definido por seu marido como “candidato a próximo Buda”, dada a calma e a tranquilidade presentes também na sua fala, Fabio, por sua vez, é filho de um casal que nunca chegou a se unir legalmente, sendo mais próximo, de acordo com seu relato, da família da sua mãe, tendo em vista as memórias que o participante elucidou apenas deste lado de sua família de origem.

O que ficou marcado do encontro que tive com a família Lima foi o forte desejo pela paternidade que ambos os membros do casal afirmaram existir “desde sempre”, além da partilha de funções e papéis dos cônjuges na rotina familiar. Apesar das dificuldades de realização das entrevistas, dado o tempo escasso e a própria configuração do encontro, foi possível notar uma forte união entre os cônjuges e, mais que isso, entre eles e seus filhos. Ademais, ficou marcado um forte desejo de afirmação

da própria sexualidade, sobretudo por parte de Antônio. Talvez por sua história de vida, especialmente se levada em conta a sua história familiar e os conflitos com sua mãe, parece existir um discurso quase militante do participante, se referindo, em muitos momentos, à importância da visibilidade de pessoas não-heterossexuais na mídia.

Para além disso, o participante afirmou, no fim da entrevista, a importância e a relevância de existir, no Congresso Nacional, políticos assumidamente homossexuais, como o Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). Para Antônio, é imperativo que o movimento LGBT se organize e trabalhe conjuntamente, assim como o movimento de uma parcela religiosa de representantes do povo recentemente observado no Brasil, buscando a efetiva luta por direitos e garantias individuais. Mesmo com esse forte desejo de afirmação, Antônio diz não se sentir preparado para ele próprio atuar nessa causa, referindo-se a si mesmo como “muito estourado. ” A fala que escolhi para representar a família Lima partiu desse participante.

Assim como no momento em que fui ao encontro da família Lima, quando Antônio foi me buscar na estação de metrô, Fabio me acompanhou até a estação no momento de ir embora. Também como o ocorrido anteriormente, no caminho fomos conversando sobre a cidade e minhas primeiras impressões sobre o lugar. Assim como seu marido e, agora, atravessando um bloco de carnaval que havia se formado na rua, Fabio me contou sobre as diferenças gritantes existentes na organização cotidiana da cidade e sobre como, de maneira perversa, a exclusão e a segregação estão fortemente relacionadas à questão econômica e social.

Estudo de Caso 4: Família Klein – “Vamos cuidar!”

Tabela 7.

Descrição da família Klein com relação aos membros da família, o tipo e o tempo de união entre o casal, a ocupação, a formação e a idade dos membros da família, bem como sua raça/cor, sua religião e classificação socioeconômica.

Família	Membros		Tipo de união	Ocupação	Formação	Idade (anos)	Raça/Cor	Religião	Classificação Socioeconômica
Klein	Pais	Rodrigo	União Estável há oitos anos e meio	Auditor Fiscal		52	Branco	Católico	A
		Willian		Contador		39	Pardo	-	
	Filhos	Julia	-	Estudantes do Ensino Infantil	-	12	Negra	-	
		Mariana				4	Negra	-	
		Lucas				3	Negro	-	
		Amanda				2	Negra	-	

Rodrigo, 52 anos, homem, branco, bissexual, em regime de união estável com Willian, 39 anos, também homem, mas pardo e homossexual são os cônjuges da família Klein. A família Klein, assim como a família Moraes e a família Rodrigues, pertence ao nível socioeconômico A de acordo com Critério de Classificação Econômica Brasil, o que os coloca entre os 2,7% da população brasileira pertencente a esse nível econômico, o mais alto da escala desenvolvida pela ABEP em 2015. O casal, formado há nove anos e meio, efetivou a união estável há oito anos e meio, após um ano de relacionamento. A família Klein vive em um amplo apartamento em um bairro de classe média na região central de uma grande metrópole nacional. Ambos possuem ensino superior completo, sendo que, hoje em dia, Rodrigo trabalha como auditor fiscal e Willian é proprietário de um escritório de contabilidade. Rogério afirma ser católico, ainda que não praticante. Willian afirma não seguir nenhuma denominação religiosa.

Entrei em contato com a família Klein por meio de uma rede social e os cônjuges prontamente se manifestaram aceitando a participação na minha pesquisa. Por

meio do contato com a família Klein, pude manter diálogo com diversas outras famílias possíveis participantes da minha pesquisa. Famílias de diversos estados e até mesmo de outros países responderam à minha mensagem em um grupo no qual fui inserido por Rodrigo. Entretanto, por conta de prazos e distâncias, não foi possível o contato pessoal com mais famílias além das descritas nesta Dissertação.

Rodrigo e Willian se conheceram no trabalho. Willian estava à procura de emprego e distribuiu seu currículo em diversas empresas, incluindo uma empresa de contabilidade na qual Rodrigo era sócio e responsável pela seleção de novos funcionários. Contratado, Willian passou a participar de diversos cursos de aperfeiçoamento com Rodrigo, nos quais passavam muito tempo juntos em contextos distintos do trabalho. De acordo com os participantes, a convivência em espaços diferentes do contexto laboral favoreceu a aproximação do casal. Rodrigo, àquela época, era casado com uma mulher e, nesse relacionamento, teve uma filha biológica. Willian, por sua vez, estava engajado em um relacionamento homossexual. Nesses cursos e contextos externos ao trabalho, Rodrigo, que se afirma bissexual desde que entende sua sexualidade, demonstrou interesse por Willian e, assim, um encontro íntimo aconteceu.

Willian conta que, pelo fato de estar inserido em uma relação e por Rodrigo ser casado com uma mulher, imaginou que aquele seria apenas um encontro físico e único, não havendo possibilidade de construção de uma relação entre eles para além desse propósito. Entretanto, após sucessivos encontros, os cônjuges da família Klein se viram envolvidos afetivamente, transformando o que parecia ser apenas uma descarga física de desejo em uma crise em suas relações com seus respectivos parceiros. Envoltos em uma situação insustentável, Willian decidiu que contaria o ocorrido para seu companheiro uma vez que, àquela altura, já estava apaixonado por Rodrigo. Rodrigo, por sua vez, ainda que correspondendo e compartilhando o sentimento de Willian, afirmava que preferia morrer a assumir uma relação com aquele que é, hoje, seu companheiro. Seis meses após essa crise, entretanto, os cônjuges da família Klein já estavam morando juntos e planejando uma vida compartilhada.

Após a troca de alguns e-mails e de mensagens em redes sociais, combinei o encontro com a família Klein para um domingo de manhã. Rodrigo havia me convidado para uma festa de aniversário de sua família no sábado à noite, mas, por conta das entrevistas realizadas com a família Lima, não houve tempo hábil para que eu pudesse compartilhar com a família Klein um momento de comunhão fora do seu próprio

contexto residencial. Contudo, pude passar um dia inteiro com a família, de modo que foi possível a observação de muitos aspectos da organização da família. Combinei com Rodrigo que nos encontraríamos em uma estação de metrô. Chegando à estação, não consegui encontrar a saída que o participante havia me indicado e liguei para o seu celular. Depois de alguns minutos, nos encontramos na rua e fomos caminhando até seu apartamento, distante apenas uma quadra da estação.

Ao abrirmos a porta do elevador, Willian abriu a porta do apartamento com sua filha mais nova, Amanda, no colo. Ao verem Rodrigo e eu caminhando pelo corredor em direção ao apartamento, Lucas e Mariana, seus filhos do meio, vieram correndo em nossa direção e nos abraçaram. Lembro-me de abaixar para cumprimentar as duas crianças e ambas me receberam com um abraço e um beijo no rosto. Chegando ao apartamento, cumprimentei Willian e Amanda que, um pouco tímida, se virou e abraçou o pai quando me aproximei. Julia, a filha mais velha, entrou na sala e também veio me cumprimentar. Rodrigo e Willian disseram para que eu ficasse à vontade na sala do apartamento e foram para outro cômodo com Amanda e Julia. Fiquei brincando na sala com Lucas e Mariana e, após alguns minutos, o casal voltou para a sala e pediu para que seus filhos que estavam ali brincando comigo fossem para a outra sala, ver televisão ou brincar de alguma coisa.

Sentamo-nos e propus para o casal a dinâmica das entrevistas. Os cônjuges optaram que a primeira entrevista fosse realizada com Rodrigo para que Willian pudesse ajudar Julia a finalizar o almoço. A entrevista com Rodrigo teve duração de 68 minutos e foram nítidos o desembaraço e o conforto que o participante demonstrou durante toda a conversa. Diante dessa posição assumida por Rodrigo, pude também me acalmar e permitir que o diálogo caminhasse para um aprofundamento das questões pertinentes à minha pesquisa, o que, certamente, favoreceu a riqueza da interação. Um fato curioso aconteceu durante a entrevista com Rodrigo: Willian, que já inicialmente havia se mostrado surpreso com a proposta de duas entrevistas individuais com o casal, adentrou a sala onde eu estava conversando com Rodrigo três vezes durante a nossa conversa. Nessas ocasiões, Rodrigo, bem-humorada e educadamente, pediu para que seu companheiro se retirasse até o momento em que Willian perguntou para mim se ele não poderia ficar ali também. Diante daquela situação, afirmo que a presença dele ali, durante a entrevista com Rodrigo, poderia contaminar a entrevista que eu faria com ele depois, uma vez que as conversas teriam um teor muito aproximado. Willian então,

também de maneira muito bem-humorada, voltou para a cozinha até que Rodrigo e eu terminássemos a entrevista.

Ao fim da nossa conversa, Julia, Rodrigo e Willian começaram a preparar a mesa para o almoço e eu, novamente, fiquei brincando na sala com Mariana e Lucas. Durante o almoço, o casal, assim como os cônjuges da família Moraes e da família Rodrigues, me fez questões sobre a minha vida pessoal, profissional e sobre a minha estadia em sua cidade. Também me contaram um pouco do dia a dia em família e das características de seus filhos. Ao término da refeição, ajudei Julia a desfazer a mesa do almoço, levando os talheres, pratos e copos para a cozinha. Enquanto isso, Rodrigo e Willian foram preparar os filhos mais novos para um cochilo após almoço. O casal me chamou para compartilhar esse momento com eles e, nessa ocasião, pude perceber o desafio que é ter quatro filhos, sendo 3 muito novos e de idades muito próximas.

Estando todos prontos para dormir e a mesa da sala de jantar limpa, me dirigi à sala de estar com Willian para que fizéssemos a entrevista com o participante. A entrevista durou 61 minutos e, assim como com Rodrigo, pude perceber o conforto de Willian em me contar sua história. Também muito bem-humorado, a postura de Willian durante a entrevista favoreceu a minha tranquilidade enquanto pesquisador, facilitando o diálogo e proporcionando uma interação mais aproximada. Ao término da entrevista, Rodrigo voltou para a sala para a entrevista com o casal em conjunto. Durante a terceira entrevista com a família Klein, pude notar quão partilhada é a vida do casal, tanto em termos de discursos quanto de práticas. Durante alguns momentos da entrevista, o casal, em meio a risadas e brincadeiras, estabelecia diálogo unicamente entre eles para juntos elaborarem uma resposta ao que eu perguntava.

Tanto nas entrevistas individuais quanto na entrevista realizada com o casal, os cônjuges da família Klein descreveram, com detalhes, todo o processo de adoção, assim como ocorrido no dia anterior quando do meu encontro com a família Lima. Afirmando o desejo pela paternidade desde sempre, Rodrigo e Willian optaram por concretizar a adoção após um momento conturbado no relacionamento do casal. Willian conta que estava estudando para concursos públicos e que, nesse período, questões financeiras e afetivas influenciaram na qualidade da relação percebida entre ele e Rodrigo. Depois de um período de quase separação, por meio do auxílio de amigos íntimos, o casal optou por manter a relação e, dando um passo a mais em sua história, efetivaram a adoção.

Após as três entrevistas com os cônjuges da família Klein, Rodrigo chamou Julia, sua filha mais velha, para que eu pudesse conversar a sós com ela. Julia pareceu inicialmente muito tímida, mas animada quando pedi que ela fizesse um desenho. Pedi para que Julia desenhasse uma família e, em sua produção, aparece apenas a figura de uma menina (Anexo 5). Depois de 15 minutos com Julia, após de ela já ter feito seu desenho e já termos conversado, ficamos todos – a família Klein toda e eu – na sala de estar enquanto Amanda, Lucas e Mariana também faziam desenhos. Pude, ainda, conversar informalmente com Rodrigo e Willian após todos esses encontros. Em um fim de domingo, o casal me convidou para que eu ficasse mais alguns minutos ali com eles partilhando histórias. Comemos alguns petiscos, Rodrigo me contou sobre seu gosto por cerveja, Willian me contou sobre o gosto que o casal tem por festas e, em especial, pelo carnaval, além de me indicarem pontos turísticos interessantes para conhecer em sua cidade.

Assim como ocorrido com a família Lima, em que um membro do casal foi me buscar e o outro me levar até a estação de metrô mais próxima, Willian me acompanhou no momento de despedida e, no caminho, me falou sobre as transformações ocorridas no seu bairro nos últimos tempos e, também, sobre a segregação marcante e evidente na cidade.

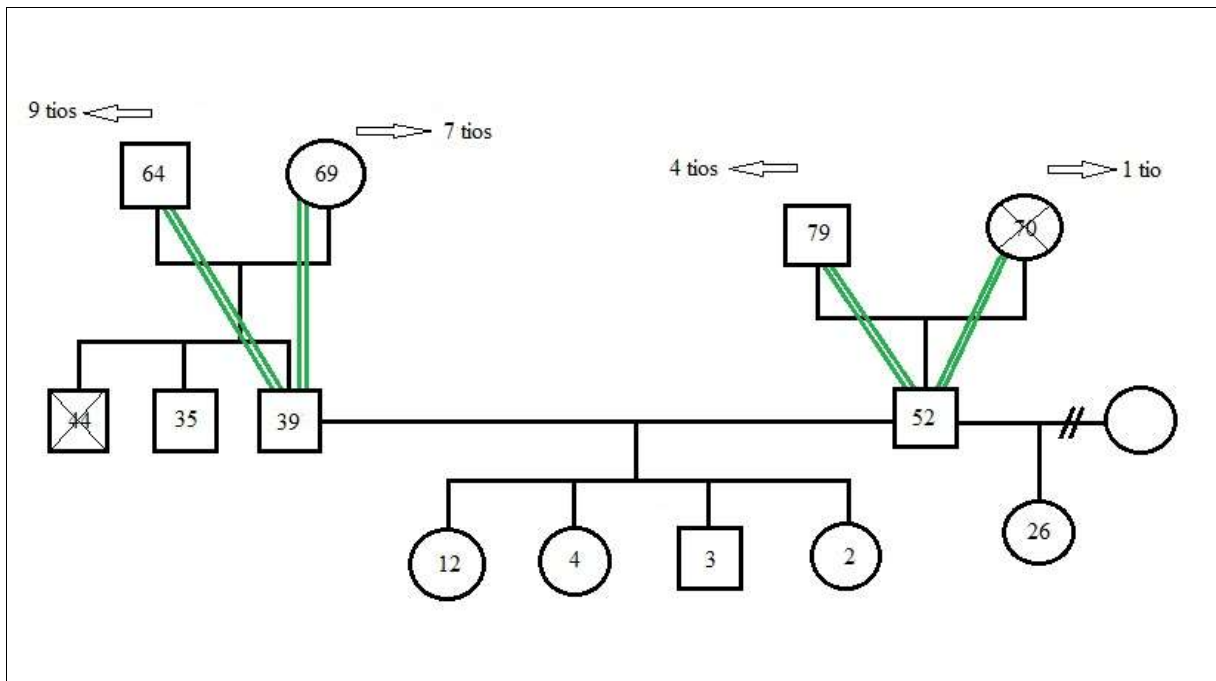


Figura 10: *Genograma da família Klein*

Diferentemente de todos os outros casais das famílias participantes neste estudo, os cônjuges da família Klein apontaram a forte ligação afetiva que têm com seus pais e suas mães. Willian, filho do meio de uma família de três irmãos, também mostrou uma relação afetiva mais próxima de duas tias, irmãs da sua mãe. Rodrigo, por sua vez, além de seus pais, afirmou uma relação mais íntima e próxima com seu avô paterno. O que ficou marcado com relação ao encontro que teve com a família Klein foi a disposição dos pais para com os filhos, evidenciada nas suas histórias, nas suas próprias relações observadas e nos seus projetos de futuro. A fala que escolhi para representar a família veio de Willian e surgiu num momento de questionamento dos pais quando da adoção dos seus filhos.

Os quatro filhos da família Klein são irmãos biológicos, sendo todos filhos da mesma mãe, mas com pais diferentes. À exceção de Julia, a filha mais velha, os três irmãos mais novos ao nascimento testaram positivos para o HIV, tendo todos, felizmente, negativados após tratamento. Julia, por sua vez, tem uma história de abuso por parte do companheiro de sua mãe biológica, pais de seus irmãos, conforme relatado por Rodrigo, seu pai adotivo. Diante desses fatos, houve uma preocupação inicial por parte dos cônjuges da família Klein a respeito de como lidar com essas questões em família. A resposta de Willian para essas questões foi: “Vamos cuidar!”.

Parte II – Eixos Temáticos

Tema 1 – Demandas do “armário”

O termo “**armário**” é uma metáfora comumente utilizada para descrever a situação de um sujeito homossexual que tem sua sexualidade não expressada e/ou não vivida publicamente. Mais que isso, de acordo com Sedgwick (2007), o “**armário**” não é uma característica que tem impacto apenas na vida de pessoas homossexuais, mas sobre todos os sujeitos, definindo, em termos de sexualidade, o que pode ser vivido publicamente assim como o que deve ficar resguardado na privacidade. Contudo, para a autora, o **armário** é uma presença formadora constante na constituição da subjetividade das pessoas que vivenciam sua sexualidade de maneira distinta à heterossexualidade. Assim, neste tema discutirei as relações que os participantes dessa pesquisa tiveram com os “**seus armários**”, à luz dos processos de aceitação e de assunção da própria

homossexualidade. Além disso, pretendo elucidar as repercussões que esses processos tiveram em suas vidas.

Wagner, um dos cônjuges da família Rodrigues, afirma que o processo de aceitação da própria homossexualidade não foi fácil:

[...] não que eu não tivesse atração por homem, mas era dificuldade de aceitação, a época que era, isso na década de 80, né? Pra mim foi... não foi uma coisa tranquila, seja pra família, seja pra mim mesmo, né? Até eu conseguir aceitar isso. No começo eu aceitava como uma coisa física, mas... [...] fisicamente podia, mas não pra casar, namorar. Isso não! É uma reprodução mesmo de um discurso social (Wagner, 50 anos).

Para Wagner, as relações com homens tinham um caráter unicamente físico, fazendo com que o participante significasse essas experiências, inicialmente, apenas como uma descarga sexual. Em um nível afetivo, entretanto, mantinha relações apenas com mulheres, tendo algumas namoradas durante a faculdade. Wagner conta que só foi capaz de aceitar sua homossexualidade depois de concluir sua graduação em Medicina. Ainda assim, além de difícil, esse não foi um processo rápido.

Aí logo que eu me formei, eu tava saindo de um desses dois namoros aí com mulheres, que eu conheci o [nome do primeiro namorado] que foi essa figura que eu fiquei quase 5 anos junto. Também foi na noite, mas aí eu já tava num momento de perceber que era por aí a coisa... mas aí foi um processo de 6 meses pra eu aceitar que eu tava gostando dele e que eu podia então falar que tava namorando e estando junto e tal (Wagner, 50 anos).

Como afirmado por Matias (2007), mesmo com as alterações de entendimentos sobre o desejo por pessoas do mesmo sexo, ainda persistem, em nossa cultura, mitos e fantasias acerca da homossexualidade, tendo caráter similar aos do preconceito sexista ou racista, por exemplo. Nesse sentido, Rios (2007) afirma que a homofobia se apresenta como uma das formas de preconceito e discriminação mais presentes nos debates públicos no século XX, ao lado do antissemitismo, do racismo e do sexismo.

É interessante observar o processo de aceitação da própria homossexualidade por parte de Wagner tendo em vista que o participante vem de uma família de origem judaica e, aparentemente, conservadora. Ao que parece, o contexto no qual Wagner

creceu não permitiu, ao menos inicialmente, que o participante aceitasse seu desejo homossexual. Nesse sentido, o preconceito existente no âmbito social – incluindo-se aí a família – tem repercussões na vida dos sujeitos, uma vez que, em um conflito entre os próprios desejos e os valores e normas propagados por uma sociedade heterossexista, pode-se ocorrer uma desvalorização do sujeito para consigo (Pereira, & Leal, 2005).

Eu sempre senti atração por pessoas do mesmo sexo [...] pra mim foi meio complicado. Fui ter a minha primeira relação sexual aos 28 anos. [...] foi altas crises aí de, que eu não me aceitava mesmo (César, 44 anos).

César afirma que se reconhecer homossexual, assim como para Wagner, foi um processo difícil e doloroso de modo que, guardando esse segredo unicamente para si, acabou por se envolver com uma mulher, respondendo a uma norma social. Assim, o “**armário**” seria, na realidade, um regime de controle da sexualidade que é instaurado por normas nem sempre explícitas na tentativa de manutenção de uma divisão binária hétero-homo da sexualidade na sociedade Ocidental. Nesse sentido, ficam caracterizados, também, os espaços públicos e privados, sendo o primeiro reservado à expressão heterossexual da sexualidade e o segundo imposto à homossexualidade (Sedgwick, 2007).

No caso de César, a sua homossexualidade estava restrita a sentimentos íntimos, às fantasias e aos seus desejos experienciados apenas em âmbito subjetivo e particular, mantendo, assim a relação hétero-homo/público-privado. O mesmo parece ter ocorrido com Rodrigo, cônjuge da família Klein. Neste caso, entretanto, o participante, que se afirma bissexual, conta que conseguia ter relacionamentos com homens, mas sempre às escondidas, em ambientes privados.

Porque, na verdade, eu acho que eu me via bissexual desde criança. Já [teve relacionamentos] com homens, com mulheres. Ninguém sabia nada. O problema era todo meu. Eu sofri muito, então eu era o marido perfeito, o pai perfeito, o genro perfeito, filho perfeito (Rodrigo, 52 anos).

As histórias de Wagner, César e Rodrigo, cônjuges das famílias Rodrigues, Moraes e Klein, respectivamente, são similares no que se refere a aceitação da própria homossexualidade. Os três participantes, ainda que cientes do seu desejo homo-orientado, em resposta a uma norma social, se envolveram em relacionamentos

heterossexuais e, nessas relações, tiveram filhos biológicos. Como consequência, só conseguiram viver plenamente seus desejos depois de certa idade – o que denota independência financeira e emocional frente à família de origem – e a partir do momento que se viram envolvidos afetivamente com homens.

Para seus respectivos companheiros, entretanto, ainda que com dificuldades, a aceitação da própria homossexualidade não parece ter sido um problema em si. Orlando, marido de Wagner, conta que, por conta da religiosidade da família, inicialmente foi difícil o processo de reconhecimento de sua sexualidade. Contudo, ainda na adolescência e, sobretudo, nas relações que estabeleceu com pessoas do teatro, o participante pôde viver sua sexualidade de forma plena.

[...] na adolescência eu tive uma primeira experiência que, assim, foi uma pegação, na rua assim, mas que foi um momento que rolou, eu tive um misto de realização, de prazer e de culpa muito forte. Mas foi a partir dali que foi o momento assim, que eu me olhei no espelho e pensei: “Nossa, eu sou viado!... eu sou viado! ”. [...] no teatro eu comecei a conhecer pessoas homossexuais, tanto homens quanto mulheres, e comecei a trocar, e comecei a ver que “Opa, não tô sozinho no mundo! ” (Orlando, 41 anos).

Assim como para Orlando, Tiago, companheiro de César, afirma ter tido algumas dificuldades de auto aceitação, mas, ao contrário de seu cônjuge, nunca teve relações afetivas ou sexuais com mulheres.

Pra mim também foi assim, mas eu nunca admiti a ideia de ter que namorar com uma mulher pra ter que provar alguma coisa pra alguém, entendeu? Eu não sei, não dá. Não dava liga. (Tiago, 46 anos).

Tiago afirma sempre ter vivido sua homossexualidade de forma livre. Entretanto, conta que o fato de estar bem resolvido com a sua sexualidade não foi garantia de plena realização afetivo-sexual. Assim:

Aí nesse ponto eu sofri muito. Porque não é o fato de pra mim tá resolvido que pro outro tá. E nesse aspecto eu quebrei muito a cara. Eu acabava me envolvendo, acabava me apaixonando, e aí no meio da relação o outro não segurava, não dava conta, surtava, e aí você ficava sozinho, e ia pra outra relação, né? (Tiago, 46 anos).

A relação de Tiago com o “**armário**”, então, não esteve relacionada a sua auto aceitação, mas à aceitação do outro, das pessoas com as quais se envolvia. O que se nota é que os sujeitos que se envolviam com Tiago estavam perpetuando um paradigma que impõe à homossexualidade os espaços privados e íntimos, assim como acontecia com César, seu companheiro, e também com Wagner e Rodrigo. Como afirmado por Nunan, Jablonski, & Féres-Carneiro (2010), sujeitos homossexuais comumente internalizam sentimentos negativos veiculados pela sociedade à homossexualidade, o que pode ter ocorrido com os participantes que não aceitavam a própria homossexualidade, assim como para os homens com os quais Tiago se relacionava. Para Tiago, imbricada a aceitação da sua homossexualidade está a assunção da sexualidade para a família.

[...] tanto que eu nunca senti necessidade de falar pros meus pais e nunca foi por medo. Até por respeito mesmo a eles. Será que eles gostariam de saber? Eles queriam ouvir isso à queima roupa? [...] Porque nunca precisei dizer pro meu pai ou pra minha mãe, no entanto eu sei que eles sabem. E aí uma coisa que eu sempre digo, os meus irmãos heterossexuais, ao menos até onde eu sei, não precisaram chegar neles e dizer: “Olha pai, eu sou heterossexual, to apaixonado por tal pessoa, você deixa eu casar com a pessoa?” Não! Porque eu tenho que chegar: “Olha, eu sou homossexual, to apaixonado pelo César, não sei se vocês vão aceitar, mas...” (Tiago, 46 anos).

Tiago afirma que nunca sentiu a necessidade de assumir a homossexualidade para a família a partir da concepção que sua sexualidade não deveria ser tratada como anormal ou desviante, colocando-a, em sua percepção, em equivalente valor à heterossexualidade. Pode-se notar, na fala de Tiago, uma tentativa de desnaturalização da heterossexualidade na medida em que naturaliza, também, a homossexualidade. Ao que parece, Tiago tenta romper com a lógica binária hétero-homo afirmada por Sedgwick (2007) na medida em que, aparentemente, considera a heterossexualidade e a homossexualidade em níveis equivalentes de expressão possível da sexualidade.

Contudo, Tiago parece ter um entendimento da assunção da própria homossexualidade que difere enormemente da noção de Antônio, por exemplo. Se para Tiago não existiu a necessidade de se assumir, de enfrentar seus pares e afirmar a sua homossexualidade, para Antônio esse processo de afirmação pareceu ser fundamental.

Aí aos 21 anos eu falei: “Chega pra mim!”. Dei um foda-se e nunca mais vi a minha mãe. [...] Acho que porque ele [seu irmão] cresceu comigo... vendo que sempre foi normal... nunca escutei nenhuma palavra homofóbica saindo da boca dele [...] porque, quando você não vê a representação disso, você não tem... aparecendo na tv é alienígena, né? Então do alienígena você acaba tendo medo e... mas pra ele era normal... ele cresceu lá com o irmão e era isso. Acho que isso é uma das grandes importâncias da representatividade dos homossexuais na mídia, nos filmes (Antônio, 37 anos).

Para Antônio, ao contrário do que ocorreu com Tiago, assumir a sua homossexualidade e se posicionar afirmativamente frente à sua família foi essencial sobretudo para a sua saúde psíquica. Por ter assumido a sua homossexualidade muito cedo – aos 12 anos, de acordo com seu relato – Antônio sofreu sansões, sobretudo de sua mãe, com quem cortou relações aos 21 anos de idade e com quem, desde então, não tem contato algum. Do mesmo modo, para o participante, o fato de seu irmão ter convivido com ele até o início da vida adulta e ter conhecido intimamente alguém que é homossexual, fez com que ele, seu irmão, não tivesse qualquer preconceito para com a homossexualidade.

O processo de *coming-out*, isto é, o chamado movimento de “sair do armário”, é um fenômeno que envolve transformações em aspectos tanto intra quanto interpessoais que conduzem a um reconhecimento da homossexualidade (Pereira, & Leal, 2005). No caso de Tiago, o participante afirma não ter sentido a necessidade de assumir a sua sexualidade para a sua família de origem na medida em que, no seu entendimento, se seus irmãos heterossexuais não precisariam dizer nada, ele, homossexual também não precisaria. Para Tiago, então, ao que parece, aspectos intrapessoais referentes à sua sexualidade não eram uma questão, assim como já elucidado nas falas do participante com relação a sua auto aceitação. Esse processo de saída do **armário**, isto é, o momento de revelação da própria homossexualidade para alguns participantes como Rodrigo, por exemplo, foi difícil e marcado por muita dor.

Até que houve um envolvimento emocional com ele e aí não teve jeito. E aí rompi com isso tudo. [...] Foi terrível. Foi muito complicado. [...] E naquele momento eu disse que não tinha jeito, que eu gostava muito dele mas que, se descobrissem, eu preferia me matar (Rodrigo, 52 anos).

Novamente, o que se pode depreender da reação de Rodrigo frente a possibilidade de assunção da própria homossexualidade é o fato de que se reconhecer homossexual era tão doloroso que o participante, àquele momento, assegurava preferir a morte. Como afirmado por Nunan, Jablonski e Féres-Carneiro (2010), os sujeitos homossexuais têm dificuldades de formação de sua própria identidade na medida em que incorporam e internalizam conceitos e valores negativos que a sociedade, em linhas gerais, tem a respeito da homossexualidade. Essa internalização pode ser traduzida pelo questionamento de valores pessoais e está relacionada à depressão, a baixa autoestima, ao comportamento sexual de risco, à culpa, à vergonha, ao isolamento social e, em muitos casos, ao suicídio (Sanders, 2004; Teixeira-Filho, & Rondini, 2012).

Se a assunção da homossexualidade foi dramaticamente marcada para Rodrigo, para outros participantes, como Wagner, Orlando e Willian, seus respectivos *coming-out*, notadamente para suas famílias, foram vividos como processos mais lentos e graduais, geralmente materializados com a confirmação de uma suspeita que, de acordo com os participantes, suas famílias de origem já tinham com relação as suas sexualidades.

Minha mãe virou e perguntou: “O que que você tanto fica com aquele rapaz?” Aí eu olhei pra ela e falei: “Você não pergunta o que você não quer saber” Mas assim, era isso. Ela sabia sem.... fui abrir isso mesmo depois... (Wagner, 50 anos).

Já Orlando:

Eles [seus pais] sabiam, mas não sabiam... ficava aquela coisa de... ele [seu pai] chegou a vir quando eu morava em [nome do bairro] lá, eu morava com dois amigos que, como eu tinha contado anteriormente, eram meus amigos de [nome da cidade] e tinham vindo pra cá justamente pra morar todo mundo junto. E um deles tinha um namorado e ele apresentava o namorado dele como primo. E o meu pai inclusive veio comentar comigo assim: “Mas, aquele lá, o rapaz lá... o [nome do amigo] ... ele não é primo do [nome do namorado do amigo], né? (risos!) E eu: “Não, pai... eles são namorados!” (Orlando, 41 anos).

Orlando mostra, por meio de um exemplo de uma atitude de seu pai que, ainda que não explicitamente, seus pais já sabiam de sua sexualidade. O próprio participante afirma que sua família já deveria desconfiar de sua sexualidade por conta dos amigos com os quais convivia durante a adolescência e por conta dos amigos do teatro que veio

a ter mais tarde. Assim como com Orlando, com Willian parece ter existido também um processo de saída do armário que foi, na verdade, uma confirmação de uma suspeita.

Eu tenho uma grande amiga que é lésbica e assim, a gente estudou juntos desde o primeiro ano até o final da oitava série. E a gente saía muito. Ia aos bares, aos lugares, ela que me abriu muito o mundo *gay*, GLS, porque a irmã dela mais velha já era lésbica... então assim, conhecia, nos levava... E assim, um dia meu irmão chegou pra minha mãe: “Ah, presta atenção com quem seu filho está andando!” Ele falou isso dessa minha amiga, né? E como ele também tinha amigos na rua, via através, né? Porque via a gente circulando pelos lugares, as pessoas viam...e aí ele plantou essa semente na cabeça da minha mãe que veio conversar comigo (Willian, 39 anos).

Willian afirma que acabou assumindo a sua sexualidade para a sua família por conta de um comentário que seu irmão fez com sua mãe a respeito de uma amiga do participante que era lésbica. Dessa forma, ao que parece, ele foi “tirado do armário”, no sentido de que só foi assumir a própria homossexualidade no momento em que uma atitude de seu irmão acabou impondo essa necessidade.

Como afirmado por Adelman (2000), a sexualidade está inserida no âmbito da cultura, não existindo, portanto, uma sexualidade natural ou uma expressão da sexualidade que seja mais natural que a outra. O que existe, de acordo com a autora, são construções sociais e históricas sobre sexualidade e estas construções estariam sempre relacionadas ao poder. Em consonância com as ideias de Rubin (1998), que afirma que o sexo é sempre politizado, Adelman (2000) afirma que existe um investimento histórico do Ocidente em uma sexualidade “normal”, ou seja, em uma sexualidade que proporcione a organização da sociedade a partir da família formada pelo casamento heterossexual, monogâmico e procriador.

Ao que parece, foi esse investimento em uma sexualidade dita normal que fez com que César, Wagner e Rodrigo não aceitassem sua homossexualidade e, mais que isso, se engajassem em relacionamentos heterossexuais na busca de uma resposta frente à norma social. Da mesma forma, essa ilusão de uma sexualidade correta e natural fez com que o irmão de Willian o forçasse a “sair do armário”.

Seguindo essa linha de raciocínio, a perspectiva *queer*, amparada, sobretudo, nas ideias de Foucault (1999), compreende a sexualidade como um dispositivo histórico de

poder, isto é, como um conjunto heterogêneo de discursos e práticas que estabelecem proposições morais que julgam, normatizam e categorizam o que é ou não aceitável na sociedade (Miskolci, 2009). Nesse sentido, o que existe é uma norma heterossexual que expressa demandas, expectativas e obrigações sociais que advém do pressuposto da heterossexualidade como natural, o que Warner (1991) denominou heteronormatividade.

O que se pode depreender das falas dos participantes quando estes relatam a forma como vivenciaram a aceitação e a assunção da própria sexualidade durante a vida é que, de uma forma ou de outra, a sexualidade deles, enquanto sujeitos de desejos, esteve sempre atravessada pela norma heterossexual vigente, confirmando a argumentação de Sedgwick (2007). Seja relacionada a aspectos da própria sexualidade, como quando Wagner, César e Rodrigo afirmam que não se aceitavam; relacionada a aspectos da sexualidade das pessoas com as quais se relacionavam, como quando Tiago conta sobre suas experiências afetivas ao longo da vida; ou relacionadas à necessidade imposta de se assumir a própria homossexualidade, como quando Willian conta a atitude de seu irmão que o levou a sair do armário para a sua família. Fato marcante é que a heteronormatividade aparece como presente em qualquer uma das situações, evidenciando o que já dito nessa Dissertação de que a norma atravessa a todos, a despeito de nossa orientação sexual ou de nossa condição socioeconômica, por exemplo.

Assim, o fato de se reconhecer e se aceitar como não heterossexual não parece ser fator unísono para a possibilidade de vivência da sexualidade de maneira satisfatória, nem tampouco fator determinante para uma vida sem preconceitos, tendo em vista o contexto social normativo por meio do qual a sociedade se organiza. Nesse sentido, ainda que vividas de formas distintas, todos os participantes trouxeram em seus discursos a noção de que, como sujeitos inseridos em um contexto normativo, estamos sempre respondendo às demandas da norma. No caso específico dos participantes deste estudo, então, respondendo às **demandas do armário**.

Tema 2 – Conjugalidade homossexual

Neste tema discutirei a **conjugalidade homossexual** a partir das falas dos participantes, tendo em vista os processos de construção da conjugalidade, a

interpelação do “armário” na vida do casal, além das repercussões que a conjugalidade teve na família de origem dos participantes e que a legislação e a adoção tiveram na conjugalidade. De acordo com Miskolci (2013), se homens homossexuais historicamente buscavam por parceiros para se relacionarem afetiva e sexualmente nos chamados guetos, isto é, em espaços restritos de livre exercício da sexualidade, as buscas de homens homossexuais por relações amorosas ou sexuais com outros homens em sites na internet são o capítulo mais recente da história dos espaços de procura por parceiros do mesmo sexo. Esta foi a estratégia que César e Tiago, cônjuges da família Moraes, utilizaram para que se conhecessem e pudessem se construir enquanto casal.

Foi pela internet. Na época tinha uns sites de relacionamento. [...] Você criava um perfil e eu criei o meu perfil na época e o Tiago também criou. Daí a gente começou a conversar por e-mail. Foi acho que quase um mês conversando por e-mail (César, 44 anos).

E foi numa situação bastante inusitada porque foi site de relacionamento, né? Até pela dificuldade, né? De a gente encontrar outras pessoas... em razão da própria orientação sexual da gente mesmo, né? O César também tinha um perfil. E foram vários contatos, nossa. Gente de tudo quanto e jeito, né? Até... De tudo mesmo, né? Mas eu me interessei pelo perfil do César porque quando cruzava os dois perfis, tinha muito ponto de convergência, né? (Tiago, 46 anos)

Tiago afirma que se interessou pelo perfil de César devido aos interesses em comum que encontrou em sua descrição. Nesse sentido, como afirmado por Féres-Carneiro e Neto (2010), as relações conjugais frequentemente se iniciam com a criação de um espaço comum entre duas pessoas, onde são compartilhadas experiências que engendram interações significativas para o casal. Ademais, o trecho de fala de Tiago apresentado nesse tema confirma o observado por Meletti e Scorsolini-Comin (2015) quando estes afirmam, a partir de investigação realizada com quatro casais homossexuais, que a constituição da família e a conjugalidade, nesses casos, está baseada em respeito, companheirismo, amor e igualdade.

A mesma estratégia de encontro virtual foi utilizada por Antônio e Fábio, os cônjuges da família Lima.

Na verdade, nós nos conhecemos no bate papo do [portal virtual]. Há muitos anos. A gente trocou telefone, ele me ligou, aí a gente conversou, aí ele disse que ia me ligar no dia seguinte, eu nem acreditei... daí no dia seguinte ele me ligou. Aí eu pensei: “Não, pera aí. Esse cara é diferente! ”. Aí a gente marcou de se conhecer. A gente marcou no cinema. E aí eu cheguei um pouco mais cedo e quando ele chegou assim no taxi, ele saiu do taxi e eu olhei pra ele e pensei: “Eu vou casar com esse homem! ”. (Antônio, 37 anos)

Foi, uma coisa que eu nunca fazia, entrar em bate papo da internet. Era muito difícil eu fazer isso, apesar de gostar muito de computador. Entrei, conversei com ele. Parecia interessante e tal... peguei o telefone e no outro dia liguei pra marcar o cinema. (Fábio, 38 anos).

Tanto para o casal da família Moraes quanto para o casal da família Lima, a internet, por meio de sites de relacionamentos ou de salas de bate-papo foi fundamental para que eles se conhecessem e pudessem se engajar em um relacionamento afetivo com alguém do mesmo sexo. Como explícito na fala de Tiago, o ambiente virtual, protegido pelo anonimato, pode ser entendido como um espaço seguro de manifestação da sexualidade e, assim, propiciador de encontros resguardados e privados (Miskolci, 2013).

Foi em um espaço também protegido que se deu o encontro dos cônjuges da família Rodrigues, Wagner e Orlando. Ao contrário dos outros casais já citados nas discussões desse tema, entretanto, o casal da família Rodrigues não teve seu encontro em um contexto virtual, mas real.

[...] foi muito casual assim, é... foi um casal de amigos, um casal hetero, inclusive, mas é um amigo que fazia teatro comigo em [cidade onde morava] e ele saía com a gente pras boates *gays* e adorava... e ai quando ele veio pra cá, ele tinha casado, a mulher dele também tinha conhecido boate *gay*, tinha visto que era um lugar super bacana, super legal de ir... e a gente ia... e eu nem tava pensando em sair... e ai ele falou: “Ah, vamos sair? ”. Aqueles dias assim que você ta de camiseta zuada, nem pensou em sair, você ta super largado... e aí a gente foi... e eu não tava pensando nisso, eu não tava no pique de ir, e ai uma hora eu falei: “Ah, quer saber? Não vou ficar preocupado com isso não... o que tiver que rolar, rolou! ” E eu já tinha trocado olhares com o Wagner e... mas nem

imaginei, né? Ainda falei: “Imagina! ”. E ele jogava vôlei, tava vindo do jogo, era todo musculoso, altão assim... e eu: “Nada a ver, né? Deixa quieto...” e no final ele chegou junto e a gente já ficou e, na carência, o meu amigo ia me levar, ia me dar carona pra casa eu falei: “Não!” [risos]. (Orlando, 41 anos)

O encontro de Wagner e Orlando aconteceu em uma boate *gay* em uma noite na qual, coincidentemente, nenhum dos dois queria sair. Os bares e boates *gays* eram entendidos, até meados da década de 1990, época em que Orlando e Wagner se conheceram, como guetos homossexuais tendo em vista que, em geral, se localizavam em regiões geograficamente reduzidas e bem delimitadas nas cidades, sobretudo em grandes metrópoles nacionais (França, 2007; Miskolci, 2013). Funcionando, também, como um espaço de fortalecimento das identidades e até mesmo como uma forma de proteção para as pessoas não heterossexuais, esses guetos acabavam por proporcionar, ademais, uma segregação da população LGBTT frente a outras realidades, sendo importante, contudo, para a construção de comunidades fortalecidas no reconhecimento de suas identidades (Scorsolini-Comin, & Santos, 2012). Com o advento e a popularização da internet, então, surgiram aplicativos e salas de bate papo exclusivos para a população homossexual, ampliando as possibilidades de espaços de homosocialização, o que pode ser exemplificado nas famílias Moraes, Rodrigues e Lima. No caso da família Klein, entretanto, o encontro entre seus cônjuges se deu de maneira distinta.

Eu era sócio de um escritório de contabilidade e a gente precisava de um contador. E recebi um *e-mail* de um tal de Willian, eu achei estranho, né? Mas eu que fazia a seleção e achei o perfil dele muito acima do que a gente precisava. Tinha MBA, pós-graduação. E a gente queria um contador de escritório pra fazer a contabilidade. Só que o *e-mail* foi replicado 4 vezes e eu pensei já que era tanto interesse, vou chamar. E foi a entrevista.... Então ele passou a ser empregado do escritório. [...] E aí a situação foi ficando meio diferente e nós fomos fazer... na verdade eu arrumei pra gente fazer um curso em [nome da cidade onde fizeram o curso]. E eu investi e ele cedeu (Rodrigo, 52 anos).

[...] e nesse período eu e o Rodrigo começamos a trabalhar juntos e a gente teve um *affair*. Mais por parte dele porque na época ele era casado e eu achava que nosso relacionamento era mais por amizade, porque eu tinha muitos amigos

heteros, então a coisa rolava tranquilamente. [...] Ele queria, além da parte profissional, me levar pra lá pra rolar uma clima. E eu como um grande atolado que sou, não percebi nada. Até acho que foi a segunda ou terceira viagem que nós fizemos, quando a gente desceu do aeroporto, ele mostrou a [nome de uma revista de grande circulação nacional], na parte *gay* e disse que queria conhecer uma boate. [...] E daí ele foi investindo, investindo... Só que aí a gente tava fazendo um curso, no meio desse curso ele falou: “Ta muito chato...vamo voltar pro hotel!” E aí rolou. E nesse primeiro momento eu pensei que fosse algo mais físico, mas não foi. Depois disso eu senti falta não só do físico, mas do afetivo (Willian, 39 anos).

Rodrigo e Willian se conheceram no trabalho, quando Willian foi trabalhar em uma empresa na qual Rodrigo era sócio. É interessante notar que, ainda que tenham se conhecido em um ambiente distinto dos ambientes nos quais os cônjuges das outras famílias participantes se conheceram, o casal de família Klein precisou também de um espaço de homossocialização – uma boate *gay* – para que pudessem, de fato, se “reconhecer” e, depois disso, consumir seus desejos. Esses espaços restritos e privados de socialização entre pessoas homossexuais estão relacionados com o apontado por Sedgwick (2007) e suas considerações sobre o armário, discutido no primeiro tema desta Dissertação de Mestrado. Esses espaços restritos e privados foram o que tornou possível a efetivação das relações dos cônjuges de todas as famílias participantes deste estudo.

Outro fator consonante entre os casais das famílias participantes desta pesquisa diz respeito as repercussões da conjugalidade homossexual, sobretudo com relação às famílias de origem ou com relação às ex-esposas daqueles que mantinham um relacionamento heterossexual antes de se engajarem em um relacionamento homossexual.

Foi terrível. Foi muito complicado. Com minha ex-esposa, com a minha filha, com meus pais.... Em 2008, minha mãe já tinha tido um câncer e teve uma recidiva... acabou falecendo em março de 2009. Daí meu pai ficou ainda pior. Chegou a dizer que eu matei a minha mãe. [...] nós chegamos a romper. Nós ficamos dois anos praticamente sem nos falar. Até que veio a novela da Globo. Do Nico e do Félix. Eu chorei muito vendo aquele final da novela. E terminou a

novela, oito pessoas ligaram aqui pra casa: “Não, porque aquela cena era você e teu pai, você tem que tentar de novo, ele só tem você, tá mais velho...”. Daí eu escrevi uma carta de oito páginas, mandei pelo correio. E aí, no dia seguinte, deve ter sido o dia seguinte que ele recebeu, ele me chamou pra conversar e disse de toda a dificuldade dele de aceitar a situação (Rodrigo, 52 anos).

Rodrigo descreve, como repercussão de sua **conjugalidade homossexual**, uma dificuldade inicial por parte do seu pai de entender a sua homossexualidade e a sua relação com Willian. Divorciado desde que conheceu seu atual companheiro, Rodrigo afirma praticamente não ter mais contato com sua ex-esposa, com quem teve uma filha biológica, hoje com 26 anos, que mora, desde 2009, em outro país.

Nós conversamos sobre as questões dela, do trabalho dela, mas sempre que chega a qualquer coisa relacionada a sentimentos, ela dá uma afastada. Já estive com ela na [país onde a filha mora] duas vezes, nesse intervalo ela veio uma vez o Brasil, mas a distância é muito grande. [...] Ela praticamente ignora o Willian e os irmãos, nunca conversou com eles... (Rodrigo, 52 anos).

A relação de Rodrigo com sua filha biológica, assim como com sua ex-esposa e com seu pai, parece ter sofrido uma repercussão negativa após a assunção de sua homossexualidade e da efetivação de seu relacionamento com Willian. Nesse sentido, Breshears e Lubbe-De Beer (2014) investigaram quais os conselhos que filhos de pessoas homossexuais forneceria para novos pais que estivessem se preparando para assumir suas sexualidades para seus filhos. De acordo com os autores, para os filhos parece ser importante não apenas o momento da assunção, mas também o antes e o depois, indicando que os pais reflitam sobre como, quando e onde contar, que não menosprezem o entendimento que seus filhos podem ter com relação a homossexualidade e que respeitem a necessidade de um possível momento de reflexão dos filhos após o *coming-out*.

Assim como para Rodrigo, Willian também encontrou dificuldades para consumir a **conjugalidade homossexual**, tendo em vista que ele também estava engajado em um relacionamento afetivo quando começou a se envolver com seu atual companheiro.

Eu já não tava aguentando aquela situação. E daí eu falei pra ele: “Não dá pra gente ficar nessa situação porque eu tô enganando uma pessoa, você também tá enganando outra. Eu não tô te cobrando nada disso, mas eu não quero continuar assim.” E virei as costas e fui embora. [...] Só que quando eu tava chegando na minha casa, ele me liga desesperado, dramático como ele é: “Ah, vamos discutir a relação! A gente se ama, vem pra cá...” Daí eu fui, a gente, naquele momento fechou...vamos ficar juntos mesmo. Só que eu disse pra ele: “Eu vou voltar pra casa e vou contar o que aconteceu!” E aí eu acabei contando pro meu companheiro, foi meio complicado, né? Ele já convivia com a minha família, meu pais e minha mãe já conheciam, a gente viajou junto, e tudo. E gostavam bastante dele. É uma pessoa muito legal. [...] Essa é a parte que eu me arrependo que eu gostaria de ter mantido a amizade, né? Mas sei que foi difícil...o que eu fiz foi difícil, né? Você tem que arcar com a responsabilidade da besteira que você fez (Willian, 39 anos).

Willian afirma que o momento de decisão de efetivação da conjugalidade foi marcado por discussões e períodos de tensão tanto entre ele e Rodrigo, seu atual cônjuge, quanto entre ele e seu antigo companheiro, com que estava em relação já havia sete anos. Da mesma forma, o casal da família Moraes encontrou dificuldades na concretização da conjugalidade, sobretudo no que se refere a ex esposa de César.

Então a gente tinha conversa, até que era um relacionamento normal. Mas depois que surgiu o Tiago, daí foi se afastando e tal, e a gente acabou se desentendendo. E também porque a gente discorda muito na maneira de educar a Bruna. Até na formatura...ah, ficou estranho. Era como se o Tiago fosse uma pessoa estranha, que não era (César, 44 anos).

Se repercussões negativas frente à **conjugalidade homossexual** puderam ser observadas, sobretudo no que diz respeito às famílias de origem e às ex-cônjuges de alguns participantes que se envolveram em relacionamentos heterossexuais anteriores, as alterações na legislação brasileira também reverberaram sobre as relações homossexuais dos cônjuges das famílias participantes.

Tanto que na época, foi com um advogado e tal e ele falou: “ó, se não passar aqui, a gente vai subindo pra instância, e aí a hora que chegar lá em cima...”

(César, 44 anos)

César, um dos cônjuges da família Moraes, evidenciou, em sua fala, a importância dos avanços na legislação brasileira, como as decisões do STF em 2011 e do CNJ em 2013 já comentadas na parte introdutória de presente Dissertação de Mestrado. Nesse sentido, os princípios presentes na Constituição Federal deveriam ser garantidos a todas as pessoas, independentemente de suas relações afetivo-sexuais. Ou seja, a união ou o casamento civil entre pessoas maiores de idade não deveriam ser permitidos ou proscritos de acordo com a sexualidade de cada um (Butler, 2003b; Costa, & Nardi, 2015; Tavares et al, 2010). Assim, os cônjuges da família Moraes, por exemplo, não precisariam considerar a hipótese de passar por diversas instâncias no poder judiciário para que a sua união fosse concretizada e reconhecida.

Ao que parece, as repercussões da legislação incidiram não apenas sobre a conjugalidade dos casais entrevistados, mas também sobre a possibilidade de efetivação da paternidade, notadamente àquelas concretizadas por meio da adoção.

A decisão [do CNJ] saiu quando nosso casamento tava em trâmite. [...] Os homossexuais não podiam casar. As vezes saía, as vezes não saía...então a gente não tinha feito um movimento. Porque aqui no [cidade onde residem] só esse juiz julgava... e ele tava julgando improcedente todos. Então era garantido que ele ia negar nosso pedido. Só que o planejamento era: ele ia negar, a gente ia recorrer, e aí na segunda instancia, sei lá, terceira instancia, a gente ia conseguir. Então a gente já sabia que ele ia negar, porque eu já tinha lido que ele tava fazendo isso com todos. Mas era importante pra mim casar também, ter o papel de casado era importante, mas eu queria mostrar também, na adoção, que era um casal estável (Antônio, 37 anos).

Antônio afirma que ele e seu marido, Fábio, optaram pelo casamento antes de efetivarem a adoção para que garantissem que seus filhos tivessem plenos direitos enquanto filhos de um casal homossexual. Entretanto, no momento em que o casal da família Lima entrou com o pedido do casamento, ainda não existia a resolução nº 175 do CNJ que veda aos cartórios brasileiros a recusa da conversão das uniões estáveis em casamento civil para pessoas do mesmo sexo. Dessa forma, o casal ficou à mercê de decisões de juízes em um processo burocrático que, além de consequências emocionais, atravancava o processo de adoção que o casal pretendia. Nesse sentido, como afirmado

por Meezan e Rauch (2005), o casamento entre pessoas do mesmo sexo pode ampliar os recursos de crianças que crescem nessas famílias, sobretudo por meio de benefícios como planos de saúde, além de garantir a continuidade financeira em caso de morte dos pais, por exemplo.

Ainda no que se refere à **conjugalidade** e sua relação com a adoção, o relacionamento marital entre os cônjuges parece ter sofrido transformações importantes após a chegada dos filhos.

Ah sim... sem dúvida. Não tem como... desde questão sexual, lógico... não tem tempo, muito mais cansado, com criança incomodando, chorando no meio, aparecendo no quarto [risos]... na hora, sem dúvida alguma houve diminuição substancial da gente mais junto... (Rodrigo, 52 anos).

Ah, muda. Muda bastante. Essa coisa mesmo, do individualismo...porque a gente tem afinidades, a gente viajava muito, fazia muita coisa junto, tinha a chamada preguiça que você pode ter quando você é um casal ou mora sozinho...que hoje você não pode ter... isso mudou muito. Mudou a questão sexual... muda também... porque hoje a gente tem que estar muito mais disponível. Hoje em dia você não pode...a questão sexual...parece meio que aquela coisa que a gente fala dos nossos pais, mas as vezes é rotineira mesmo. Porque as vezes você tá na cama, de repente entra sua filha querendo ir ao banheiro desesperada...então você tem que ter todo um cuidado assim. Mas também aumenta muito acho que a compreensão dos dois... eu acho muito assim... (Willian, 39 anos).

Os relatos dos participantes indicam que os cônjuges da família Klein, especialmente, perceberam alterações significativas em suas vidas após a adoção de seus quatro filhos, sobretudo no que se refere à qualidade da relação conjugal e à vida sexual do casal. Nesse sentido, Goldberg et al (2014) encontraram, em sua pesquisa, que, assim como já identificado em casais heterossexuais que têm filhos biológicos, pais adotivos, sejam eles hetero ou homossexuais, perceberam, assim como Rodrigo e Willian, uma queda na qualidade da relação do casal após a adoção. Complementando essas ideias, Goldberg e Garcia (2015) afirmam que outro fator relacionado à qualidade percebida a respeito da conjugalidade do casal é a idade dos filhos: os autores afirmam que quanto maior a idade dos filhos adotados, maior a probabilidade de que os pais optem pela separação em decorrência da diminuição da qualidade da relação percebida.

Assim, a **conjugalidade**, em todas as famílias participantes, pareceu estar, em maior ou menor grau, interpelada pela imposição do “armário”, na medida em que só puderam construir esses encontros a partir de ambientes íntimos e reservados, em um movimento descrito por Sedgwick (2007) de manutenção da homossexualidade como possível apenas quando resignada a um ambiente reservado. Ademais, mais do que a homossexualidade, a **conjugalidade homossexual** apresentou reverberações nos relacionamentos de alguns participantes com suas ex-esposas chegando ao extremo de, no caso de Rodrigo, por exemplo, este não ter mais contato com sua ex-companheira e, mais que isso, ter um contato esporádico com sua filha biológica, filha de seu relacionamento heterossexual anterior.

A legislação e seus avanços apareceu como importante operador de garantias aos casais, não apenas no que se refere a um direito que deveria ser garantido a todos os cidadãos (Butler, 2003b; Costa, & Nardi, 2015), mas também como uma possibilidade de efetivação de um sonho conjunto, notadamente a paternidade adotiva, como relatado por Antônio. A adoção, por sua vez, apresentou repercussões na vida dos casais que adotaram, fazendo com que estes tivessem suas percepções da qualidade das relações, inclusive sexuais, alteradas em decorrência das demandas dos filhos. Nota-se, então, que, assim como a possibilidade de efetivação da **conjugalidade** pode ter repercussões na tomada de decisão pela adoção, como no caso da família Lima, a efetivação da adoção pode trazer transformações na **conjugalidade**, como descrito pela família Klein.

Tema 3 – Construção da Família

A chamada homoparentalidade, neologismo criado pela Associação de Pais e Futuros Pais *Gays* e *Lésbicas* de Paris, em 1996, diz respeito ao fato de um adulto que se reconhece homossexual ser ou pretender ser pai ou mãe de uma criança ou um adolescente (Roudinesco, 2003; Zambrano, 2006). Neste tema problematizarei a **construção da família** à luz, sobretudo, do (não) desejo pela paternidade, das percepções dos participantes sobre a atuação de profissionais envolvidos nos processos de adoção e da família heterossexual como referência para a construção da família homoparental. César afirma que sempre teve o desejo de ser pai:

Eu sempre quis ser pai. Mesmo antes de conhecer a mãe dela, isso foi sempre um desejo que.... Meu pai é muito ausente, né? Então eu tinha essa coisa de querer ser pro meu filho o que meu pai não foi pra mim. (César, 44 anos)

César afirma seu desejo pela paternidade e pela **construção da família** em oposição às percepções que tinha da sua relação com seu pai. Tiago, ao contrário, afirma que não tinha, a priori, o desejo pela paternidade:

Não, porque eu sou o irmão mais velho. Por meus pais terem uma relação um tanto quanto conturbada, eu meio que assumi também a educação dos meus irmãos, né? Tanto que lá em casa, eu sou a referência, não é meu pai. [...] É mais importante a minha permissão, a minha opinião, do que a opinião do meu pai. (Tiago, 46 anos)

Ao contrário do observado com os cônjuges da família Moraes, para o casal da família Rodrigues, Wagner e Orlando, parece ter existido uma simetria de desejos pela paternidade. Ainda que descrito de formas diferentes, o não desejo pela paternidade esteve presente nas falas tanto de Wagner quanto de Orlando.

Não, não era uma coisa muito clara na minha cabeça. Não é que eu falasse: “Eu nunca vou ser [pai]!”, mas não era uma coisa muito clara... Mas também não era uma coisa: “Ai, eu nunca quis ser pai!”. [...] Bom, eu era muito novo, então não tinha isso. Mas aí, de eu querer adotar, e querer ser pai de outra forma ... não me lembro disso, pelo menos... (Wagner, 50 anos).

Eu não pensava em ter filho... e eu vim de uma geração que ainda tinha... é... *gay* não forma família... tinha essa, essa ideia ainda... *gay* não tem filho, *gay* não tem família... e pra mim aquilo era normal, né? O auto preconceito...aquela coisa que tá lá... e pra mim... imagina que eu ia ter filhos... eu nunca ia ter filhos. (Orlando, 41 anos)

Enquanto César e Tiago, da família Moraes, atribuem o seu (não) desejo pela paternidade a suas relações com suas famílias de origem, Wagner e Orlando, da família Rodrigues, parecem atribuir o seu não desejo pela paternidade por distintos motivos: Wagner se refere à idade que tinha quando sua filha, Lívia, nasceu. Engajado em uma relação heterossexual, o participante afirma ter se espantado com o desejo repentino que teve pela paternidade quando do início de sua relação com sua ex esposa.

A gente ainda foi comer uma pizza em [cidade onde mora]. Daí eu falei pra ela [mãe de sua filha, Livia]: “Ah, eu acho que com você eu teria um filho! ”. Uma coisa assim... Não tinha porquê falar aquilo naquele momento e foi quase uma premonição, né? Sei lá se tava predestinado assim a eu ter uma filha e ser ela, mas porque que eu falei aquilo? Eu nunca falei isso pra ninguém... de falar o que ia ser mesmo, né? Eu não sei, eu não sei descrever de outro jeito. (Wagner, 50 anos).

Orlando, por sua vez, atribui seu não desejo pela paternidade ao fato de ser homossexual e, mais que isso, ter internalizado a noção de que homossexuais não poderiam ter filhos e constituir família. Ao contrário dos dois casais já mencionados, que tiveram seus filhos concebidos por meio de relação anterior de um dos cônjuges, os pais das famílias Lima e Klein, que tiveram seus filhos concebidos por meio da adoção, afirmam, categoricamente, que sempre tiveram o desejo pela paternidade.

Aí... a gente já, depois de um tempo, a gente começou com o planejamento de ter filho. Porque os dois sempre quiseram ter filhos (Antônio, 37 anos).

Eu sempre quis ter filhos. Desde muito cedo. Eu não sabia como ia ser, se ia ser biológico, se ia ser adoção, se ia ser... eu não sabia. Eu só queria ter (Fábio, 38 anos)

Eu sempre quis ter um menino e ele sempre quis ter uma menina, porque a família dele é de homens. Ele tinha um irmão mais velho que faleceu com 41 anos e ele tinha, tem um filho. E era o Willian e o outro irmão. E a mãe. E ele queria uma menina. Então sempre conversamos de ter um menino e uma menina. E ele sempre foi contra ter um filho só, e a minha experiência como filho único eu nunca gostei, então isso já tava definido (Rodrigo, 52 anos).

E era um desejo meu já, há muito tempo... eu lembro que eu tinha 7 anos e eu falava pra minha mãe que eu queria ter um irmão adotado. E quando eu descobri que eu era *gay*, com uns 14 anos, a minha grande angústia era como é que eu ia formar minha família... porque não tinha mulher, né? E naquela época você não imaginava que... você não tem a informação que você tem hoje, né? [...] Como é que eu vou ter filho? [...] Aí com 14 anos já começava a pensar em como fazer... daí lembrei da adoção... e era uma coisa que eu sempre pensei. Eu nunca pensei em fazer barriga artificial, de aluguel, essas coisas. Eu lembro que só teve uma

vez com essa minha amiga lésbica que foi aquela coisa de amigos, né? “Ah, se a gente chegar a certa idade, a gente faz um filho!” Só que aí depois eu vi uns filmes e falei: “Não, isso aí vai dar errado”. Melhor não...deixa cada um com o seu. E aí eu vim com essa ideia (Willian, 39 anos).

Os cônjuges da família Lima e da família Klein, além de César, da família Moraes, demonstram, em suas falas, um claro desejo pela paternidade. Nesse sentido, Riskind e Patterson (2010) e Shenkman (2012) afirmam que homens homossexuais apresentam maior desejo pela paternidade e pela conjugalidade do que a probabilidade de efetivar esses desejos, e isso se deve, sobretudo, a questões sociais de preconceito e de dificuldade para a efetivação legal dessas relações. Complementando essas ideias, Jennings, Mellish, Tasker, Lamb, & Golombok (2014) afirmam que homossexuais são mais propensos a preferir a adoção como forma de efetivação da paternidade a outras formas de concretização desse desejo.

De acordo com Uziel (2002), as motivações para a adoção nem sempre podem ser claramente identificadas sendo encontradas as mais diversas justificativas para a concretização desse desejo. Dentre as possibilidades de justificativa, se referindo a pessoas heterossexuais, a autora cita o desejo de eliminação de uma dor psíquica causada pela esterilidade ou pela infertilidade. Entretanto, essa justificativa pode ser extrapolada para pessoas homossexuais, tendo em vista a impossibilidade de reprodução biológica nesses contextos, elucidado pelo relato de Willian, por exemplo.

A partir da psicanálise, Violante (2007) conclui que existe uma carência de estudos, a partir desse referencial, que se proponham a discutir o desejo pela paternidade/maternidade em pessoas heterossexuais estéreis ou em pessoas homossexuais. Além disso e de maneira irônica, a autora aconselha que pessoas que não podem ter filhos, mas que afirmam esse desejo, procurem pela análise para descobrir as suas reais motivações para a efetivação da paternidade/maternidade. Ainda que seja importante o desvelar das reais motivações desses sujeitos, fato é que, mesmo sendo uma temática ainda carente de investigações científicas, independente de referencial teórico ou abordagem, pessoas que biologicamente não podem ter filhos, notadamente homossexuais, estão recorrendo à Medicina e ao Direito para que esses desejos possam ser concretizados, tendo eles uma origem claramente definida ou não.

Ainda que apenas César tenha justificado o seu desejo pela paternidade, afirmando que queria ser, para seu filho, um pai diferente do que seu próprio pai foi

para ele, nenhum outro participante explicou esse desejo, isto é, o anseio por se inserir em um modelo de família nuclear, ainda que construída com base em uma relação homossexual. Entretanto, como apontado por Roudinesco (2003), se antes *gays* e lésbicas contestavam entidade familiar em uma busca de se diferenciar e se distanciar do modelo nuclear de família, isto é, daquela formada pelo casal conjugal com filhos, a partir da década de 1970, sobretudo nos Estados Unidos, o que se viu foi uma inversão da crítica, posicionando esses sujeitos, agora, como aspirantes de um modelo de vida que era por eles antes rechaçado.

Assim como César, Tiago, Rodrigo e Willian relacionaram o desejo de **construção de uma família** com filhos tendo como base suas famílias de origem. Tiago afirma não desejar a paternidade por ter, de certa forma, exercido essa função perante os seus irmãos, uma vez que o participante é o primogênito de uma família de seis filhos. Rodrigo, por sua vez, afirma que queria uma família com muitos filhos por ser filho único. Willian, a seu tempo, diz que gostaria de ter mais de um filho e, de preferência, um menino e uma menina dado que, em sua casa, a única mulher presente era sua mãe. Nesse sentido, como afirmado por Tasker (2005), no que se refere às relações parentais, sempre existe conexão com duas famílias: a família de origem e a família que formamos, fato este elucidado pelas falas tanto dos cônjuges da família Moraes quanto da família Klein.

Para além do (não) desejo pela paternidade, bem como das peculiaridades da expressão e concretização desse desejo evidenciados nas falas dos participantes, a **construção da família** apareceu posta frente ao modelo heterossexual de família. Assim, para Tiago, da família Moraes, a construção de sua família é entendida como equivalente à construção de qualquer família.

Compartilhar a vida. Sabe? Tanto é que assim, desde um ano depois a gente tava com conta conjunta porque eu confiava nele. [...] E a gente foi construindo uma vida juntos, não diferente de uma relação heterossexual. Sem querer entrar na forminha da relação hetero, até porque eu acho que não tem que ter padrão, mas a gente foi construindo uma história juntos. Prova disso é o respeito que a gente tem por parte da família, por parte dos amigos, por parte da própria filha dele. Eu atribuo isso ao fato da filha dele não ter tido nenhum grilo com isso. As minhas sobrinhas não terem nenhum grilo com isso. Porque aí extrapola, sai

daquela relação do homossexualismo como uma coisa negativa, promíscua. Eu acho que vai dizendo que é uma relação homoafetiva, mas é uma relação como qualquer outra. (Tiago, 46 anos).

Da mesma forma, Antônio, da família Lima, parece ter se desenvolvido tendo como referência uma expectativa baseada em um modelo heterocentrado.

Eu tinha a ideia de que eu ia casar aos 18, aos 25 eu ia ter um mega apartamento pago, estável na profissão... mas não aconteceu (risos!). Eu casei com 29, a gente quitou o apartamento e eu tinha 36... não foi muito o planejamento (risos!). [...] Assim, eu acredito muito em planejamento familiar, embora o nosso não tenha funcionado (risos!). Eu penso assim: mulher sai por aí tendo filho, cadê planejamento familiar? Os *gays* têm planejamento familiar... nós não temos. (risos!) (Antônio, 39 anos).

O modelo heterocentrado relacionado à fala de Antônio não diz respeito unicamente a um padrão de relações familiares forjadas em torno do casal conjugal com filhos, mas também a uma economia liberal que incentiva e coage os sujeitos a uma ideia de futuro que, da mesma forma, reflete uma normatização. Assim, como apontado por Jesus (2014), devemos levar em conta que a globalização econômica trouxe consigo a globalização de identidades sexuais, fazendo com que a noção de direitos existentes em uma democracia liberal se espalhasse pelo mundo por meio de uma dominação cultural e econômica, influenciando, também, a ideia de futuro dos sujeitos. No que se refere ao trecho de fala de Antônio, essa ideia de futuro engendrada por uma economia liberal se faz presente na medida em que o participante se via, normativamente, com o amanhã previamente definido.

Do mesmo modo, para Willian, a **construção da família** e o desenvolvimento de uma organização familiar formada por dois pais do mesmo sexo não apresenta diferenças de conteúdo, isto é, de organização, de sentimentos, concepções e preocupações quando colocadas frente a famílias ditas tradicionais.

[...] as pessoas acham que é algo diferente, mas não é... nós somos tão “caretas” quanto uma família tradicional, cristã...temos as mesmas preocupações de pais que pais heteros tem...que não são diferentes... só mudam a cor... só muda a forma... o conteúdo é o mesmo (Willian, 39 anos).

Seja por uma expectativa de desenvolvimento, por uma concepção de conteúdo familiar ou pela **construção da família** de maneira explícita, ao menos para Tiago, Antônio e Willian, a família homoparental não traria, em si, diferenças marcantes no que se refere às formas de estruturação dos vínculos entre seus membros, isto é, a base da concepção de **construção da família** ainda está colocada nos moldes heterossexuais.

Essas falas refletem o que Roudinesco (2003) afirma quando da reivindicação de gays e lésbicas no final da década de 1960. A referida autora mostra como essas pessoas reclamavam seu direito a constituir família, sendo flagrante um forte desejo pela normatividade, ou seja, o desejo por se enquadrar nos moldes da família dita tradicional, formada pelo casal heterossexual, argumentando que suas formas de ser família não infringiam a ordem simbólica presente na família.

Ainda que os participantes, em geral, afirmem não querer entrar nesse “modelo”, alegam, ao mesmo tempo, que a relação homoafetiva que estabeleceram com seus companheiros são relações como outras quaisquer, não apresentando diferenças frente às relações heterossexuais. Essa mesma lógica argumentativa era utilizada no debate francês no final dos anos 1990, tanto por autores favoráveis quanto contrários à parentalidade de *gays* e lésbicas, uma vez que estes autores sempre relacionavam essa forma de ser família à ordem simbólica heteronormativa, seja para afirmar a manutenção dessa ordem ou para negá-la (Vilhena, Souza, & Uziel, 2011).

No que se refere especificamente à **construção das famílias** que tiveram seus filhos por meio da adoção, isto é, das famílias Lima e Klein, ficaram evidentes as marcas deixadas pelos profissionais envolvidos no processo de adoção, tanto por um aspecto positivo quanto negativo.

Porque assim, nosso perfil inicial era uma criança até 7 anos. Quando a gente tava fazendo a entrevista de aproximação, a assistente social que entrevistou a gente colocou a gente com muito medo. E a gente baixou pra 6 anos. Porque ela ficou falando: “Vocês estão preparados pra receber um menino de 7 anos homofóbico?” Aí eu olhei assim pro Fábio e a gente mudou no perfil...6 anos (Antônio, 39 anos).

É claro que pra equipe técnica a gente dava aquele sorriso assim...daí elas iam embora: “Demorou, né, filha da puta?” [risos]. [...] a equipe técnica foi muito legal, tirando algumas exceções, mas elas foram muito legais. Principalmente a

dos meninos... a equipe técnica foi muito importante, principalmente no período de aproximação que a gente teve, de ter se aproximado deles tão rápido. Se não fosse a equipe técnica... Mas a equipe técnica da aproximação é diferente da equipe técnica da sua habilitação. E ainda é diferente da equipe técnica que faz a adoção (Antônio, 39 anos).

Ela [uma juíza] entrou em contato com a gente, dizendo que haviam 6 irmãos aptos pra adoção, em que a assistente social e a psicóloga, na análise, achavam que não havia problemas de separá-los em dois casais. Três e três... [...] A gente pensou: “Como é que a gente vai escolher essas crianças?” Eu me imaginei brincando com o pequenininho... “Ah, vamos escolher um time de futebol! Par ou ímpar?”... Não! Não tá no meu limite, não vamos nem conhecer... (Rodrigo, 52 anos).

E depois, quando a assistente social veio, ela tava entregando um envelope e, quando chegou perto da gente ela: “Vocês também são pra adotar?” E eu falei: “É, só que eu tô em dúvida porque eu não sei se eu abro um processo, se ele abre outro processo!” Daí ela olhou: “Mas vocês são um casal?” “Sim!” “Ah, então abre um só!”. Não tivemos qualquer problema no processo da adoção (Rodrigo, 52 anos).

É interessante notar como os relatos de Antônio e Rodrigo acima citados evidenciam uma ambivalência com relação a atuação dos profissionais envolvidos no processo de adoção. Antônio, da família Lima, afirma que todas as equipes técnicas pelas quais ele e seu marido passaram, salvo raras exceções, foram compreensivas e avaliadas como capacitadas para o exercício de suas funções frente a um casal homossexual. Ao mesmo tempo, afirma que, a partir de um comentário infeliz de uma profissional, uma das equipes foi responsável por uma mudança de perfil na busca por seus filhos. Da mesma forma, Rodrigo, da família Klein, afirma que ele e seu companheiro não tiveram nenhum problema durante a adoção, tendo em vista os posicionamentos das equipes técnicas pelas quais passaram. Entretanto, evidencia um desconforto emocional proporcionado pelo posicionamento de uma equipe que sugeriu a separação de seis irmãos que poderiam ser adotados pelos Klein.

Essas problematizações são importantes na medida em que, em uma sociedade em constante transformação, é proeminente que discussões acerca da adoção por casais homossexuais sejam amplamente estimuladas tanto em contextos sociais quanto nas

universidades, tendo em vista uma melhor capacitação e formação de profissionais que lidarão com essas temáticas (Araújo, Oliveira, Souza, & Castanha, 2007; Rodriguez, & Paiva, 2009), de modo que sejam evitados constrangimentos ou desconfortos como os vivenciados pelas famílias Lima e Klein.

Assim, ficam marcadas as relações que os participantes estabelecem entre suas famílias de origem e sua família atual na medida em que comumente justificam suas escolhas e desejos, como o de ter ou não filhos, tendo como base suas relações estabelecidas na família da qual vieram. Da mesma forma, fica evidente a noção de que a família homoparental é constituída a partir dos mesmos valores idealmente formadores da família heteroparental, estando uma sempre posta em relação à outra. Por fim, a conjugalidade se constitui a partir de afinidades e se mantém, sobretudo, a partir da união percebida entre os membros da família. No que se refere a atuação dos profissionais que participam do processo de adoção, é imperativo que estes sejam melhor preparados, tendo em vista as repercussões que suas condutas podem ter na vida daqueles por eles avaliados.

Tema 4 – Ser pai

Em estudo que desenvolvi na minha Iniciação Científica (Santos, 2013), que almejou investigar os significados atribuídos à parentalidade por homens homossexuais, identifiquei que, nesses contextos, as funções e papéis dos pais apareciam sempre no intermeio entre um papel tradicional de paternidade, sendo o pai visto, sobretudo, como provador de bens materiais, e um “novo pai”, a partir da valorização das relações de proximidade e comunicação entre pais e filhos (Gomes, & Resende, 2004; Vieira, & Nascimento, 2014; Santos, 2013). Nesse sentido, nesta categoria discutirei os significados, os papéis e as funções dos pais entrevistados neste novo estudo, à luz das concepções tanto dos pais quanto dos filhos das famílias participantes.

[Ser pai] É a melhor coisa que eu acho que podia ter me acontecido. Sinto falta de não ter convivido mais, nesse dia a dia. Isso é uma coisa que eu vou levar que eu acho que.... Quando ela era pequena, que eu morava lá em [cidade onde sua ex-esposa mora], eu era muito presente. Na época quem participava das reuniões, eu que ia, eu que levava, eu sempre fiz questão desde de cedo de estar, sabe? Mamadeira, dar banho, logo que ela veio, tem gente que não gosta de

pegar, né, bebê? Eu já.... Então isso sempre eu fui. Então depois quando eu vim pra [cidade onde mora], eu ia toda semana pra [cidade onde sua ex-esposa mora]. Todo final de semana eu ia. Nossa, era terrível pra vim embora, sabe? Largar tudo? Na época eu já não tava mais com ela. E então eu senti muita falta dessa convivência diária. E eu sei que eu perdi muito com isso, né? Muita coisa. Por mais que você não esteja ausente, mas você não tá ali todo dia acompanhando. Então eu acho que é o que mais eu sinto falta mesmo. De não ter, de não tá junto todos os dias, ou pelo menos mais tempo (César, 44 anos).

Para César, da família Moraes, a paternidade aparece como relacionada aos momentos de interação com a filha desde a sua infância. Por conta de um trabalho em outra cidade, entretanto, houve um distanciamento físico entre ele e Bruna, sua filha biológica, fato gerador de grande sofrimento para o participante. O mesmo parece ter ocorrido com Wagner, da família Rodrigues.

Daí eu via a Lívia duas vezes por semana, fim de semana, eu pegava na escola e tal, pegar na escola a gente revezava. Mas eu via bastante e participava... daí a [ex esposa] mudou pra [cidade onde a ex-esposa vive]. Aí foi a pior época da minha vida, porque [cidade onde a ex-esposa vive] é perto, mas é longe, né? Não dá pra “ah, eu vou e volto!” Até fiz isso... cheguei a pegar a Lívia na escola... trabalhar até as 10:30h, sair correndo com o carro, ficar na porta da escola, ela tá saindo, passar a tarde com ela e voltar. Mas não dava pra fazer sempre, eu sentia muita falta, mas foi como foi. [...] Isso [ser pai] fala mais do que as palavras, assim ... mas é uma emoção, um... não sei, é uma emoção que eu não sei descrever. [...] foi uma experiência única, eu assisti o parto dela, o pré-natal fui eu que fiz, a gente fez num grupo que era pra isso mesmo, pro pai participar, então eu ia lá, reuniões de pré-natal e tal e infelizmente a [ex-esposa] teve abcesso de mama e não pôde amamentar, então ela [sua filha, Lívia] tomava mamadeira, e na mamadeira o homem pode participar também, né? Se a mulher amamenta, ele pode até fiar do lado, mas ele não vai conseguir dar o leite. Então eu fazia isso também e tal... e a separação foi muito ruim, muito ruim ... principalmente por ela ficar longe... (Wagner, 50 anos)

Wagner, assim como César, evidencia o seu sofrimento pelo distanciamento entre ele e sua filha, Lívia. Da mesma forma, os dois participantes trazem, em suas

falas, marcas de papéis de gênero atribuídos aos pais e às mães materializadas não apenas, mas, sobretudo, pela amamentação. Ainda que por razões distintas, tanto César quanto Wagner afirmam que viveram esse momento de cuidado para com suas filhas garantindo, entretanto, de acordo com suas concepções, que o cuidado é atribuído ao feminino. Nesse sentido, como afirmado por Borsa e Nunes (2011), mesmo que tenham ocorrido mudanças nas dinâmicas familiares na contemporaneidade, sobretudo no que se refere a papéis de pai e de mãe, a função de cuidado ainda aparece relacionada às mulheres.

Há de se levar em conta que essas concepções de cuidado atribuído ao feminino apareceram nesses dois casos que são relacionados a contextos onde a paternidade foi concebida ainda em uma relação heterossexual. Quando a paternidade se deu por via da adoção, entretanto, as atribuições do cuidado surgiram de maneira distinta.

A gente divide muita coisa. Nosso perfil é mais de igualdade... culturalmente é mais de igualdade. Hoje a gente entende muito isso... ele mais ainda, porque ele [Rodrigo] passou por esse processo de um casamento hetero para um homossexual... e na homossexualidade você tem um papel muito mais igual do que num relacionamento heterossexual... porque, culturalmente, a coisa sobra sempre pra mulher... e aqui não! Aqui é casamento de João...aqui não tem casamento de João com Maria! [...] E pais...não tem uma mãe e um pai... a mãe vai ficar com o cuidado dos filhos e o pai vai prover... aqui os dois têm esse papel... tanto de cuidar dos filhos quanto de prover... (Willian, 39 anos).

Willian conta, em sua fala, uma transformação no comportamento de seu companheiro, Rodrigo, a partir da passagem de um relacionamento heterossexual para um relacionamento homossexual, notadamente no que diz respeito aos papéis e funções de pai. De acordo com o participante, na família Klein, os pais têm tanto uma função de provimento das necessidades materiais do lar quanto de cuidado para com os filhos. Pude observar essa concepção claramente no dia em que estive em contato presencial com a família. Willian e Rodrigo dividem as funções de cuidado de acordo com as demandas. No almoço, por exemplo, tanto um quanto o outro auxiliavam seus filhos mais novos a comer; os dois ajudaram a preparar a mesa do almoço e a desfazê-la ao término da refeição; os dois estavam junto de seus filhos no momento em que eles iam escovar os dentes, se trocar e se organizar para dormirem após o almoço. Mais que isso,

como relatado pelos cônjuges da família Klein, as tarefas do dia a dia como cuidar da alimentação das crianças, levar e buscar na escola e auxílio nas lições de casa, por exemplo, também são compartilhadas igualmente entre Rodrigo e Willian de acordo com as demandas e disponibilidades de cada um no momento.

Perroni e Costa (2008) afirmam ser frequente o questionamento de quem seria a “mãe” e quem seria o “pai” em uma família formada por um casal homossexual. Esse questionamento, entretanto, contém um “equivoco” conceitual que desconsidera o fato de que um homem *gay* não tem o desejo de ser uma mulher, nem se converte em uma mulher devido ao fato de o seu desejo afetivo-sexual ser orientado para uma pessoa do mesmo gênero que o seu, isto é, uma pessoa que se reconheça como homem. Essa argumentação, todavia, deixa subentendida a premissa de uma correspondência necessária entre o feminino, o materno e o papel que uma mulher deve desempenhar no seio familiar e entre o masculino, o paterno e o papel que um homem deve desempenhar nesse contexto. Em outras palavras, afirmar que um homem *gay* não seria a mãe em um contexto homoparental pelo simples fato de que esse homem não tem o desejo de se tornar uma mulher, é menosprezar o fato de que aquilo que é socialmente atribuído ao materno, isto é, as relações de proximidade e afetividade com os filhos, o cuidado e o carinho, poderia ser desempenhado por um homem.

Essa mesma lógica que faz necessária a correspondência entre o feminino, o materno e o papel que a mulher deve desempenhar na família se materializou na fala de Tiago quando perguntei se ele via diferenças entre um pai homossexual e um pai heterossexual.

Ah, não tem! Tem! [risos]. [...] Eu falo que ela [Bruna] tem duas mães e dois pais. [...] a impressão que eu tenho é que é uma relação de paternidade muito mais próxima de uma relação de maternidade do que da paternidade. Eu acho que rola aí uma relação muito mais materna do que paterna, no sentido da cumplicidade, da confiança, do próprio afeto, do próprio cuidado. Não é um cuidado de pai hétero. É diferente! (Tiago, 46 anos).

A partir do excerto de fala de Tiago podem ser problematizados alguns aspectos das construções feitas cotidianamente em uma sociedade pautada pela lógica binária de concepção dos gêneros e pela heteronormatividade presente nos entendimentos sobre papéis desempenhados no seio familiar.

Tiago considera que César desempenha um papel materno na sua relação com Bruna, o que quebra com a lógica argumentativa que define uma matriz mulher – materno – mãe. Entretanto, essa quebra de paradigma presente na fala de Tiago se dá apenas no primeiro elo da matriz, ou seja, mulher – materno, na medida em que afirma que o papel materno é desempenhado por César, um homem. Assim, a matriz se iniciaria pelo elo homem – materno. O segundo elo da matriz, materno – mãe, contudo, se preserva na fala de Tiago quando ele “brinca” que Bruna teria duas mães (a mãe biológica e César) e dois pais (o próprio Tiago e o marido atual da mãe de Bruna). Em resumo, ao que parece, não existe a possibilidade, para Tiago, de que a paternidade seja definida por aspectos de proximidade e cuidado sem que seja transformada em maternidade e seja desempenhada por uma mãe, e esse é um exemplo de manutenção da lógica binária e heteronormativa.

Outro exemplo de como essa lógica opera no cotidiano de todas as pessoas, sendo hetero ou homossexuais, diz respeito a uma percepção que tive da forma de organização familiar quando estive pela segunda vez na casa da família Moraes. Essa minha percepção fica evidenciada no excerto a seguir, retirado do meu diário de campo:

Durante todo o tempo que fiquei com a família Moraes, foi nítida a diferença de funções assumidas entre César e Tiago: César se levanta várias vezes para pegar comidas na cozinha, limpar a mesa e jogar as latinhas fora. Tiago não sai da mesa em momento algum e ‘organiza’ a conversa, ‘fazendo sala’. (Diário de Campo do pesquisador).

Da mesma forma, em outro trecho do meu diário de campo, dessa vez com referência ao meu encontro com a família Rodrigues, fica marcada a percepção que tive da operação de uma lógica heteronormativa.

Me chamou atenção o fato de Orlando estar preparando um bolo para a sua sogra e, mais que isso, o cuidado de preparar duas receitas, uma com a outra sem goiabada, já que seu marido, Wagner, não gosta de goiabada. Tive a sensação de que, talvez, as atribuições que geralmente se fazem ao feminino e ao masculino estão preservadas na relação dos dois. Essa minha percepção ficou ainda mais acentuada quando Orlando reclamou que Wagner não tinha vindo olhar os bolos

no forno, afirmando que “ele não entende dessas coisas”. (Diário de Campo do pesquisador).

Diante das anotações feitas no meu diário de campo, duas interpretações se mostram possíveis. A primeira é que existe, tanto na relação de César e Tiago quanto na relação de Orlando e Wagner, uma manutenção da lógica heteronormativa de papéis e funções dentro da família, sendo César e Orlando responsáveis pelas tarefas socialmente atribuídas ao feminino como o cuidado com a casa, por exemplo, enquanto à Tiago e Wagner ficariam as tarefas atribuídas socialmente ao masculino, como o provimento material da casa (a renda de Tiago e Wagner são quatro vezes maiores que as rendas de César Orlando, respectivamente), a responsabilidade pela manutenção das interações sociais em momentos de recepção dos amigos e um maior distanciamento das relações de afetividade com os filhos. A segunda leitura possível nesse contexto é a de que existe, em mim mesmo, uma lente heteronormativa, na medida em que enxerguei, nos comportamentos observados nas interações das famílias Rodrigues e Moraes, a manutenção de uma lógica binária. Dito de outro modo, enxergar essa divisão de papéis e atribuir a eles aspectos ligados ao feminino e ao masculino já é prerrogativa de uma visão heteronormativa.

Assim, pode ser observado, a partir das problematizações apresentadas acima, a presença, mesmo em mim, de uma norma interiorizada que acabou por guiar o meu olhar e permitir determinadas análises, em detrimento de outras. Desse modo, “a norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte” (Louro, 2006, p. 22) e, acrescento, em todos nós.

Para além da manutenção ou do questionamento de uma norma socialmente estabelecida, Rodrigo, da família Klein, faz uma comparação entre suas duas experiências de paternidade: a primeira, com sua filha biológica, fruto de seu relacionamento heterossexual anterior, e a segunda, com seus quatro filhos adotivos, agora no seu relacionamento com Willian.

Foram duas experiências muito diferentes, né? Na primeira eu era muito novo... eu tinha 25 anos... 26 anos...e foi assim uma mistura de grande felicidade com uma preocupação enorme... início de vida... E erreí muito, fui muito parecido com o meu pai em muitas coisas, mas em relação a eles foi muito diferente... porque foi uma paixão logo de cara mesmo. [...] Mas ser pai... nossa, isso é

muito difícil mesmo... pra encontrar palavras que definam o que é isso... porque é tão bom, é tão mágico... tê-los... quando a gente ouve, tem retorno deles de coisas tão simples... tão carinhosas... [...] Mas é... acho que é isso mesmo que eu queria... é estar junto. É complementar... é ser amado... é tão bom. Tão maravilhoso.... Depois, se eu pensar mais, eu complemento, mas é difícil (Rodrigo, 52 anos).

Rodrigo, quando perguntado qual a sua concepção sobre ser pai, faz uma comparação entre a sua primeira experiência de paternidade, biológica, e a segunda, adotiva. Para o participante, que se emocionou muito nesse momento da entrevista, as diferenças entre seus dois posicionamentos frente a paternidade biológica e adotiva estão mais relacionadas à maturidade e experiência do que com o fato de existirem laços sanguíneos ou não. Mais que isso, é interessante notar como, em sua fala, Rodrigo se reporta à imagem que teve de seu próprio pai, comparando os erros que porventura cometeu com os erros que acredita que seu pai tenha cometido com ele. Nesse sentido, como afirmado por Gabriel e Dias (2011), a paternidade pode ser um momento de reavaliação da percepção dos cuidados parentais percebidos de nossos próprios pais. Essa relação entre a paternidade exercida e a paternidade percebida também ficou marcada nas falas de Antônio.

Pra mim [ser pai] de certa forma é uma satisfação narcísica muito grande. Eu acho.... Tem uma satisfação que... tem um desejo e uma satisfação narcísica que... por exemplo, meus filhos são lindos... sabe, é um prazer narcísico [risos] Se alguém fala: “Nossa, como eles são bonitos!” Eu falo: “São! Meus filhos!” E quando eles repetem coisas minhas... quando eles se interessam por coisas que eu me interesso, sabe? Nossa... isso dá um prazer muito grande... e tem todo o lado deles também... porque você é o responsável por aquelas pessoas. Você é o responsável por tudo. É você que vai passar todos os valores que você acha correto, é você que vai introduzir a criança na sociedade, como ela deve ser portar... é você que vai possibilitar qualquer conhecimento, aprendizagem...sobre até os relacionamentos... sobre o amor. Você vai ensinar pra ela como é ser amada... é essencial... porque senão ela não vai aprender isso, ela não vai conseguir ser amada depois e não vai conseguir ter relacionamentos... Então... você acaba sendo uma figura de extrema importância na vida dela. Não é à toa

que alguns religiosos chamam deus de pai, né? Essa figura que te provê absolutamente tudo... a sua vida... (Antônio, 39 anos).

Meu pai tem problemas de relacionamentos... ele não vai nunca conseguir ter um relacionamento estável. Ele vai ficar naquelas de ter um namorado aqui, ter outro ali... depois termina. Ele não se apega... (Antônio, 39 anos).

Para Antônio, assim como para Rodrigo, o ser pai aparece relacionado à figura internalizada de pai que o participante tem. Nas falas de Antônio, entretanto, essa relação fica menos explícita e só emerge quando comparada a outros momentos de seu relato, como acima demonstrado. Em um primeiro momento, Antônio diz que seu pai, também homossexual, tem dificuldades em se engajar e se manter em um relacionamento estável e, adiante na entrevista, afirma que pais são responsáveis, por exemplo, por ensinar os filhos a se relacionarem afetivamente com outras pessoas. De certa forma, parece que a paternidade, para Antônio, está relacionada a uma tentativa de reparação dos equívocos percebidos na paternidade exercida por seu pai. Ou seja, pode-se entender que o **ser pai**, neste caso, está relacionado ao modelo internalizado de pai que o participante tem a partir da experiência de filho que teve com seu próprio pai. O mesmo pode ser observado nos relatos que César faz sobre seu desejo pela paternidade, como elucidado no início da categoria anterior.

Ser pai é ser apaixonado pelos filhos... sentir a falta deles... ter muita responsabilidade que... assim, antes tudo o que você faz é baseado em.... Nós [Rodrigo e ele] nos reunimos por uma afinidade, mas a qualquer momento a gente pode se separar. E com filho não... com filho parece que existe um vínculo eterno... aquele vínculo forte que você tem que superar as outras coisas assim, porque você tem algo muito maior que é a paternidade. Então hoje eu sinto muito isso...essa coisa da responsabilidade, de ponderar muito mais as coisas para que não afetem os meus filhos. Assim, eles tão sempre inclusos em qualquer decisão, em qualquer pensamento... como eu vou fazer isso? Ou vou deixar de fazer isso? Porque tem alguém lá que é pra sempre. Então acho que filho pra mim é isso... é pra sempre (Willian, 39 anos).

Para Willian, a paternidade é significada muito além de questões biológicas ou não. Ser pai, para o participante, diz respeito não apenas a uma transformação em sua maneira de encarar a vida, passando a se considerar mais responsável e pensando

sempre nos filhos antes de tomar qualquer decisão, mas também a um vínculo eterno que permanecerá mesmo que a relação conjugal termine.

É interessante notar como os companheiros de pais biológicos se posicionam em relação ao **ser pai**. Tanto Tiago quanto Orlando passaram por construções de significado diferentes em suas relações com as filhas de seus companheiros, César e Wagner, respectivamente, que tiveram suas filhas em relacionamentos heterossexuais anteriores.

Pra mim é muito claro: eu não sou o pai dela [Bruna]. E é uma coisa que eu falo pra ela e eu falo pro César: eu morro de carinho, cuidado, mas eu tenho consciência. É diferente. Não é uma relação de paternidade eu acho. Até porque ela tem um pai e ela tem uma mãe. E eu não tenho o direito de brincar de pai dela nem de mãe dela. Porque não tem ausência de pai nem de mãe. Eu acho que esse direito seria me dado se um dos dois fosse ausente. Talvez eu tenha essa consciência porque, como eu fui conselheiro tutelar e ter lidado muito com essas coisas de pátrio poder e a gente tinha que lidar muito com essa questão, isso me deu uma certa preparação e uma certa maturidade pra lidar com isso. Coisa que eu abomino, por exemplo, na relação com a mãe dela e o atual marido da mãe dela. Porque ele se vê no direito, ou no papel esquecendo que o César é pai. Eu falo pra ela: “Pera aí, ele não é teu pai, ele é marido da tua mãe! Mas você tem pai. O fato de ele querer fazer esse papel de pai é como querer matar simbolicamente o teu pai. E isso eu não quero. O fato de eu não gostar da sua mãe e de ela não gostar de mim, ou nem sei se é gostar ou se já nem interessa mais, mas você tem uma mãe. Ela é a tua mãe. Eu te quero bem, tanto que se tiver que corrigir você alguma vez, eu não vou te corrigir. Se eu não tiver gostado, vou falar com o teu pai. Ele vai falar com você!” (Tiago, 46 anos).

Tiago parece se posicionar claramente como não sendo pai de Bruna, filha biológica de seu companheiro, César neste momento da entrevista. Entretanto, como já elucidado anteriormente nas discussões deste mesmo tema, o participante afirma que, para ele, Bruna tem dois pais – ele e o marido da mãe de Bruna – e duas mães – César e sua ex-exposa, pais biológicos de Bruna – evidenciando uma construção da significação do ser pai que se mostra contraditória e complexa.

Teve um período, que eu acho que a Livia, na tentativa de entender essa relação, quais eram os papéis, né, dessas três pessoas, eu, ela e o Wagner, teve uma época que ela começou a brincar um pouco como se eu fosse irmão, né? E eu logo percebi assim e eu falei: “Não, eu não sou seu irmão!” Mas foi tranquilo, assim. Não: “Ah, para!” [risos] Não. Eu não sou, não ...imagina ...e ter essa referência do Wagner como meu pai e pai dela...eu falei: “Não! Eu tenho pai!” [risos] ...e aí a gente foi construindo mais ou menos isso (Orlando, 41 anos).

Assim como para Tiago, Orlando comenta, em sua entrevista, sobre um momento no qual Livia, tentando entender qual a relação estabelecida entre ele e seu pai biológico, o coloca como irmão, demandando um posicionamento claro de Orlando frente a essa questão. Chama a atenção o fato de tanto Tiago quanto Orlando não terem se referido a si mesmos como padrastos, o que usualmente acontece em famílias heteroparentais recasadas. Como explícito por esses participantes, ainda que exista claramente o cuidado e o afeto com relação às filhas biológicas de seus companheiros, o que parece é que eles se colocam nessas relações mais como parceiros dos pais do que como pais de fato.

No que se refere às concepções que os filhos têm de seus pais, sobretudo sobre o cuidado recebido, é interessante notar a semelhanças entre as falas de Livia, filha da família Rodrigues e Bruna, filha da família Moraes.

Logo que eu mudei, meu pai fez uma coisa muito legal... eu tava aprendendo a escrever na época e a gente se comunicou por cartas um tempo. Claro que a gente se falava por telefone, mas a graça da carta, sabe? Então a gente trocou umas cartas no começo... Mas uma coisa que eu achava muito legal é que meu pai sempre fez o máximo possível pra estar presente em ocasiões que eu poderia sentir a falta dele. Tipo dia dos pais na escola, sabe? Acho que ele chegou a não ir uma ou outra vez, mas porque ele não podia. Teve um compromisso que não dava pra mudar. Mas sempre que ele podia, ele pegava, saía de [cidade onde o pai mora] super cedinho, ia, vinha, passava o dia comigo em [cidade onde Livia morava com sua mãe], me buscava na escola, participava da atividade, aí eu lembro que ele me deixava na nataçao e ia embora pra [cidade onde seu pai mora]. Então ele fazia bate e volta. É puxado. Eu dirijo hoje em dia e eu sei que é puxado. Não é qualquer coisa. [...] Ele queria participar da minha vida mesmo.

[...] Ele sempre foi muito presente. Uma coisa que eu percebi e que eu percebo até hoje é que ele quer tá ali pra mim quando eu preciso, sabe? [...] Mas eu sinto isso. Ele sempre se disponibiliza pra mim, então não tem como sentir falta dessa maneira...quando precisa, tá ali. (Lívia, 22 anos).

Muito orgulho dele, porque ele é um pai maravilhoso pra mim. [...] meu pai, ele já é mais aberto, ele senta e conversa. Quando eu era pequena e fazia alguma coisa errada, ele falava: "Olha, Bruna, você fez tal coisa, sua mãe me falou e eu não gostei, e eu quero que você me explique porque você fez isso, porque assim, eu quero saber se eu estou errado. Então eu queria que a gente conversasse. Se você concorda que você está errada, então a gente precisa chegar em uma conclusão pra você parar, pra você refletir." Tanto é que, assim, eu sou muito mais aberta e eu me abro muito mais com meu pai. Eu converso muito mais com ele. Eu acabo dividido muito mais coisas com ele. (Bruna, 21 anos).

Tanto Lívia quando Bruna têm uma imagem muito positiva de seus pais. Bruna, se mostrando mais objetiva, demonstra uma percepção de cuidado que recebeu de seu pai que se refere, explicitamente, à educação e à forma de lidar com um contratempo. Lívia, por sua vez, demonstra a sua percepção de cuidado paterno recebido por meio de exemplos de esforços de seu pai para se mostrar sempre presente, ainda que morando em cidades distintas. No que se refere à intimidade e à cumplicidade, Bruna afirma que se sente muito à vontade para compartilhar as coisas com seu pai do que com sua mãe, tendo em vista a dificuldade de relacionamento que parece existir entre ela e sua progenitora. O contrário acontece com Lívia que afirma se sentir mais próxima, intimamente, se sua mãe, o que não significa que mesmo na relação das duas não tenham existido contratempos.

Ai [risos]. Com a minha mãe... Sim, eu acho que colo de mãe é colo de mãe. Eu acho que eu ter vivido só com ela por tanto tempo, isso tá aí. Mas a minha mãe tem um namorado que é uma pessoa muito difícil. É uma pessoa que eu não me dou nada bem, nunca me dei... desde que ele... ó, tá com a minha mãe faz 12 anos, 13... Eu tinha nove ou dez anos quando ela começou a namorar com ele. E nesse sentido eu acho até interessante porque é muito diferente do Orlando a relação que eu tenho. [...] Na verdade eu tenho uma relação com o Orlando e eu não tenho uma relação com o [namorado de sua mãe]. [...] Então na minha fase

da adolescência assim, eu briguei muito com a minha mãe, por causa dele. E isso me afastou muito dela. Muito assim, de eu não conseguir falar nada pra ela. De não conseguir sentar com ela e falar do carinho que eu gostava na escola, sabe? Não tinha diálogo algum. (Lívia, 22 anos).

A organização do dia a dia das filhas, quando nada casa de seus pais, também parece ser semelhante.

[...] E aí quando eu to lá [na casa de seu pai], em geral é fim de semana, né? Então ele não tá trabalhando. O Orlando, as vezes ele tá em [cidade onde Orlando trabalha] porque ele tá trabalhando como professor de pilates, os horários são mais flexíveis, né? Mas em geral de final de semana os dois costumam tá lá. E a gente costuma fazer duas coisas: ficar em casa mesmo assistindo um filme, conversando...O meu pai faz comida, o Orlando também faz, as vezes a gente almoça lá. Coisa que a gente faz bastante é ir pra [cidade onde sua avó mora] pra almoçar com a minha avó. (Lívia, 22 anos).

Quando eu venho pra cá, eu também venho na sexta-feira à noite. Ah, e aí depende. Meu pai as vezes marca alguma coisa com alguns amigos, a gente sai de sábado à noite, ou a gente fica aqui. Como ele também tem muita coisa pra estudar, as vezes a gente junta e estuda junto. Ah, e é bem tranquilo. E eu gosto de vir pra cá pra descansar. (Bruna, 21 anos)

Talvez por viverem contextos muito próximos, por viverem um período similar da vida e por terem histórias de vida familiar também muito semelhantes, Lívia e Bruna se posicionem de maneiras parecidas quando se referem ao dia a dia na casa de seus pais, César e Wagner. É interessante notar que, assim como posicionamento dos companheiros de seus pais, Tiago e Orlando, que não se referem à Bruna e Lívia como filhas, tanto a filha da família Moraes quando a filha da família Rodrigues se referem aos cônjuges de seus pais pelo nome de cada um e não a uma posição na família, como padrasto, por exemplo. Entretanto, tanto Lívia quanto Bruna têm um apelido especial e particular de tratamento para se referirem diretamente a Orlando e Tiago. No caso da família Moraes, só consegui observar isso na interação que estabelecemos fora do contexto da entrevista. No caso da família Rodrigues, entretanto, pude observar esse fato na entrevista que fiz com Lívia.

Desde então a gente é muito próximo, a gente brinca muito entre nós. Sei lá, ontem eu tava pensando... Eu chamo ele [Orlando] de [apelido] às vezes. Mas não é porque na escola as crianças chamam de “tio”, de “tia”, não é por isso. É porque uma vez a gente foi viajar no meu aniversário de 15 anos, que meu pai deu de presente eu ir viajar pra Europa... E fui eu, ele e o Orlando. E aí quando a gente tava em [cidade na Europa], tinha uns caras que vendem cachorro quente na frente de museu, na frente de não sei o que... e aí era engraçado porque aqui no Brasil é dogão, né? X-dogão... Aí o Orlando virou e falou assim: “Você tem que ir lá e falar: ‘[apelido], vê um dogão, [apelido]!’”. Era o desafio, era a brincadeira. E o [apelido] ficou por causa dessa brincadeira, não por causa de “tio”. Eu achei interessante pensar nos apelidos que surgiram entre nós, mas que são da nossa história, de uma brincadeira. Não é uma coisa que veio de fora porque ele era amigo do meu pai e então eu chamo de “tio”. (Lívia, 22 anos).

Fiquei pensando na forma de tratamento que Bruna se refere a Tiago. Durante a entrevista, em nenhum momento ela se referiu a ele de uma forma que não fosse por seu nome próprio. Depois da entrevista, entretanto, quando estávamos sentados na área externa da casa, comendo, bebendo e conversando sobre a viagem que Bruna fará para um intercâmbio de um ano, percebi que, a todo momento, Bruna se refere a Tiago como [apelido], me parecendo ser um apelido carinhoso e compartilhado por seu pai, César, que também se referia a Tiago dessa forma algumas vezes. (Diário de Campo do pesquisador).

Ser pai, então, se mostra como uma construção complexa engendrada por modelos, fantasias, questões de gênero e sexualidade, além de elementos contextuais e culturais. Nas famílias com filhos biológicos, fica bem delimitada a noção de que, mesmo formada por um pai homossexual e seu companheiro, estão claramente marcados os papéis que os cônjuges dos pais biológicos exercem, não possuindo uma função específica, mas sendo referidos como pessoas pelas quais as filhas têm muito carinho, respeito e intimidade. No caso das famílias com filhos adotivos, por sua vez, os papéis de pais ficam mais evidentes, ainda que aparentemente flexíveis.

Tema 5 – O que é a família?

Muitas são as definições de família encontradas na literatura a depender do referencial teórico adotado, do que se pretende discutir quando se fala de família, ou do

momento histórico em que cada definição é elaborada, por exemplo. A temática da família se torna ainda mais complexa quando vista à luz da diversidade, notadamente no caso de famílias formadas por casais homossexuais. Diante dessa complexidade, surge o questionamento de se as chamadas novas configurações familiares, isto é, as famílias que destoam do modelo nuclear patriarcal heterossexual seriam as responsáveis pelo decreto do fim da família como a conhecemos (Roudinesco, 2003; Stacey, 2006). Este tema foi construído como uma forma de **dar voz às concepções** que os participantes deste estudo – tanto os pais quanto os filhos – têm **sobre o que é a família**. Para César, cônjuge da família Moraes:

Ai, família é referência, é porto seguro. Como eu falei, minha mãe tem uma presença muito forte na minha vida, sempre foi.... Se não seria muito mais difícil pra mim. Porque eu sempre me cobrei muito isso, então eu acho que se ela não aceitasse ia ser muito mais difícil. (César, 44 anos).

Para César, a família é definida com base em termos de aceitação, referência e porto seguro, e é interessante notar que o participante tenha se referido explicitamente à sua mãe na definição que elaborou sobre família. Nesse sentido, os pais de famílias homoparentais tendem a perceberem maior eficácia nos cuidados paternos, terem menos homofobia internalizada e apresentarem menos estresse quanto maior for o apoio social e familiar percebido por essas pessoas (DeMino, Appleby, & Fisk, 2007; Goldberg, & Smith, 2014; L'Achevêque, & Julien, 2013; Riskind, Patterson, & Nosek, 2013; Tarnello, Farr, & Patterson, 2011). Entretanto, ainda que César tenha se referido à sua mãe, em seu DF aparecem representados apenas o seu núcleo familiar mais próximo, isto é, o próprio participante, Bruna, sua filha, ao centro e Tiago, seu companheiro, ao lado, todos de mãos dadas e inseridos em um coração que ocupa quase toda a folha.

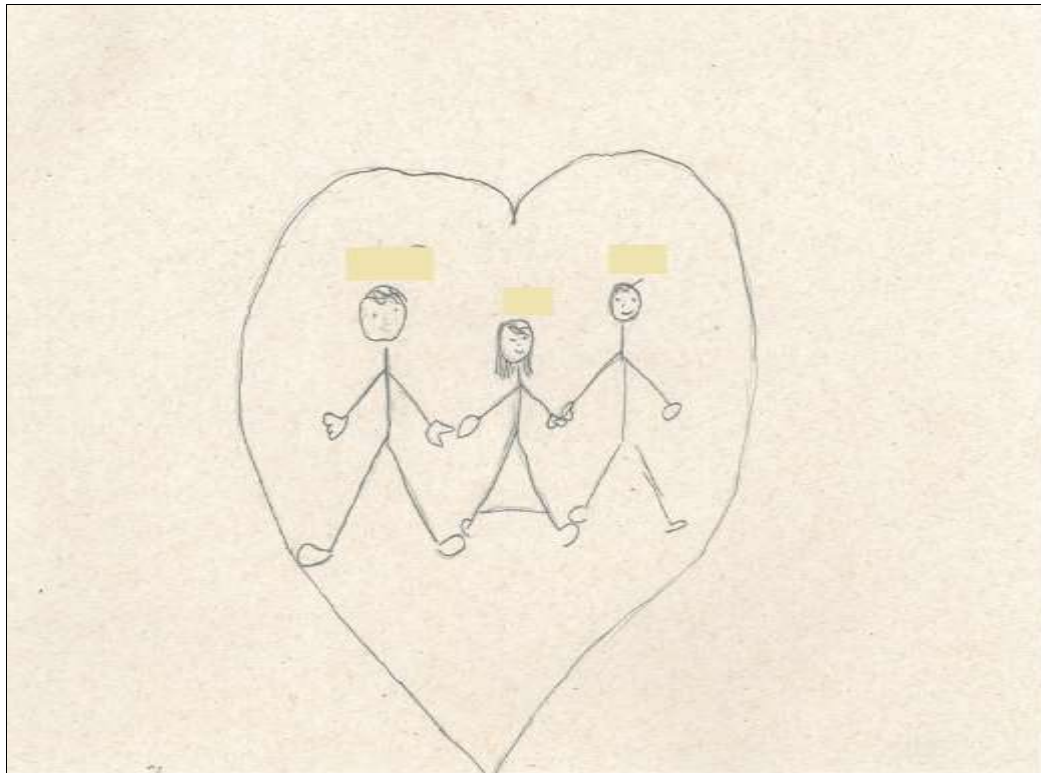


Figura 11: DF elaborado por César

A concepção de família, para César, volta a ser colocada em termos de aceitação na fase do inquérito no DF, quando é solicitado que o participante conte uma história sobre a família que desenhou.

Uma história? Ai.... Essa família é uma família que nasceu meio torta, mas que é feliz, eu acho. Eu sou muito feliz, pelo menos. E ela se completa, eu acho. Não sei talvez como eles vêem isso, mas é dessa forma que eu vejo. É uma história que deu certo. Uma família que eu acho que deu certo. Apesar de tudo.... Que a gente não teve essa convivência diária, tudo, mas o fato de ela ver nós dois como pai, entendeu? E não ter problema de encarar isso de ela falar né? Que o namorado [de Bruna] ou gosta da gente, aceita a gente ou nem continua, 'Não serve pra mim! '. Então eu acho que é bem isso aí mesmo. Esse coração aí.
(César, 44 anos)

Na história que contou sobre seu DF, César lembra de uma fala de sua filha, Bruna, que parece ser recorrente, quando esta afirma que se um pretendente a namorado não aceita a homossexualidade de seu pai e sua relação com Tiago, então essa pessoa não serve para namorar com ela. César deixa, mais uma vez, implícita a noção de

aceitação na definição de família, dessa vez colocando-a em relação a sua filha. Chama a atenção, também, o fato de César considerar o nascimento da família que desenhou que, de maneira evidente, é a sua família, com um surgimento “torto”. Isso pode ser problematizado pelas dificuldades que o participante relatou, em outros momentos durante sua entrevista, como a dificuldade por se afastar da filha após a separação do seu relacionamento heterossexual anterior, a dificuldade de própria aceitação da sua homossexualidade, ou os contratempos que o participante tem com a sua ex esposa, por exemplo. Mais do que isso, a referência de aceitação que o participante ilustra em sua fala está relacionada tanto à sua família de origem, por meio da menção que César faz à sua mãe, quanto à sua família construída, por meio do exemplo que traz de uma atitude de sua filha, Bruna, frente aos seus namorados.

Família é... é proximidade... é... [...] É o convívio com a pessoa, é o carinho. [...] Eu não sei, Yurín. O que que é importante na vida? Não é importante você ser feliz e ver as pessoas que você ama feliz? Eu vivo acreditando nisso, sabe? Então pra mim é isso. É ter com que você contar sempre. Por isso que as pessoas falam: "Família é sempre pra quem você vai voltar!", sabe? E eu acho que é isso mesmo. É aquele lugar que você tem pra... Que você sabe que sempre vai estar ali. Você sabe que pode ir viajar pro mundo inteiro, mas quando você voltar ainda vai estar ali. (Bruna, 21 anos)

Assim como seu pai, César, Bruna evidencia a sua percepção de que família é um porto seguro, ou seja, um lugar de segurança emocional. É interessante notar o exemplo que Bruna utiliza para falar dessa temática, afirmando que “Você pode viajar pro mundo inteiro, mas quando você voltar ainda vai estar ali” se levado em consideração que a entrevista com Bruna foi realizada um mês antes de ela embarcar para um intercâmbio de um ano em outro país. Nesse sentido, falar sobre família parece ter mobilizado Bruna, fazendo com que, em seu DF, ela tenha se recusado a contar uma história no momento do inquérito.

Deixa eu pensar. Não, deixa eu ver quantos eu fiz. Um pouquinho do meu perfeccionismo aqui, pera aí. Ai, eu não sei. Eu desenhei isso porque, como eu tinha dito, pra mim família pode ser qualquer coisa. É, desde que você tenha aquele laço que eu tinha comentado. Então eu não sei... Pra mim... Sei lá esses

aqui podem ser os filhos, assim como esses aqui podem ser os pais. Ou esses. Ou esses. Ou não tem necessariamente um pai biológico, uma mãe biológica, mas mesmo aquele quem cria. Então não precisa ser necessariamente uma família com laços de sangue. Ah, faltou esse aqui. Vou colocar ele como filho também.
(Bruna, 21 anos)

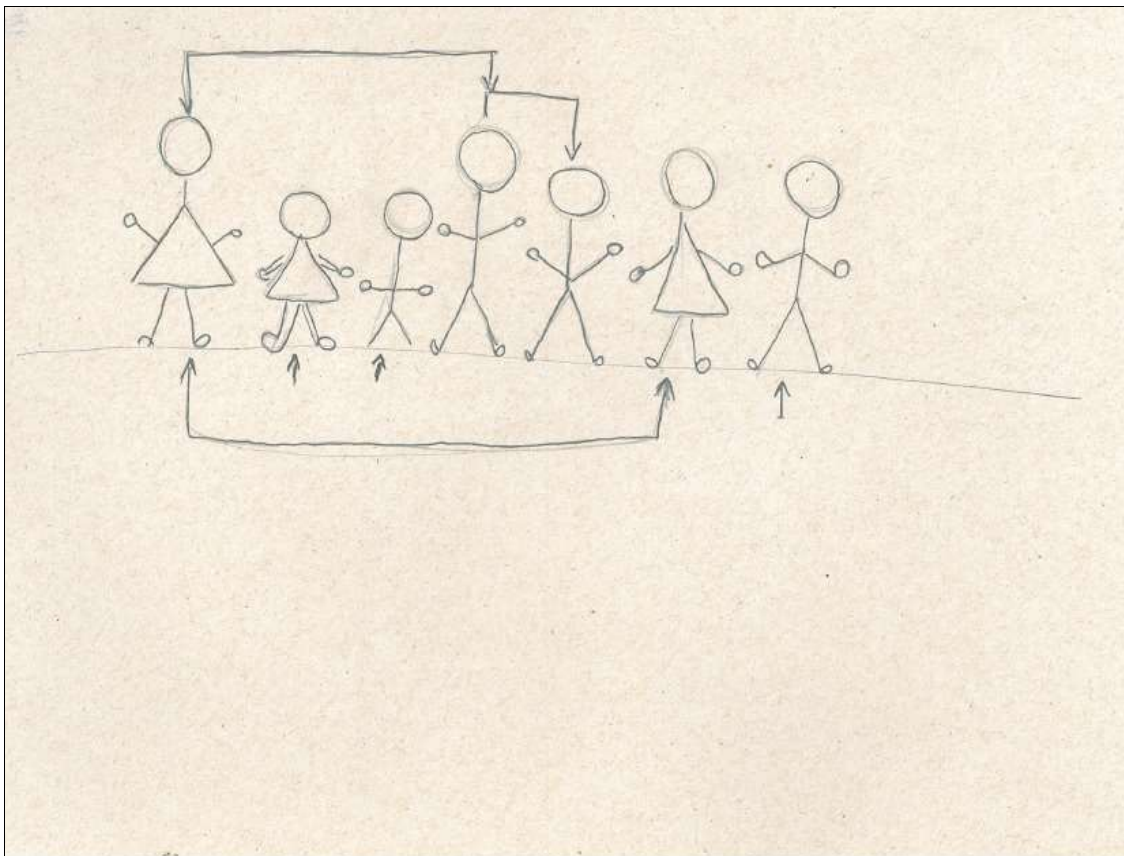


Figura 12: DF elaborado por Bruna

O fato de Bruna entender a família como uma ampliação dos laços de consanguinidade corrobora o afirmado por McGoldrick e Patry (2008), quando estes afirmam que a família vai além da estrutura biológica e abrange qualquer pessoa que seja percebida como um apoio importante. Da mesma forma, Butler (2003b) afirma que são diversos os estudos, sobretudo nos Estados Unidos que evidenciam o entendimento de que as relações de parentesco estão para além das relações biológicas. Essa mesma ampliação feita por Bruna pode ser exemplificada na fala de Tiago.

O que é uma família pra mim? É a que eu tenho! [risos]. Não, é essa questão do estar junto, do se querer bem, isso pra mim é uma família. [...] Porque a gente

liga muito essa questão da família a laços de sangue, e isso não tem nada a ver. Você pode ter laços de sangue e não ter uma família. E você pode não ter laço de sangue nenhum e constituir uma família. Então a partir do momento que você está junto, e vocês se querem bem, você constrói junto e você se respeita, você tem uma família. (Tiago, 46 anos)

Para Tiago, assim como para Bruna, a família está para além dos laços de sangue, como evidenciado no excerto acima apresentado. Ademais, fica marcada a concepção do participante de que família se refere à união. Outra marca importante da concepção que Tiago tem sobre a família surge em um diálogo estabelecido entre pesquisador e participante, no momento do inquérito do DF:

Y – [...] Me conta uma história sobre essa família?

T – Uai, pra mim, a minha família hoje, quando eu penso na minha família que eu constituí, é eu, o César e a Bruna, mas dela fazem parte, também, a Ana Luísa e a Fernanda [sobrinhas de Tiago], que tão aqui e eu sou apaixonado pelas duas, né?

Y – E tão todos de mãos dadas, né?

T – Tão. E assim... E a gente se quer muito bem, e eu sinto isso. E elas também se querem muito bem, e isso foi algo construído. Mas também é meu pai, é minha mãe, são os meus irmãos, são as minhas irmãs, são as minhas cunhadas, é a família do César, é... Tem uma junção das nossas duas famílias. Eu acho que isso hoje é, pra mim, é família. É a minha família. (Tiago, 46 anos)

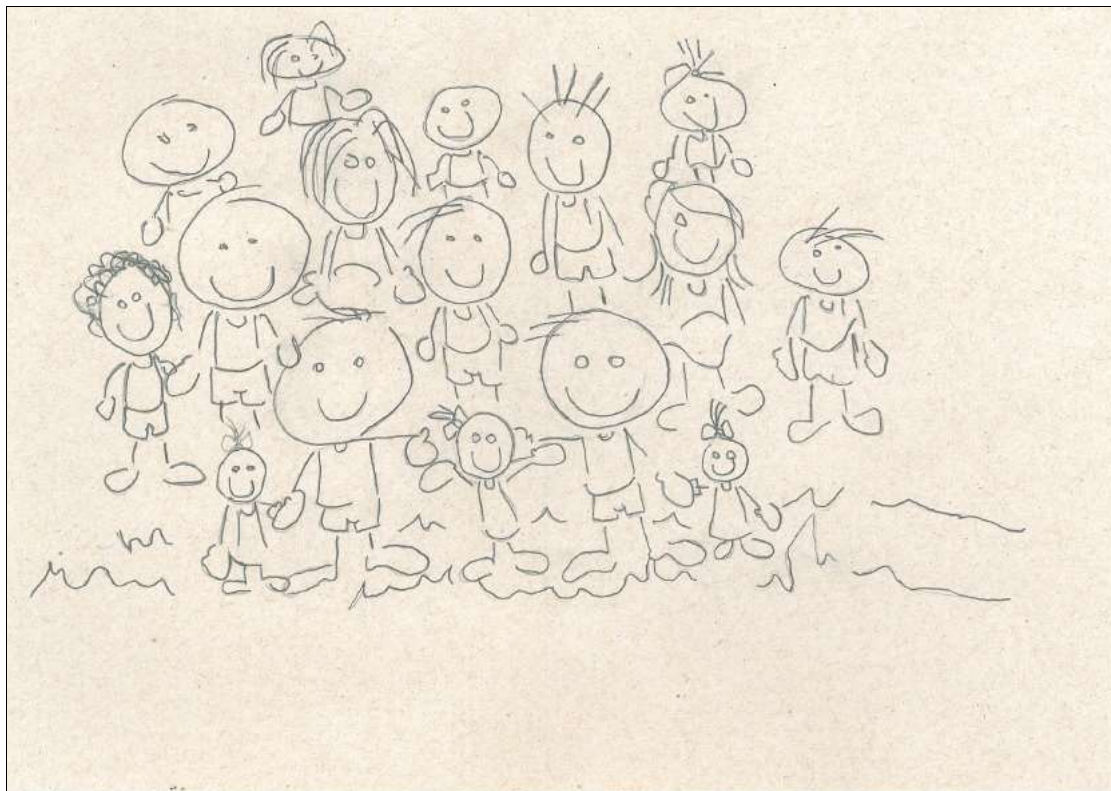


Figura 13: *DF produzido por Tiago*

Fica evidenciada, nas falas de Tiago, sua concepção de que a família é construída e, mais que isso, maior do que o núcleo familiar restrito ao casal e aos filhos, neste caso formado por ele, Bruna e César, abrindo as discussões para a questão da família ampliada.

No caso da família Rodrigues, Wagner afirma:

Hoje, família é o Orlando e a Lívia, né... tem mãe, claro, mas saiu dessa configuração... é muito mais companheirismo, é muito mais cuidado... e a gente tem que se cuidar porque não é... a gente tá há quase 15 anos juntos e ninguém mais é novinho, né? Mas é a questão do dia a dia, do contrato que se tem de intimidade, de respeito. (Wagner, 50 anos)

Para Wagner, a família é definida como referente a relações de companheirismo e cuidado que parecem crescer com o passar do tempo. Chama a atenção o fato de o participante trazer, na sua definição de família, apenas seu marido, Orlando e sua filha, Lívia, sobretudo quando essa definição é comparada com o seu DF e a história que contou sobre a família desenhada no momento do inquérito.



Figura 14: *DF elaborado por Wagner*

Uma história? [risos]. Eu tentei, com essa imagem que eu criei da mesa, talvez juntar um pouco de uma experiência minha... dessa coisa da família... ver meu pai lá brigando, não sei o que, com mais gente, essa coisa barulhenta... com essa família mais eu e o Orlando aí. Eu até tentei diferenciar homem de mulher. As de cabelos compridos seriam as mulheres. Quis representar a diversidade, né? Um casal hetero, um mais velho, dois caras, e aqui bichos. Minha história familiar sempre foi permeada por animais, gato e cachorro, mais cachorro. [...] Acho que a minha ideia aí era juntar essas duas imagens de família grande, barulhenta, com bicho e essa família que resguarda uma intimidade de dois, que é a família escolhida. (Wagner, 50 anos)

Ao contrário de sua definição de família, na qual estavam presentes apenas seu marido e sua filha, na história que Wagner conta sobre a sua produção no DF aparecem muitas outras pessoas para além da família nuclear. Mais que isso, como explícito em sua fala, a família representada diz respeito a uma junção da família numerosa e barulhenta, isto é, a imagem que tem de sua família de origem, com a família menor, restrita ao casal, definida por Wagner como “família escolhida”, demonstrando a sua noção de que a família que formamos, na sua opinião, nasce a partir de uma opção.

Acho que não tem que definir família, né? Acho que família são as pessoas que você ama e que você considera.... Acho que família passa longe de consanguinidade, de... família é uma coisa de relação mesmo. Família são as pessoas que você sente uma afinidade e as pessoas que você quer construir uma vida junto. Sejam quais forem essas pessoas. Pode ser um amigo, pode ser um namorado, pode ser uma mãe, uma avó... Um filho sozinho, um filho com um casamento ou não... [...] Acho que não dá pra querer ir lá no Congresso e falar: “Família é X!”. Família não é X! Família é amor. É isso que fica pra mim. Lógico que daí tem a questão de respeito, questão de companheirismo, mas assim, pra mim, tendo amor, tem família. As outras coisas vêm com o tempo, sabe? As outras coisas se constroem. (Lívia, 22 anos)

Para Lívia, filha da família Rodrigues, é imperativo que não exista uma definição sobre o conceito de família na medida em que, para ela, a família se traduz por um sentimento – amor – e, sendo este um aspecto subjetivo, qualquer definição excluiria todas as outras possibilidades de ser família. Para além disso, a família aparece, em sua fala, como não referente à consanguinidade. Assim como seu pai, Lívia traz, em sua fala sobre a família, a noção de companheirismo. Da mesma forma, assim como Wagner, a filha da família Rodrigues, em seu desenho, esboçou a presença de animais, evidenciando mais uma similaridade com seu genitor.

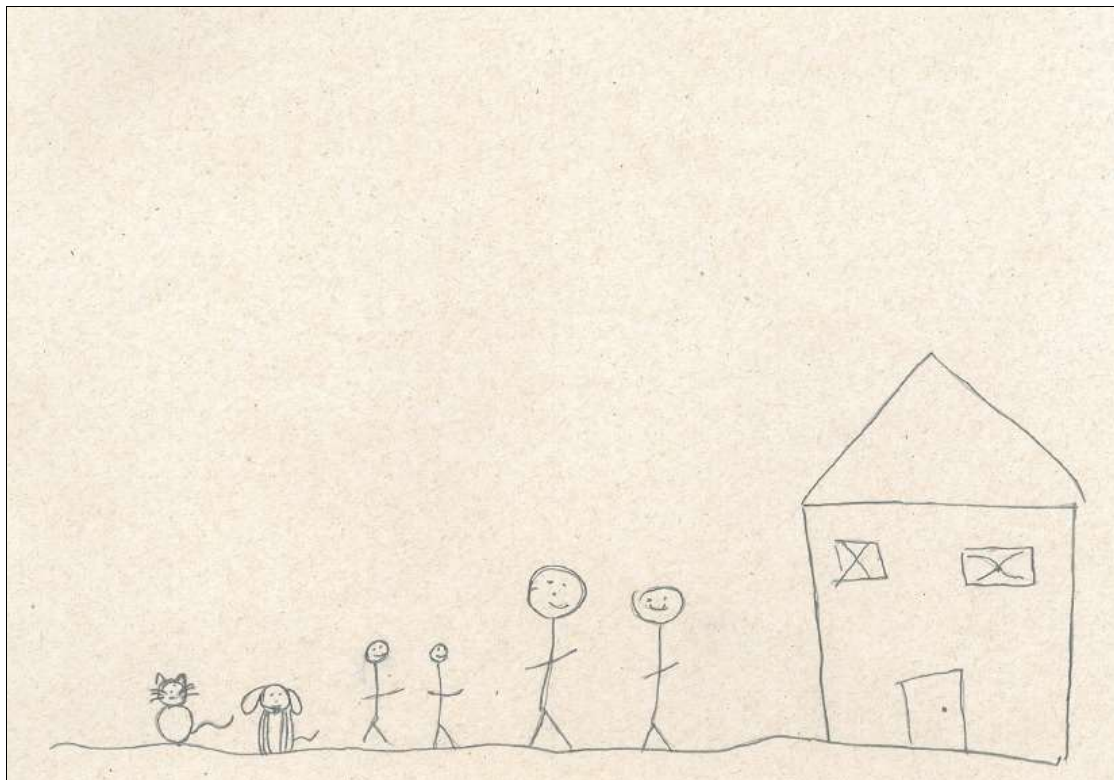


Figura 15: *DF produzido por Lívia*

Não sei. Eu coloquei os animais porque eu acho que sempre fizeram parte da minha vida e eu sempre considero eles como parte da família porque, como eu falei antes, se tem amor, tem família e tem muito amor com esses bichinhos, sabe? Eu acho que eles são parte importante. [...] Eu coloquei duas crianças porque eu acho que eu queria ter um irmão. Eu acho que é legal você ter alguém com que dividir as questões da família. Qualquer que seja a sua família. Eu acho que irmão é muito companheiro. Pode ser muito companheiro. E eu não sei, pra mim eles tão num dia feliz porque eles tão sorrindo, porque eles tão todos juntos, porque eles tão em harmonia e eles podem sair todos juntos e fazer passeios todos juntos. Acho que eu pensei muito em convivência pra fazer isso. Sabe, as pessoas com quem você vive no seu dia a dia, a sua casa que você divide com essas pessoas...E pensar que você tem um jeito de viver que vem dessa família. Da sua família (Lívia, 22 anos).

Mais uma vez, fica evidente, no relato de Lívia, a concepção da importância do companheirismo no seio familiar quando a participante afirma que gostaria de ter tido um irmão. Outra noção manifesta na sua fala é a ideia de que sua compreensão de

família tem íntima relação com a união, convivência e, mais que isso, perceber em si mesmo características que vem da sua própria família, evidenciando uma transmissibilidade que não se dá por via biológica – como a consanguinidade – mas por meio da convivência e das relações estabelecidas entre os membros da família.

É...nossa! É uma coisa que... essa coisa de família que... que não necessariamente é a de sangue... mas é essa laço... é... esse, esse... enfim, esse laço afetivo que se cria e que você quer ver bem, você quer contribuir pra que a coisa desenvolva positivamente... eu acho que, pra mim, é nesse sentido, assim... são esses laços que... porque não é só também as pessoas que se gostam, que se querem bem... são pessoas que são próximas... são pessoas que você consegue ta junto na sua vida, independente do jeito que ela seja, assim... abarcando toda a complexidade que ela tem, *assim ... (Orlando, 41 anos)*

A definição de família para Orlando se mostra muito próxima a construção que Wagner e Lívia fazem sobre a família. Essa proximidade fica mais explícita se observado o seu DF e o que o participante disse no momento do inquérito.

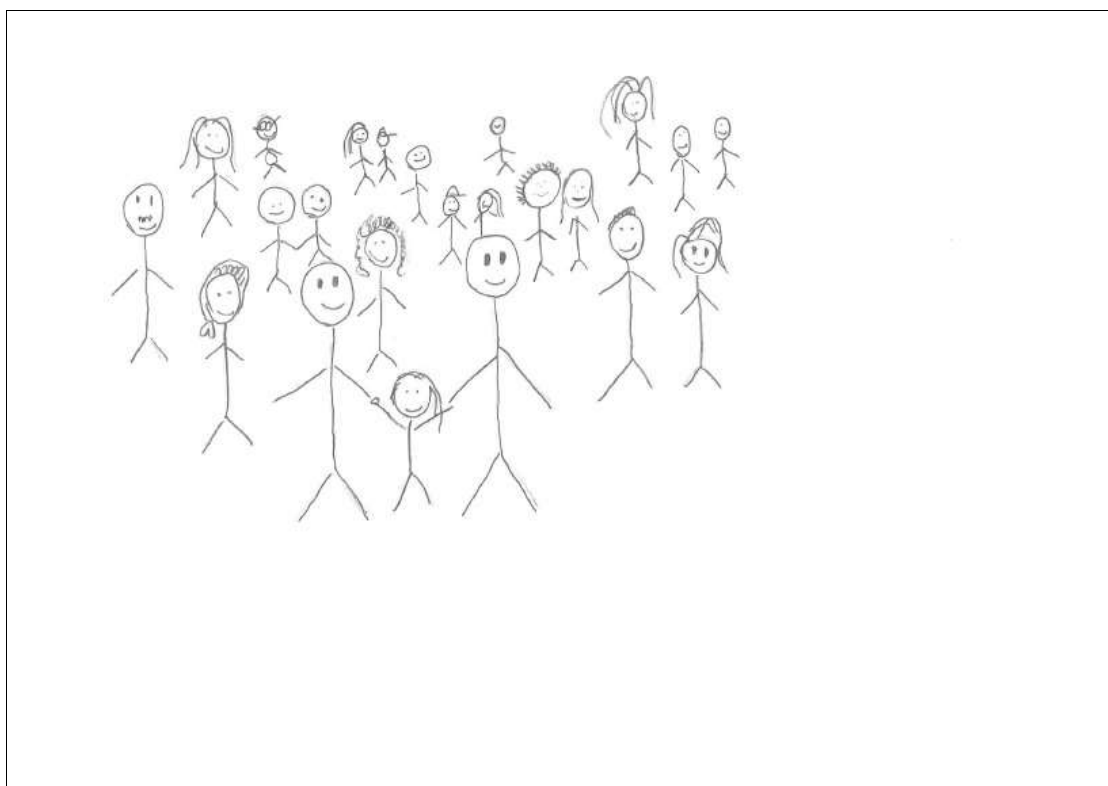


Figura 16: *DF produzido por Orlando*

É porque. Aqui seria o meu núcleo mais meu. Na realidade assim, eu não penso só nesse núcleo como uma família assim. Tem a mãe da Lívia.... Outro dia a Lívia postou uma foto do casamento do primo dela.... Eu, ela e o Wagner, falando da família. Aí eu pensei.... Não é a minha diretamente, mas a gente acabou virando uma família também. Tipo a mãe da Lívia. Tem a ver. Não é que não tem a ver... Não tem o mesmo vínculo, não tem uma mesma questão, mas a gente tem uma ligação para o resto da vida. Sem eu ser o pai da filha dela, mas a gente tem uma relação. E aqui eu coloquei pessoas que não são um laço mesmo. Eu botei meus amigos da turma que veio de [cidade onde morava na infância], tem a minha irmã, meus irmãos, tem mais gente aí que faz parte. Porque eu não sei se eu to confundindo as coisas, mas, ao mesmo tempo, uma coisa tá mesmo ligada a outra. No sentido de que tem pessoas que não tem diretamente a ver com esse núcleo, mas que me influenciaram como pessoa pra eu estar hoje em dia com essa cabeça e tendo essa postura. De alguma forma, mostraram, durante

o meu percurso, que os laços, a família não é só seu pai e sua mãe biológicos e ta-ra-rá... ou que te adotou e tá no papel. Em um primeiro olhar, você não teria essa noção. Mas [família] é essa sensação assim. (Orlando, 41 anos)

A concepção que Orlando tem sobre o que seria a família parece ser um compilado das noções que Wagner e Lívia têm da família. Nesse sentido, para Orlando parece existir uma noção de companheirismo que está implícita na sua fala, assim como presente nas falas de Wagner e Lívia. Do mesmo modo, para o participante, a família aparece como sendo maior do que laços biológicos, trazendo, assim como na fala de Lívia, a ideia de que existe uma transmissão que se dá pelas relações, evidenciada pela noção de que só chegamos onde chegamos pelas reverberações que nossas relações têm em nós mesmos. Outro fatoro notório nas considerações que a família Rodrigues fez, sobretudo nas falas de Wagner e Orlando, é a presença da mãe de Lívia. Ainda que não estando próxima ou presente no dia a dia da família, a figura materna aparece como importante referência.

No caso da família Lima que, ao contrário das famílias anteriormente apresentadas nesta categoria, Moraes e Rodrigues, tiveram seus filhos concebidos por meio da adoção, as considerações sobre a família apareceram de maneira mais direta e objetiva.

Família? Eu acho que é um conjunto de pessoas que se unem pelo afeto e eu cuida um do outro. Cuidam em vários níveis. Emocional, psicológico, entendeu? Financeiro também... acho que isso que configura uma família. Você não precisa nem ter laços de sangue, você não precisa nem ter laço de um papel que o judiciário te deu pra configurar uma família. (Antônio, 37 anos)

Para Antônio, a família é definida como um conjunto unido pelo afeto e pelo cuidado. Pela primeira vez aparecem aspectos que vão além do subjetivo, evidenciando uma preocupação do participante com uma dimensão material da vida, por meio da preocupação financeira. É interessante notar que essa fala surgiu do único participante que estava desempregado no momento da realização da entrevista, evidenciando um reflexo do contexto e do momento na sua subjetividade. Mais do que isso, a fala de Antônio faz refletir sobre a concretude da família, para além de aspectos subjetivos e emocionais. Nesse sentido, é importante levarmos em conta uma dimensão palpável da

vida em família que se mostra, de acordo com as falas do participante, em equivalente importância a outras instâncias, como a psicológica, por exemplo.



Figura 17: DF produzido por Antônio

Ah, basicamente é uma família de *Lego* ou *Playmobil*, que a cara é igual e você só muda o cabelo... que é um recurso artístico... que é você mudar as roupas e os cabelos, mas pra fazer tudo mais rápido. Mantendo uma diferença, né? E obviamente uma família de 2 homens com 3 meninos, que é um reflexo da minha. [...] De certa forma é a minha família. Aí... os coraçõezinhos representam o amor entre as pessoas...e aquilo que era pra ser um arco-íris meio torto....mostra que é uma família diversificada. Ah, eles tão de mãos dadas...eu subestimei a distância entre eles, então as mãos ficaram pequenas...não quis apagar...se não eu ia ter que refazer tudo...porque eu fiz os adultos primeiro, depois as crianças. Então ta apertado, mas é pra tentar mostrar que eles formam uma família muito unida. E os pais tão do lado de fora pra proteger as crianças... (Antônio, 37 anos)

Para além da autocrítica presente na sua fala após o inquérito sobre o DF, Antônio traz à baila a ideia de uma família diversa, o que diz sobre uma realidade na vida da família. Entretanto, à despeito das diferenças de raça existentes entre os membros da família Lima – Antônio é branco e seus filhos são negros – Antônio esboçou pessoas muito parecidas, com pequenas alterações nos cabelos das figuras ilustradas, como em brinquedos como *Legó* e *Playmobil*, explícito em sua fala. Ademais, no desenho de Antônio, a partir da sua fala após o mesmo, fica marcada a ideia de amor e união entre os membros da família, além de uma concepção de proteção dos adultos para com as crianças.

Família é você ter perto de você as pessoas que gostam de você. Você não precisa ter laço consanguíneo. Eu nunca tive família de sangue. [...] Laço consanguíneo não significa nada. [...] Hoje, pra mim, família sou eu, ele [seu marido, Antônio] e as crianças. (Fabio, 38 anos)

Assim como para outros participantes, como Tiago e Bruna, da família Moraes, Orlando e Lívia, da família Rodrigues e mesmo seu marido, Antônio, para Fabio a família está claramente desassociada de laços de sangue. Mais que isso, fica explícita, em sua fala, um aspecto afetivo na família, além da noção de proximidade entre seus membros. É interessante observar, nesse sentido, a produção do DF de Fabio.

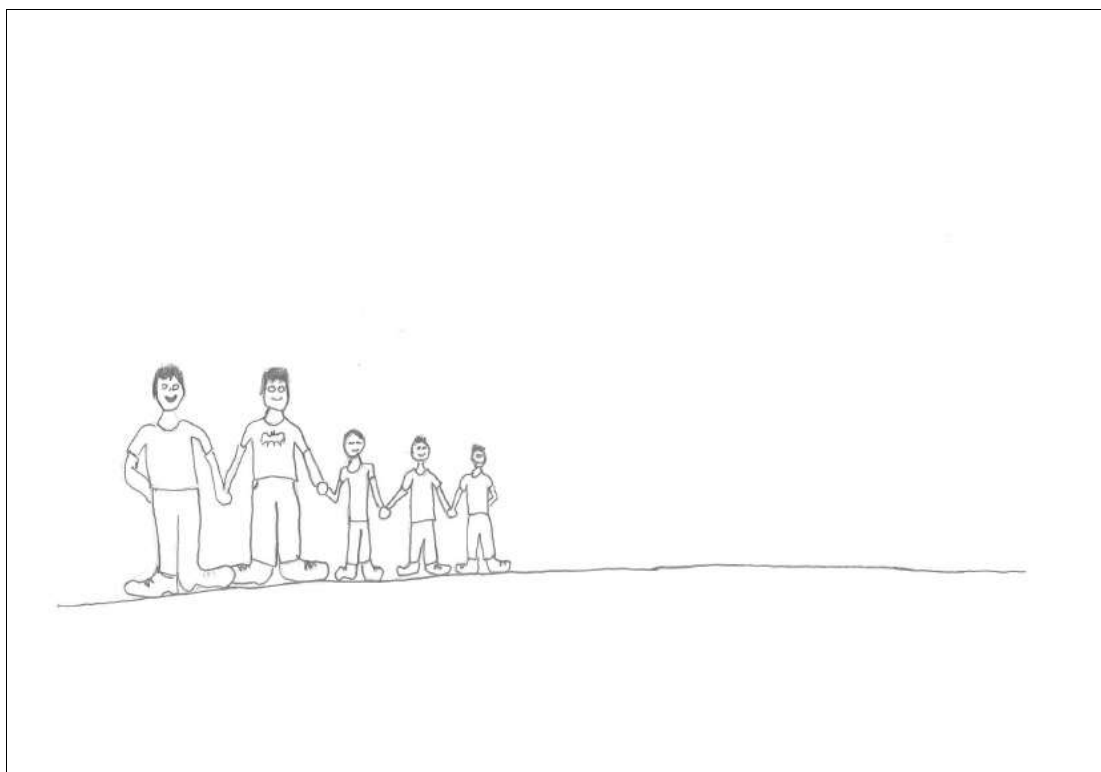


Figura 18: *DF produzido por Fabio*

É... é uma família. E a história é que éramos só nós dois e agora temos os três pimpolhinhos. Eles vieram completar a família. Éramos só os dois e agora tem mais os três completando. (Fabio, 38 anos)

A fala de Fabio após o inquérito sobre sua produção no DF foi muito breve e objetiva. O participante não contou uma história, mas, tendo claramente representado a sua família no desenho, afirma que a história da família desenhada é a própria história da sua família. Fabio desenhou os 5 membros de sua família de mãos dadas e em um canto da folha, coerente com o expresso em sua fala quando o participante traz a ideia de proximidade da família. Ademais, surge, em sua fala, a noção de completude da família após a adoção de seus três filhos.

No que se refere à família Klein que, assim como a família Lima, teve seus filhos por meio da adoção, alguns aspectos comuns às outras famílias participantes puderam ser encontrados. Contudo, também surgiram singularidades nas suas falas e desenhos.

Família é... é um conjunto que te dá suporte, que dá a base, que dá a possibilidade de a gente ir mais longe... porque a gente sabe que, se a gente for muito alto e cair, tem pessoas que tão ali pra apoiar... cumplicidade, ficar feliz com a felicidade do outro... isso é uma coisa tão difícil, né? Ter projetos em comum... acho que é isso que... gostar de ta junto... brigar... é tão bom brigar mesmo e fazer as pazes depois... principalmente quando é besteira, né? As pessoas complicam muito a vida. (Rodrigo, 52 anos)

Para Rodrigo, a família aparece como relacionada a um suporte que permite o desenvolvimento. Questões como cumplicidade e empatia também ficaram presentes em sua fala e, pela primeira vez, surge a noção de que na família também existem conflitos. Outras dificuldades foram elucidadas por outros participantes em outros momentos como a incerteza financeira da família Lima antes da adoção, ou os distanciamentos entre o próprio Rodrigo e sua ex esposa e sua filha biológica, por exemplo. Entretanto, conflitos internos, na família homoparental formada, ficaram evidentes apenas na fala de Rodrigo. Esse fato não deve ser considerado como negativo, mas, exatamente ao contrário, pode significar uma observação mais fidedigna da vida em família. Outro aspecto que salta aos olhos nos relatos de Rodrigo se refere ao seu DF.

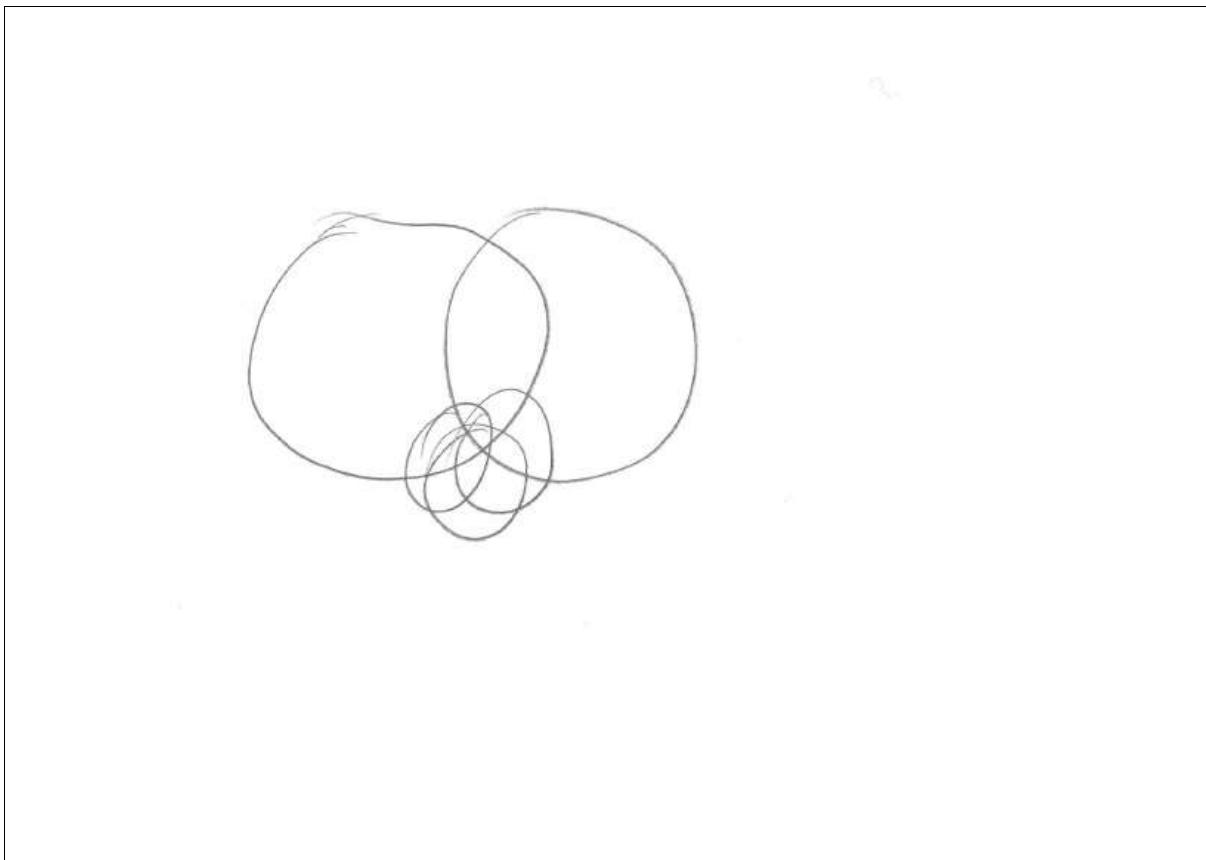


Figura 19: *DF produzido por Rodrigo*

No caso é uma família tradicional. Com dois genitores... dois pais, ou duas mães... e os filhos, com as coisas que eu... as particularidades de um, as particularidades de outro... e os filhos juntos também, com particularidades de um e de outro, mas cada um também com a sua independência, cada um com a sua vida, mas conjugada com a vida de todos os outros. É, parece que, de certa forma, tem um... ta tudo junto, né? Eles se cruzam em alguns lugares... [...] os irmãos também, os filhos... é... nunca pensei nisso não, saiu agora, tá? [risos]

Diferentemente de todos os outros participantes, Rodrigo não desenhou figuras humanas em seu DF. Ao invés disso, o participante fez círculos entrecruzados, evidenciando a sua noção de família como conjunto trazida na sua definição de família. Ainda que todos os membros da família sejam ilustrados como círculos, o participante afirma que existem particularidades de cada um que, contudo, são compartilhadas com as particularidades dos outros membros. Rodrigo traz a ideia não apenas de uma relação pais-filhos na família, mas também da relação entre irmãos. É importante lembrar que

Rodrigo é filho único e que talvez sua fala tenha como referência a sua própria experiência de vida, concordando com a produção de Livia, filha da família Rodrigues.

Ah, família são pessoas que se gostam muito, que se amam muito, que sentem falta uma da outra e... porque assim, tem que sentir falta pra você tá ligado, né? Mesmo... não é um nível de “ah, to morrendo de saudade”..., mas eu quero que aquela pessoa que eu amo, que eu gosto, esteja do lado. A minha ligação... até na questão *gay*, com a minha família, sempre foi essa... como é que a minha família vai ser inserida nisso, né? Como é que eu quero...e eu sempre quis assim...independente da questão... assim, se eu fosse hetero, eu quero a minha mãe na minha casa, eu quero meu pai na minha casa, eu quero meus irmãos... eu quero que ela conviva com meus filhos, então meu pensamento sempre foi esse... de família... aquilo de convívio, aqueles que tão sempre, aqueles que, na hora do sufoco, te dão apoio... tão ali pra dar aquele apoio incondicional... mesmo quando você acerta, mesmo quando você erra. São as pessoas que gostam de você nesses dois momentos. Então pra mim família é isso... (Willian, 39 anos)

Para Willian, a família inicialmente aparece como relacionada a questões afetivas, sobretudo ao amor entre seus membros. O participante é o único que traz, em sua definição de família, uma preocupação presente com relação a sua homossexualidade. Afirmado ser a família um espaço de convívio e apoio, para Willian era importante que existisse o contato entre sua família de origem e a sua família construída, sendo a sua homossexualidade uma questão para a efetivação desse convívio.

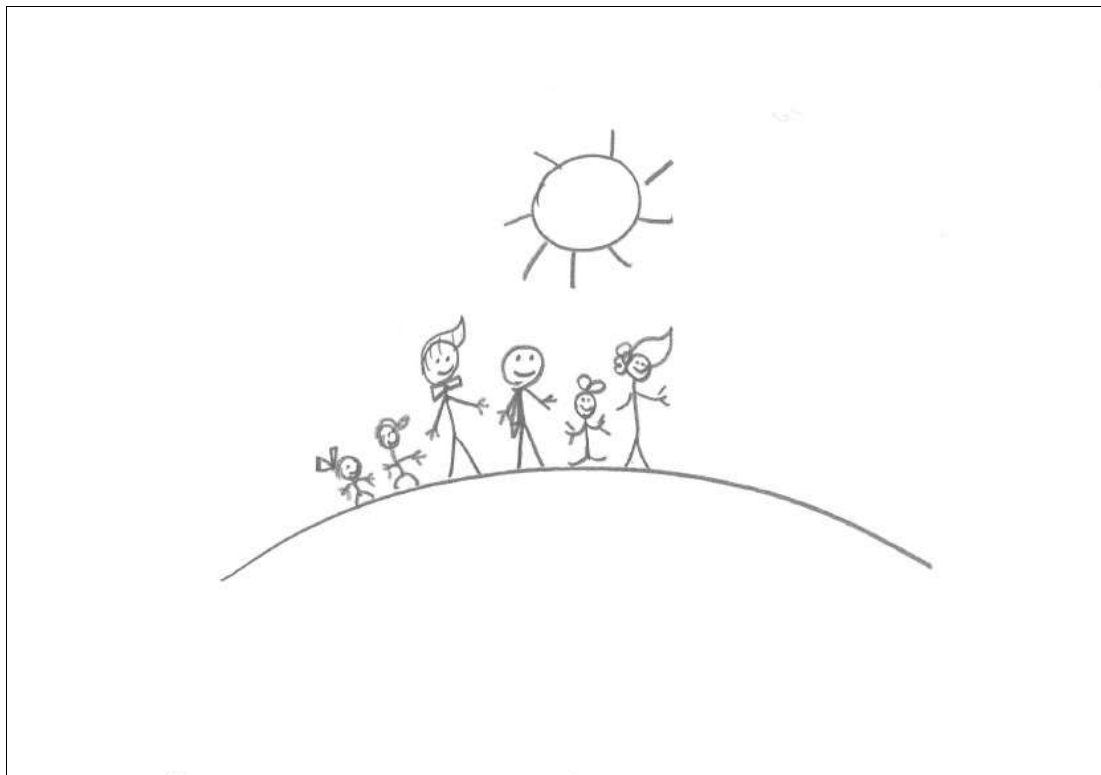


Figura 20: DF produzido por Willian

Essa família? Uma história? Não sou muito bom de história não... mas era uma vez [risos]... dois rapazes... Rodrigo que ia gostar dos dois rapazes... que sonhavam em ter filhos... e um dia o anjo veio e contou onde que os filhos deles estavam escondidos... e aí os pais passaram por bosques, por florestas, e chegaram a uma casa... lá naquela casa havia quatro crianças lindas... estavam cheio de amor em volta assim... Uma aureola de amor em volta assim... e quando esse casal chegou e os viu, ficaram apaixonados e resolveram guardá-los no coração pra sempre. E ficaram juntos pra sempre! (Willian, 39 anos)

Willian, que começa a sua história da produção no DF em clima descontraído, termina seu relato sobre o desenho muito emocionado. De maneira figurada, a história que contou após o inquérito do DF é a história de sua própria família, carregada de muito afeto.

É interessante observar que, mesmo que as famílias homoparentais sejam entendidas como contestadoras do conceito de família (Rosa, & Kamers, 2014), critérios como união, afetividade, respeito e carinho, adjetivos tradicionalmente atribuídos à família nuclear heterossexual, foram também explicitados pelas famílias participantes. Mais do que isso, contudo, surgiram também aspectos de aceitação,

ampliação dos vínculos consanguíneos, a preocupação com uma dimensão material da vida em família, além de o entendimento da família como um lugar também de conflitos. Nota-se, então, uma diversidade expressiva de adjetivações possíveis à família, o que evidencia que a entidade familiar, assim como os sujeitos, são uma construção complexa atravessada por aspectos pessoais, históricos e situacionais que, contudo, parecem operar em um sentido comum: **o ser família**.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve, como objetivo geral, conhecer o processo de formação e organização de famílias homoparentais constituídas por casais masculinos com filhos, na perspectiva dos pais e dos filhos. Para tanto, realizei uma pesquisa de cunho qualitativo amparado por um referencial *queer*, além de estudos da área da homoparentalidade. Algumas problematizações acerca dos encontros que tive com os participantes puderam ser apresentadas nos resultados da presente Dissertação. Entretanto, é necessário que eu diga, de antemão, que as possibilidades por mim exploradas como discussões neste trabalho não esgotam, em absoluto, as potencialidades de mirada para o mesmo material. Isto é, levando-se em consideração a minha posição no mundo, a minha história, o meu contexto e o diálogo que pude manter com os participantes e com as reverberações internas que os encontros com eles me proporcionaram, os resultados aqui apresentados são, na realidade, uma possibilidade de olhar para esses contextos familiares.

Nesse sentido, o pretendido aqui não foi obter conclusões em sentido *stricto*, mas sim elucidar uma possibilidade de compreensão das famílias homoafetivas com as quais pude dialogar, a partir do olhar de um homem, branco, homossexual, psicólogo, cisgênero, advindo de uma família de classe média e todas as outras afirmações que, neste momento, me compõem. Assim, não almejo o encontro de respostas, mas de novas questões sobre as famílias, as paternidades, as conjugalidades e as homossexualidades.

O que pude observar a partir dos encontros com os participantes desta pesquisa é que todos foram, em algum momento e em algum sentido, atravessados pela norma heterossexual. Seja no momento de se reconhecer ou se aceitar homossexual, no momento de efetivar suas relações conjugais ou no momento de concretizar o desejo pela paternidade, fato é que o imperativo heterossexual esteve e está presente nas trajetórias dos participantes desta pesquisa, assim como ilustrado por suas falas. Neste sentido, torna-se necessário o cuidado e a atenção para os momentos em que este imperativo que, como já apontado, reflete cotidianamente sobre todos nós, restringe ações e possibilidades de ser, tolhendo a cidadania e os direitos dos cidadãos que fogem ao padrão socialmente imposto.

No que se refere à aceitação e à assunção da própria sexualidade, os preconceitos e concepções sobre a homossexualidade nas famílias de origem de alguns

participantes como César, Wagner e Rodrigo pareceram ser fatores determinantes para a dificuldade em lidar com a própria sexualidade. Nesses casos, a aceitação das próprias sexualidades se mostrou possível apenas após a percepção de envolvimento emocional com pessoas do mesmo sexo. Ainda no que diz respeito à assunção da homossexualidade, esse processo apareceu, nos relatos dos participantes dessa pesquisa, ora como uma necessidade de afirmação, como no caso de Antônio, ora como uma não necessidade, como no caso de Tiago.

A efetivação da conjugalidade homossexual surgiu com repercussões sobre os relacionamentos dos participantes com suas famílias de origem. Da mesma forma, as concepções sobre cada família de origem estiveram presentes nas construções de significados que os participantes elaboraram sobre o exercício da paternidade e sobre a construção de suas próprias famílias. Chama a atenção o fato de todos os casais das famílias participantes terem construído suas relações a partir de espaços de homosocialização, como boates ou ambientes virtuais específicos para pessoas homossexuais, demonstrando a contínua necessidade de proteção e sigilo daqueles que expressam sua sexualidade de forma distinta à heterossexualidade. Dessa forma, é notória a ideia de que a plena vivência da sexualidade, para os pais entrevistados, só foi possível em ambientes restritos, dados os preconceitos e os julgamentos morais ainda geralmente atribuídos à homossexualidade.

A construção das famílias homoparentais participantes esteve relacionada ao (não) desejo pela paternidade, ainda que, na maioria dos casos, esse (não) desejo não tenha uma origem claramente definida. Entretanto, de uma forma ou de outra, isto é, afirmando ou não o desejo pela paternidade, os participantes, em geral, se reportavam às suas concepções sobre suas próprias famílias de origem para conceber as suas famílias formadas. Para além disso, foi notória a importância dos profissionais que atuam nos processos de adoção, sobretudo psicólogos e assistentes sociais, tendo em vista as marcas que deixaram nas famílias que recorreram à adoção para concretizarem a paternidade.

No que se refere especificamente ao ser pai, nas famílias onde os pais tiveram seus filhos concebidos por meios biológicos, isto é, na família Moraes e na família Rodrigues, parece existir a manutenção de uma lógica desigual entre os cônjuges tanto em relação ao cuidado com os filhos quanto na organização da vida familiar cotidiana. Nas famílias com filhos adotivos – família Lima e família Klein – entretanto, a

organização e divisão de tarefas entre os cônjuges apareceu de maneira mais igualitária e definida a partir das possibilidades situacionais de cada um frente às demandas dos filhos. Esse fato fica ainda mais marcado quando Willian, por exemplo, afirma ter observado uma transformação em seu companheiro, Rodrigo, quando este deixou seu relacionamento anterior, heterossexual, no qual teve uma filha biológica, e passou a se engajar em seu relacionamento atual, homossexual, no qual tem quatro filhos adotados. Apesar das formas de concretização das paternidades dos participantes deste estudo, os companheiros de pais biológicos, isto é, Orlando e Tiago, não se entendem enquanto pais, ainda que exerçam, muitas vezes, a parentalidade frente às filhas biológicas de seus companheiros, Wagner e César, respectivamente.

Para os filhos entrevistados parece que não há o reconhecimento de prejuízos em seu percurso desenvolvimental em decorrências da homossexualidade de seus pais ou de serem criados em um lar chefiado por dois homens que se entendem e se comportam no cotidiano como um casal parental. Mais do que isso, foi notória a noção de que a educação, o cuidado e o carinho dos pais para com os filhos não esteve, em absoluto, relacionado à sexualidade dos pais, mas sim com a forma com que esses pais se dedicam e se dispõem aos filhos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os dados aqui apresentados resumem-se às filhas biológicas e mais velhas, Bruna e Lívia, que conviveram, em grande parte, também com suas mães. Nesse sentido, é importante que novos estudos sejam conduzidos exclusivamente com famílias que tenham seus filhos integralmente criados no seio da família homoparental, tendo em vista as possíveis especificidades destes contextos de desenvolvimento.

Em se tratando das concepções de família, para os participantes deste estudo não parece haver diferenças de entendimento e significações quando vistas à luz de outras formas de ser família. Ou seja, as adjetivações atribuídas às suas famílias estão em acordo com as atribuições que geralmente são apontadas pela literatura científica sobre família. Entendimentos de que a família é um lugar seguro, é referência como base, união, cuidado e amor, se fizeram presentes também neste trabalho. Nesse sentido, como já afirmado em outros momentos da presente Dissertação, ao que parece, as famílias homoparentais se mostram distintas de outros modelos familiares sobretudo nas formas de construção e organização sendo, entretanto, baseadas nos mesmos ditos tradicionais. É provável que outras diferenças, entretanto, não possam ser atribuídas à sexualidade dos pais, mas sim às singularidades de cada família.

Assim, os resultados da presente Dissertação parecem confluir para a noção de que não apenas as sexualidades, mas as paternidades e as próprias famílias são construções singulares complexas que são constantemente atravessadas por expectativas frente às normas sociais e, mais que isso, pelas subjetividades de cada membro de cada família. Isso significa dizer que os sujeitos trazem em suas concepções um histórico único e particular que vai dizer o que é “ser pai”, o que é “ser família”, o que é “ser homem”, o que é “ser homossexual”. Dessa forma, a perspectiva *queer* se mostrou como uma possibilidade de mirada para esses sujeitos na medida em que permitiu o olhar para essas singularidades, possibilitando a historicização de conceitos e entendimentos e evidenciando as diferenças encontradas em cada um desses contextos.

Ainda que este estudo tenha permitido o olhar para a singularidade dos sujeitos participantes, novas questões emergem como lacunas na investigação científica sobre a chamada diversidade. Nesse sentido, o que é ser homossexual? A homossexualidade está relacionada a relações afetivo-sexuais ou a um conjunto de práticas e representações de uma ideia de identidade? O que leva um sujeito a ter a percepção da necessidade de afirmação de uma posição homossexual ou não? Quais os entendimentos que profissionais envolvidos nos processos de adoção têm a respeito das famílias não tradicionais? Os profissionais das mais diversas áreas – educação, saúde, direito – se sentem preparados para a atenção e o cuidado àqueles que estão colocados à margem de uma norma heterocentrada? Quais as considerações que outros referenciais teóricos permitem construir sobre o tema das famílias homoparentais e, mais que isso, da diversidade sexual e de gênero?

O que, em termos gerais, posso postular a partir deste estudo, a partir do aprofundamento nas questões de sexualidade e gênero, em um referencial inspirado no movimento *queer*, nos estudos sobre a diversidade e, mais que isso, no meu contato com as famílias participantes é que, ao contrário do que comumente é propagado pelo senso comum, as diferenças não devem ser colocadas como mais ou menos facilitadoras, como mais ou menos promotoras de desenvolvimento ou mais ou menos adequadas para uma criança. As diferenças devem ser vistas como positivas tendo em vista que é nelas, e somente nelas, que é possível aprender e se questionar, fazendo com que sociedade dê um passo adiante na construção do coletivo. Em uma sociedade democrática de direitos, onde ao menos acreditamos viver, é imperativo que todos tenham voz e que seus lugares de fala sejam respeitados igualmente, a despeito de

orientações-sexuais, questões de raça, de gênero ou de situação socioeconômica. Mais que isso, tendo em vista que nos ocupamos daquilo que é humano, o caminho talvez seja não apenas respeitar as diferenças, mas valorizá-las, permitindo a ampliação das possibilidades de ser de todo e qualquer sujeito.

REFERÊNCIAS

- Adelman, M. (2000). Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX. *Revista Sociologia e Política*, 14, 163-171.
- Almeida, M. R. (2012). *Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: Um estudo de caso*, Tese de doutorado não publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, 36(129), 637-651.
- Andrade, M. R. M., & Ferrari, I. F. (2009). Legitimação do laço homossexual: Um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 9, 1145- 1172.
- Arán, M., & Peixoto-Júnior, C. A. (2007). Subversões do desejo: Sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Pagu*, (28), 129-147.
- Araújo, L. F., Oliveira, J. S. C., Sousa, V. C., & Castanha, A. R. (2007). Adoção de crianças por casais homoafetivos: Um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 95-102.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. (D. Flaskman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Averett, P., Nalavany, B., & Ryan, S. (2009). An evaluation of gay/lesbian and heterosexual adoption. *Adoption Quarterly*, 12(3-4), 129-151.
- Azerêdo, S. (2013). Em defesa do posicionamento na pesquisa em Psicologia. In F. S. T. Filho, W. S. Peres, C. A. Rondini, & L. L. Souza. (Orgs.), *Queering: Problematizações e insurgências na psicologia contemporânea* (pp. 83-100). Cuiabá: Ed. UFMT.
- Beiras A., & Cantera, L. M (2012). Narrativas personales, construcción de masculinidades: Aportaciones para la atención psicossocial a hombres autores de violència. *PSICO*, 43(2), 251-259.

- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball de amostragem: Problemas e técnicas de amostragem e cadeia de referência. *Métodos de Investigação Sociológica*, 10(2), 141-163.
- Bimbi, B. (2010). *Matrimonio igualitario: Intrigas, tensiones y secretos en el camino hacia la ley*. Buenos Aires: Planeta.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1997). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bos, H. M. W., Balen, F., & Boom, D. C. (2007). Child adjustment and parenting in planned lesbian-parent families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(1), 38-48.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Breshears, D., & Lubbe-De Beer, C. (2014). A qualitative analysis of adult children's advice for parents coming-out to their children. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 231-238.
- Butler, J. (1999) *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 153-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2003a). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2003b). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Pagu*, 21, 219-260.
- Calvo, K. (2010). Reconocimiento, ciudadanía y políticas públicas hacia las uniones homosexuales en Europa. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (Reis)*, 129, 37-59.
- Carbonera, S. M. (1998). O papel jurídico do afeto nas relações de família. Em Anais do I Congresso Brasileiro de Direito de Família. Belo Horizonte: IBDFAM.

- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ªEd.). Porto Alegre: Artmed.
- Ceccarelli, P. R. (1997) A construção da masculinidade. *Percurso*, 19(2), 49-56.
- Cecílio, M. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 507-516.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities* (2ª Ed.). Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Corman, L. (1961) *O teste do Desenho de Família* (W. H. Geenen., Trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: Estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.
- Costa, P. A., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H., & Leal, I. (2013). Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 790-798.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). O casamento “homoafetivo” e apolítica da sexualidade: Implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. *Revista Estudos Feministas*, 23(1), 137-150.
- Cowan, B. (2014). Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In J. N. Green, & R. Quinalha (Orgs.), *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade* (pp. 27-52). São Carlos: EdUFSCar.
- DeMino, K. A., Appleby, G., & Fisk, D. (2007). Lesbian mothers with planned families: A comparative study of internalized homophobia and social support. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(1), 165-173.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: SAGE.
- Dias, M. B., & Souza, I. M. C. C. (2001). Famílias modernas: (Inter)secções do afeto e da lei. *Revista Brasileira de Direito de Família*, 2(8), 62-69.
- Farias, M. O., & Maia, A. C. B. (2009). *Adoção por homossexuais: A família homoparental sob o olhar da Psicologia Jurídica*. Curitiba: Juruá.
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(46), 269-278.
- Fonseca, C. (2008). Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 769-783.
- Fontana, A., & Frey, J. H. (2005). The interview: From neutral stance to political involvement In. N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Edit.), *The handbook of qualitative research* (3ª ed.), (p.695-728). Thousand Oaks: SAGE.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- França, I. L. (2007). Sobre “guetos” e “rótulos”: Tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Pagu*, (28), 227-255.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Galli, R. A., Vieira, E. M., Giami, A., & Santos, M. A. (2013). Corpos mutantes, mulheres intrigantes: Transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 447-457.
- García, D. C. (2007). Teoria Queer: Reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In D. Córdoba García, J. Sáez, & P. Vidarte (Edit.), *Teoria Queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* (pp. 21-66). Barcelona-Madrid: EGALES.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. (Vera M. J. Trad.). Petrópolis: Vozes.

- Goldberg, A. E. (2007). (How) Does it make a difference? Perspectives of adults with lesbian, gay, and bisexual parents. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(4), 550-562.
- Goldberg, A. E., & Garcia, R. (2015). Predictors of relationship dissolution in lesbian, gay, and heterosexual adoptive parents. *Journal of Family Psychology*, 29(3), 394-404.
- Goldberg, A. E., Kinkler, L. A., Moyer, A. M., & Weber, E. (2014). Intimate relationship challenges in early parenthood among lesbian, gay, and heterosexual couples adopting via the Child Welfare System. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 221-230.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2009). Perceived parenting skill across the transition to adoptive parenthood among lesbian, gay, and heterosexual couples. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 861-870.
- Goldberg, A. E. & Smith, J. Z. (2013). Predictors of psychological adjustment in early placed adopted children with lesbian, gay, and heterosexual parents. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 431-442.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2014). Predictors of parenting stress in lesbian, gay, and heterosexual adoptive parents during early parenthood, *Journal of Family Psychology*, 28(2), 125-137.
- Goldberg, A. E., Smith, J. Z., & Kashy, D. (2010). Preadoptive factors predicting lesbian, gay, and heterosexual couples' relationship quality across the transition to adoptive parenthood. *Journal of Family Psychology*, 24(3). 221-232.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- González, M. M. (2002). *El desarrollo infantil y adolescente en familias homoparentales: Informe preliminar*. Departamento de Psicología Evolutiva y de la Educación, Universidad de Sevilla, España.
- Green, J. N. (2000). *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP.

- Green, J. N., & Quinalha, R. (2014). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar.
- Grossi, M. P. (2003). Gênero e Parentesco: Famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, 21, 261-280.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210.
- Herbstrith, J. C., Tobin, R. M., Hesson-McInnis, M. S., & Schneider, W. J. (2013). Preservice teacher attitudes toward gay and lesbian parents. *School Psychology Quarterly*, 28(3), 183-194.
- Jennings, S., Mellish, L., Tasker, F., Lamb, M. E., & Golomboc, S. (2014). Why adoption? Gay, lesbian, and heterosexual adoptive parents' reproductive experiences and reasons for adoption. *Adoption Quarterly*, 17(3), 205-226.
- Jesus, D. S. V. (2014). O mundo fora do armário: Teoria queer e Relações Internacionais. *Universitas Relações Internacionais*, 12(1), 51-59.
- Katz J. N. (2006). *La invención de la heterosexualidad*. (José L. C. Trad.). México D.F.: Me cayó el veinte.
- L'Archevêque, A., & Julien, D. (2013). Intégration des identités homosexuelle et paternelle chez les pères gays. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 45(1), 72-84.
- Lavner, J. A., Waterman, J., & Peplau, L. A. (2014). Parent adjustment over time in gay, lesbian, and heterosexual parent families adopting from foster care. *American Journal of Orthopsychiatry*, 84(1), 46-53.
- Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. (2002, 11 jan.). Lei de introdução ao Código Civil Brasileiro. Presidência da República, Casa Civil. *Diário Oficial da União*. Recuperado em 05 de julho, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm
- Lopes, J. R. L. (2014). Da dissidência à diferença: Direitos dos homossexuais no Brasil da ditadura à democracia. In J. N. Green, & R. Quinalha (Orgs.), *Ditadura e*

- homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade* (pp. 273-300). São Carlos: EdUFSCar.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2006). Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e Teoria *Queer*, *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 309-311.
- Loyola, M. A. (1999). A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In M. L. Heilborn, *Sexualidade: O olhar das ciências humanas* (pp. 31-39). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Manzi-Oliveira, A. B. (2009). *Adoção por casais homoafetivos: Relato de seus protagonistas*, Monografia de conclusão do Programa de Optativo de Bacharelado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.
- Matias, D. (2007). Psicologia e orientação sexual: realidades em transformação. *Análise Psicológica*, 1(25), 149-152.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2008). *Genograms: Assessment and Intervention*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Medeiros, C. M. (2006). “Uma família de mulheres”: ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 535-547.
- Meezan, W., & Rauch, J. (2005). Gay marriage, same-sex parenting and America’s children. *The Future of Children*, 15(2), 97-113.
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.
- Mello, L. (2005). Outras famílias: A construção social da conjugalidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, 24, 197-225.
- Mello, L. (2006). Familismo(anti) homossexual e regulação da cidadania no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 497-508.

- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mesquita, A. M., & Pavia, C. F. (2015). A família homoparental na ficção televisiva: As práticas narrativas do Brasil e da Espanha como relatos das novas representações afetivo-amorosas. *Revista de Ciências Sociais*, 58(1), 223-255.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. (11ª ed.). São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec.
- Miskolci, R. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: O desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21), 150-182.
- Miskolci, R. (2011). Não somos, queremos: Reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In L. Colling, *Stonewall 40 + o que no Brasil?* (pp. 37-56). Salvador: EDUFBA.
- Miskolci, R. (2013). Machos e brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 301-324.
- Miskolci, R., & Pelúcio, L. (2007). Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. *Gênero (Niterói)*, 7(2), 255-267.
- Moris, V. L. (2008). *Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Morse, J. M., & Field, P. A. (1995). *Qualitative research methods for health professionals*. Thousand Oaks: Sage.
- Moscheta, M. S., & Santos, M. A. (2006). Metáforas da vida a dois: Sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 17(2), 217-232.

- Mott, L. (2006). Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 509-521.
- Nunan, A., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2010). O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação em Psicologia*, 14(2), 255-262.
- Ortega, A. C. (1981). O Desenho da Família como técnica objetiva de investigação psicológica. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 33(3), 73-81.
- Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clínica*, 17(2), 31-40.
- Pereira, P. P. G. (2008). Corpo, sexo e subversão: Reflexões sobre duas teóricas *queer*. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 12(26), 499-512.
- Pereira, H., & Leal, I. P. (2005). A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*, 3(23), 315-322.
- Perelson, S. (2006). A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico francês atual. *Revista Estudos Feministas*, 14(3), 709-730.
- Peres, W. S. (2013). Psicologia e políticas queer. In F. S. T. Filho, W. S. Peres, C. A. Rondini, & L. L. Souza. (Orgs.), *Queering: Problematizações e insurgências na psicologia contemporânea* (pp. 55-63). Cuiabá: Ed. UFMT.
- Perroni, S., & Costa, M. I. M. (2008). Psicologia clínica e homoparentalidade: Desafios contemporâneos. *Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Pichardo, J. I. (2011). We are family (or not): Social and legal recognition of same-sex relationships and lesbian and gay families in Spain. *Sexualities*, 14(5), 544-561.
- Piperno, F., Di Biasi, S., & Levi, G. (2007). Evaluation of family drawings of physically and sexually abused children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 16(6), 389-397.
- Preciado, B. (2014). *Manifiesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual* (Maria P. G. R. Trad.). São Paulo: N-1.

- Porchat, P. (2013). Tópicos e desafios para uma psicanálise queer. In F. S. T. Filho, W. S. Peres, C. A. Rondini, & L. L. Souza. (Orgs.), *Queering: Problematizações e insurgências na psicologia contemporânea* (pp. 73-112). Cuiabá: Ed. UFMT.
- Rey, G. (2002). Alguns pressupostos gerais do desenvolvimento da pesquisa qualitativa em psicologia. In G. Rey, *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios* (pp. 53-77). São Paulo: Pioneira.
- Rios, R. R. (2007). O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In PocaHy, F. (Org.), *Rompendo o silêncio: Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea – políticas, teoria e atuação* (pp. 37-48). Porto Alegre: Nuances.
- Riskind, R. G., & Patterson, C. J. (2010). Parenting intentions and desires among childless lesbian, gay, and heterosexual individuals. *Journal of Family Psychology*, 24(1), 78-81.
- Riskind, R. G., Patterson, C. J., & Nosek, B. A. (2013). Childness lesbian and gay adults' self-efficacy about achieving parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(3), 222-235.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 65-69.
- Rodrigues, J. C. (2014). Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In J. N. Green, & R. Quinalha (Orgs.), *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade* (pp. 83-124). São Carlos: EdUFSCar.
- Rodriguez, B. C. & Paiva, M. L. S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 6(1), 13-25.
- Rosa, J. M., Boris, G. D. J. B., Melo, A. K., & Santos, M. A. (2016). A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210-223.
- Rosa, M. D., & Kamers, M. (2014). A família idealizada e os discursos sobre a homoparentalidade. *Annual Review of Critical Psychology*, 11, 263-278.

- Rosenfeld, M. J. (2010). Nontraditional families and childhood progress through school. *Demography*, 47(3), 755-775.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Saéz, J. (2007). El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del sida a Foucault. In D. Córdoba García, J. Sáez & P. Vidarte (Edit.), *Teoría Queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* (pp. 67-76). Barcelona-Madrid: EGALES.
- Salih, S. (2012). *Judith Butler e a Teoria Queer* (G. L. Louro., Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Salomé, G. M., Espósito, V. H. C., & Moraes, A. L. H. (2007). O significado de família para casais homossexuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 559-563.
- Sampaio, J. V., & Germano, I. M. P. (2014). Políticas públicas e crítica queer: Algumas questões sobre identidade LGBT. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 290-300.
- Sanders, G. (1994). O amor que ousa declarar seu nome: Do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In E. Imber-Black (Org.). *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 219-244). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, C., & Bruns, M. A. T. (2006). A homoparentalidade em questão: A voz de gays e lésbicas com filhos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 12(2), 89-108.
- Santos, Y. G. S. (2013). *Paternidades contemporâneas: Significados atribuídos por homens homossexuais à experiência da parentalidade*, Monografia de conclusão do Programa de Optativo de Bacharelado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 572-582.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Insensatos afetos: Homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. *Barbarói*, 36(1), 50-56.

- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54.
- Shenkman, G. (2012). The gap between fatherhood and couplehood desires among israeli gay men and estimations of their likelihood. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 828-832.
- Simas, S. (2009). Família no plural: O grande desafio das políticas sociais na contemporaneidade. *Revista Estudos Feministas*, 17(1), 277-279.
- Solis-Ponton, L. (2002). *La parentalité: Défi pour le troisième millénaire*. Paris: PUF.
- Souza, É. R. (2006). Família e parentalidade homossexual: Revendo teorias, repensando práticas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 17(2), 283-298.
- Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: Uma história*. (Rubem M. M. Trad.). Rio de Janeiro/ São Paulo: Record.
- Stacey, J. (2006). Gay parenthood and the decline of paternity as we knew it. *Sexualities*, 9(1), 27-55.
- Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Edit.), *The handbook of qualitative research* (3ª Ed.), (p.443-466). Thousand Oaks: SAGE.
- Stubs, R., Filho, F. S. T., & Peres, W. S. (2014). A potência cyborg no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: Conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. *Fractal*, 26(3), 785-802.
- Tarnovski, F. I. (2002). *Pais assumidos: Adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*, Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Tarnovski, F. L. (2011). Les coparentalités entre gays et lesbiennes em France: Le point de vue des pères. *Vibrant*, 8(2), 138-163.
- Tarnovski, F. L. (2013). Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas. *Cadernos Pagu*, 40, 67-94.

- Tasker, F. (2005). Lesbian mothers, gay fathers, and their children: A review. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 26*(3), 224-240.
- Tavares, F. H., Souza, I. A., Ferreira, I. E. V., & Bomtempo, T. V. (2010). Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais face ao paradigma do estado democrático de direito. *Revista Direito GV, 6*(2), 443-468.
- Teixeira-Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade, 21*(3), 651-667.
- Telingator, C. J., & Patterson, C. (2008). Children and adolescents of lesbian and gay parents. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 47*(12), 1364-1368.
- Toledo, L. C. C. (2008). *A família no discurso dos membros de famílias homoparentais*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Tarnello, S. L., Farr, R. H., & Patterson, C. (2011). Predictor os parent stress among gay adoptive fathers in the United States. *Journal of Family Psychology, 25*(4), 591-600.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública, 39*(3), 507-514.
- Uziel, A. P. (2002). *Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Uziel, A. P., Andrade, R., Antonio, C. A. O., Ferreira, I. T. O., Machado, R. S., Medeiros L. S. M., Moraes, M. B., & Tavares, M. (2006). Parentalidade e conjugalidade: Aparições no movimento homossexual. *Horizontes Antropológicos, 12*(26), 203-227.
- Vanfraussen, K., Ponjaert-Kristoffersen, I., & Brewaeys, A. (2003). Family functioning in lesbian families created by donor insemination. *American Journal of Orthopsychiatry, 73*(1), 78-90.
- Vecho, O., & Schneider, B. (2005). Homoparentalité et développement de l'enfant: Bilan de trente ans de publications. *Psychiatrie de l'enfant, 48*(1), 271-328.

- Vespucci, G. (2014). Una formula deseable: El discurso “somos familias” como símbolo hegemónico de las reivindicaciones gay-lésbicas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 17, 30-65.
- Vidarte, P. (2007). El banquete univeersitario: Disquisiciones sobre el s(ab)er queer. In D. Córdoba García, J. Sáez & P. Vidarte (Edit.), *Teoria Queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* (pp. 77-110). Barcelona-Madrid: EGALES.
- Vieira, G. T., & Nascimento, A. R. A. (2014). Aspectos psicossociais da construção da identidade paterna. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(1), 57-68.
- Vilhena, J., Souza, A. C. B., Uziel, A. P., Zamora, M. H. & Novaes, J. V. (2011). Que família? Provocações a partir da homoparentalidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 11(4), 1639-1658.
- Violante, M. L. V. (2007). Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade? *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 153-164.
- Vyncke, J. D., Julien, D., Jouvin, E., & Jodoin, E. (2014). Systemic heterosexism and adjustment among adolescents raised by lesbian mothers. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 46(3), 375-386.
- Xavier, P. A., Alberto, I. M., & Mendes, F. E. (2015). Homoparentalidade: Da abordagem científica aos normativos legais em Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 179-188.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Wagner, A., & Bandeira, D. R. (1996). *O desenho da família: Um estudo sobre adolescentes de família originais e reconstituídas*, Trabalho apresentado no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP.
- Warner, M. (1991). Fear of a queer planet. *Social Text*, 29, 3-17.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.

- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
- Willig, C. (2005). From recipes to adventures. In. C. Willig, *Introducing qualitative research in psychology* (pp. 1-14). London: Open University Press.
- Wright, L., & Leahey, M. (2002). *Enfermeiras e família: Um guia para avaliação e intervenção na família* (3ª ed.). São Paulo: Roca.
- Zambrano, E. (2006). Parentalidades “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, 12(26), 123-147.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Tabela 1.

Artigos selecionados para a revisão, de acordo com os títulos, periódicos em que foram publicados, nome dos autores, país de origem do primeiro autor e ano de publicação.

Nº do artigo	Título	Periódico	Autores	País de origem do primeiro autor	Ano de publicação
1	Developmental and contextual factors that influence gay fathers' parental competence: a review of the literature	Psychology of Men and Masculinity	Jorge C. Armesto	EUA	2002
2	Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil	Cadernos Pagu	Miriam Pillar Grossi	Brasil	2003
3	Family functioning in lesbian families created by donor insemination	American Journal of Orthopsychiatry	Katrien Vanfraussen, Ingrid Ponjaert-Kristoffersen e Anne Brewaeys	Bélgica	2003
4	Gay marriage, same-sex parenting, and America's children	The Future of Children	William Meezzan e Jonathan Rauch	EUA	2005
5	Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família	Psicologia Clínica	Maria Consuêlo Passos	Brasil	2005
6	Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil	Cadernos Pagu	Luiz Mello	Brasil	2005
7	A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês atual	Revista Estudos Feministas	Simone Perelson	Brasil	2006
8	Familismo (anti)homossexual no	Revista Estudos	Luiz Mello	Brasil	2006

	Brasil	Feministas			
9	Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais	Horizontes Antropológicos	Elizabeth Zambrano	Brasil	2006
10	"Uma família de mulheres": ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo	Revista Estudos Feministas	Camila Pinheiro Medeiros	Brasil	2006
11	Child adjustment and parenting in planned lesbian-parent families	American Journal of Orthopsychiatry	Henny M. W. Bos, Frank van Balen e Dhymphna C. van den Boom	Holanda	2007
12	Lesbian mothers with planned families: a comparative study of internalized homophobia and social support	American Journal of Orthopsychiatry	Kathleen A. DeMino, George Appleby e Deborah Fisk	EUA	2007
13	(How) Does it make a difference? Perspectives of adults with lesbian, gay, and bisexual parents	American Journal of Orthopsychiatry	Abbie E. Goldberg	EUA	2007
14	Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco	Revista Estudos Feministas	Claudia Fonseca	Brasil	2008
15	Perceived parenting skill across the transition to adoptive parenthood among lesbian, gay, and heterosexual couples	Journal of Family Psychology	Abbie E. Goldberg e JuliAnna Z. Smith	EUA	2009
16	Nontraditional families and childhood progress through school	Demography	Michael J. Rosenfeld	EUA	2010
17	Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais	Revista Direito GV	Fernando Horta Tavares, Iara Antunes de	Brasil	2010

	face ao paradigma do estado democrático de direito		Souza, Isaac Espíndola Vitorino Ferreira e Tiago Vieira Bomtempo		
18	Preadoptive factors predicting lesbian, gay, and heterosexual couples' relationship quality across the transition to adoptive parenthood	Journal of Family Psychology	Abbie E. Goldberg, JuliAnna Z. Smith e Deborah A. Kashy	EUA	2010
19	Parenting intentions and desires among childless lesbian, gay, and heterosexual individuals	Journal of Family Psychology	Rachel G. Riskind e Charlotte J. Patterson	EUA	2010
20	Le coparentalités entre gays et lesbiennes em France: le point de vue des pères	Vibrant	Flávio Luiz Tarnovski	Brasil	2011
21	Predictors of parent stress among gay adoptive fathers in the United States	Journal of Family Psychology	Samantha L. Tornello, Rachel H. Farr e Charlotte Patterson	EUA	2011
22	The gap between fatherhood and couplehood desires among Israeli gay men and estimations of their likelihood	Journal of Family Psychology	Geva Shenkman	EUA	2012
23	Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro	Estudos de Psicologia	Mariana Silva Cecílio, Fabio Scorsolini-Comin e Manoel Antônio dos Santos	Brasil	2013
24	Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade	Psicologia: Reflexão e Crítica	Pedro Antônio Costa, Sara Caldeira, Inês Fernandes, Cláudia Rita, Henrique Pereira e Isabel Leal	Portugal	2013
25	Homoparentalidade	Psicologia:	Yurín Garcêz de	Brasil	2013

	masculina: revisando a produção científica	Reflexão e Crítica	Souza Santos, Fabio Scorsolini-Comin e Manoel Antônio dos Santos		
26	Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas	Cadernos Pagu	Flávio Luiz Tarnovski	Brasil	2013
27	Preservice teacher attitudes toward gay and lesbian parents	School Psychology Quarterly	Julie C. Herbstrith, Renée M. Tobin, Matthew S. Hesson-McInnis e W. Joel Schneider	EUA	2013
28	Predictors of psychological adjustment in early placed adopted children with lesbian, gay, and heterosexual parents	Journal of Family Psychology	Abbie E. Goldberg e JuliAnna Z. Smith	EUA	2013
29	Intégration des identités homosexuelle et paternelle chez les pères gais	Canadian Journal of Behavioural Science	Antônio L'Archevêque e Danielle Julien	Canadá	2013
30	Childness lesbian and gay adults' self-efficacy about achieving parenthood	Couple and Family Psychology: Research and Practice	Rachel G. Riskind, Charlotte J. Patterson e Brian A. Nosek	EUA	2013
31	Predictors of parenting stress in lesbian, gay, and heterosexual adoptive parents during early parenthood	Journal of Family Psychology	Abbie E. Goldberg e JuliAnna Z. Smith	EUA	2014
32	Lesbian and gay parents and determination of child custody: the changing legal landscape and implications of policy and practice	Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity	Emily Haney-Caron e Kirk Heilbrun	EUA	2014

33	A qualitative analysis of adult children's advice for parents coming out to their children	Professional Psychology: Research and Practice	Diana Breshears e Carien Lubbe-DeBeer	Africa do Sul	2014
34	Intimate relationship challenges in early parenthood among lesbian, gay, and heterosexual couples adopting via the Child Care System	Professional Psychology: Research and Practice	Abbie E. Goldberg, Lori A. Kinkler, April M. Moyer e Elizabeth Weber	EUA	2014
35	Parent Adjustment over time in gay, lesbian, and heterosexual parent families adopting from Foster Care	American Journal of Orthopsychiatry	Justin A. Lavner, Jill Waterman e Letitia Anne Peplau	EUA	2014
36	Systemic heterosexism and adjustment among adolescents raised by lesbian mothers	Canadian Journal of Behavioural Science	Johanna D. Vyncke, Danielle Julien, Emilie Jouvin e Emilie Jodoin	Canadá	2014

APÊNDICE B

Formulário de Dados Sociodemográficos - uso exclusivo do LEPPS©

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino Data de nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Contato: Telefone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Situação conjugal: _____

Tempo de namoro: ____ anos Tempo de casamento/união estável: ____ anos

Escolaridade (cursou até que série completa): _____

Naturalidade: _____ Procedência (cidade onde reside): _____

Profissão/ocupação atual: _____ Ativa () Afastada ()

Aposentada ()

Horas de trabalho por dia ____ Tempo integral () Tempo parcial ()

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____

2ª a 6ª feira () 2ª a sábado () 2ª a domingo () trabalha por escala ()

Renda mensal pessoal: R\$ _____

Renda familiar (soma dos rendimentos de todos os que contribuem no orçamento doméstico)

R\$: _____ Outros que contribuem: Não () Sim () Quem? _____

Valor R\$:

Número de pessoas que contribuem para o sustento da casa: _____

Religião: _____ Praticante: () sim () não Frequência semanal: _____

Faz parte de algum grupo? De que tipo? Com que frequência? _____

Composição familiar:

União anterior (se houver): tipo de família: () nuclear () extensiva () extensiva recasada () recasada

() monoparental

Filhos: () sim () não Quantos: _____

Quem mora na casa? (sexo, idade, profissão de cada membro familiar, colocar os filhos de acordo com a ordem de nascimento).

Nome	Parentesco	Sexo	Idade	Profissão	Rendimentos(R\$)
		()masc ()fem			
		()masc ()fem			
		()masc ()fem			
		()masc ()fem			
		()masc ()fem			
		()masc ()fem			

Tipo de moradia atual: casa () apartamento () outra () Qual: _____

Situação da moradia: própria () alugada () financiada () cedida () outra () Qual: _____

Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP) – 2014

Posse de itens de conforto doméstico	Não possui	Possui 1 item	Possui 2 itens	Possui 3 itens	Possui 4 ou mais itens
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11

Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Microondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora de roupa	0	2	2	2	2

Escolaridade da pessoa de referência (antigo “chefe de família”)

Nomenclatura Antiga		Nomenclatura Atual
Analfabeto / Primário incompleto	0	Analfabeto / até 3ª série Ensino Fundamental
Primário completo / Ginásial incompleto	1	4ª série do Ensino Fundamental / Ensino Fundamental II incompleto (até 7ª Série Ensino Fundamental)
Ginásial completo / Colegial incompleto	2	Ensino Fundamental II completo / Médio incompleto
Colegial completo / Superior incompleto	4	Médio completo / Superior incompleto
Superior completo	7	Superior completo

Serviços públicos	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

Pontos de corte	
Estrato 1	43 - 100
Estrato 2	37 - 42
Estrato 3	26 - 36
Estrato 4	19 - 25
Estrato 5	15 - 18
Estrato 6	11 - 14
Estrato 7	0 - 10

APÊNDICE C

Roteiro de Entrevista Semiestruturada (individual)

Nome do participante:

Data:

Horário: início _____ término _____

Duração da entrevista: ____ minutos

Trajelórias de vida, histórias cruzadas

- Há quanto tempo você conhece seu companheiro?
- Conte-me a história de vocês. Como se conheceram? Como e quando iniciou o relacionamento. Como você descreveria o namoro?
- Há quanto tempo estão morando juntos (vivendo como casal em união estável)? [decisão de morarem juntos]
- Poderia me contar qual foi o momento mais marcante na história do casal?
- Como foi o processo de se reconhecer homossexual? (Investigar se o participante assumiu a sua homossexualidade socialmente ou não, como se deu esse processo de se assumir, possíveis dificuldades e benefícios advindos desse reconhecimento)
- O relacionamento de vocês conta com o apoio de suas famílias de origem ou de suas redes de apoio? [explorar tensões e conflitos, bem como experiências de aceitação e tolerância, e se houve modificações nas atitudes de familiares ao longo do tempo até a atualidade]
- Relações afetivas anteriores (relações fortuitas, namoros, duração, características, o que foi mais marcante)
- Tiveram algum relacionamento do tipo conjugal – heterossexual ou homossexual – antes dessa união? (Investigar, também, situações anteriores de coabitação; durante quanto tempo, teve filhos, quantos, situação da guarda).

Transição para a homoparentalidade

- Conte-me como foi o processo de se tornar pai.
 - Investigar se foi uma parentalidade biológica (fruto de relacionamentos anteriores) ou adotiva, compreendendo esses processos em termos das expectativas iniciais, planejamentos, experiências e perspectivas futuras
 - Investigar os processos em que a parentalidade ocorreu antes do relacionamento homossexual estável atual
 - Investigar os processos em que a parentalidade ocorreu após o relacionamento homossexual estável atual
- Houve alguma mudança na relação de vocês após a parentalidade (biológica ou adotiva)?

Vida social, apoio social

- O que as pessoas costumam dizer ou pensar sobre sua família?

- Você acredita que existem diferenças entre uma família constituída por um pai e uma mãe e uma família composta por dois pais? Quais? Em que essas famílias se parecem?
- Você tem/teve alguma dificuldade por causa de ter uma família com essa configuração? E encontrou alguma facilidade? [investigar em relação aos vizinhos / na escola dos filhos / no trabalho / com os amigos dos filhos / com seus amigos e parentes]
- Como são suas amizades? Frequentam sua casa? O que seus/suas amigos(as) falam de sua família?

Vida em família

- O que é família para você?
- O que você considera mais importante em uma família? [E o que não pode faltar em uma família?]
- Como é a sua rotina familiar?
- Você gostaria que mudasse alguma coisa em sua vida familiar?
- Você poderia me contar alguma situação marcante que tenha envolvido você e seus filhos?
- O que é ser pai para você? [Em quem você busca inspiração para ser pai?]
- Na sua concepção, quais são as semelhanças e diferenças entre um pai homossexual e um pai heterossexual?
- Como o(s) seu(sua)(s) filho(a)(s) entende(m) a relação de vocês? Como se refere(m) a vocês? Como ele(s) chama(m) você? Quem decidiu que seria assim? O que pensam disso?
 - Investigar os posicionamentos relatados a partir das visões dos filhos, dos antigos cônjuges (se existirem), das famílias de origem, das redes de apoio, das redes sociais, entre outros, na perspectiva do respondente.
- Você acredita que a experiência de ter dois pais pode influenciar no desenvolvimento dos filhos? De que modo?
- O que as pessoas, de um modo geral, costumam pensar sobre esse assunto? Por que elas pensam assim?

Vislumbrando o futuro

- Como você vê seu futuro? Quais são seus planos de vida? Como você deseja que sua vida esteja daqui a alguns anos?
- Agora deixe sua imaginação bem livre para mentalizar a cena: como você imagina que vai estar daqui a 10 anos? Onde e com quem você estaria? O que estaria fazendo? O que estaria pensando? O que estaria sentindo?]
- Conte-me um sonho que você conseguiu realizar e um sonho que ainda não realizou.

Fechamento

- Como foi para você conversar sobre esses assuntos comigo? O que significou para você participar deste estudo?
- Gostaria de dizer mais alguma coisa que não tenha sido abordada durante nossa conversa?

APÊNDICE D

Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Casal)

Nome dos participantes:

Data:

Horário: início _____ término _____

Duração da entrevista: ____ minutos

Trajetórias de vida, histórias cruzadas

- Conte-me como era sua família de origem [relacionamento com pais, irmãos, parentes, convívio familiar, como era na escola, iniciação no trabalho, religião].
- Fatos marcantes da infância
- Fatos marcantes da adolescência
- Há quanto tempo você e _____ se conhecem?
- Como se conheceram? Como e quando iniciou o relacionamento? Há quanto tempo estão juntos? (Tempo de união, seja ela união estável ou casamento)
- Poderiam me contar quais foram os momentos mais marcantes na história de vocês como casal?
- Como é a relação de vocês com suas famílias de origem? Sentem que algo mudou com o tempo?

Transição para a homoparentalidade

- Como surgiu o interesse de serem pais? Como foi essa escolha? Quem decidiu que era a hora? O que motivou essa escolha? Ambos quiseram desde o início? (Investigar de quem partiu a ideia de formação da família homoparental, como foi a negociação para este processo, motivações para ter filhos ou adotar ou assumir filho de um relacionamento anterior)
- Formalmente, como isso se viabilizou? Como se deu a entrada da criança na vida conjugal de vocês? Como ocorreu o processo de constituição da família atual de vocês? Quais as iniciativas tomadas por cada um nesse processo. Há quanto tempo estão com a criança.
- Como viveram a passagem da situação de casal apenas para ser um casal com filho(s)? [transição para a parentalidade; focalizar os processos de tomada de decisão, de negociação entre os cônjuges]
- Como era a vida de vocês, como casal, antes da chegada do(s) filho(s)? Que mudanças ocorreram depois da chegada dele(s)?
- A família de cada um de vocês ajudou/ajuda a cuidar do(s) seu(s) filho(s)?
- O que é paternidade para vocês? (A partir de que momento começaram a se sentir pais?)
- Como seu(s) filho(s) se refere(m) a vocês? (Como os chamam? Quem decidiu que seria assim? O que pensam disso?)
- Como vocês veem o desenvolvimento de gênero de seu(s) filho(s)/filha(s)?

- Vocês já conversaram com seu(s) filho(s)/filha(s) sobre homossexualidade? Acreditam que a escola de seu(s) filho(s)/filha(s) deveria trabalhar com a temática e com outras questões relacionadas à sexualidade? A partir de que idade?

Rotina familiar, desempenho de papéis e funções na família

- Como é a rotina familiar de vocês? Descrevam como vocês e seu(s) filho(s) convivem enquanto uma família (Investigar o desempenho de funções e papéis de cada um no cotidiano da família; solicitar exemplos do dia a dia)
- Como seu(s) filho(s)/filha(s) encara(m) a situação de ter dois pais vivendo como casal?
- Seu(s) filho(s)/filha(s) já presenciaram algum momento íntimo de troca de afetos entre você e seu companheiro? Qual foi a reação da criança? E a sua/de vocês? Qual é o significado que isso tem para vocês? Acredita que entre os homossexuais isso possa acontecer?
- Como é o dia a dia da família? (me contem como é um dia típico da semana, desde a hora que vocês acordam até a hora de dormir)
- Podem me contar como é um final de semana em família?
- Quais os momentos mais importantes para vocês enquanto família?
- Quem é responsável pelos cuidados com a alimentação? E com o vestuário? E com a escola dos filhos e outras atividades de formação? Quem comparece às reuniões de pais ou nas festividades da escola? O que acontece, na sua família, em eventos como dia dos pais, dia da criança, festas juninas, festas natalinas, entre outros?
- Quem cuida das finanças da família? Como são os “combinados”/arranjos de vocês em relação a dinheiro, contas a pagar, orçamento doméstico? [No caso de estarem com uma dificuldade financeira, por exemplo, como vocês agiriam?]
- No caso de enfrentarem uma dificuldade com o(s) filho(s), por exemplo, como vocês agem? [Pode me dar um exemplo?]

Vida social, apoio social

- Quais as facilidades que encontram em ser uma família diferente da maioria das famílias?
- Como é a relação de sua família com a sociedade/comunidade? (pensem nos vizinhos, amigos, colegas da escola, seus colegas de trabalho...)
- Que atividades sociais vocês costumam frequentar? (clube, cinema, teatro, festas, encontros sociais...) Como vocês se apresentam socialmente?
- Vocês, enquanto família, já vivenciaram situações de preconceito e/ou discriminação? (Quais situações? Por parte de quem? Qual a reação de vocês frente a essas manifestações?)
- Quem faz parte de sua rede de apoio social? Como é a relação de vocês com essas fontes de apoio? (igreja, trabalho, escola, comunidade, ONGs...) Estão satisfeitos com o apoio que recebem? Em termos de apoio, do que mais vocês sentem falta?
- Vocês têm religião? Qual? Praticantes? Quem frequenta e com que frequência? E seu(s) filho(s)?
- O que gostariam de dizer às pessoas sobre a família de vocês?

Vislumbrando o futuro

- Agora deixem sua imaginação bem livre para mentalizarem uma cena: como vocês imaginam que vão estar daqui a 10 anos? Onde e com quem vocês estariam? O que estariam fazendo? O que estariam pensando? O que estariam sentindo?]

Fechamento

- Como foi pra vocês, enquanto casal, participarem deste estudo?
- Gostariam de dizer mais alguma coisa que não foi abordada durante a entrevista? Sugerem que eu acrescente alguma questão no meu roteiro de entrevista, que consideram importante para os objetivos desta pesquisa?

APÊNDICE E

Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Filhos)

Nome do(a) participante:

Data:

Horário: início _____ término _____

Duração da entrevista: _____ minutos

- Como é o seu dia a dia? (me conte como é um dia típico da semana, desde a hora que você acorda até a hora de dormir)
- Agora me conte como é um final de semana.
- O que é viver em família para você?
- O que você considera mais importante em uma família? [O que não pode faltar em uma família?]
- Quais os momentos mais importantes para vocês enquanto família?
- Quem é responsável pelos cuidados com a alimentação? E com o vestuário? E com a escola? E com as outras atividades de formação (levar nas aulas de inglês, judô, balé, violão/piano, terapia...)? Quem comparece às reuniões de pais ou nas festividades da escola? O que acontece, na sua família, em eventos como dia dos pais, dia da criança, festas juninas, festas natalinas, entre outros?
- Como é ser criado(a) por dois pais?
- Você teve alguma dificuldade por causa de viver em uma família com essa configuração? E alguma facilidade? [como é a relação de vocês com os vizinhos? e na escola? no trabalho de seus pais? com os amigos? com os parentes?]
- Como vocês se referem (chamam) a seus pais dentro de casa? E fora de casa?
- Como você se dá com seus parentes? Preferências. De quem você é mais próximo? De quem você é mais distante? Por que motivo?
- Como são suas amizades? Frequentam sua casa? O que seus/suas amigos(as) falam de sua família? Você conhece alguma outra pessoa que tenha dois pais ou duas mães?
- O que as pessoas costumam dizer ou pensar sobre sua família?
- Você acredita que existem diferenças entre uma família constituída por um pai e uma mãe e uma família composta por dois pais? Quais? Em que essas famílias se parecem?
- Quando você está com algum problema, a quem você recorre em primeiro lugar? [a um dos pais, aos dois, a outra pessoa?] E se você tiver algum segredo para revelar, a quem você revelaria? E se você tiver que pedir dinheiro, a quem recorre? [Pode me dar exemplos?] Quem diz “não, isso não pode” a você com maior frequência?
- Você gostaria de mudar alguma coisa na sua família? Se pudesse mudar, o que mudaria?

- Você poderia me contar alguma situação marcante (engraçada, ou mesmo desagradável) que tenha acontecido a você e seus pais?
- Como você se imagina no futuro? Quais são seus planos de vida? Como você deseja que sua vida esteja daqui a alguns anos?
- Agora deixe sua imaginação bem livre para imaginar uma cena de você no futuro: como você imagina que vai estar daqui a uns 10 anos? Onde e com quem você estará? O que estará fazendo? O que estará pensando? O que estará sentindo?]
- Como foi pra você participar dessa entrevista?
- Gostaria de dizer mais alguma coisa que poderia ser importante para minha pesquisa?

ANEXOS

ANEXO 1



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

 -Campus de Ribeirão Preto

Of.CEiPIFFCLRP-USP/094/vjmc

Ribeirão Preto, 01 de outubro de 2014

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "PAIS E FILHOS EM ARRANJOS FAMILIARES HOMOFATIVOS: A PERSPECTIVA DE HOMENS HOMOSSEXUAIS E DE SEUS/SUAS FILHOS(AS)" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 136ª Reunião Ordinária, realizada em 25.09.2014, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º 33872614.4.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,


Prof.ª Dr.ª ANDRÉIA SCHMIDT
 Coordenadora

Ao Senhor
Yurim Garcêz de Souza Santos
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

d/c:
Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos
 Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP
 Fone: (16) 3633-4811
 Fax: (16) 3633-2950 (Núcleo) ou 3633-6015
 Avenida Bandeirantes, 3600 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
 Homepage: <http://www.cep.ffclrp.usp.br> - e-mail: cep@ffclrp.usp.br

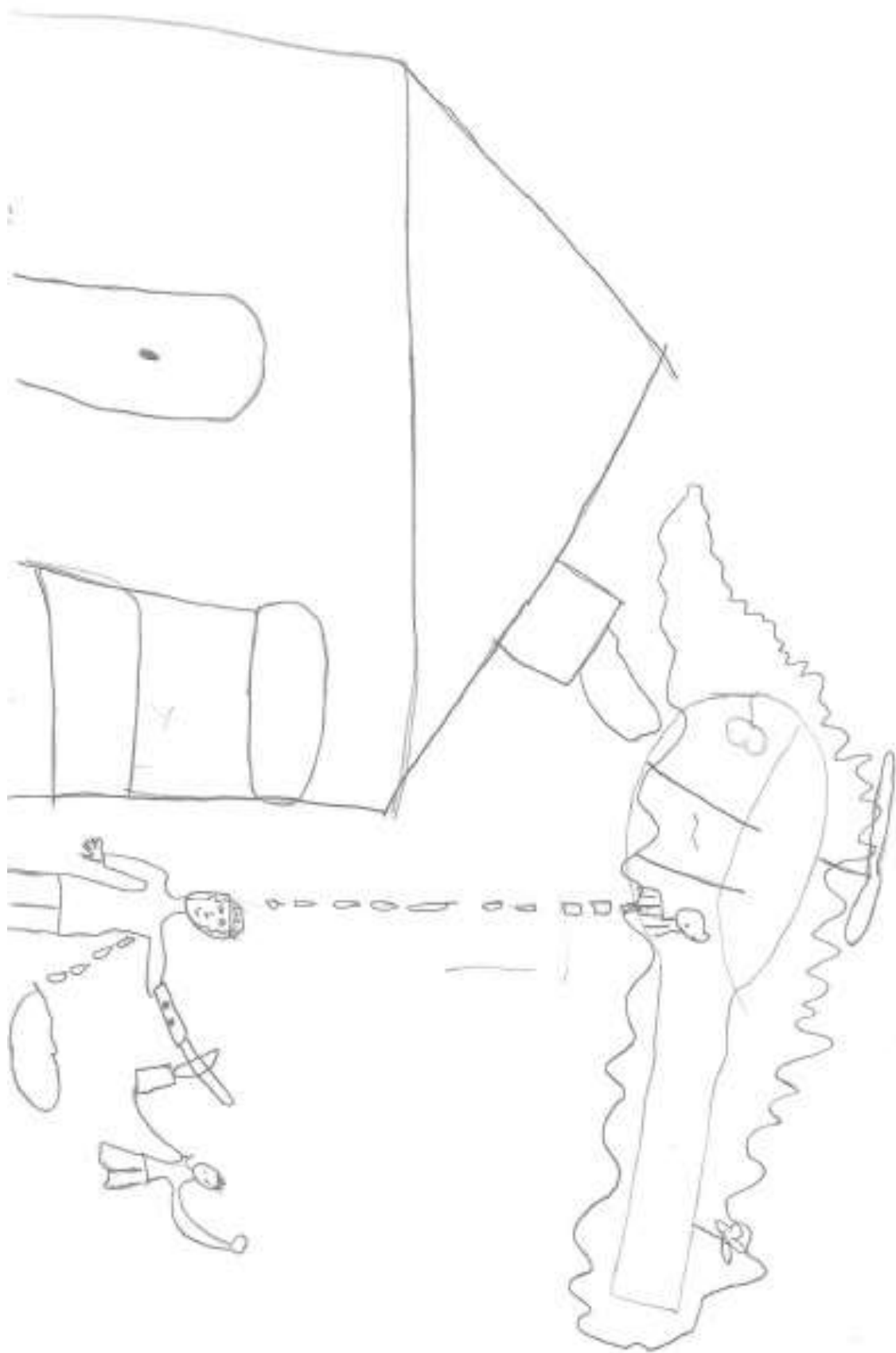
ANEXO 2

TRON STEEL

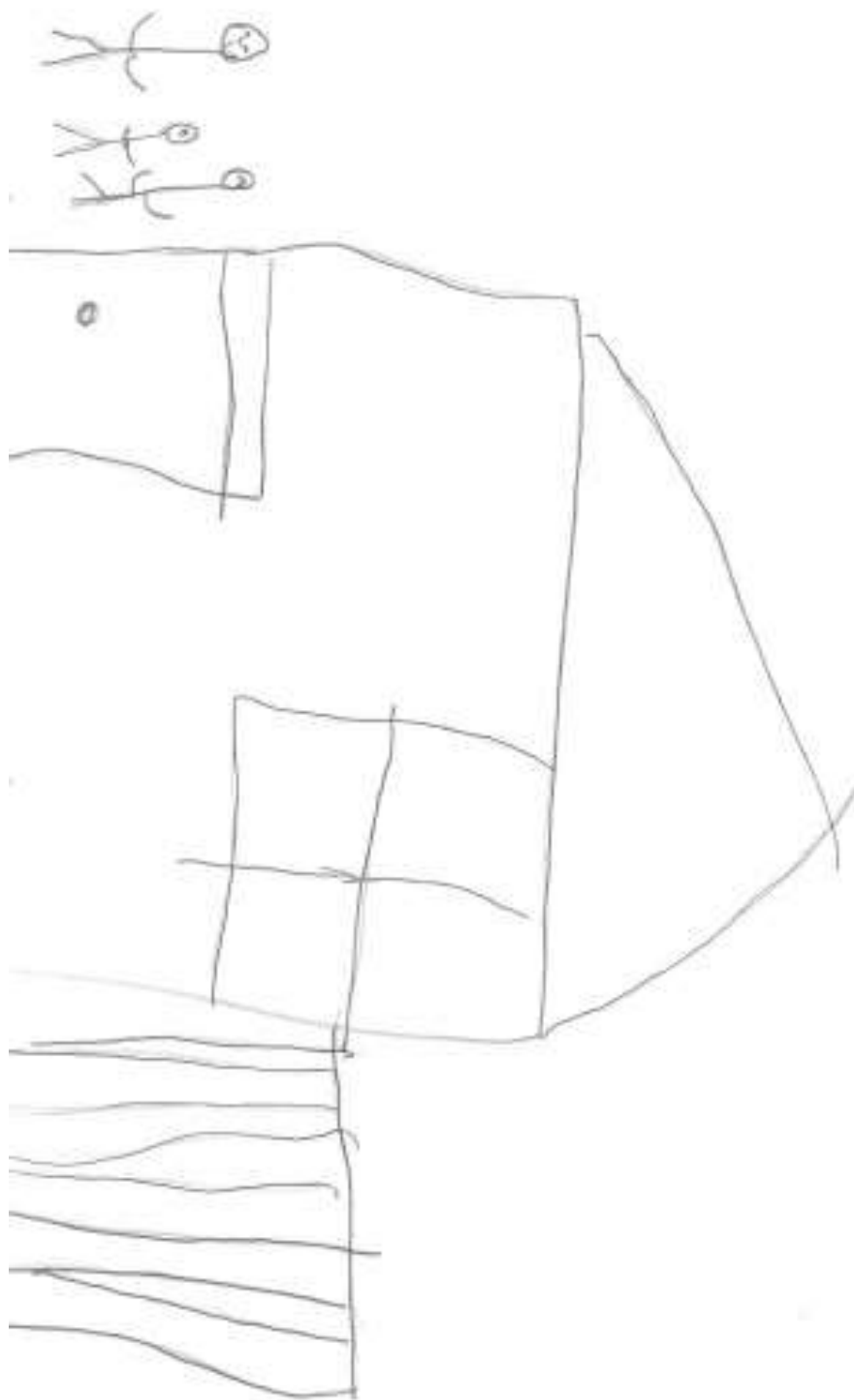
Galaxy
LEGO



ANEXO 3



ANEXO 4



ANEXO 5

